

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARCELLA OLIVEIRA ARAÚJO

**O cotidiano de crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias de uma comunidade rural assentada: significações e práticas familiares**

RIBEIRÃO PRETO – SP

2013

MARCELLA OLIVEIRA ARAÚJO

**O cotidiano de crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias de uma comunidade rural  
assentada: significações e práticas familiares**

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão  
Preto da USP, para obtenção do título  
de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula  
Soares da Silva.

Ribeirão Preto – SP

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que a fonte seja citada.

Araújo, Marcella Oliveira

O cotidiano de crianças de 0 a 3 anos e suas famílias de uma comunidade rural assentada: significações e práticas familiares. Ribeirão Preto, 2013.  
251p. : il.: 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP. Área de Concentração: Psicologia.

Orientadora: Silva, Ana Paula Soares da.

1. Bebê. 2. Família. 3. Assentamento Rural. 4. Cotidiano 5. Etnografia 6.  
RedSig

Nome: ARAUJO, Marcella Oliveira.

Título: O cotidiano de crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias de uma comunidade rural assentada do nordeste paulista: significações e práticas familiares

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Aos bebês que me emocionam com suas sutilezas, no dia a dia do campo brasileiro.

Ao Gabriel Brognoli, meu anjo e amor para muitas vidas.

Aos meus pais Donizete e Luzia, meus foguetes aos meus sonhos.

Ao meu irmão Gabriel, meu exemplo de hombridade.

Ao meu avô João da Serra e Tios Adison do Amaral e João Francisco  
Guimarães, minhas âncoras ao Universo.

## Agradecimentos

À minha diletta orientadora Ana Paula Soares da Silva, uma pessoa que se apresenta a mim primeira na afeição e na proteção. Na afeição de tratar seus orientandos e suas orientandas como próximos, fraternos e protagonistas tanto quanto ela na construção de seus e nossos trabalhos; e na proteção, por meio de um brilhantismo fluído próprio dela e quase extinto no mundo acadêmico, de resguardá-los como seus filhos e suas filhas. Em meu coração, de maneira afetuosa diletíssima, possibilitou-me reinventar no encontro da Marcella pessoa e pesquisadora.

Às crianças de 0 a 3 anos, as Famílias e as pessoas da comunidade rural investigada, em especial a Paulinha, Maria e Joaquim, que abriram suas Famílias, suas casas, seus dias, suas cumplicidades e suas intimidades, proporcionando além de relações de pesquisa, relações de amizade e de colo, de compartilhar histórias na intensidade do que estar juntos provocava.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão de bolsa de mestrado e apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

À equipe de funcionários e docentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, pelo apoio e disponibilidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia desta Faculdade, seus funcionários e docentes, cuja abertura para o diálogo auxiliou na realização desta pesquisa e em minha formação acadêmica.

Ao Núcleo de Psicologia Escolar e Educacional do IP-UFU, que me principiou meu outono na pesquisa e na Psicologia Escolar, e, através das mãos acolhedoras e generosas de Lúcia Helena Ferreira Mendonça Costa e Silvia Maria Cintra da Silva, responsáveis pela apresentação, direta e indiretamente, do caminho à orientação cindediana.

Em especial, a Paula Cristina Medeiros de Rezende, minha rosa querida, pela sua escuta generosa e autêntica em exaltar e exalar o perfume da poesia compromissada com a Psicologia, permitindo-me atrelar ao cotidiano e as conversas cheias de vida.

Ao CINDEDI, que se encarnou no concreto, dos ecos ovacionados nos corredores do IP-UFU, pela coerência e criatividade apresentadas em seus escritos, em pessoas queridas e flutuantes, como Alda, Ronie Charles, Zilma de Oliveira, Kátia Amorim, Mara Ignez, Reinaldo Furlan, Ivy Almeida, Lú Rodrigues, Gabi Moura, Ludmilla Dell'Isola, Carol Costa, Cris Campos, Victor, Raphael, Eduardo, Rosário, que abrilhantaram meus dias uspianos.

Em especial, Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, por me ouvir em meus equívocos e vontades de me articular etnograficamente à *RedSig* e à história cindediana,

transmitindo de uma forma muito doce e sutil suas contribuições e me sacudindo a querer viver flutuante, mas necessariamente coerente.

Ao grupo de pesquisa e extensão SEITERRA, pelas mãos das minhas diletas companheiras de afeto JuBiju, Lê Madlum, Rê, Thaise, Ciça, Lú Mineira, Delma, as Natálias (Gil e Amaral), Andrea, Mara Ísis, Bruna; e dos meus diletos companheiros de afeto Leandro, Wisner e Ricardo; que se emocionam e se encharcam de estar no campo, pelas e para as pessoas que ali estão enraizadas no cultivo da esperança de luta pela terra, de luta pelas crianças e suas Famílias e de luta pela verdadeira e orgânica relação entre a pesquisa, a extensão e o ensino.

Às cuidadosas contribuições nos frutos escritos e de diálogo apanhados em primaveras de banca, de disciplinas, de capítulos de livro e de congressos científicos: Eliana da Silva Felipe, Ana Maria de Araújo Mello, Isabel de Oliveira, Marilene Proença, Leny Sato, Katia Amorim, Carmem Lúcia, José Marcelino, Fabiana Severi, Geraldo Romanelli, Ruth Mercado, Fúlvia Rosenberg, Zilma de Oliveira, Jaqueline Pasuch, Ana Lúcia Nogueira, Cárita Portilho, Maristela Pereira, Helder Mendes, Rubem Nascimento, Paula Cristina Medeiros de Rezende.

À minha diletíssima mãe Luzia Irene de Oliveira Araújo, pela possibilidade de continuar sua obra, em terras ribeirão-pretanas, pela sua ausência presente em cada esquina e caminho percorrido nesta cidade paulista. Afinal, “(...) não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim, (...) ninguém a rouba mais de mim”. (Ausência - Carlos Drummond de Andrade).

Aos meus diletíssimos amados Donizete e Gabriel, pai e irmão, que exalam em seus olhares incentivos para eu me desafiar na imensidão desse cósmico Brasil. Mesmo nas diferenças ideológicas declaradas, são os interlocutores mais (in) sensatos e divertidos que alguém um dia possa encontrar.

Aos meus diletíssimos primos e tios apejotistas, que provocam em mim dia a dia o desejo de sonhar brasilidades, trazendo para o meu coração os elos que me sustentam de tantos diferentes Brasis: Tio Adison do Amaral (DF), Tio João Guimarães (DF), Tio José Eduardo de Miranda (DF), Gabriel Brognoli (SC), Tio Leonardo Brognoli (SC), João Felipe Nogueira Álvares (SP), Carlos Victor Mendes (MA), Tio Carlos Júnior (MA), Samara Aquino (RO), Camilla Gurjão (PB), Tassiana Rezende (GO), Diego Patriarca (BA), Camila Gulak (RO), Henrique Faria (SC), Victor Gonçalves (PA), Hugo Rodrigues (DF), Leandro Ribeiro (DF), Míriam Bonora (SP), Aline Cardoso (MT), Rafael Martins (MG), Éder Nobre (MG), Gabriel Ferrerinha (MG), Carol Mori (MG), Déborah Vírginia (MG), dentre tantos outros e outras que compõem meu sonho apejotista.

Às minhas angelicais avós Luzia Maria de Jesus e Aparecida Maria de Oliveira, que acalentaram meu coração para crer no amor e nos desafios de viver, incentivando-me com suas histórias emocionantes de luta pelas suas famílias. Onde estiverem sei que se fazem presentes em meus dias de luta e de glória.

Às minhas raízes Araujos e Oliveiras, que participaram intensamente dos meus dias de mestrado e de campo, abrindo suas casas e suas almas para me receber, como ponto de apoio e de proteção: Tia Marilda e Tio Waltinho, Tio Sebastião e Tia Eliane, Tia Rita e

Tio Lázaro, Tia Tita e Tio Carlinho, Tio Vito, Tia Ceci, Tio Célio e Tia Divina, Tio Toninho, Tio Milton, Tia Marli e Tio Waguinho, Tia Jane e Tio Queiroz, Tia Nedeir e Tio Marquetti, Tia Neide e Tio João, Tia Silvia e Tio Bento, Tia Márcia e Tio Fernando, Tio Paulinho... Todos os meus primos e primas Araujos (em especial, Bruna, Nicolau, Rafael, Larissa, João Pedro, Davi, Marco Aurélio, Fabiana, Fabrício, Danny, Carla, Maurício); e Oliveiras (em especial, Elisângela, Juliano, Júnior, Fernanda, Márcio, Amanda, Marquinho, Samer, Priscila, Daniel, Gui, Ana Flávia, Matheuso, Leonardo, Flávio, Leo, Gustavo, Paola, Miguel, Eduardo, Bia), que me divertiram e me escutaram em meus momentos solitários de fazer pesquisa.

Aos meus avôs João da Serra e Ivonilda Helena, à Rosana, à Maria Aparecida, à América e a Conceição, pelo aconchego e dedicação nos cafés mineiros, velando as minhas escritas e os meus tempos de mestrado.

Aos meus amigos e amigas, que respeitaram a distância, meus silêncios e os sumiços constantes dos seus dias, regando e cultivando os nossos laços de preciosa amizade: Eduardo Pessoa, Gui Diniz, Saulinho, Flávia Miranda, Mel Naves, Flávia Carolina, Mariana Moraes, Victor Muniz, Fábria Tunísia, Ludmilla Dell'Isola, Laís Paranaíba, Maraysa Tralli, Givertida, Ju Oliveira, Ricardo Lana, Gui Nunes, Fran Mello, Marcelo de Paula, Thaís e Leo Carrazza, Deny e Leandro Zanatta, Cris Fonseca...

Pela leveza de todas essas relações, este trabalho se sustentou na arte e na brincadeira de fazer pesquisa, na mesma doçura em que a primavera e o verão transitam diante dos olhos, mas na seriedade implicada em fazer algo surgir para o mundo.

Abraços e afagos mineiros a todos! Muito obrigada!



*Esse ofício de rabiscar sobre as coisas do tempo exige que prestemos alguma atenção à natureza - essa natureza que não presta atenção em nós. Abrindo a janela matinal, o cronista reparou no firmamento, que seria de uma safira impecável se não houvesse a longa barra de névoa a toldar a linha entre o céu e o chão - névoa baixa e seca, hostil aos aviões. Pousou a vista, depois, nas árvores que algum remoto prefeito deu à rua, e que ainda ninguém se lembrou de arrancar, talvez porque haja outras destruições mais urgentes. Estavam todas verdes, menos uma. Uma que, precisamente, lá está plantada em frente à porta, companheira mais chegada de um homem e sua vida, espécie de anjo vegetal proposto ao seu destino.*

*Essa árvore de certo modo incorporada aos bens pessoais, alguns fios eléctricos lhe atravessam a fronde, sem que a molestem, e a luz crua do projetor, a dois passos, a impediria talvez de dormir, se ela fosse mais nova. Às terças, pela manhã, o feirante nela encosta sua barraca, e ao entardecer, cada dia, garotos procuram subir-lhe o tronco. Nenhum desses incômodos lhe afeta a placidez de árvore madura e magra, que já viu muita chuva, muito cortejo de casamento, muitos enterros, e serve há longos anos à necessidade de sombra que têm os amantes de rua, e mesmo a outras precisões mais humildes de cãezinhos transeuntes.*

*Todas estavam ainda verdes, mas essa ostentava algumas folhas amarelas e outras já estriadas de vermelho, gradação fantasista que chegava mesmo até o marrom - cor final de decomposição, depois a qual as folhas caem. Pequenas amêndoas atestavam o seu esforço, e também elas se preparavam para ganhar coloração dourada e, por sua vez, completado o ciclo, tombar sobre o meio-fio, se não as colhe algum moleque apreciador do seu azedinho. E como o cronista lhe perguntasse - fala, amendoeira - por que fugia ao rito de suas irmãs, adotando vestes assim particulares, a árvore pareceu explicar-lhe:*

*- Não vê? Começo a outonear. É 21 de Março, data em que as folhinhas assinalam o equinócio do outono. Cumpro meu dever de árvore, embora minhas irmãs não respeitem as estações.*

*- E vais outoneando sozinha?*

*- Na medida do possível. Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão, uma antecipação de primavera e mesmo, se reparares bem neste ventinho que me fustiga pela madrugada, uma suspeita de inverno.*

*- Somos todos assim.*

*- Os homens, não. Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo. Acho-te bem outonal, meu filho, e teu trabalho é exatamente o que os autores chamam de outonada: são frutos colhidos numa hora da vida que já não é clara, mas ainda não se dilui em treva. Repara que o outono é mais estação da alma que da natureza.*

*- Não me entristeças.*

*- Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal. Quero apenas que te outonizes com paciência e doçura. O dardo de luz fere menos, a chuva dá às frutas seu definitivo sabor. As folhas caem, é certo, e os cabelos também, mas há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves... Outoniza-te com dignidade, meu velho.*

*Carlos Drummond de Andrade*

*Fala, amendoeira (1957)*

## RESUMO

Araujo, M. O. (2013) *O cotidiano de crianças de 0 a 3 anos e suas famílias moradoras de uma comunidade rural assentada: significações e práticas familiares*. 251f. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto-SP.

O objetivo deste estudo foi compreender o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos moradoras de uma comunidade rural assentada, *a partir e pelas* significações e práticas familiares. Para isso, foi realizada uma pesquisa etnográfica a partir da perspectiva teórica metodológica da Rede de Significações – RedSig. A construção do material empírico foi feita por meio dos seguintes recursos metodológicos: aplicação de questionário a 14 famílias assentadas com 16 crianças de 0 a 3 anos; observações registradas sob o formato de diário de campo, realizadas durante quatro semanas com cada uma de três crianças e suas famílias (Paulinha, 10 meses; Maria, 1 ano e 5 meses; Joaquim, 2 anos e 5 meses); entrevistas com membros das três famílias observadas. Na presente pesquisa, o caminho escolhido de apropriação da etnografia consiste em diálogo com a RedSig, na descrição dos diferentes elementos que compõem o universo semiótico das crianças e suas famílias do campo, e suas práticas familiares. A partir disso, construiu-se a configuração do cotidiano de 16 crianças de 0 a 3 anos da comunidade rural investigada, a partir da caracterização da amostra, das pessoas relacionadas como participantes do dia a dia da criança; das atividades, espaços e brincadeiras; das significações sobre o cuidado e a educação da criança do campo; e dos dias típico e de final de semana das crianças de 0 a 3 anos. Os dias de Paulinha, Maria e Joaquim foram descritos por meio de Redes, elucidando suas histórias, seus enredos com os cenários, os personagens, os tipos de relações e papéis, e as relações com os objetivos e animais. Para compor essa descrição, foram utilizados também trechos dos questionários e das entrevistas realizadas na composição das redes de cada criança. Os diários de campo das crianças contaram a história não só delas mesmas, mas de redes de relações amplas, complexas, permeadas por aspectos afetivos, econômicos, culturais e políticos, marcada por relações geracionais e por modos de se conceber e cuidar da criança pequena. Além disso, contrariamente às concepções tradicionais, os dias das crianças de 0 a 3 anos desta comunidade não se restringiram ao espaço doméstico, participando de diferentes atividades domésticas, de trabalho na terra e de relações com os animais; em diferentes espaços, no campo e na cidade. A ausência de política pública para a infância até 3 anos no campo cumpre um papel importante nos modos como a Família se organiza e no acesso aos direitos das crianças. As Famílias também demonstram sede de serem assistidas na saúde, no lazer, na assistência social para crianças de 0 a 3 anos. As políticas para as crianças de até 3 anos do campo podem ser equivocadas caso não se compreenda o cotidiano das crianças, as condições e as dinâmicas de suas vidas. Compreender o cotidiano dos bebês do campo, numa perspectiva etnográfica, pode também ajudar a entender as microtransformações das crianças no tempo; as aproximações à apropriação do rural pela criança e, consequentemente, o entendimento do campo enquanto um território dos e para os bebês.

Palavras-chave: bebês, família, assentamento rural, cotidiano, etnografia, *RedSig*.

## ABSTRACT

Araujo, M. O. (2013). *The everyday life of children 0-3 years and their families living in a settled rural community: meanings and practices families*. 251F. Dissertation, Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto-SP.

The aim of this study was to comprehend the daily life of children between the ages of 0 and 3 who lives in a settled rural community, *from and by* significations and familiar practices. For that, it was conducted an ethnographic research from the perspective of theoretical methodological of *Network of meanings (Rede de Significações – RedSig)*. The construction of the empirical material was made through the following methodological resources: a questionnaire with 14 settled families with 16 children aged 0 to 3 years, observations recorded in format of a field journal, all carried out over four weeks with each one of the children and their families (Paulinha, 10 months old; Maria, 1 year and 5 months old; Joaquim, 2 years and 5 months old.) Interviews with members of the three families studied. In the present research, the chosen way of appropriation of ethnography consists in a dialogue with the *RedSig*, the description of the different elements which make up the semiotic universe of the children and their families in the field as well as their family practices. From this, it was constructed the setup routine of 16 children 0-3 years of the rural community investigated, from the characterization of the sample, the persons listed as participants in the daily life of the child, from the activities, spaces and play times, from the significations about the care and education of the child from the fields; from the days and the typical weekend of children 0 to 3 years. The days of Paulinhas, Maria e Joaquim were described by Webs, elucidating their stories, their plots with scenarios, the characters, the types of relationships and roles and the relations with the objectives and the animals. To make up this description, were utilized also the excerpts of questionnaires and interviews in the composition of the networks of each child. The field journals of the children told not only their stories, but also networks of broader relationships, complex, permeated by affective aspects, economic, cultural and political relations marked by generational and ways of conceiving and care of the young children. Besides that, unlike traditional conceptions, the days of children 0-3 years of this community were not restricted to the domestic space, they participate in different household activities, work in the land and relations with animals, in different areas, rural and urban. The absence of public policy for children up to 3 years in the field plays an important role in the ways each family organizes itself and access to children's rights. The families also demonstrated the will of being assisted in their health, leisure, social assistance for children 0-3 years. The policies for 0-3 years children from the fields can be misguided in case of misunderstanding the daily life of the children, their conditions and their live's dynamic. Comprehend the routine of these babies, in a ethnographic perspective, can also help to understand the micro-transformations they suffer along the time; approaches to the appropriation of the rural concept by the child and therefore the understanding of the field as an area of the babies and for babies.

Keywords: babies, family, rural settlement, everyday life, ethnography, RedSig.

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1. Descritores nas bases de dados consultadas
- Quadro 2. Palavras-chave utilizadas e bases de dados consultadas
- Quadro 3. Apresentação das lideranças dos Movimentos Sociais
- Quadro 4. Apresentação das Famílias com crianças de até 3 anos
- Quadro 5. Apresentação dos participantes pertencentes à Família de Paulinha (0 a 1 ano)
- Quadro 6. Apresentação dos participantes pertencentes à Família de Maria (1 a 2 anos)
- Quadro 7. Apresentação dos participantes pertencentes à Família de Joaquim (2 a 3 anos)
- Quadro 8. Exemplo de estrutura de quadro de descrição da rede de cada criança
- Quadro 9. Distribuição das crianças em suas Famílias
- Quadro 10. Dias típicos e de final de semana de crianças de 0 a 1 ano
- Quadro 11. Dias típicos e de final de semana de criança de 1 a 2 anos
- Quadro 12. Dias típicos e de final de semana de criança de 2 a 3 anos
- Quadro 13. Rotina Semanal da Família de Paula
- Quadro 14. Cena 1 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 15. Cena 2 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 16. Cena 3 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 17. Cena 4 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 18. Cena 5 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 19. Cena 6 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 20. Cena 7 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 21. Cena 8 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 22. Cena 9 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 23. Cena 10 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 24. Cena 11 do dia a dia de Paulinha
- Quadro 25. Cena 1 do dia a dia de Maria
- Quadro 26. Cena 2 do dia a dia de Maria

Quadro 27. Cena 3 do dia a dia de Maria

Quadro 28. Cena 4 do dia a dia de Maria

Quadro 29. Cena 5 do dia a dia de Maria

Quadro 30. Cena 6 do dia a dia de Maria

Quadro 31. Cena 7 do dia a dia de Maria

Quadro 32. Cena 8 do dia a dia de Maria

Quadro 33. Cena 9 do dia a dia de Maria

Quadro 34. Cena 10 do dia a dia de Maria

Quadro 35. Cena 11 do dia a dia de Maria

Quadro 36. Cena 12 do dia a dia de Maria

Quadro 37. Cena 13 do dia a dia de Maria

Quadro 38. Cena 1 do dia a dia de Joaquim

Quadro 39. Cena 2 do dia a dia de Joaquim

Quadro 40. Cena 3 do dia a dia de Joaquim

Quadro 41. Cena 4 do dia a dia de Joaquim

Quadro 42. Cena 5 do dia a dia de Joaquim

Quadro 43. Cena 6 do dia a dia de Joaquim

Quadro 44. Cena 7 do dia a dia de Joaquim

Quadro 45. Cena 8 do dia a dia de Joaquim

Quadro 46. Cena 9 do dia a dia de Joaquim

Quadro 47. Cena 10 do dia a dia de Joaquim

Quadro 48. Rede de relações de cada criança de acordo com local de moradia e geração de parceiros

Quadro 49. Espaços dos dias típicos e de final de semana

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Resultado geral do levantamento bibliográfico nacional

Tabela 2. Distribuição da produção acadêmica segundo os anos pesquisados

Tabela 3. Sujeitos participantes das 19 pesquisas selecionadas

Tabela 4. Resultado geral do levantamento bibliográfico internacional

Tabela 5. Distribuição da produção acadêmica segundo os anos pesquisados

Tabela 6. Sujeitos das pesquisas e condições de participação

Tabela 7. Distribuição da população por faixa etária, situação do domicílio e quartis de renda (%)

Tabela 8. Relação entre pessoas por domicílio, filhos por mulher e crianças de 0 a 3 anos

Tabela 9. Artigo obtido no cruzamento das palavras Bebê, Família e Rural

Tabela 10. Lista de trabalhos obtidos no cruzamento das palavras Criança, Família e Rural

Tabela 11. Lista de trabalhos obtidos no cruzamento das palavras Crianças, Família e Rural

Tabela 12. Lista de trabalhos obtidos no cruzamento das palavras *Newborn/Newborns, Family e Rural*

Tabela 13. Lista de trabalhos obtidos no cruzamento das palavras *Baby/babies, Family e Rural*

Tabela 14. Lista de trabalhos obtidos no cruzamento das palavras *Toddler/Toddlers, Family e Rural*

Tabela 15. Lista de trabalhos obtidos no cruzamento das palavras *Infant/Infants, Family e Rural*

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. O universo relacional de Paulinha
- Figura 2. O universo relacional de Maria
- Figura 3. O universo relacional de Joaquim
- Figura 4. Sistematização dos Dados (Corpus)
- Figura 5 - Diagrama final como síntese da interpretação dos dados
- Figura 6. Localização da amostra
- Figura 7. Tempo estimado de vida das Famílias no assentamento rural
- Figura 8. Com quem você mora?
- Figura 9. Profissão das mulheres
- Figura 10. Percentual de crianças por faixa etária
- Figura 11. Quem cuida diariamente da criança de 0 a 3 anos?
- Figura 12. Pessoas participantes como cuidadoras das crianças em momentos específicos do dia
- Figura 13. Com quem a criança fica quando a mãe está trabalhando?
- Figura 14. Onde a criança fica diariamente?
- Figura 15. Com quem e onde as crianças dormem?
- Figura 16. Espaços experienciados pelas crianças
- Figura 17. Como, com quem e de quê as crianças brincam?
- Figura 18. Rede de espaços e atividades das crianças de 0 a 3 anos
- Figura 19. Diagrama de singularidades e intersecções entre Paulinha, Maria e Joaquim
- Figura 20. Diagrama de singularidades e intersecções entre as Famílias de Paulinha, de Maria e de Joaquim sobre as nuances do cotidiano do campo em relação da cidade

## LISTA DE SIGLAS

**APA** American Psychological Association

**BVS-PSI** BVS Psicologia ULAPSI Brasil

**BIREME** Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde

**CINDEDI** Centro de Investigação em Desenvolvimento Humano e Educação Infantil

**SEITERRA** Subjetividade, Educação e Infância em Territórios Rurais da Reforma Agrária

**GIAAA** Grupo de Investigação sobre Adoção, Abrigamento e Acolhimento Familiar

**COEDI** Coordenação Geral de Educação Infantil

**CONTAG** Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

**FENPB** Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira

**FEPASA** Ferrovia Paulista S/A

**FETRAG** Federação dos Trabalhadores na Agricultura

**ITESP** Fundação Instituto Estadual de Terras do Estado de São Paulo

**IP-UFU** Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia

**IP-USP** Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

**MEC** Ministério da Educação

**MIEIB** Movimento Interforuns de Educação Infantil do Brasil

**MLST** Movimento de Libertação dos Sem-Terra

**MST** Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra

**PsycINFO** Base de dados internacional

**PePSIC** Periódicos Eletrônicos de Psicologia

**RedSig** Rede de Significações

**SciELO.org** Scientific Electronic Library Online

**SEB** Secretaria de Educação Básica

**UFRGS** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**UFU** Universidade Federal de Uberlândia

**USP** Universidade de São Paulo



## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO .....	17
2. UM DEDO DE PROSA: A PESQUISA E O SEITERRA/CINDEDI.....	20
3. AS CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS E SUAS FAMÍLIAS .....	28
4. TECENDO A VIDA COTIDIANA DAS CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS E SUAS FAMÍLIAS DO CAMPO .....	40
5. MÉTODO .....	69
5.1 As pesquisadoras ferramenteiras e suas ferramentas .....	72
5.2. O trabalho de campo .....	77
5.3. Os sujeitos da pesquisa .....	82
5.4. Orientações para a análise do <i>corpus</i> da pesquisa .....	101
6. CONFIGURAÇÃO DO COTIDIANO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DE UMA COMUNIDADE RURAL ASSENTADA .....	107
6.1. Caracterização da amostra.....	107
6.2 Pessoas relacionadas como participantes dos dias das crianças .....	110
6.3 Atividades, espaços e brincadeiras no dia a dia.....	113
6.4. Significações sobre o cuidado e a educação da criança .....	115
6.5. Dias típicos e finais de semana das crianças .....	119
7. DIA A DIA DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DO CAMPO .....	125
7.1. A rede de Paulinha.....	125
7.2. A rede de Maria .....	154
7.3. A rede de Joaquim .....	181
8. RABISCANDO SOBRE COTIDIANOS DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DO CAMPO E SUAS FAMÍLIAS .....	200
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	220
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	222
11. APÊNDICES .....	238

## 1. APRESENTAÇÃO

Nas linhas dos nossos dias de mestrado, rabiscar sobre as coisas do tempo das crianças de 0 a 3 anos e de suas infâncias do campo compôs a construção teórica e metodológica desta pesquisa. Segundo Carlos Drummond de Andrade (2012), em suas linhas de crônicas e eterna poesia, o exercício de escrever sobre os dias é um ofício de rabiscos que exige do autor prestar alguma atenção à natureza. Isto exigiu de nós, na organização destas linhas, a atenção ao ambiente rural assentado desconhecido aos nossos olhos e aos nossos olhares como pessoas, psicólogas e pesquisadoras.

Entrar em contato com um ambiente desconhecido provocou a composição de uma costura que considerasse a (im) precisão e a doçura de fazer pesquisa em psicologia. Esta compreensão, a partir das palavras de Andrade (2012), implicou numa busca constante de **nos** “outonizar”, ou seja, fazer pesquisa significou para nós “exatamente o que os autores chamam de outonada: são frutos colhidos numa hora da vida que já não é clara, mas ainda não se dilui em treva. Repara que o outono é mais estação da alma que da natureza” (p.14).

A confluência do ambiente rural e as pessoas que o compõem, junto com as vozes encontradas nos grupos de pesquisa e de extensão CINDEDI, SEITERRA e Núcleo de Psicologia Escolar – IP-UFU, possibilitou-nos o encontro de nós mesmas na realização desta pesquisa, no convite de estar integralmente em um assentamento rural, realizando o ofício de um fazer etnográfico sobre as coisas do tempo das infâncias de crianças de 0 a 3 anos, que se constituem no ambiente rural assentado.

Em tempos de início de primavera, a escrita de uma dissertação traz consigo, no florescer da vida, o encontro com os tempos das infâncias do campo: o começo de um verão, na quentura de escrever uma escrita compromissada com as crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias, que abriram suas casas, suas histórias e seus dias; tons suaves de outono, na queda de folhas durante o dia e no caminho aparente solitário de finalizar um compromisso como este; e nos toques de um inverno com ar de clima desértico ribeirão-pretano, que impregna de dia e esfria de noite os caminhos que estão por vir.

Prestar atenção nos solstícios na natureza representa para Andrade (2012), no diálogo entre um homem com a árvore postada em frente à sua casa, simbolicamente a fraternidade entre o ser humano e a natureza, como um dos elementos dessa “natureza que não presta atenção em nós...” (p.14). Iluminada por essa ideia do que representa es-

crê-ver no campo e sobre ele, de cada dia que se abria nas janelas das casas por nós vivenciadas no empreendimento etnográfico, vivemos pelo contraste do que vimos e do que conseguimos registrar; do que nos saltou aos olhos para (não) escrever e (não) interpretar; do que não nos cabia entender, só viver; e de como gostei simplesmente de estar presente.

As próprias cores e sabores de cada estação extrapolaram, neste texto dissertativo, diferentes tempos do campo: nos tempos dos questionários sobre as crianças de 0 a 3 anos do campo e suas Famílias da comunidade, indícios de tempos frios e ventosos de agosto de 2011; nos tempos de Paulinha, no renascimento das flores, dos frutos, dos ventos, dos besouros de primavera, na transição do inverno para a primavera em setembro e outubro de 2011; nos tempos de Maria, o começo de um verão, em dezembro de 2011 e janeiro de 2012, chuvoso e de altas temperaturas, com enchente de lama trilhando os caminhos do assentamento, que provocava no contato da pele com as fraldas descartáveis a aderência de assaduras; nos tempos de Joaquim, no inverno de 2012, nos meses de agosto e setembro, jabuticaba, coquinhos de um inverno seco e de baixas temperaturas, com brincadeiras com água e de subir em árvore para aliviar os tons agressivos deste tempo e receber a primavera que se estalava em um ipê amarelo na casa da frente.

A possibilidade de realização desta pesquisa estruturou-se como um reencontro com o concreto no papel de pesquisadora no cotidiano e no uso da ferramenta do diário de campo, experienciados na pesquisa de iniciação científica (Rezende, Ferreira & Araújo, 2010), em que conversar com crianças no cotidiano de espaços públicos se mostrava como uma coisa natural e instigante no exercício constante de ser pesquisador conversador no cotidiano (Spink, 2008).

O texto dissertativo representa o trabalho de uma neófito pesquisadora, que se confunde aos olhos de seus semelhantes entre ser pesquisadora-poeta ou uma poeta-pesquisadora, ao compreender aos poucos as parábolas, os ritmos e os tons suaves e árduos de fazer pesquisa etnográfica em psicologia, a partir dos olhares cuidadosos e profundos permitidos pela Rede de Significações – *RedSig*. E pretende descrever o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo com a mesma leveza, graciosidade e contradições vivenciadas por mim, em nossos dias de campo. Desse modo, o objetivo deste trabalho é investigar o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo em uma comunidade rural assentada, *a partir e pelas* significações e práticas familiares.

Na tentativa de situar as leitoras e os leitores nesses singelos rabiscos científicos, o primeiro capítulo “*Um dedo de prosa: a pesquisa e o SEITERRA/CINDEDI*” conta como esta pesquisa surge nos âmbitos de atuação e ação do SEITERRA/CINDEDI. Para, em seguida, no segundo capítulo, apresentar como algumas áreas de conhecimento tratam “*As crianças de 0 a 3 anos e suas infâncias*” como objeto de estudo e, como a Rede de Significações – *RedSig*, perspectiva teórica metodológica adotada por esta pesquisa, insere-se nesta conversa.

No terceiro capítulo, “*Tecendo a vida cotidiana das crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias do campo: uma revisão bibliográfica*”, buscamos evidenciar que elementos estão sendo estudados, em nível nacional e internacional, quando se trata de práticas diretas cotidianas entre as crianças e suas Famílias do campo.

No capítulo seguinte, trazemos a metodologia da pesquisa etnográfica construída, a partir da *RedSig*, apresentando a construção das ferramentas da pesquisa, o trabalho de campo, os sujeitos da pesquisa e as orientações para a análise. Posteriormente, expomos, no quinto capítulo, a “*Configuração dos dias de 16 crianças pequenas de uma comunidade rural do nordeste paulista*”, a partir dos dados obtidos na aplicação dos questionários, na comunidade rural investigada.

Os cotidianos das três crianças de 0 a 3 anos observadas (Paulinha, Maria e Joaquim) são apresentados no sexto capítulo os “*Dias de crianças de 0 a 3 anos do campo e de suas Famílias*”, por meio da construção das redes descritas como forma de desenhar seus dias.

No capítulo “*Rabiscando sobre cotidianos de crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias do campo*”, registramos as inquietações teóricas e metodológicas alcançadas e relacionadas a partir da compreensão do material empírico em sua totalidade e integralidade. E, por fim, as “*Considerações Finais*”, na qual são elucidados alguns desdobramentos possíveis do trabalho etnográfico.

Desejamos aos companheiros e às companheiras de leitura uma boa imersão e outonada nestes rabiscos científicos de dis-ser-tAÇÃO coletiva!

## 2. UM DEDO DE PROSA: A PESQUISA E O SEITERRA/CINDEDI

Tudo é tempo e contra-tempo! E o tempo é eterno. Eu sou uma forma vitoriosa do tempo. Em luta seletiva, antropofágica. Com outras formas do tempo: moscas, eletro-éticas, cataclismas, polícias e marimbondos! Ó criadores das elevações artificiais do destino eu vos digo! A felicidade do homem é uma felicidade guerreira. Tenho dito. Viva a rapaziada! O gênio é uma longa besteira!

Oswald de Andrade

A trajetória acadêmica do grupo de pesquisa e extensão SEITERRA e de seus membros conduziu o desenvolvimento desta pesquisa. O surgimento do grupo dá-se nos âmbitos de atuação de pesquisa e extensão do CINDEDI com temáticas sobre os processos de desenvolvimento de crianças, em diferentes contextos, como creches, pré-escolas, escolas e abrigos.

O CINDEDI, tecendo um trabalho em múltiplas mãos, vozes e interlocuções, propõe “uma nova síntese teórica para a ciência do desenvolvimento” (Valsiner, 2004) através da elaboração de uma perspectiva teórico-metodológica que, por meio da metáfora de rede, concebe significados inter-relacionados que constituem uma malha e que são por ela constituídos.

A *RedSig* (Rossetti-Ferreira & Amorim & Silva & Carvalho, 2004) insere-se no âmbito técnico científico como uma “ferramenta para investigar e compreender os processos de desenvolvimento humano, (...), e que também procura articular a complexidade de pessoas e contextos em relações recíprocas” (Carvalho & Pedrosa & Rossetti-Ferreira, 2012, p. 81).

Tendo como categoria central, na análise da constituição dos sujeitos as interações humanas, a *RedSig* concebe o ser humano como pessoa que se constrói na relação com o outro e com o mundo; portanto, é relação e é constituído pelas suas experiências sociais e históricas. Em referência aos indissociáveis processos de co-construção pessoa-meio, entende que a pessoa “só se diferencia e se assemelha no espaço relacional” (Rossetti-Ferreira, Amorim, A. P. Silva & Carvalho, 2004, p. 25). A constituição de sua personalidade dá-se mediante a compreensão de que

o requerer e depender por longo tempo de outros para sobreviver e tornar-se uma pessoa faz do humano um ser dialógico por natureza. Essa dialogia, essa necessária relação com os outros, é concebida como atravessada pela linguagem, pela cultura e pela interpretação que uma pessoa faz da outra e da situação (p.38).

A elaboração da perspectiva da Rede de Significações – *RedSig* advém da ampla experiência de pesquisa e intervenção do CINDEDI, que atua, desde a década de 80, em instituições coletivas de Educação Infantil, as quais provocaram seus membros a se aproximar da necessidade do mergulho na história dessas instituições e, ao mesmo tempo, a observar suas atuais formas de organização e funcionamento. Essa experiência impulsionou também o trabalho para outras formas e instituições destinadas à infância, como o acolhimento institucional e familiar.

A vivência e o mergulho nas discussões sobre os direitos das crianças e dos jovens contribuíram para que o CINDEDI desenvolvesse um olhar refinado para os vários protagonistas, campos interativos e cenários, atravessados pela história e a cultura, que compõem a área da Psicologia do Desenvolvimento e suas problemáticas. Este olhar configura-se como uma preocupação dos membros do CINDEDI, do ponto de vista da pesquisa, em “investigar realidades que demandam intervenção nos discursos e nas práticas a seu respeito” (A. P. Silva, 2008, p.1). Ou seja, são situações de pesquisa que clamam necessariamente por um posicionamento crítico do pesquisador e que exigem uma relação orgânica entre a pesquisa e, de certa forma, a ação política.

A partir de seus olhares para o desenvolvimento e as relações humanas, o CINDEDI defende o posicionamento de que há “uma relação necessária e indissociável entre teoria e prática social e entre pesquisa e intervenção, pois a prática permite um outro olhar à pesquisa, possibilitando uma análise do processo em desenvolvimento” (Rossetti-Ferreira, Almeida, Costa, Guimarães, Mariano, Teixeira & Serrano, 2012, p. 391). Este posicionamento é compreendido como um princípio norteador das ações do CINDEDI e está “declarado nos mais diferentes textos, de relatórios científicos a documentos de divulgação à comunidade, norteador posicionamentos públicos frente a outros grupos de pesquisa, a órgãos governamentais e a movimentos sociais” (A. P. Silva, 2008, p. 1).

São estudos que proporcionaram a reestruturação da organização do espaço nas creches e pré-escolas a partir do olhar para a influência de zonas circunscritas nas relações e interações entre as crianças e os adultos (Campos-De-Carvalho, 1998); o olhar para as interações estabelecidas entre as crianças (Oliveira, 1993) e para os jogos de papéis assumidos por e atribuídos às crianças em interação enquanto sujeitos ativos no espaço relacional (Oliveira, 1988); uma proposta necessária de adaptação de bebês e seus familiares quando da entrada em creche (Rossetti-Ferreira, 1994); contribuições

para a definição de “interação”, “grupo social”, “princípios de sociabilidade”, que revitalizaram a percepção sobre a construção de vínculos como uma condição otimizada de compartilhamento de coisas construídas socialmente pelas crianças (A. Carvalho & Rubiano, 2004). Enfim, são algumas das pesquisas realizadas pelo CINDEDI que se inserem na tradição que propõe uma compreensão de ciência circunscrita na relação entre o conhecimento e as possibilidades de que esse conhecimento contribua para a vida de homens, mulheres e crianças, como pais, mães, filhos e filhas, que se constituem em relação.

Por outro lado, concomitante à realização das pesquisas, o CINDEDI engajou-se e militou em fóruns de defesa da infância e do acesso a uma educação de qualidade. A pauta foi construída a partir das pesquisas que se depararam com condições precárias das situações das creches, pré-escolas e abrigos investigados. O envolvimento nestes espaços é reconhecido a partir do lugar da universidade defendido pelo grupo, o qual se fundamenta na compreensão de um trabalho integrado entre pesquisa, ensino e extensão. Participou, então, por meio de seus representantes, desde o acompanhamento da luta dos funcionários e docentes por creche no campus, à organização do fórum de educação infantil na região de Ribeirão Preto, já na década de 90. Integrou o movimento “Ciranda em Defesa da Educação Infantil”, criado em Ribeirão Preto por uma série de organizações e pelo Ministério Público. Colaborou por meio de suas docentes com a elaboração de documentos públicos e regulamentações para a melhoria da qualidade da educação infantil, como por exemplo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009).

Atuar desse modo fez aproximar de alguns atores sociais, como membros de movimentos sociais que buscavam este olhar refinado para o trabalho com educação de crianças. Em virtude disso, em 2007, durante a realização de um evento em que a Profa. Ana Paula Soares da Silva representava o movimento “Ciranda em Defesa da Educação Infantil” e o CINDEDI, assentados e assentadas, membros do Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra - MST do Assentamento Mário Lago, de Ribeirão Preto-SP, demandaram por formação dos educadores para a organização e estruturação das atividades com as crianças no assentamento. Este convite se dá no reconhecimento de um jeito de fazer pesquisa encarnado nas realidades investigadas (A. P. Silva, 2008; 2013).

A formação dos adultos responsáveis pelas atividades com as crianças foi pensada, naquele momento, por meio de um estágio supervisionado com alunos de graduação em psicologia.

Do ponto de vista da pesquisa, é em 2008 que se iniciam os trabalhos de investigação incorporando o contexto rural. A pesquisa de R. Carvalho (2011) colabora para aprofundar a discussão das formas da participação das crianças assentadas rurais e da periferia urbana.

Em 2010, a Profa. Ana Paula Soares da Silva participa da coordenação do “Grupo Nacional Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo”, instituído pela Coordenação Geral de Educação Infantil, da Secretaria de Educação Básica, do Ministério da Educação - COEDI/SEB/MEC, composto por docentes de 9 Universidades públicas e de representantes de movimentos sociais e sindicais (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG; Federação dos Trabalhadores na Agricultura – FETRAG; Movimento Interforuns de Educação Infantil do Brasil – MIEIB; MST). Este grupo empreende diversas ações para o desenvolvimento de uma política nacional para a Educação Infantil do Campo, como uma pesquisa nacional intitulada “Caracterização das práticas educativas com crianças de 0 a 6 anos residentes em áreas rurais”, concretizada a partir de cooperação técnica estabelecida entre o MEC e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Os resultados da pesquisa encontram-se no livro “Oferta e Demanda na Educação Infantil do Campo” (Barbosa et al., 2012).

Aos poucos, em torno dos projetos de pesquisa e extensão orientados pela Profa. Ana Paula Soares da Silva, um subgrupo de pesquisa constitui-se no CINDEDI e a sua denominação (SEITERRA) acontece pelos interesses nos temas que caracterizam o seu nome: como os diferentes sujeitos, adultos e crianças constituem-se em territórios rurais, por meio de práticas sociais e educativas.

Segundo A. P. Silva (2013), fundamentada em um referencial histórico-cultural e na perspectiva vigotskiana de sujeito dramático, a forma de relacionar do SEITERRA com as pessoas desses territórios é construída pela exploração de um olhar “aos participantes para além de suas identidades vinculadas a grupos etários, sociais ou geograficamente localizados” (p.2), no encontro de sujeitos complexos, contraditórios e múltiplos (educador, membro do MST, de classe determinada, de determinado espaço, membro de uma religião, mãe/pai/filho/filha...).



Nas interações provocadas e vivenciadas pelo SEITERRA, seus membros e os sujeitos das comunidades rurais, emergem questões como: o que é ser criança no espaço rural? Quais são as especificidades das infâncias constituídas nesse espaço? Que práticas familiares e educativas podem ser construídas a partir da compreensão do sujeito concreto e localizado? Essas questões têm impulsionado as pesquisas e as atividades de extensão realizadas pelo SEITERRA/CINDEDI, com o intuito de compreender as condições de vida e as práticas educativas empreendidas junto às crianças, particularmente de 0 a 6 anos de idade, moradoras em territórios rurais e assentamentos da reforma agrária. As pesquisas, a partir de seus focos individuais, colaboram na construção de conhecimentos sobre o conjunto das questões que envolvem as infâncias e os adultos no contexto rural.

No entendimento das práticas de educação infantil ofertada às crianças do campo e das demandas das Famílias, contribuíram os trabalhos de J. Silva (2012), L. Lima (2012) e Madlum (2012).

J. Silva (2012), a partir de um estudo de mestrado, investiga as significações das crianças sobre seu próprio contexto e reflete sobre a forma como esses elementos presentes no cotidiano podem fazer parte do dia a dia da educação infantil do campo. O envolvimento etnográfico do trabalho provoca a necessidade de se pensar a formação dos professores que trabalham em escolas no campo, na interlocução entre a educação do campo e a educação infantil.

Concomitantemente, L. Lima (2012) no seu doutoramento, investigou as significações de profissionais da educação e de Famílias do campo sobre a relação entre a Educação Infantil e as Famílias. Os olhares para as significações destes sujeitos permitiram visualizar a partilha de elementos da matriz sócio histórica em seus universos semióticos.

A iniciação científica de Madlum (2012) questionou se as crianças de 0 a 3 anos, que vivem nos contextos rurais, estão ou não frequentando a creche e investigou os sentidos de creche e a escolha dessa modalidade de educação, por parte de assentados, para seus filhos. Sua pesquisa permitiu evidenciar que, para os próprios sujeitos moradores do campo, é importante se pensar numa creche localizada geograficamente na área rural e contextualizada na realidade cultural, material e cotidiana do assentamento.

Em continuidade a essas investigações, os projetos de mestrado de T. Araújo (2012) e de doutorado de Bezerra (2013) buscam compreender as significações de outros sujeitos envolvidos na política e nas práticas de educação infantil para as crianças em contexto rural, respectivamente, gestores e professores.

T. Araújo (2012) dispõe-se a investigar, através de um projeto de mestrado, as significações dos gestores educacionais sobre a educação infantil do campo. Bezerra (2013), em seu projeto de doutorado, tem por objetivo investigar como os professores das escolas do campo apropriam-se das Políticas da Educação do Campo e sua relação com o processo de construção da identidade docente desses profissionais. Seu trabalho apresenta-se como uma possibilidade de contribuir para as questões sobre os marcos legais de Educação do Campo, já utilizados como referência por outros membros do grupo, verificando como são assimilados pelos professores.

Outro conjunto de trabalhos objetiva construir conhecimentos sobre a vida social da criança nos assentamentos, a partir da própria escuta desses sujeitos. Filho (2012), em um projeto de iniciação científica, ouviu as crianças sobre o espaço denominado Ciranda Infantil, organizado pelos adultos do assentamento Mário Lago (Ribeirão Preto/SP) para as crianças de diferentes idades.

R. Carvalho (2012), a partir de seu aprofundamento teórico e metodológico realizado no mestrado, desafia-se, no doutoramento, a compreender a participação política das crianças dos assentamentos Mário Lago, Santo Dias e Índio Galdino, todos situados em Ribeirão Preto e vinculados, respectivamente, aos movimentos sociais MST e de Libertação dos Sem Terra - MLST e Índio Galdino.

Na complementação aos estudos sobre a participação política das crianças e adultos envolvidos na Ciranda, Rosa (2013), em seu mestrado, analisou os sentidos de práxis política dos educadores da Ciranda Infantil. Na relação com esta pesquisa, seu trabalho insere-se como um importante elemento para análise, ao proporcionar um olhar para quem são estes sujeitos militantes de um movimento social e que sentidos perpassam suas histórias como homens, mulheres, pais e mães das crianças estudadas pelo grupo. Este trabalho ajuda-nos a entender quem são os sujeitos do ambiente, como uma comunidade rural assentada; e também como eles se tornam o próprio ambiente ao revelar o lugar em sua militância.

Também no sentido de conhecer como é o cotidiano dos sujeitos do campo, A.C. Silva (2012), em seu projeto de doutorado, investiga de que forma são organizadas as

práticas educativas das crianças de 0 a 6 anos, e como ocorre o compartilhamento dessas práticas entre a Família e a comunidade assentada ou acampada. A partir de uma perspectiva contextual e com inserção etnográfica, busca compreender a influência da organização social e geográfica nas possíveis relações entre as práticas de educação e o compartilhamento das crianças de 0 a 6 anos em cada um dos contextos: assentamento e acampamento.

Como se percebe, o conjunto dos trabalhos apresentados busca imprimir olhares voltados para as crianças de assentamentos rurais, suas Famílias, suas comunidades e suas escolas, compreendendo-as como integrantes de complexas relações sociais das quais as crianças fazem parte dinamicamente. Estes estudos explicitam a necessidade das pesquisas e dos pesquisadores darem visibilidade ao ambiente físico, natural e social das crianças, de extrapolar seus contextos e cotidianos a fim de que se conheçam, a partir de realidades concretas e não estereotipadas ou pré-concebidas, suas redes de interações, suas atividades e seus espaços de brincadeira e cuidado.

Esta pesquisa insere-se nesse coletivo de trabalhos e, especialmente, em complementação aos estudos de J. Silva (2012) e de L. Lima (2012), como uma possibilidade de se investigar o cotidiano das crianças de 0 a 3 anos do campo, inviabilizadas nos dados levantados na construção destes projetos e ausentes das instituições de ensino visitadas pelas pesquisadoras. Dialoga, mais diretamente, também com as pesquisas de Madlum (2012) e de A.C. Silva (2012).

Durante a realização do trabalho de J. Silva (2012), pudemos acompanhar a pesquisa de campo em uma de suas comunidades investigadas, visualizando as crianças bem pequenas no entorno da escola do assentamento. Nela são formuladas as inquietações que nos acompanharam no percurso da pesquisa, durante e após o trabalho etnográfico que empreendo para compreender o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos de uma comunidade rural assentada.

Apesar dos avanços no conhecimento sobre a criança de 0 a 3 anos de idade e das suas possíveis implicações nas práticas cotidianas, de acordo com a literatura da área, ela continua invisível aos olhos da ciência, das políticas públicas e da historiografia da infância (Sarmiento, 2007). Quando se trata das crianças moradoras em territórios rurais, o processo em que são invisibilizadas é ainda mais intenso.

As crianças do campo e suas Famílias, ao serem concebidas como pessoas e grupos sociais em desenvolvimento, devem ser investigadas a partir dos vários aspectos

envolvidos em suas situações cotidianas – pessoais, relacionais e contextuais, atravessados por elementos da matriz sócio-histórica que permeia a realidade atual. Nesse sentido, por meio de uma investigação etnográfica sobre o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo e suas Famílias, buscamos entender, a partir da realidade concreta, suas redes de interações, suas atividades e seus espaços de brincadeira e cuidado.

### 3. AS CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS E SUAS FAMÍLIAS

As crianças de 0 a 3 anos constituem-se em sujeitos pouco estudados e, quando abordados, geralmente o são pelo discurso da falta (Araújo & A.P. Silva, 2013).

Segundo Müller (2010), diferentes campos do conhecimento apresentam como objeto de estudo as crianças e suas infâncias, entre outros a Sociologia da Família, a Sociologia da Educação, a Psicologia, a Pedagogia, a História, a Antropologia, a Medicina, a Ciência Política, a Neuropedagogia. Para a autora, cada um a estuda à sua maneira e em seu tempo, carregando contradições internas por não conceberem a criança de forma integrada e concreta. Müller (2010), apoiada em Montandon, enfatiza que estas diferentes áreas não centraram seus estudos diretamente na criança, concebendo-a como objeto das práticas educativas e, conseqüente e predominantemente, por meio de suas trajetórias escolares e de seus processos de socialização.

Segundo o historiador Ariès (1978), o sentimento da infância constrói-se na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Por meio da iconografia, o autor procura demonstrar que a socialização da criança era feita em atividades e espaços misturados aos dos adultos, o que permitia a partilha dos trabalhos, jogos e festas, independentemente da idade.

Um dos elementos que provocou transformações na dinâmica familiar foi o surgimento da escola, já na sociedade industrial, em que “a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles”, e passou a ser institucionalizada pelo processo de escolarização (Ariès, 1978, p. 11). Isso reorganiza a dinâmica familiar em torno de outros elementos: o interesse das Famílias pelos estudos de seus filhos, datado do fim do século XVII; o sentimento de cumplicidade familiar, em que a Família torna-se um lugar de afeição entre pais e filhos.

As transformações no modo de conceber as crianças, suas infâncias e as Famílias delineiam a constituição de um olhar histórico e sociológico sobre os sujeitos e seus grupos, no qual Ariès (1978) demarca um posicionamento que destaca as idades da vida – infância, adolescência e juventude – como fenômenos de caráter social e histórico.

Buss-Simão (2009), através de uma revisão de literatura sobre a presença e a ausência das crianças nos estudos antropológicos, sinaliza que as crianças, na Antropologia, foram marginalizadas, sendo, recentemente, incluídas em alguns

trabalhos, mas, raramente, como categoria central nas investigações e análises de diferentes realidades sócio-culturais. Sua revisão é estruturada a partir da análise de abordagens antropológicas clássicas da escola de “Cultura e Personalidade” e dos “Estudos sobre Socialização”; dos estudos sobre cognição, raciocínio e a aquisição da linguagem; e, por último, dos estudos de “Antropologia Indígena e da corporeidade”.

A partir dos estudos sobre “Cultura e Personalidade”, Buss-Simão (2009), a partir do seu levantamento realizado<sup>1</sup> conclui que há uma visibilidade às crianças, tanto pela sugestão de métodos e seus instrumentos de observação, coleta e análise dos dados, quanto pela demonstração concreta da experiência das crianças como cultural e podendo ser compreendida em contexto. Contudo, nessa vertente, ainda há uma clara cisão entre a vida adulta e a da criança, a cultura adulta e a cultura infantil, “remetendo a uma ideia de imaturidade e desenvolvimento da personalidade madura” (Conh, 2005, citado por Buss-Simão, 2009, p. 4).

Para a autora, a Escola dos “Estudos sobre Socialização” estrutura-se como uma resposta ao psicologismo sustentado pelas abordagens clássicas americanas. O foco sai da formação da personalidade ideal e é canalizado nas práticas e nos processos de socialização dos indivíduos. Nestes trabalhos<sup>2</sup>, enfatiza-se o desempenho dos papéis e, nessa perspectiva, às crianças são negadas “a possibilidade ativa na consolidação e definição de seu lugar na sociedade, sendo reduzidas a meros receptáculos de papéis funcionais que devem desempenhar” (Buss-Simão, 2009, p. 5).

Buss-Simão (2009) fundamenta sua concepção pela crítica principalmente a essas duas escolas, expondo que a partir da década de 70, surgem trabalhos<sup>3</sup> inscritos em uma proposta de uma “nova” Antropologia da Criança. Esta “nova” antropologia privilegia formulações sobre conceitos centrais para a área, como cultura, sociedade, agência ou ação social. A partir destes conceitos, buscam-se as compreensões de que ser criança ou o tempo da infância devem ser pensadas diferentemente na diversidade dos

---

<sup>1</sup> Os trabalhos analisados e citados pela autora foram: Mead (1928, 1942) teve como objetivo estudar sobre os significados de ser criança ou adolescente, através da fotografia, em realidades sócio-culturais diferentes da sociedade norte-americana; Mead e Macgregor (1951) sobre o cotidiano das crianças de Bali; Kluckhohn (1947) sobre as experiências culturais no modo de educar o corpo; Ruth Benedict (1934, 19-- ) sobre a conformação cultural comportamental na transformação das crianças orientais em japoneses.

<sup>2</sup> Como exemplo desta escola é citado pela autora o trabalho realizado por Florestan Fernandes em sua obra sobre a sociedade *Tupinambá*, “na qual o autor refere-se às atividades das crianças, nesta sociedade, como uma mera imitação do mundo adulto” (p. 5).

<sup>3</sup> Walkerdine (1995), Toren (1993), Hirschfeld (2003) são citados como exemplos importantes sobre o tratamento das concepções de infância, sobre a capacidade superior da criança de compreender culturas e sobre a importância do estudo das crianças para conhecer melhor os adultos e as culturas.

contextos socioculturais. Nessa vertente, o universo infantil é qualificado como um universo diferente, em que a infância aparece como um tempo em que não foram naturalizadas as relações entre os espaços e os poderes. As crianças têm potencialidade de explicitar “o que os adultos também sabem, mas não expressam” (p. 6). Nesse sentido, o campo propõe rever o modo de lidar com os temas de socialização e de infância na Antropologia.

Como parte dos estudos realizados por esta “nova” Antropologia da Criança, estão os estudos da Antropologia Indígena<sup>4</sup>. Ela concebe a infância como construção social e categoria sócio-estrutural; o mundo da infância como um mundo à parte; e as crianças como grupo minoritário. Ressaltam, ainda, que nos povos indígenas, especialmente os Ameríndios, “as crianças são concebidas tendo em conta as relações e concepções cosmológicas” (Buss-Simão, 2009, p. 9). Ou seja, como uma construção social, as infâncias indígenas são analisadas a partir da cultura a qual estão inseridas, que as concebem inter-relacionadas com a cosmologia e a natureza.

Como eixo central dos estudos da Antropologia Indígena, Buss-Simão enfatiza a contribuição do estudo da corporalidade, que é exaltado pela cultura indígena, especificamente, como relevantes no aprendizado das mitologias, da vida cerimonial e da organização social do seu povo (Seeger, da Matta & Castro, 1979, citado por Buss-Simão, 2009).

O diálogo entre os autores da Antropologia da Criança, o “novo” datado da década de 90 para os anos 2000, poderia ser produtivo com alguns autores da Psicologia do Desenvolvimento que, tendo como base referências como Vigotski (2006), Wallon (1959), Rossetti-Ferreira (1984), Carvalho (1988), Kramer (1982), propõem a compreensão das crianças como pessoas concretas, situadas em seus contextos sócio históricos. Defendem estudos *com* e não apenas *sobre* as crianças, embora esses também sejam tomados como importantes. É evidente a necessidade de estudos interdisciplinares<sup>5</sup>, como já pontuava Rosemberg (1976), citada por Müller e Hansen (2009), uma vez que cada área em particular não dá conta da complexidade e da

---

<sup>4</sup> Nunes (1999), Cohn (2002), Oliveira (2004), Limulja (2007) discutem situações cotidianas das infâncias indígenas, como as brincadeiras, a experiência da infância e do aprendizado, a participação das crianças nos espaços da aldeia e a educação escolar indígena.

<sup>5</sup>Entretanto, o que Buss-Simão (2009) defende é a construção de uma “Pedagogia da Infância”, que inclua a reflexão sobre a participação, a alteridade e os direitos dos bebês. A proposta deste conceito foi realizada por Rocha (1999), citada por Buss-Simão (2009) e é constituída a partir da análise da produção brasileira apresentada em reuniões científicas das áreas de História, Psicologia, Educação e Ciências Sociais.

alteridade dos sujeitos como pessoas em desenvolvimento; em especial, das diferentes formas de manifestação das linguagens dos bebês.

A falta de diálogo entre as áreas provoca um abismo quando se trata das crianças de 0 a 3 anos. Até os anos 1970, elas eram compreendidas como sujeitos muito passivos, ainda associados à natureza e não ao social (Barbosa, 2013; Rosemberg, 1999). Considerada como imperfeitas, incompletas, miniaturas do adulto, as crianças eram compreendidas como um vir-a-ser (Sarmiento, 2007). As formas de produção do conhecimento científico reproduzem assim concepções que reduzem as crianças a seres dotados de uma epistemologia “em trânsito”, ou seja, que virá a ser, desconsiderando suas especificidades e potencialidades.

Na Psicologia, diversas perspectivas teóricas orientam a investigação do tema “Criança de 0 a 3 anos”, enfatizando diversos aspectos do desenvolvimento humano nesta faixa etária. A compreensão do que é uma criança, de como ela relaciona-se, desenvolve-se, o que a torna sujeito da ação, complexificou-se na ciência em Psicologia, como nas outras já citadas e também nas práticas sociais.

Amorim (2013) revela, em revisão de literatura sobre a linguagem e a comunicação de bebês, que “dentro da psicologia, as abordagens que guiaram os estudos mostraram-se bastante diversificadas, tendo sido encontrados embasamentos em teorias de Chomsky, Piaget, Wallon, da psicologia comportamental, histórico-cultural, psicanálise, psicoetologia, sistêmica, dentre outras” (p.206).

A partir de um referencial crítico, Vasconcellos (2008) defende que também a Psicologia cumpriu um papel na produção da invisibilidade do bebê no plano social. Apesar da existência de uma área própria, nascida na relação intrínseca com os estudos sobre a criança, para a autora, a Psicologia do Desenvolvimento, predominantemente, privilegiou aspectos do desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e motor da criança, mas pouco a tratou como sujeito de desenvolvimento.

Para Amorim (2013), as contribuições da Psicanálise, por exemplo, Freud (1969), defendem que os bebês são equipados com impulsos inatos, concebendo, a partir das questões biológicas e psíquicas inatas, o desenvolvimento como psicosexual e circunscrito à tríade edipiana. A autora cita ainda Spitz (1979) que defende, por meio de um estudo longitudinal, que o recém-nascido não consegue diferenciar o que é externo ao seu próprio corpo, percebendo o seio materno como parte de si mesmo e enfatizando a díade mãe-bebê, por considerar a mãe como seu parceiro humano



primordial e mediador a toda percepção, toda ação, todo insight e todo conhecimento. Amorim (2013) destaca que os autores da Psicanálise, especialmente, em seus pontos de ancoragem sobre a concepção de criança e sua infância, teceram noções sobre o funcionamento e o desenvolvimento psicológicos, dando destaque para o papel da Família.

Em contrapartida, a partir de uma epistemologia genética, Piaget apresentava como questão central dos seus estudos “como o homem constrói conhecimento sobre o mundo?”. Sendo, assim, aborda os bebês como sujeitos cognitivos que se adaptam ao mundo das coisas através do intelecto e, assim, desenvolve seu psiquismo a partir de um mecanismo adaptativo do comportamento (Vasconcellos, 2008). Estes sujeitos cognitivos constituem-se, portanto, como sujeitos epistêmicos que se desenvolvem através dos seus processos de pensamento. Piaget afirmava que já nos primeiros meses de vida há a atividade imitativa, que se associa tanto a uma cópia direta como uma maneira de assumir a forma dos atos da inteligência representativa. Piaget avança no método de estudo das crianças e infâncias, através do método clínico.

O neonato é compreendido pela abordagem psicoetológica como um ser biologicamente organizado para a vida sociocultural (Bussab, Pedrosa & A. Carvalho, 2007). Mesmo em uma abordagem diferente, ancorada em concepções de homem e de mundo diferentes, a Etologia compreende, segundo Amorim et al. (2012, p.312), citando Ribeiro e Bussab (1998), que “o homem seria, a um só tempo, criatura e criador”, ou seja, se tornar homem implicaria na aptidão natural humana para a cultura, assim como na própria relação da cultura com a natureza. Para os autores, isto é evidente pela própria observação da linguagem, como elemento da evolução de comportamentos culturais.

A partir dos olhares permitidos pela Rede de Significações - *RedSig* (Rossetti-Ferreira et al., 2004), a compreensão dos bebês adotada nesta pesquisa fundamenta-se nas contribuições de dois autores específicos da Psicologia Histórico e Cultural, ou Sócio e Histórica, Lev Vigotski e Henri Wallon. Orientados pelo materialismo histórico e dialético, oferecem contribuições para superação de concepções de desenvolvimento que dicotomizam cultura adulta e cultura infantil, assim como meio e organismo, biológico e social, mente e corpo.

Henri Wallon, ao elaborar sua teoria psicogenética, articulando a perspectiva darwiniana da interdependência entre ser vivo e meio a uma abordagem materialista-

histórica, defende que o bebê humano, dentre todas as espécies, “é o ser que nasce com maior imperícia, imaturidade e incompletude, que o tornam incapaz de sobreviver sem a ajuda de um adulto. Isso determina um período prolongado de dependência de outro elemento mais competente, da mesma espécie”. (Rossetti-Ferreira et al., 2000, p. 23). Nesses termos, para Wallon (2008), é necessário, portanto, uma sociabilidade entre crianças e adultos, que seria possibilitada pelo contágio expressivo (emoção) propagado em relação por estes sujeitos.

Para Wallon (1941), na medida em que o bebê relaciona-se com seus outros, adultos e/ou crianças, a base orgânica do seu corpo, o sistema nervoso, irá se modificando, ampliando suas conexões cerebrais e mudando suas funções a partir dos espaços, das atividades e das interações em que este sujeito está envolvido. Por isso, o autor considera que o ser humano é geneticamente social, sendo sujeito somente em relação. Esta compreensão orienta o modo como Wallon trata do desenvolvimento humano e seus estágios.

O bebê necessita, portanto, do outro para garantir sua sobrevivência e para tornar-se uma pessoa. Isto o faz um ser dialógico por natureza (Rossetti-Ferreira et al., 2004). A partir disso, o período inicial de vida do bebê é marcado pela afetividade, denominado por Wallon como período *impulsivo-emocional*, compreendido até os 2 anos de vida (Galvão, 1995).

Em seus movimentos, expressões e reações corporais, o bebê é interpretado pelas pessoas que compõem seu universo relacional em um determinado meio. Se está com fome, sede, sentindo dor, chorando ou rindo, seus movimentos e reflexos impulsivos tornam-se comunicativos e, segundo Wallon (1941a), demonstram o modo como está sendo afetado e afeta quem está a sua volta. Ou seja, neste primeiro momento, a orientação do bebê é mais para si, em seus contatos humanos, do que propriamente aos objetos do mundo físico. Há, portanto, um processo de fusão aos outros, em que o bebê não discrimina o que é ele e o que é o mundo, as pessoas e os objetos. Dá conta de si acontecendo aos poucos, mergulhado nas interações sociais, diferenciando-se do que é ele, o outro, o objeto.

As relações dos bebês e seus outros também são destacadas por Vigotski (2006). Segundo o autor, estas relações estão prenas ao contexto sociocultural a que eles pertencem. Isto se deve a compreensão do bebê como

um ser biologicamente organizado para a vida sócio-cultural, na qual está imerso desde o nascimento – ou até mesmo desde a concepção – por meio de sua pré-organização para o encontro com o outro e para a troca social, condições constitutivas de seu desenvolvimento individual (Bussab, Pedrosa & A. Carvalho, 2007, p.99).

As relações estão imbricadas ao ambiente, de modo que

A comunicação com o adulto é a esfera fundamental onde se revela a própria atividade da criança, pois quase toda a atividade pessoal do bebê se integra em suas relações sociais. A atitude dos bebês ante o mundo exterior se revela sempre através de outras pessoas. Portanto, a conduta individual do bebê está imersa, entrelaçada com o social, e todas as manifestações sociais do bebê estão dentro da situação concreta, formando com ela um todo único e indivisível (Vigostki, 2006, p. 303).

É a partir destas relações, que o bebê, em seus movimentos, e se deparando com os movimentos dos adultos e de outras crianças, vai entendendo quem é ele e quem é o outro. Conforme estes movimentos vão se expandindo e se refinando, o bebê, que anteriormente apresentava movimentos descoordenados e sem controle físico, vai desenvolvendo o pegar, o andar e o deslocar-se no espaço. Estes primeiros ideomovimentos são característicos do período *sensório-motor projetivo*, compreendido por Wallon (Costa, 2005) entre os 2 e 4 anos.

Além da afetividade e do movimento para a constituição do desenvolvimento humano, Wallon (Costa, 2005), ainda, se debruça sobre o ato mental, que, em sua compreensão, é constituído pela intensa motricidade e pelas trocas relacionais estabelecidas pelo bebê. É comum, por exemplo, ao observar crianças de 3 anos brincando, que a partir de alguns gestos brotam palavras e significados. Tais palavras retratam as ideias que surgem nas relações e ações no espaço.

Segundo Guimarães (2008), Vigotski e Wallon exaltam o papel do gesto, da imitação e da afetividade no desenvolvimento da criança pequena, como “caminhos fundamentais na socialização e na construção dos processos de significação, oferecendo pistas para delinear práticas no contato com as crianças” (p.2), sendo interlocutores imprescindíveis e importantes na compreensão de como atuar em relação às crianças de 0 a 3 anos.

Olhar para as nuances do desenvolvimento humano de crianças de até 3 anos denota uma compreensão de um sujeito relacional, indissociável do meio que o constitui e é por ele constituído. O nascimento de uma criança vai se constituir em um processo dialético e dialógico em relação aos outros que medeiam seu próprio acesso ao mundo e sua relação com ele. Este olhar também está fundamentado em Vigotski (2006), que

compreende que o bebê é um ser biológico dependente em suas primeiras funções vitais. O nascimento do bebê torna-se, em sua compreensão, como uma separação física da mãe, a qual se constitui também como uma continuidade em uma ligação biológica entre eles. Segundo Pino (2005), Vigotski afirma que o diferencial do ser humano estaria na cultura, através da qual o social adquire novas formas de existência. “A sociabilidade biológica, sob a ação criadora do ser humano, transforma-se em diferentes modos de organização das relações. Ou seja, a sociabilidade humana não seria simplesmente dada pela natureza, mas assumida pelo ser humano que procura formas de concretizá-la” (Amorim et al., 2012, p. 312).

Inspirados pela *RedSig* e por estes autores, alguns estudos contemporâneos vêm contribuindo para ressignificar a criança de 0 a 3 anos e suas relações familiares, suas competências e habilidades sociais, linguísticas e principalmente interacionais, embora ainda sejam poucos os estudos que compreendem as crianças pequenas, particularmente os bebês, como sujeitos ativos nos processos interativos. Dentro do próprio CINDEDI, há contribuições pelas próprias temáticas e modo de construção dos trabalhos orientados e realizados por Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, Ana Almeida de Carvalho, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, Mara Ignez Campos de Carvalho, Ana Paula Soares da Silva e Kátia de Souza Amorim: como ocorreram o reconhecimento dos processos interativos dos bebês e de crianças mais velhas como objetos de estudo da Psicologia do Desenvolvimento e seus diferentes contextos de desenvolvimento, como creches (Meneghini, 2000; Bonfim, 2002, 2006; Souza, 2003, 2008; Jabur, 2008; De Souza, 2010), pré-escolas (Furtado, 2001, Gallo, 2010), abrigo (Almeida, 2009; Lacerda-Silva, 2012), familiar (Ferreira, 2000), trabalho (Almeida, 2008).

A. P. Silva e Pantone (MEC, 2009) expõem que têm emergido estudos que distinguem as competências dos bebês, reconhecendo os processos comunicativos e interacionais como constituintes, perpassando e sendo construídos nas e pelas relações que eles estabelecem em seu cotidiano. Esses estudos revelam, ainda, “a sensibilidade dos bebês às manifestações afetivas e estéticas do seu meio cultural, assim como o compartilhamento da emoção e atenção desde cedo nas relações interpessoais e a capacidade de interagir com o outro por meio dos recursos de que dispõem” (p. 5). O bebê passa a ser visto por inteiro e essa inteireza não configura uma independência do adulto, mas sim uma interdependência, pois sendo um ser biologicamente social, como pontua Wallon, necessita do outro para (sobre) viver.

As transformações vivenciadas pela criança e pelos seus interlocutores provocam a configuração de uma dinâmica observadora e atenta, que reconhece conquistas diárias neste período. Nos primeiros anos de vida, as crianças já apresentam a capacidade de realizar trocas recíprocas que antecedem a locomoção, a fala e as habilidades cognitivas maduras, interagindo também entre si (Anjos, Amorim, Franchi e Vasconcelos & Rossetti-Ferreira, 2004, p. 514).

Embora tenha havido o aumento de estudos e pesquisas que buscam ouvir as crianças e um olhar concreto para suas relações primárias, em especial a partir da constituição do chamado campo da Sociologia da Infância, o lugar da criança de 0 a 3 anos nessa produção, como afirma Rosemberg (2008) é ainda quase inexistente. Os chamados novos estudos sobre a infância defendem a realização de pesquisas *com* crianças e não apenas *sobre* elas. Segundo Cruz (2008), a criança, ao se firmar como objeto de estudo, desde meados do século XX, provocou a construção de um variado arsenal de estratégias na tentativa de realizar pesquisas que privilegiem a predominância das vozes das crianças.

Nesse debate, problematizando a predominância de estudos com “crianças que falam”, Rocha (2008) defende que não se pode ater à oralidade como único recurso metodológico para realização das pesquisas *com* crianças, risco presente nos movimentos recentes das pesquisas na área. Para a autora, o desafio está na realização de pesquisas com crianças que ainda não “falam”, os bebês, de 0 a três anos. Defendemos aqui que ainda compõe esse desafio compreender a criança na sua complexa rede de relações, uma vez que geralmente, quando existentes, os estudos com bebês limitam-se a situações de atendimento institucionalizado, à relação mãe-bebê ou a contextos e situações específicas na vida dessas crianças.

Um dos aspectos relativos ao desenvolvimento do bebê diz respeito às suas relações familiares. Segundo A. Carvalho (2005), a Família reflete as estruturas sociopolíticas e econômicas das sociedades. Isto resulta em diversas práticas e modos de cuidados de crianças. Como o primeiro grupo de desenvolvimento é o meio pelo qual a criança tem acesso ao mundo ao se relacionar com as pessoas que o apresentam, constitui-se enquanto uma pessoa em desenvolvimento. Rossetti-Ferreira, Amorim e Oliveira (2009) afirmam que quando nasce um bebê, nascem também uma mãe, um pai, um irmão, tio, avós, os quais ao estabelecerem relações com essa criança; desde antes do nascimento, estão sendo continuamente atribuídos, negociados e modificados os

significados das coisas e eventos que os cercam, e de seus próprios comportamentos e formas de ser, na medida em que as interações envolvem papéis recíprocos, de um em relação ao outro (Rossetti-Ferreira et. al. 2004). É nesse processo que tanto uns como outros vão se construindo e se constituindo continuamente como sujeitos. Por isso, segundo a perspectiva da *RedSig*, é impossível falar de um desenvolvimento linear, pois estão envolvidos múltiplos atores, com suas características e necessidades desenvolvimentais próprias.

Os familiares e as pessoas que cuidam da criança interagem com ela e organizam seus ambientes conforme suas concepções e expectativas sobre o desenvolvimento daquela criança e sobre seu próprio papel em relação a ela, adquiridas através de suas experiências de vida em sua cultura. Segundo Amorim (2002), ao estudar adaptação de bebês à creche, os bebês comportam-se de forma culturalmente adequada e modificam-se de acordo com diferentes práticas dos adultos (familiares e educadoras). Em relação, o bebê aprendia e expressava significações.

Para compreender a organização familiar do cuidado e da educação das crianças pequenas, é necessário situar o conceito de Família que se relaciona com a compreensão de desenvolvimento proposta pela *RedSig*, em que as crianças e suas Famílias se desenvolvem *por meio de e em* uma rede de relações e significações.

Acreditamos que o conceito de Família aqui apresentado deve abranger várias ciências, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia e a História, a partir da compreensão que somente uma delas não dá conta de sua complexidade e sua amplitude no desenvolvimento humano.

No âmbito dos estudos em Antropologia, a Família pode ser compreendida como uma unidade de reprodução biológica e social que se concretiza através de diferentes arranjos, criada por laços de aliança por casamento ou uniões consensuais; por vínculos de descendência entre pais e filhos biológicos ou não; e por elos de consanguinidade (Romanelli, 2002).

Szymanski (2002) enfatiza que a Família pode ser definida como um grupo social formado por pessoas que convivem juntas por tempo indeterminado, unidas ou não por laços consanguíneos. Em diálogo com esta compreensão, Fonseca (2005) defende que, ao invés de tratar unidade familiar, prefere falar de dinâmicas e relações familiares face aos diferentes arranjos familiares possíveis.

Os diferentes rearranjos familiares são evidenciados nas atuais pesquisas sobre Família (Romanelli, 2002; Neves, 2009; Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira, 2000). A diversidade concretiza-se tanto em se tratando da organização da composição das Famílias brasileiras, quanto nas formas de sociabilidade de seus membros.

A organização da Família implica em situar suas práticas cotidianas em relação não só aos seus membros consanguíneos, mas também a membros por laços de criação. A extensão do âmbito familiar limita-se pela abertura e pela partilha das pessoas que convivem diariamente no contexto familiar. Szymanski (2001a) relata que:

Com a criação de um novo núcleo familiar, uma nova cultura vai se formando – muita coisa das culturas das Famílias de origem é repetida, muitas modificadas e novos aspectos podem ser incorporados. Essa incorporação depende do grau de abertura da nova Família aos grupos de influência, como amigos, grupos de trabalho, da comunidade. Depende também, da disponibilidade de aceitar a contribuição dos filhos que, como geração nova, vivem e compreendem um mundo em que os pais não vivem e estes o interpretam na perspectiva da geração passada. (p-24).

Nesse sentido, não há uma receita que defina os membros relevantes de uma rede familiar. Segundo Fonseca (2005),

Essa pode ou não incluir consanguíneos (ascendentes, descendentes, colaterais etc.), parentes por casamento (sogros, cunhados, concunhados, padrastos, enteados etc.), padrinhos e compadres (não devemos esquecer que existem padrinhos em casa, de igreja, na Família de santo, etc.), e simplesmente amigos que, depois de ter compartilhado uma experiência particularmente intensa, acabam se sentindo membro da Família (p. 53).

A partir dessa compreensão, a organização da Família é pensada em rede e, nesses termos, a partir da compreensão de que são formadas por laços de criação além dos laços de consanguinidade, como membros da comunidade, e são resultantes de um processo de interação mútua de diferentes combinações entre variáveis familiares e contextuais (Bronfenbrenner, 1986).

Considerando que as crianças já nascem imersas a uma rede de relações sociais que as envolvem, e são incapazes de agirem por si mesmas, a partir dos olhares possibilitados por Wallon (1941), a Família circunscreve-se como o grupo social que oferece as possibilidades de interações da criança com seus pares, adultos e crianças, e a partir disso, entra em contato com a cultura na qual vive.

A Família formada por uma rede de relações provoca o compartilhamento dos cuidados dos filhos com os diferentes membros da Família extensa (Amorim, Vitória & Rossetti-Ferreira, 2000). Os familiares organizam seus ambientes conforme suas

concepções e expectativas sobre o desenvolvimento daquela criança e sobre seu próprio papel em relação a ela, adquiridas através de suas experiências de vida em sua cultura.

O nascimento de uma criança, portanto, imputa aos pais e aos seus parceiros assumirem “na educação a responsabilidade, ao mesmo tempo, pela vida e pelo desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo” (Arendt, 1979, p. 235, citada por Albuquerque, 2009). A inserção de um bebê na rede de relações provoca a reorganização do dia a dia dessas pessoas, assim como o convite para assumirem outros papéis (mãe, pai, tio, tia, padrinho, madrinha, irmão, irmã, primo, prima, entre outros sujeitos que pertencem à Família).



#### **4. TECENDO A VIDA COTIDIANA DAS CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS E SUAS FAMÍLIAS DO CAMPO**

A partir do referencial que orienta a pesquisa, pode-se supor que o cotidiano de crianças de até 3 anos de uma comunidade rural é permeado de histórias, acontecimentos, sentimentos, comportamentos. São elementos próprios das crianças como sujeitos, mas também dos seus parceiros de interação, de cuidado, de brincadeira e de educação; ao se relacionarem, constituem-se enquanto pessoas e definem a organização dos seus tempos, seus espaços, suas atividades, seus cuidados.

Supõe-se ainda que cada criança de até 3 anos, ao mesmo tempo em que compartilha, também experimenta a vivência deste cotidiano no campo diferentemente das crianças mais velhas, dos adultos que se apresentam a ela como familiares ou não (Vigostki, 2006). O cotidiano provoca nas crianças e em suas relações diferentes modos de apropriarem de si mesmas, dos seus interlocutores e do mundo a sua volta. Este olhar, a partir dos limites e das possibilidades na faixa etária de 0 a 3 anos, é configurado pelas vivências que são permitidas e pelas características desenvolvimentais de cada criança: nas limitações corpóreas do bebê, ainda em seu primeiro ano de vida, com movimentos desordenados; no desenvolvimento da marcha e da linguagem, que amplia a possibilidade do ir e vir, e de situar-se no espaço que experencia; na expressão consciência corporal, dos seus esfíncteres e de sua força em sua experiência sensório motora (Wallon, 1941). Nas possibilidades de vida, de agir, de estar e relacionar-se no mundo, o aqui e o agora, perpassados pelas condições físicas do ambiente, proporcionam aos bebês e seus parceiros de interação a noção do tempo do campo, de suas características físicas e biológicas, pelo tato, pelo olfato, pelo paladar, pela visão e pela audição. Ao sentirem o campo em sua integridade e totalidade, os sujeitos organizam cotidianos conforme suas atividades diárias e suas sensações do ambiente.

Essa característica, também pelo referencial que orienta a pesquisa, define o sujeito em seu aspecto situado (Rossetti-Ferreira, Amorim, A. P. Silva & Carvalho, 2004). De acordo com A. P. Silva (2013), na concretude das relações e das especificidades dos povos do campo e da floresta brasileira (assentados ou acampados da reforma agrária, sitiantes, fazendeiros, quilombolas, caiçaras, ciganos, indígenas,

chacareiros, agricultores familiares, pescadores artesanais, extrativistas, trabalhadores assalariados rurais...), são sujeitos localizados, na medida “em que o espaço medeia diferentes relações dos sujeitos entre si, ao mesmo tempo em que estes constroem o espaço” (p.12).

Se as relações sociais projetam-se e sustentam-se no espaço, há diversos elementos do cotidiano, em suas práticas e significações, que são organizados diferentemente para as diferentes populações e mesmo intracampo para cada sujeito que o compõe.

Diante dessa diversidade dos modos de conceber o bebê, interessa-nos saber como também a própria ciência discute sobre os dias de crianças do campo e suas experiências.

A produção acadêmica nacional e internacional resultante de pesquisas que tratam das infâncias do campo ainda é desconhecida. Isto é evidente diante da escassez de trabalhos sobre as crianças e suas infâncias do campo, e quando abordadas, conforme levantamento bibliográfico realizado por A. P. Silva e outros membros do SEITERRA/CINDEDI (2012) como parte de uma pesquisa nacional sobre a educação infantil do campo brasileira, não tratam dos primeiros anos de vida. Estes anos não se tornam pautas das discussões dos movimentos sociais senão pelo viés da oferta e demanda de creche nas e para os moradores das áreas rurais. Por outro lado, as políticas para a educação infantil, objetos desta pesquisa nacional, podem ser equivocadas caso não se compreendam o cotidiano das crianças, as condições e as dinâmicas de suas vidas.

Diante disso, a revisão bibliográfica aqui realizada pretendeu visualizar como a produção acadêmica vem investigando as crianças até 3 anos de idade, e de que forma é dada visibilidade ao ambiente rural e ao contexto familiar no dia a dia do campo.

A pesquisa bibliográfica foi organizada no primeiro semestre do ano de 2011 e refeita para este texto dissertativo no segundo semestre de 2013. Inicialmente, optamos por experimentar, em algumas bases, os descritores que elucidassem o cotidiano, a criança e a Família.

#### Quadro 1. Descritores nas bases de dados consultadas

---

BASE DE DADOS

---

DESCRITORES	PSYCINFO	SOCINDEX	PEPSIC	FRANCIS	PERSEE
	Rural Environment	Everydaylife	Cotidiano	Daily	Familie
	Daily Activities	Rural Families	Rural	Rural	Milieu Rural
	Family	Rural Children	Rural Communities	Children	Enfant
		Daily	Rural Context		
		Rural	Criança		
		Children	Bebê		

Após várias tentativas, a realização dos cruzamentos entre os descritores citados foi frustrada, o que nos levou a optar pelo de palavras-chave ao invés de descritores.

Também foi necessária a revisão das bases/portais, sendo definidas para a pesquisa quatro bases: BVS-PSI, SCIELO.org, PePSIC, PsycINFO.

- Portal BVS-PSI – BVS Psicologia ULAPSI Brasil, pela abrangência de bases indexadas latino-americanas, o que permite a busca simultânea em diferentes veículos.
- Portal SciELO.org – Projeto Scielo de periódicos de diversos países da América Latina selecionados pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP e Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde – BIREME.
- Portal PePSIC – Periódicos Eletrônicos de Psicologia, fruto da parceria entre Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira – FENPB, Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e da BIREME, que cedeu a metodologia SciELO.
- Base de dados PsycINFO – Base de dados internacional em psicologia, mantida pela American Psychological Association – APA, com cobertura de livros, jornais, artigos, teses e dissertações.

A escolha dessas quatro bases teve como objetivo o levantamento com grande alcance de produções científicas do tema nas áreas de humanas e sociais. A busca foi feita sem restrição de data, utilizando as seguintes palavras-chave e seus cruzamentos.

Quadro 2. Palavras-chave utilizadas e bases de dados consultadas

PALAVRAS-CHAVE		BASES DE DADOS	PSCYINFO	BVS-PSI	SCIELO.org	PePSIC
Rural	Family	<i>Baby or babies</i>	X	X	X	X
		<i>Newborn or Newborn</i>	X	X	X	X
		<i>Infant or Infants</i>	X	X	X	X
		<i>Toddler or Toddlers</i>	X	X	X	X
	Família	<i>Recém-nascido ou recém nascidos</i>		X	X	X
		<i>Bebê ou Bebês</i>		X	X	X
		<i>Criança ou Crianças</i>		X	X	X

A escolha dos termos *criança*, *bebê*, *recém-nascido* ateu-se à amplitude da palavra criança em português, sem especificação da faixa etária. Em se tratando das palavras em inglês, foram utilizados termos que se diferenciam para cada faixa etária: *baby* se refere a idade de 0 a 4 anos; *newborn* a idade de 0 a 3 meses; *infant* a idade de 3 meses a 1 ano de idade; e *toddler* 1 a 4 anos de idade. As palavras-chave definidas foram cruzadas com *Família* e *rural* nas bases nacionais e, com *family* e *rural*, nas bases internacionais.

O caminho percorrido foi a procura, a partir das palavras-chave acima, por trabalhos referentes às relações e práticas diretas estabelecidas com as crianças no grupo social familiar, no ambiente rural. Sendo assim, os critérios de inclusão no levantamento foram: descrição de práticas diretas estabelecidas com as crianças de 0 a 3 anos por suas Famílias; disponibilidade nos idiomas inglês, português, espanhol e francês; disponibilidade dos resumos. Foram ainda selecionados artigos que não tivessem foco direto na prática familiar cotidiana com o bebê, mas que, de certa forma, faziam referência à relação familiar.

A inclusão dos trabalhos foi realizada mediante a leitura dos títulos e dos resumos. Para serem incluídos, os trabalhos deveriam conter informações relacionadas à criança de 0 a 3 anos moradoras de área rural. Caso esta informação não estivesse explícita, era realizada uma leitura rápida do texto para que fosse identificada a idade dos participantes da pesquisa. Se não se tratasse de estudo com crianças de 0 a 3 anos da área rural ou que não tivesse alguma referência a elas, descartava-se a produção de imediato. Para apresentação didática da bibliografia levantada, apresentamos em separado os achados das bases nacionais e das internacionais.

A apresentação em separado dos dados relativos à caracterização do levantamento nacional e internacional foi feita considerando que os idiomas português e inglês diferem quanto ao tratamento nas divisões dos grupos etários (no primeiro, são 3 palavras que designam a faixa etária de 0 a 3 anos; e no segundo 4 palavras). Após essa apresentação dos resultados, foi realizada a análise crítica a partir da junção da produção. A lista dos trabalhos selecionados foi demonstrada no Apêndice A.

### **Bibliografia levantada nas bases nacionais**

Na tabela abaixo, são identificadas as ocorrências encontradas na produção nacional e a quantidade de trabalhos selecionados, de acordo com as bases de dados pesquisadas.

Tabela 1. Resultado geral do levantamento bibliográfico nacional

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO BASES DE DADOS NACIONAIS						
BVS-PSI, PePsic, Scielo.org						
Cruzamento entre palavras-chave (PC)			Resultado		Excluídos	Selecionados
			Artigos	Teses e Dissertações		
Rural	Família	Recém-Nascido	0	0	0	0
		Bebê	1	0	0	1
		Criança	15	5	10	10
		Recém Nascidos	1	0	1	0
		Bebês	1	0	1	0
		Crianças	22	4	18	8
TOTAL			40	9	30	19

Fonte: Produção acadêmica nacional sobre as crianças de 0 a 3 anos residentes em área rural (1993-2013)

No primeiro cruzamento realizado com a palavra *recém-nascido*, não obtivemos nenhum resultado. Já com a palavra *bebê*, obtivemos um artigo de uma pesquisadora grega (Maridaki-Kassotaki, 2000) publicado na revista “Psicologia: Teoria e Pesquisa”, que trata sobre o envolvimento do pai no cuidado de bebês.

No cruzamento com a palavra “criança”, obtivemos um resultado de 20 trabalhos, sendo 15 artigos, 2 teses e 3 dissertações. Destes, 4 não se tratavam da faixa etária de 0 a 3 anos, foco desta revisão: 1 versava sobre a participação infantil com crianças assentadas e de periferia urbana de 7 a 12 anos; 1 era relativo a questão dos limites com crianças escolares de contexto urbano e rural; 1 abordava os direitos da criança e do adolescente na percepção dos adolescentes de contexto urbano e rural; 1 estudava os fatores que afetam a frequência e o atraso escolar nos meios urbano e rural.

A partir da primeira leitura dos trabalhos nacionais, realizamos um filtro em referência à aproximação ou ao distanciamento ao critério de inclusão sobre as práticas diretas entre as crianças e suas Famílias, moradoras de áreas rurais, sendo retirados trabalhos que, mesmo fazendo referências a criança de 0 a 3 anos, não abordavam suas relações familiares, sendo, por isso, em seguida, eliminados. Os seus temas eram: a relação entre os profissionais da educação infantil e as Famílias do campo (1); a percepção do conflito em uma Família recasada constituída por um filho com paralisia cerebral (1); a avaliação da assistência materno-infantil prestada pela equipe rural do Programa Saúde da Família – PSF (1); o trabalho infantil no meio rural brasileiro (1); a prevalência de infecção em crianças de até 120 meses, residentes em área rural (1); e um caso de uma menina de 2 anos, moradora de área rural, com ascaridíase hepatobiliar (1). Foram selecionados 10 artigos, que estão listados no Apêndice A (Tabela 10).

Quando se trata do cruzamento com a palavra “crianças”, as teses e as dissertações se repetem. Obtivemos, neste cruzamento, 1 tese e 14 artigos. Trabalhos com os seguintes temas foram excluídos: conflito de gerações entre adolescentes, adultos e idosos (1); foco sobre o uso de sulfato ferroso no PSF (1); determinantes socioeconômicos do estado de saúde (1); impacto do programa bolsa Família sobre a frequência escolar e o trabalho infantil (2); alimentação de pré-escolares (1); leitura de avós para seus netos pré-escolares como proposta de formar leitores (1). Foram selecionados 8 artigos, que estão listados no Apêndice A (Tabelas 11).

No total dos três cruzamentos com as palavras bebê, criança e crianças, foram selecionados: 19 trabalhos (2 teses e dissertações e 17 artigos em periódicos). Essa produção distribuiu-se da seguinte forma, no período pesquisado:

Tabela 2. Distribuição da produção acadêmica segundo os anos pesquisados

Ano	N
1993	1
1994	1
1995	0
1996	0
1997	0
1998	1
1999	2
2000	1
2001	0
2002	0
2003	0
2004	0
2005	1
2006	0
2007	4
2008	3
2009	1
2010	3
2011	0
2012	0
2013	1

Com relação à área das Revistas, os 17 artigos publicados distribuem-se da seguinte forma: 23% na área de Psicologia (N=4); 29% na área de Saúde Coletiva e Pública (N=5); 6% na área de Epidemiologia (N=1); 12% na área de Enfermagem (N=2); 6% (N=1) na área de Medicina (Neuropsiquiatria); 12% na área de Ciências Sociais (N=2) e 12% (N=2) em revista interdisciplinar (psicologia, saúde, entre outras). Aglutinando a produção nas áreas de Saúde Coletiva e Pública, Epidemiologia, Enfermagem e Medicina, têm-se 53% (N=9) dos estudos em Ciências da Saúde.

Os 2 trabalhos acadêmicos de mestrado e doutorado encontrados são provenientes de programas de pós-graduação em Psicologia, utilizando autores da Psicologia Evolucionista e do Desenvolvimento, vinculados a Universidades do sul do Brasil.

Do conjunto dos 19 trabalhos, os temas tratados foram: cuidado paterno (5%, N=1) e materno (10%, N=2), contexto de desenvolvimento (5%, N=1), práticas educativas (5%, N=1), estado nutricional e de crescimento (27%, N=5), sono (11%, N=2), aleitamento materno (16%, N=3), rotinas familiares (16%, N=3), trabalho infantil (5%, N=1).

Sobre o tipo de metodologia utilizada, 57% são quantitativos (N=11); 31% são qualitativos (N=6); 10% quanti e qualitativos (N=2). Nos primeiros, entrevistas (18%, N=2); questionário (18%, N=2); avaliação de fatores de risco (27%, N=3) (biológicos, socioeconômicos, ambientais e acesso a serviços de saúde); dados sociodemográficos, socioeconômicos e antropométricos (18%, N=2); fotografia (9%, N=1); observação das condições de moradia (27%, N=3); desenhos da moradia (10%, N=2); escalas individuais (9%, N=1); análises estatísticas descritivas (36%, N=4); e roteiro estruturado de observação (27%, N=3).

Estudos com a metodologia qualitativa (N=6), utilizaram vídeos (16%, N=1); desenhos de moradia (16%, N=1); entrevistas (67%, N=4); fotografia (32%, N=2); observação direta (16%, N=1); roteiro estruturado de observação (16%, N=1); levantamento histórico (16%, N=1); e, em um único estudo, ao mesmo tempo, diário de campo, genograma, ecomapa, calendário de rotinas familiares e descrição de rotinas (16%, N=1).

Os sujeitos participantes das pesquisas podem ser verificados no quadro a seguir:

Tabela 3. Sujeitos participantes das 19 pesquisas selecionadas

	<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Condições de participação</b>	<b>N</b>
1	Crianças	Com idade entre 0 a 10 anos	1322
2	Crianças	Com idade entre 2 a 10 anos	55
3	Crianças	Com idade entre 6 meses e 71,11 meses	215
4	Crianças	Com idade de até 2 anos	226
5	Crianças de 0 a 1 ano	Morar em um bairro paulistano	60
6	Crianças de 0 a 3 anos	Morar no viaduto de São Paulo	28
7	Crianças de 0 a 3 anos	Morar na zona rural do Piauí	28
8	Famílias	Com 235 filhos menores de 5 anos	197
9	Famílias	Remanescente de quilombo	3
10	Famílias	Vítimas de desastres naturais	6
11	Famílias	Com 165 crianças de 3 a 18 anos	66
12	Famílias	Com 366 filhos menores de 11 anos	155
13	Mães	Morar na capital ou no interior com idade entre 21 e 39 anos	100
14	Mães	Morar na zona rural	50



15	Mães	Com 827 filhos menores de 5 anos, moradoras da Região Metropolitana do Recife, interior urbano e rural.	807
16	Mães	Com filhos menores de 2 anos	58
17	Pais de zona rural	Nível educacional e status educacional baixos	80
18	Pais de zona urbana	Nível educacional e status educacional altos	80
19	Equipe de Saúde	Profissionais mulheres enfermeiras	-

De todos os trabalhos, 52% (10) objetivavam realizar comparações entre as áreas rural e urbana. Estas comparações eram explicitadas como hipóteses, em cujas fundamentações baseavam-se principalmente uma concepção urbanocêntrica. Como exemplo, há o trabalho de Maridaki- Kassotaki (2000), que sustentava que os pais “urbanos” e de altos índices de escolaridade eram mais cuidadosos com os bebês, pois se envolviam mais e valorizavam a paternidade como uma experiência agradável; Sanchetti (2007) ressalta sobre a diferença entre cuidados de mulheres da capital, na zona urbana, com maior escolaridade e renda familiar, que priorizavam cuidados de estimulação, enquanto as do interior, criadas na zona rural, apresentavam apoio social, de proximidade familiar, de realização e valorização de cuidados primários; Rabinovich e Bastos (2007) e Rabinovich (1999) sobre os modos de morar, de mamar e de dormir em regiões metropolitanas e áreas rurais, em que estas se diferenciam pela rede de relações extensa no cuidado das crianças; Moreira e Biasoli-Alves (2008) sobre as práticas educativas entre mães e filhos na determinação de rotinas diárias, e Pedraza et al. (2008), sobre a participação das crianças nas atividades de agroexportação e doméstica, em que, ambos estudos, revelam uma maior participação das crianças nos trabalhos profissionais e domésticos dos pais, em Famílias moradoras de áreas rurais; Silva, Filho e Miglioli (2008) e Martins et al. (2007) sobre obesidade, anemia e desnutrição, que colocam como um dos fatores de risco as condições de moradia na área rural, para uma vida saudável das crianças e suas Famílias. E, por último, Ribeiro e Siqueira (2010) sobre avaliação da atenção à saúde, que, contrariamente da hipótese traçada, não perceberam diferenças entre o urbano e o rural, pois a amostra dos dois contextos são consideradas de classes desfavorecidas.

Dos 9 trabalhos restantes, que não fazem comparação entre o urbano e o rural, (47%) evidenciam preocupação com as características concretas do contexto e das populações locais; 6 deles tratam das nuances do dia a dia das crianças e suas Famílias,

como organização familiar, rotinas e atividades diárias e sono; 2 sobre aleitamento materno e 1 investiga o estado nutricional de crianças e as relações de trabalho em uma Família.

### Bibliografia levantada nas bases internacionais

São apresentados a seguir os resultados gerais do levantamento bibliográfico realizado na base internacional PsycINFO.

Tabela 4. Resultado geral do levantamento bibliográfico internacional

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO BASE DE DADO INTERNACIONAL						
PsycINFO						
Intersecção entre palavras-chave (PC)			Resultado		Excluídos	Selecionados
			Artigos	Dissertação		
Rural	Family	Newborn	19	1	16	4
		Baby	21	2	14	9
		Infant	94	16	75	35
		Toddler	17	5	18	4
		Newborns	9	0	9	0
		Babies	17	1	12	6
		Toddlers	12	3	7	8
		Infants	74	13	78	9
TOTAL			263	41	229	75

Fonte: Produção acadêmica internacional sobre as crianças de 0 a 3 anos residentes em área rural (1956-2013).

No primeiro cruzamento, realizado com as palavras *Newborn* e *Newborns*, dos 29 estudos obtidos, 28 são artigos e 1 é uma dissertação. Dos 29 encontrados, 4 eram repetidos e 21 estudos apenas citavam o recém-nascido. Os estudos excluídos versavam sobre a atuação profissional de práticas de saúde em relação a diversas doenças e comportamentos de riscos, como cuidados obstétricos e mortalidade (6); intervenção terapêutica e de enfermagem (6); depressão pós-parto e violência íntima (3); tabagismo (1); HIV (1); condições de pobreza (2); e 2 no nome da revista *Journal of Obstetric, Gynecologic & Neonatal Nursing: Clinical Scholarship for the Care of Women, Childbearing Families & Newborns*. Os 4 trabalhos estão listados no Apêndice A (Tabela 12).

Com a palavra *Baby* e *Babies*, foram encontrados 41 resultados (38 artigos e 3 dissertações). Foram descartados 9 por repetição e 17 somente citavam a palavra. Estes tratavam dos seguintes assuntos: avaliação de práticas de saúde (7); comportamentos de

riscos (4); saúde nutricional no puerpério (1); geração “*babyboomers*” (1); reprodução com sujeitos de ambiente urbano (1); velhice (2) e casamento e idade (1). Os 15 trabalhos estão listados no Apêndice A (Tabela 13).

Com a palavra *Toddler* e *Toddlers*, foram encontrados 22 resultados, sendo excluídos 2 pelo tema da qualidade ambiental de creches rurais e 8 que tratavam de avaliação de programas de saúde. Os 12 trabalhos listados estão no Apêndice A (Tabela 14).

Com as palavras *Infant* e *Infants*, dos 197 resultados obtidos, 184 são artigos e 13 dissertações. Foram excluídos 66 pela repetição das buscas anteriores, 40 com faixa etária acima de 3 anos e 7 livros e capítulos de livro. Os livros e capítulos tratavam dos serviços de pré-escola e saúde mental (2), mortalidade (3), surdez (1), parto (1) e avaliação dos serviços de saúde (1). Outros 40 foram excluídos por não tratarem diretamente das práticas e relações entre crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias. Os temas abordados nesses 40 trabalhos eram: mortalidade infantil (13); depressão perinatal e pós-parto (6); avaliação de programas de saúde e de intervenção (16); fertilidade e parto (5). Ao final, com essas palavras, foram selecionados 44 trabalhos, que estão listados no Apêndice A (Tabela 15) .

Os 75 trabalhos estão dispostos entre os anos 1956 e 2013:

Tabela 5. Distribuição da produção acadêmica segundo os anos pesquisados

Ano	N
1956	1
1957	0
1958	0
1959	0
1960	0
1961	0
1962	0
1963	0
1964	0
1965	0
1966	0
1967	0
1968	0
1969	0
1970	0
1971	0
1972	0

<b>1973</b>	0
<b>1974</b>	0
<b>1975</b>	0
<b>1976</b>	0
<b>1977</b>	1
<b>1978</b>	1
<b>1979</b>	0
<b>1980</b>	0
<b>1981</b>	0
<b>1982</b>	1
<b>1983</b>	1
<b>1984</b>	1
<b>1985</b>	1
<b>1986</b>	1
<b>1987</b>	1
<b>1988</b>	0
<b>1989</b>	0
<b>1990</b>	0
<b>1991</b>	1
<b>1992</b>	0
<b>1993</b>	1
<b>1994</b>	0
<b>1995</b>	0
<b>1996</b>	1
<b>1997</b>	1
<b>1998</b>	1
<b>1999</b>	3
<b>2000</b>	0
<b>2001</b>	2
<b>2002</b>	1
<b>2003</b>	1
<b>2004</b>	1
<b>2005</b>	7
<b>2006</b>	0
<b>2007</b>	3
<b>2008</b>	14
<b>2009</b>	7
<b>2010</b>	4
<b>2011</b>	4
<b>2012</b>	7
<b>2013</b>	6

Ao todo, foram selecionados 65 artigos e 10 teses e dissertações, somando 75 trabalhos.

Com relação aos 65 artigos, a distribuição de acordo com as áreas de conhecimento é: 32,3% Psicologia (N=21); 26% Saúde Coletiva e Pública (N=17); 9% Medicina (N=6); 3% Pediatria (N=2); 3% Saúde Rural (N=2); 1,5% Psiquiatria (N=1); 1,5% Saúde Mental (N=1); 1,5% Saúde Mental (N=1); 1,5% Epidemiologia (N=1); 1,5% Fonoaudiologia (N=1); 1,5% Enfermagem (N=1); 1,5% Etologia (N=1); 1,5% Sociologia (N=1); 1,5% Humanas (N=1); 6% em revistas interdisciplinares sobre Família (N=4); 4,6% em Antropologia (N=3); e 3% em Educação (N=2).

Englobando as áreas de Saúde Coletiva e Pública, Saúde Mental, Epidemiologia, Enfermagem, Medicina, Pediatria e Psiquiatria, em um único bloco, têm-se 50% (N=33) dos estudos em Ciências da Saúde. As Ciências Sociais e Humanas seriam responsáveis por 44% (N=29), sendo que os estudos de Família estariam na interface destes com o bloco da Saúde. Ou seja, aproximadamente 50% de cada lado.

As 10 dissertações lidas em seus títulos e resumos distribuíram-se principalmente por sua vinculação à seção de Ciências e Engenharia (Castleman, 2007; Seed, 1999; Lunney, 2008; Jensen, 1997; Morris, 1999; Hibel, 2013; Abraham, 2007; Goodman, 2013; Barnett, 2007a) vinculadas a universidades norte-americanas. Uma única produção está vinculada à seção de Humanidades e Ciências Sociais (Ball, 2012), também produzida em uma universidade estadunidense.

Do conjunto dos 75 trabalhos, os temas tratados foram: parentalidade, em referência aos cuidados, conflitos e relação parental, com 16% (N=12); desenvolvimento humano, em referência à psicopatologia, à linguagem, à comunicação, entre outros 16% (N=12); emoção, em referência à excitação emocional, emoção materna, disparidade emocional, raiva, entre outros, com 9% (N=7); amamentação e programas de aleitamento materno 8% (N=6); relações intergeracionais entre avós, mães, netas e netos, com 8% (N=6); alimentação, em referência à nutrição, desnutrição e práticas alimentares, com 6% (N=5); cuidado exclusivo materno, com 6% (N=5); nascimento, em referência ao planejamento familiar, com 4% (N=3); saúde neonatal e materna com 4% (N=3); relações familiares em torno do tema mortalidade infantil, com 4% (N=3); cuidado exclusivo paterno, com 4% (N=3); contexto de desenvolvimento, em se tratando do ambiente, da moradia e da vizinhança, com 4% (N=3); práticas de ritual e crenças populares, com 2,6% (N=2); por último, com 1% (N=1) cada, os temas sono, punição corporal, infanticídio, trabalho e transmissão do HIV.

Sobre o tipo de metodologia utilizada, 72% declaram-se como quantitativos (N=54); 22% qualitativos (n=17) e 5% (N=4) como multimétodo (quantitativo e qualitativo). Os estudos quantitativos utilizam predominantemente escalas (50%, n=27), seguidos de visitas domiciliares e questionário (9%, n=5 cada), entrevistas estruturadas (11%, n=6), e o restante se divide em inquérito, vídeogravações, programa eletrônico, exames biomédicos, etnografia, dados demográficos e medidas antropométricas (1,8%, n=1 cada). No âmbito dos estudos qualitativos, 7% utilizaram como desenho de pesquisa longitudinal (n=4).

Do bloco de pesquisas qualitativas, etnografia (41%, n=7), entrevista (35%, n=6), estudo de caso (11%, n=2) e o restante em videogravações, observação, psicoterapia e 5% das pesquisas qualitativas utilizaram o desenho da pesquisa longitudinal (n=1).

As pesquisas que se tratam como quanti e qualitativa utilizaram somente entrevista.

Os sujeitos participantes das pesquisas podem ser verificados no quadro a seguir:

Tabela 6. Sujeitos das pesquisas e condições de participação

	Sujeitos da pesquisa	Condições de participação	N
1	Avós	Moradoras de áreas com fortes mudanças sociais e demográficas em relação ao número de idosos em uma área rural dos EUA.	158
2	Avós e mães	Quatro diferentes ambientes culturais: Famílias urbanas alemãs de classe média (41 mães, 22 avós); Famílias urbanas de classe média indiana (36 mães e 12 avós), rurais camaroneses (29 mães e 20 avós) e urbanos (28 mães e 12 avós). Famílias com crianças de 3 meses de idade.	200
3	Avós e mães	Áreas rurais de baixa renda de domicílios multigeracionais.	105
4	Bebês	Nascimentos em diferentes municípios de Apalaches, urbanos e rurais.	4144
5	Bebês	Meninos e meninas de lares economicamente tensas, rurais e semi-rural, entre as idades de 18 e 48 meses.	120
6	Bebês	Rurais da Guatemala de 8,12 e 16 meses.	52
7	Bebês	Filhos de gravidezes indesejadas de áreas rurais da Índia com altos índices de mortalidade neonatal e infantil.	2108
8	Bebês	217.064 nascimentos de uma comunidade indígena americana Aian rural e 5.032.533 nascimentos de uma comunidade rural não hispânica branca. Provenientes de regiões com altos índices de mortalidade infantil.	5.249.597
9	Bebês	Normais de áreas rurais de duas cidades chinesas: Xangai e Changzhi, da província de Shanxi.	400
10	Comunidade e	Jovens casados em idade precoce do Vietnã.	-
11	Comunidade e	Sub-distritos com taxa de mortalidade significativa em Bangladesh.	-
12	Comunidade	Vila de Pescadores de Israel.	-

	e		
13	Comunidade	Famílias provenientes de áreas rurais em conjuntos urbanos ignorantes na Índia.	-
14	Comunidade	Comunidade Etiópia patrilinear em função da ausência do pai e sexo.	-
15	Comunidade	Crianças submetidas a rituais de alto risco em uma sociedade central africano rural, Zaire.	10
16	Comunidades	Rural mexicano.	2
17	Comunidades	Famílias de dois grupos étnicos africanos.	-
18	Comunidades	Duas comunidades bolivianas Qaqachaka e Ancoirames, com altos índices de infanticídios por crenças religiosas e coletivas, tendo diferenciação entre gênero.	-
19	Crianças	Nascidas dentro de 10 anos antes da pesquisa em Moçambique com alto índice de mortalidade infantil.	9142
20	Cuidadores e as mães	De crianças com menos de 5 anos na vila de Biye, comunidade rural do noroeste da Nigéria.	119
21	Díade mãe-bebê	Mulher com passado histórico e condições de vida inadequadas para ter um bebê, precisando de ajuda para cuidar dele.	1
22	Díade mãe-bebê	Mulheres infectadas e seus bebês com o vírus HIV.	43
23	Díades mãe-bebê	Diversidade de etnia entre bebês nascidos de baixo peso (<2500).	83
24	Díades mãe-bebê	Crianças mexicanas com 1 a 24 meses de idade, sendo selecionadas 30 díades mãe e criança (16 com depressão e 14 saudáveis).	122
25	Díades mãe-bebê	Crianças com idade de 15 e 24 meses de idade de um bairro em desvantagem em comunidades rurais dos EUA.	1157
26	Díades mãe-bebê	Racialmente diversificada, predominantemente de baixa renda e de comunidades rurais.	1102
27	Díades mãe-bebê	Baixa renda em ambientes rurais com filhos com idade de 15 e 24 meses de idade.	82
28	Díades mãe-bebê	Baixa renda de comunidade rurais no norte de Nova York.	49
29	Díades mãe-bebê	Grávidas acompanhadas pré e pós parto, testadas para o HIV, seus bebês de áreas rurais de Uganda.	981
30	Díades mãe-bebê	35 Famílias de língua espanhola urbanas, classe média-alta e 31 rurais indianas Famílias camponesas.	66
31	Díades mãe-bebê	Crianças em estado de sintomatologia negativa e suas mães de baixa renda em áreas rurais dos EUA, sendo 66 daquelas em final pré termo.	132
32	Díades mãe-bebê	Famílias com casos de violência entre parceiros íntimos. Racialmente diversificadas e predominantemente de baixa renda, de comunidades rurais.	702
33	Díades mãe-bebê	Bebês de até 6 meses que frequentam as clínicas do governo no distrito de Klang, Malásia Peninsular.	682
34	Díades mãe-bebê	Crianças da comunidade Karo Batak de duas vilas rurais no Norte de Sumatra, Indonésia.	24
35	Díades mãe-bebê (6)	Crianças com idade de 15 e 24 meses de idade de um bairro em desvantagem em comunidades rurais dos EUA.	1292
36	Família	Com filho prematuro de baixo peso que vive no rural texano.	1
37	Famílias	Baixa renda, que vivem em comunidades predominantemente rurais e com indício de violência por parceiro íntimo.	705
38	Famílias	Bebês com necessidades especiais de nove estados americanos.	-
39	Famílias	Dois conjuntos: de malaios rurais e de chineses com recém nascidos.	12
40	Famílias	Sul da Asia, residentes em Bangladesh, India e Paquistão.	-

41	Famílias	Hindus e Jain Gujarati com crianças de até 4 anos urbanas e rurais	70
42	Famílias	Italianos e americanos urbanos e rurais primogênitos de 20 meses de idade, meninos e meninas.	182
43	Famílias	Dois regiões rurais pobres dos EUA com filhos de até 15 meses de idade.	1292
44	Famílias	Crianças de 2,5 e 3 meses, de duas sociedades agrícolas, Rajput indiano e camaronesa, e de classe média urbanas alemãs.	-
45	Famílias	Recém nascidos e suas Famílias de áreas rurais dos EUA. E um estudo etnográfico com 30 Famílias da amostra.	1292
46	Famílias (2)	Economicamente desfavorecidas em que mães e avós juntas cuidam das crianças.	105
47	Famílias (2)	Argentinos, italianos e americanos que vivem em ambientes rurais e metropolitanos, com crianças de até 5 e 20 meses de idade.	220
48	Mães	Grávidas rurais vítimas de abuso ou não de baixa renda	616
49	Mães	Bebês únicos com aproximadamente 24 meses de idade, que frequentavam clínicas em quatro centros de cuidados primários de saúde urbanos e rurais.	641
50	Mães	Mães rurais e urbanas do sul do Líbano com bebês de até 18 meses de idade.	253
51	Mães	Mulheres canadenses de classe média que tiveram filhos na mesma época e se localizavam geograficamente distantes.	40
52	Mães	Baixa renda, primíparas, que vivem em municípios rurais no estado do sudoeste dos EUA.	40
53	Mães	De área rural com alta probabilidade de amamentar até 3 meses pelo menos.	252
54	Mães	Presentes para vacinar suas crianças na idade de 6 meses em unidades básicas de saúde em Al-Hassa, Arábia Saudita.	1801
55	Mães	Cujos filhos estavam com a idade de 54 meses, que vivem em municípios considerados 50% rural em Missouri..	18
56	Mães	Ciganas que vivem dentro e ao redor de Gilvanfa e de outra comunidade não cigana húngara que vivem em uma aldeia predominantemente étnica húngara.	137
57	Mães	Rurais e urbanas com crianças de 0 a 18 meses na área de Illesa do Estado de Osun.	201
58	Mães	Amostra representativa da população rural de Diandong, China. Sendo que 304 casos de morte infantil, 34 nascimentos ainda, 9 adoções, 987 casos de sobrevivência para um total de 1334 nascimentos no período de 3 anos.	1062
59	Mães adolescentes	Menores de 20 anos, mães primíparas.	63
60	Mães, avós, pais, profissionais de saúde e mulheres mais velhas das comunidades	Áreas rurais e urbanas no norte e no sul do Vietnã.	118
61	Mães	Grávidas no terceiro trimestre de gravidez, moradoras de uma área predominantemente rural no Sul da Ásia, na África Sub-Sahariana, em Butajira, com altos índices de desnutrição infantil. E depois do nascimento seus filhos.	1065
62	Pais	Pastores de Gabbra.	5000
63	Pais	Vila de Pescadores em um Newfoundland outport.	-
64	Pais	Rurais com experiências de estresse no trabalho.	492
65	Pais	Vivem em seis municípios rurais de baixa renda não metropolitanos	446



		na Carolina do Norte e Pensilvânia.	
66	Pais e Mães	Amostra de casais, sendo metade de nível educacional de ensino médio e a outra superior residentes em área rural.	234
67	Pais e Mães	Biparentais rurais muçulmanas malaios residentes na Península da Malásia.	50

São, em suma, amostras extensas com critérios e hipóteses baseadas em um olhar substancialmente voltado para as condições de existência, em suas precariedades e seus riscos de morar e viver em áreas rurais, seja pela questão econômica (n=19, 25%) e, mais especificamente, para os estudos de saúde (n=42, 56%) que os descrevem pela escassez de serviços de saúde e informação, cuidados de retenção dos profissionais de saúde, serviços de transporte, oportunidades de emprego e disponibilidades de serviços públicos.

Olhando para as pessoas participes dos dias das crianças, as amostras revelam que cerca de 27% (n=20) são realizados com amostras formadas por díades mãe-bebê; e 17% (n=13) com as mães. Enquanto, somente 5% (n=4) com os pais e 2,6% (n=2) com pais e mães juntos. Fora do modelo nuclear pai, mãe e filho, a única pessoa referenciada é avó em 4% (n=3). Há, ainda, estudos com comunidades 12% (n=9). E a restrição para diferentes atores em rede, como pais, mães, irmãos, avó, profissionais de saúde (1%, n=1).

Hipóteses são levantadas com a expectativa quase inquestionável de comprovação. Ao estipular condições de participação, elas, de forma tendenciosa, transformam-se nos próprios argumentos para a falta de conhecimento e as debilidades enfrentadas pelas populações rurais. Nos trabalhos levantados, somente um reconhece que a hipótese foi negada; entretanto, Medhin et al. (2010) ressalta que, ao levantar a hipótese da culpabilidade da condição mental materna pela desnutrição infantil em uma amostra de 1065 mulheres africanas, deveria ser repensada a metodologia de estudo para comprová-la e não a correlação.

Em relação à literatura nacional, verificamos o número de trabalhos voltados para a comparação entre as áreas rurais e urbanas (52%, n= 10). Na literatura internacional, este número comporta 17% da amostra (N=13). Chama-nos a atenção a forma de descrição dos sujeitos. São descritos como homens, mulheres e crianças rurais. Sendo que, há estudos que não discriminam nem pelo gênero nem pela faixa etária, mas exclusivamente pelo termo “os rurais” associando-os à precariedade inerente e natural da situação de domicílio.

Nessa amostra selecionada, 21% são produzidos por um mesmo grupo de pesquisa responsável pelo projeto *The Family Life* (n=16), vinculado ao *Frank Porter Graham Child Development Institute*, da *University of North Carolina* em Chapel Hill. Como, Barnett (2007a, 2008b) sobre as relações intergeracionais entre avós, mães, netos e netas; Blair et al. (2008) sobre as contribuições maternas infantis a exaltação emocional; Hibel, Granger, Blair e Cox (2009a, 2011b) e Gustafsson, Cox e Blair (2012) sobre implicações adrenocorticais e emocionais maternas e infantis à primeira infância na exposição à violência doméstica; De Marco e Vernon-Feagans (2013) e Vernon-Feagans et al. (2008) sobre as características da criança e do meio ambiente da parentalidade na influência da língua materna sobre o desenvolvimento precoce da linguagem; Hibel (2013) sobre os conflitos interparentais e sua influência na atividade adrenocortical, na primeira infância; Pancsofar e Vernon-Feagans (2010) sobre a importância dos pais no desenvolvimento precoce da linguagem; Pancsofar, Vernon-Feagans e Odom (2013) sobre as características do trabalho paterno e vocabulário dos pais para o desenvolvimento precoce da linguagem; Burchinal, Vernon-Feagans e Cox (2008) sobre o risco social; Flower et al. (2008) sobre a amamentação; Goodman, Crouter, Lanza e Cox (2008) sobre as relações entre pais e filhos e suas características. Voegtline e Stiffer (2010) sobre a negatividade em torno de bebês prematuros; e Abraham, Crais, Vernon-Feagans (2013) sobre a linguagem materna durante a leitura de livro para seus filhos.

### **Um olhar para o tecido**

Nos estudos analisados, o rural é geralmente tratado pelo prisma do binômio saúde-doença. Na amostra encontrada de 319 trabalhos, dos quais 94 foram selecionados, há um contingente de trabalhos que primam pela avaliação compulsória de programas de saúde governamentais, como a única política necessária para os povos que residem em áreas rurais (n=45, 15%). O caráter pejorativo ou negativo do rural aparece ainda em pesquisa que busca intervir nas relações de cuidado entre avós, pais, mães, filhos e filhas (Knoche et al.,2012), quando destaca o fator da baixa renda na interpretação das relações entre familiares (Voegtline & Stifter, 2010) e na descrição das práticas culturais de alguns povos do campo, como o infanticídio (De Hilari, Condori & Dearden, 2009).

A inferioridade atribuída ao contexto rural é percebida ainda em estudos que procuram analisar programas de metas no cuidado da criança (Martinez, 1986), o efeito do contexto urbano e rural na saúde materno e infantil (Zurayk & Gangarosa, 1982) e mudanças culturais no ajustamento dos imigrantes nas montanhas (Kohls, 1956). São pesquisas que descrevem o campo pelas enfermidades, pela falta de conhecimento, e pela superioridade do urbano dada pelas condições econômicas. Destaca-se que 45 (15%) dos artigos e dissertações almejavam realizar alguma intervenção ou avaliar algum programa necessário para populações de baixa renda do campo, sendo que alguns focalizavam as metas e as práticas de saúde idealizadas por profissionais (Martinez, 1986; Zurayk, Tawil & Gangarosa, 1982; Silva, Batista Filho & Miglioli, 2008; Sichieri et al., 1993; Ribeiro, Siqueira & Pinto, 2010; Assis et al., 1994; Marques et al., 2009). Na maioria, esses são estudos empíricos e quantitativos situados no âmbito do conhecimento das ciências da saúde.

A diversidade dos povos do campo brasileiro diferencia-se dos territórios rurais de outros países, por isso, durante a categorização dos dados, um olhar atento para a definição do rural no contexto internacional foi mantido. Somente três artigos das bases internacionais identificam as populações do campo investigado, sendo índios americanos e pescadores (Kohls, 1956; Firestone, 1978; Baldwin et al., 2009). A produção acadêmica brasileira não se diferenciou nesse sentido, pois dos 19 estudos selecionados na base nacional, somente dois especificaram a população rural que investigava, sendo ela: quilombolas e pequenos produtores rurais (Assis et al., 1994; Reimao et al., 1999).

Os trabalhos apontam para duas realidades: as precariedades do ambiente rural, pelo isolamento geográfico e falta de interesse público; a vida que ali se enraíza e ainda pulsa vivente como merecedora de olhares para suas cotidianidades.

As pesquisas apontam que o risco de morte é substancialmente aumentado para os nascimentos pobres rurais, bebês nascidos de mulheres residentes em grupos rurais e economicamente deprimidas, conforme aparece no estudo realizado no sul da Appalachia, cidade localizada no estado norte-americano de Virgínia (Bailey & Cole, 2009). Também aparece para as crianças chinesas em torno da política de planejamento familiar (Li, 2004) ou para as crianças africanas de mães contaminadas pelo HIV (Lunney, 2008).

Baldwin et al. (2009) retratam que os índios americanos e nativos do Alasca nascem, inadequadamente, com taxas inferiores de participação da mãe em pré-natal, desde a década de 90, em torno de 26%; assim como morrem das piores formas com taxas de mortalidade neonatal, na mesma época, em torno de 4,8 por mil. Isto também é semelhante para as crianças libanesas residentes em áreas rurais, que são consideradas inferiores as crianças de áreas urbanas “em termos de formação de padrões familiares, imunização e cuidadores” (Zurayk, Tawil & Gangarosa, 1982).

A precariedade dos serviços ofertados às crianças e suas Famílias é declarada, na maioria dos estudos, pelas comparações entre a oferta do serviço público de saúde, as condições desumanas de moradia, a falta de conhecimento (Baldwin et al., 2009). Para Flower et al. (2008), a população investigada desconhece informações primárias de cuidados de recém-nascidos, como, por exemplo, as potencialidades da amamentação para a sobrevivência de seus filhos. Por outro lado, há estudos que reconhecem que as mães rurais de baixa renda, mesmo possuindo baixa escolaridade, são mais propensas a amamentar exclusivamente seus bebês do que as mães urbanas (Amin et al., 2011).

No geral, um olhar para as pesquisas permite compreender que há uma sobreposição ao conhecimento local construído por estes povos e também certa imposição institucional nas relações de cuidado de “como deve ser feito”, “com quem”, “por que”, constantemente foco de intervenção. Isto, especialmente, ocorre em relação às práticas e condições das mulheres.

Os trabalhos discutem e por vezes propõem: o controle das formas e a normalização da amamentação (Flower et al, 2008); que as mães adolescentes são fatores de risco para parentalidades menos sensíveis, que resultam em comportamentos negativos das avós (Barnett, 2008); o controle do ambiente de parentalidade para resguardar o risco social inerente para as habilidades cognitivas dos bebês devido as inabilidades parentais iniciais dos pais (Burchinal, Vernon-Feagans & Cox, 2008); as incapacidades das mães que optam parar de amamentar, mas não fornecem uma dieta de substituição adequada (Lunney, 2008); as variáveis dos riscos e dos benefícios da vida no campo em familiares de diferentes gerações (Barnett, 2008).

Dialogando a revisão bibliográfica com Williams (2011), a própria existência de duas palavras como “campo” e “cidade” para definir comunidades humanas, já configura como uma forte representação do que estas palavras representam para a vivência humana dos sujeitos que compõem estas comunidades. Para o autor, “na longa

história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente essa ligação com a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana” (p.11). Enquanto a cidade torna-se uma destas realizações humanas, o campo passa a ser associado, em determinado momento histórico, a uma forma natural de vida, onde reinaria a paz, a inocência, as virtudes simples, que possibilitariam os sujeitos viverem em liberdade. Para o autor, em contrapartida, suas necessidades não são postas em pauta, pela compreensão de que a humanidade caminha para os ideais de urbanidade e, portanto, o foco das políticas públicas são voltados para a estruturação deste ideal.

Diante desta apreensão sobre o campo e a cidade, os bebês do campo vivenciam os silenciamentos da política e da academia devidos à ausência de programas destinados aos povos do campo, bem como de conhecimento produzido sobre os elementos da sua cultura.

Nas pesquisas, as diferenças culturais, seja em crença religiosa (Goblet-Vanormelingen, 1993) ou social (De Hilari, Condori & Dearden, 2009) aparecem em alguns trabalhos, o que nos faz questionar sobre como estas diferenças compõem a sobrevivência diária no campo.

Algumas pesquisas apontam que, nessa sobrevivência, há a transmissão geracional de conhecimentos, pelas relações entre avós, mães, netas e netos (Spence & Black, 2001; Lamm et al, 2008; Barnett, 2007, 2008; Pedraza, Vásquez, Zapata & Bueno, 2008, Fernandes & Boehs, 2013). Esses saberes são identificados nas peculiaridades culturais nos cuidados e na educação das crianças de 0 a 3 anos (Woodson & Da Costa-Woodson, 1984; Bornstein et al., 2012; Gojman et al., 2012; Tan, 2009), nas características sociais e ambientais das relações familiares (Rabinovich, 1998; Rabinovich & Bastos, 2007; Hibel et al., 2009; Tan, 2009). Além da relação entre gerações, há ainda a própria experiência social dos familiares com outras crianças e outros filhos e filhas (LeFevre et al, 1987) e o cuidado entre irmãos e irmãs (Rabinovich & Bastos, 2007). A pesquisa de Triana, Ávila e Malagón (2010) revela que as crianças mexicanas participam de atividades para ajudar seus pais e mães: cuidam uma das outras e lavam louça; os irmãos mais velhos acompanham os pais nas jornadas agrícolas da agricultura de exportação, carregando os filhos menores de 5 anos, dando água e comida, e ajudando na produção.

Propriamente, as relações entre avós e netos revelam contato frequente entre eles e a prestação de assistência, dando conselhos, preparando refeições e cuidando na ausência de seus pais e de duas mães (Spence & Black, 2001). Nessas práticas de cuidados dispensados às gerações dos bebês, as avós defendem que não há interferência em suas atividades diárias, quando estão com os netos e as netas, mesmo que isto signifique incluir estes cuidados na reorganização da vida, na terceira idade. No caso dos cuidados dos bebês partilhados com os pais, empreendidos pelos irmãos e irmãs, o impacto na vida dos cuidadores é grande. Em um dos trabalhos, evidencia-se a dificuldade da filha mais velha de participar de atividades das quais gostava, pois seus tempos fora da escola eram dedicados ao cuidado da Família (Rabinovich & Bastos, 2007).

Rabinovich (1998), em estudo em comunidades rurais no interior do Piauí, comparadas a bairros metropolitanos da capital paulista, evidencia que, independentemente do tipo de organização familiar – extensa ou nuclear – o coletivo familiar ocupa-se das lidas domésticas, incluindo o bebê. Entretanto, a mulher, seja ela avó ou mãe, atendia mais a criança. Mas, mesmo assim, era evidente a rede familiar em torno do bebê, nas ausências da mãe e na partilha de algumas atividades. O contato entre mãe e bebê era garantido pelo dormir junto, que implicava no aleitamento noturno e no acolhimento dos choros neste período. A responsabilidade da mãe pela amamentação é evidenciada a partir das compreensões dos profissionais de saúde, que a tratam como obrigação da mulher, como ato primordial instintivo e biológico (Marques et al., 2009). Na linha da intervenção e institucionalização das relações familiares, ela é vista principalmente pela ótica dos benefícios ao bebê, sendo defendida, geralmente pelos profissionais, pela falta de conhecimento dos povos do campo, a intervenção, a capacitação e o planejamento de ações de saúde em nível local.

O recorte de gênero não aparece apenas nas pretensões ou indicações das pesquisas. Ele manifesta-se nas culturas locais das populações rurais investigadas.

O estudo de Rabinovich (1998) e os outros referenciados, como vimos, indicam que há uma rede de cuidados das crianças pequenas por diferentes atores, além dos avós. Segundo (Lasky et al., 1983), há cuidados típicos a tipos específicos de interações sociais. A mãe, contudo, aparecia, na década de realização de sua pesquisa, como principal cuidadora, embora partilhasse o cuidado com o pai, a rede familiar e profissionais de saúde; ela responde pelos cuidados dos filhos pequenos, orienta,

ordena pela maior parte do transporte, questiona, ensina e proíbe o que achar necessário e permitido para o filho ou a filha.

A discriminação de gênero e de suas responsabilidades é algo que faz parte não só da divisão de tarefas dos adultos responsáveis pelas crianças, mas também como um elemento da significação do que deve ser ensinado aos filhos. Wilhem (2005), que trata dos comportamentos maternos, identifica quais são as obrigações das meninas e dos meninos na rotina diária: aquelas são responsáveis pelas atividades domésticas, enquanto estes por ajudar na roça, buscar lenha, limpar gravetos e também pelo serviço das meninas de lavar e secar louça. Além disso, as crianças ajudam entre si a cuidar da casa, da roupa e dos irmãos. Há uma identificação que a feitura da comida é uma responsabilidade dos adultos ou da filha mais velha (Rabinovich & Bastos, 2007).

Há, portanto, uma diferenciação das relações de gênero, que se reflete também no envolvimento paterno. Ele é dado como significativo quando se trata de pais que possuem horários flexíveis do padrão, vocabulário diversificado e disposição de estimular seus filhos (Pancsofar et al, 2013). Maridaki-Kassotaki (2000) defende, ainda, que a paternidade, tanto para pais moradores de áreas urbanas, como para moradores de áreas rurais, é uma experiência agradável; entretanto, para eles, como homens esta responsabilidade de educar causaram-lhes muita tensão psicológica.

Sobre as expectativas e as relações entre os membros da Família e a criança de 0 a 3 anos, destacam-se os estudos que retratam: a socialização e a interação entre pais e filhos em uma vila de pescadores (Firestone, 1978); a prevalência da partilha da cama entre mãe e bebê (Tan, 2009); a descrição comparativa entre crianças urbanas e rurais, a partir das expectativas paternas e maternas do modo como significam o desenvolvimento de seus filhos (Sinha, 1977); a educação compartilhada entre os membros da Família diante do sofrimento das mães, provocado por violência doméstica (Medhin et al, 2010).

Pais, mães, avós, irmãos, entre outros, compõem as redes de interações das crianças. Dependendo das expectativas desses sujeitos e de suas significações sobre as relações e o ambiente, eles se organizam de diferentes formas, o que resulta em especificidades no cuidado com a criança.

Segundo Sachetti (2007), há uma diferença nos cuidados dos familiares residentes em ambientes urbanos dos de ambientes rurais: enquanto os primeiros são, predominantemente, orientados culturalmente pela independência, os segundos pela

interdependência autônoma-relacional. Isto se revela, naqueles, valorizando cuidados de estimulação e, nestes, apresentando alto grau de apoio social, de proximidade familiar, de realização e valorização dos cuidados primários. Ambos estabelecem metas de socialização autônomas e práticas autônomas e relacionais.

Para Rabinovich e Bastos (2007), o enraizamento e o modo de apego ao lutar dentro da trama familiar podem ser um circunscritor das empreitadas familiares, em que as Famílias se organizam de forma a garantir a subsistência e também manter-se na comunidade rural. O estudo foi realizado em uma comunidade quilombola, reestruturada através de um projeto social comunitário, que garantia a construção das casas da comunidade, por meio de mutirões, com vistas à manutenção das Famílias, no espaço. A forma de organização das Famílias e de seus modos de viver em comunidade definem as atividades, os espaços, os diferentes cuidadores e os cuidados para as crianças de 0 a 3 anos. Configuram-se, portanto, em uma mesma comunidade, diferentes ambientes. Em Rabinovich (1999), que estudou comunidades rurais no interior do Piauí, o lugar definia ainda a alimentação substituta e complementar ao leite materno, através da inclusão de mingau gomoso à base de farinha de mandioca, alimento típico do nordeste brasileiro.

No estudo de Wilhelm (2005), as especificidades do cuidado são compreendidas pela perspectiva das mães. A partir de sua curiosidade sobre o que as mães consideram cuidar, as obrigações das mães e dos filhos, as brincadeiras, os tipos de restrições feitas e o que as mães consideram ser suas atribuições e dos pais, a autora evidencia que há a compreensão de que cuidar significa atender às necessidades básicas, como higiene, alimentação. Para realizá-las, os filhos permanecem ao longo do dia na companhia das mães, e suas necessidades e vontades são inseridas nas rotinas diárias de cada Família. A autora defende que os comportamentos maternos são influenciados pelas peculiaridades do meio rural e pela história de vida de cada mãe. Entre as atribuições destas pessoas com filhos entre 0 a 3 anos estão: cuidar dos filhos, dar comida, cuidar da higiene, dar estudo e manter o filho na escola, educar, dar atenção, dar amor, oferecer o melhor que pode e dar tudo dentro do limite. Para elas, os pais têm a mesma função que a mães, tendo que estar presentes e ajudar a cuidar dos filhos.

Sobre a participação dos próprios bebês e crianças nas atividades cotidianas, para Moreira e Biasoli-Alves (2008), há um elemento relacional na decisão das atividades e cuidados diários das crianças de 0 a 3 anos. Seus resultados revelaram que,



nas atividades diárias com a criança, decisões sobre o que comer, dormir, brinquedos, atividades e horários, por exemplo, não são tomadas apenas pelas mães. O papel da criança é grande, seja escolhendo individualmente, seja na negociação da escolha, conjuntamente com a mãe. As autoras descrevem as diferentes rotinas diárias em relação às mães do interior rural paulista e outras de uma capital nordestina. Nessa descrição, aparecem a determinação conjunta entre mães e filhos e a determinação da criança. Em cerca de 60% dos casos investigados, mãe e criança tendem a decidir em conjunto qual a situação da rotina diária.

Segundo Carvalho, Rossetti-Ferreira e Pedrosa (2012), o meio de desenvolvimento é organizado pelos adultos “de acordo com concepções, expectativas e projetos relativos a ela a partir de suas experiências em seus contextos sociocultural. No entanto, segundo Wallon, nas situações cotidianas as crianças sempre têm a escolha do meio sobre o qual aplicar suas condutas”. Assim como no estudo de Moreira e Biasoli-Alves (2008), essa presença da criança também aparece em Reimão et al. (1999), que se debruçaram sobre o hábito de dormir entre pais, mães e filhos, em conjunto, em que 80% dos casos estavam presentes aos 2-3 anos de idade. Assim como, para Tan (2009), crianças com idade entre 1 e 6 meses dormiam em conjunto com os pais. Nos três trabalhos, o hábito de dormir na mesma cama era decidido pela mãe e pela criança, a fim de que esta estivesse próxima e no alcance dos braços dela.

A organização do ambiente é um elemento que se modifica com o nascimento de uma criança. Segundo Woodson e Da Costa-Woodson (1984), que observaram, por um período de 4 a 6 semanas, as diferentes configurações familiares em Famílias chinesas, que vivem em áreas rurais da Malásia, enquanto na Família nuclear malaia as interações criança-cuidador ocorrem em áreas separadas fisicamente do trabalho e da estrutura da cozinha. A Família extensa chinesa, que vive na Malásia, interage com a criança em uma grande sala que continha áreas de cozinha, armazenamento e trabalho. São diferenças na vida social e nos ambientes físicos fundamentalmente culturais.

Há, ainda, diferenças em torno do papel dos cuidadores além dos familiares na resposta aos choros infantis, o contexto de contato físico, e as relações de proximidade entre o bebê e a mãe. Estas diferenças culturais revelam-se em uma diversidade de cuidados e significações sobre eles, como na determinação da iniciação e exclusividade do aleitamento materno entre mães vietnamitas, nos primeiros momentos de vida (Almroth et al, 2008), mães sauditas (Amin, Hablas & Al Qader, 2011), mães libanesas

(Zurayk, Tawil & Gangarosa, 1982); modos de mamar para as crianças brasileiras (Rabinovich, 1999) e as crianças do semiárido baiano (Assis et al, 1994), em que as mulheres decidem, aconselhadas pelo maridos, sobre nutrição, amamentação e fertilidade Também aparecem as especificidades culturais sobre o envolvimento paterno no cuidado dos bebês (Maridaki-Kassotaki,2000) e em comunidades rurais mexicanas, em que as mulheres decidem, aconselhadas pelo maridos, sobre nutrição, amamentação e fertilidade (LeFreve, Kruse & Zweig, 1987). Os conhecimentos maternos e familiares sobre o estado nutricional adequado para bebês e suas Famílias são abordados no caso de Famílias paranaenses (Sichieri et al, 1993), pernambucanas (Silva, Batista Filho & Miglioli, 2008) e do interior paulista no Vale do Paraíba (Martins et al, 2007).

Outros temas ainda são investigados e contribuem para a compreensão das especificidades culturais nas práticas educativas das crianças pequenas, entre eles: vida familiar em comunidade de um quilombo paulista (Rabinovich & Bastos, 2007); a importância de diferentes cuidadores das crianças atribuída pelos guatemaltecos (Lasky et al, 1983); hábitos de dormir em uma comunidade no sul mato-grossense (Reimão et al.,1999); cuidados cotidianos de crianças colombianas (Triana, Àvila & Malagón, 2010), de crianças catarinenses (Sachetti, 2007; Wilhelm, 2005), crianças do interior rural paulista (Moreira & Biasoli-Alves, 2008); modos de morar de crianças piauienses (Rabinovich, 1999); relação com a vizinhança, no caso rural norte americano (De Marco & Vernon-Feagans, 2013).

Sinha (1997), a partir de uma abordagem psicanalítica, evidencia que o elemento cultural na Índia influencia na forma das crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias tratarem a nudez, sem culpa; a diferenciação entre quarto de adultos e de crianças permite acompanhar o coito de seus pais, numa Família interconectada. Para Madhavan (2001), em grupos étnicos africanos, há uma cooperação feminina entre as mulheres, as co-esposas ou irmãs-de-lei, que garantem taxas de sobrevivência mais elevadas entre seus filhos e suas filhas, do que as mulheres que estão em conflito. Segundo a autora, em sociedades africanas, a fertilidade de uma educação infantil bem sucedida está intrinsicamente ligada ao estado da mulher, às relações entre as co-esposas, co-residentes e irmãs-de-lei, em virtude da potencialidade competitiva dos tipos de relações femininas.

Spiro (2005), cujo interesse era estudar a continuidade do papel das mulheres na transmissão de valores morais e religiosos nos rituais da infância, evidencia que as

crenças sobrenaturais definem os cuidados dos bebês e dos outros membros da Família. No estudo de Bornstein et al. (2012), que examinaram a variação cultural entre argentinos, americanos e italianos, as relações afetivas entre as mães e os bebês eram marcadas por características específicas da comunidade e do ambiente: mães e crianças italianas eram mais sensíveis do que as argentinas e as americanas; mães residentes em áreas rurais eram mais intensivas do que as mães metropolitanas.

Debruçando sobre a faixa etária investigada, vários estudos focam a preparação para a oralização das crianças. No estudo de Lasky et al (1983), em comunidades guatemaltecas, as interações de cuidadores e crianças são iniciadas para garantir a guarda das atividades e o componente verbal da relação é considerado com o aumento da idade. Para Morris (1999), forma de organização e de estruturação familiares, definem as competências das crianças. Vernon-Feagans et al (2008), que estabelecem a relação entre a vizinhança e o desenvolvimento da linguagem precoce, defendem que as crianças de áreas rurais desfavorecidas têm pior início de desenvolvimento, incluindo a capacidade verbal e o reconhecimento da leitura. Por outro lado, De Marco e Vernon-Feagans (2013) ressaltam que a vida comunitária entre os membros da vizinhança é um elemento significativo pela socialização coletiva proporcionada, na moderação entre a relação entre a segurança da vizinhança, da qualidade de cuidados infantil e o desenvolvimento da linguagem precoce.

Bornstein et al (2005), a partir de um estudo sobre a inter-relação entre as demandas dos ambientes e os comportamentos adaptativos nas atividades diárias de crianças italianas e americanas urbanas e rurais, revelam que as italianas têm melhor desempenho do que as americanas em comunicação adaptativa e habilidade motora. Em situação de domicílio, as crianças urbanas mostraram habilidades motoras adaptativas superiores às rurais, sendo que estas apresentam mais elevadas as habilidades da vida diária de adaptação. Em se tratando de gênero, as meninas tiveram maiores escores em comportamento adaptativo e habilidades de comunicação de adaptação, enquanto os meninos em habilidades motoras adaptativas.

Keller et al. (2005) e Lamm et al (2008), a partir de um olhar sobre áreas rurais camaronesas e indianas e Famílias alemãs de classe média urbana, retratam que as populações de área rural apresentam metas de socialização interdependentes e relações familiares harmoniosas, obrigatórias para o sistema familiar. Os estilos de cuidados são muito diferentes nas três comunidades; entretanto, as duas comunidades rurais

apresentam similaridades em um padrão de paternidade apoiado no desenvolvimento da comunhão, enquanto o cuidado alemão é orientado para as necessidades biológicas do organismo.

Em Abels et al (2005), sobre as experiências sociais das crianças de comunidades agrícolas chinesas e as crianças urbanas, aparecem diferenças na quantidade de contato olho no olho e atenção exclusiva. As crianças de comunidades agrícolas chinesas experimentam mais contato e, contraditoriamente do que se esperava, também mais contato corporal. Não houve diferenças relativas ao beijo, à estimulação corporal e à estimulação por objetos.

Outra diferença cultural retratada é a sobrevivência dos bebês etíopios a partir da ausência do pai. Verifica-se que essa ausência dobra o risco de um filho morrer na infância. Entretanto, quando se trata de membros femininos da Família, o efeito é inverso sobre o bem estar, melhorando o crescimento e o estado nutricional materno (Gibson, 2008). Isto se deve pela compensação de outros parentes, que, através de uma maior reciprocidade, cuida mais das mães, filhas e irmãos.

### **Considerações gerais sobre o levantamento**

São diferentes as formas de abordagem das investigações acerca das práticas familiares em relação às crianças de 0 a 3 anos de idade. No geral, predominam estudos comparativos da realidade rural e urbana. Em alguns momentos, o rural e suas particularidades são compreendidos em sentido negativo, no apontamento de suas ausências, numa evidente valorização dos modos de vida urbanos.

Também são destacados aspectos e particularidades culturais, evidenciando diferenças nos cuidados da criança em relação ao gênero, à participação dos diferentes membros das Famílias, às práticas de amamentação e alimentação, às crenças e valores, às expectativas de desenvolvimento e os incentivos para as interações face a face e com objetos.

O levantamento bibliográfico permitiu compreender o desafio que é a realização de estudos sobre a criança de 0 a 3 anos, suas Famílias e as comunidades rurais, enquanto contextos específicos de desenvolvimento, uma vez que os processos que inviabilizam as crianças pequenas do campo perpassam também a construção do conhecimento científico.

Em relação à realidade investigada nesta pesquisa, ou seja, assentamentos rurais, notam-se algumas lacunas nesses estudos, sendo praticamente ausentes investigações longitudinais realizadas no contexto familiar e no dia a dia do assentamento.

Esse é o interesse que orienta esta pesquisa, na contribuição e no diálogo com os estudos em diferentes partes do mundo sobre as realidades das crianças pequenas do campo. Interessa-nos conhecer o cotidiano das crianças de 0 a 3 anos de idade do assentamento rural, seus responsáveis principais, as interações que vivenciam com adultos, crianças e objetos, considerando que esses elementos estão circunscritos pela organização da Família e da inserção da mulher na produção das condições de existência.

Nesse empreendimento, por meio da pesquisa etnográfica foi reconstruído o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos de um assentamento rural, explicitando-se as formas como são significados e vivenciados seus lugares e seus mundos. Essa descrição buscou apreender os significados do grupo familiar sobre o cuidado e a educação de crianças bem pequenas, a partir da reconstrução da realidade escrita em diários de campo. A partir de realidades concretas e não estereotipadas ou pré-concebidas, buscamos conhecer suas redes de interações, suas atividades e seus espaços de brincadeira e cuidado.

## 5. MÉTODO

No diálogo entre as proposições que envolvem a pesquisa etnográfica e o fato empírico estudado, o percurso metodológico foi tecido pela confluência dos passos dados por nós - pesquisadora, orientadora, o grupo de pesquisa SEITERRA/CINDEDI, e as crianças de 0 a 3 anos e suas famílias da comunidade rural investigada. O método aconteceu no diálogo entre o planejado e o construído no desenvolvimento da pesquisa, em todas as suas fases, da construção do projeto à análise final. Esta compreensão da composição do método como algo a ser praticado (Vigotski, 2004) define o espírito da metodologia desta pesquisa, conforme Rockwell (2009, p.43), como um processo que se dá a partir do “caminhar ao andar<sup>6</sup>”.

No diálogo entre as proposições que envolvem a pesquisa etnográfica e o fato empírico estudado, o percurso metodológico foi tecido à luz das sistematizações propostas por Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, que compreende o pesquisador como um ferramenteiro (Darahem, A. P. Silva & Costa, 2009). Foram construídas as ferramentas de pesquisa ao longo do percurso teórico e metodológico para a produção do conhecimento sobre as infâncias de crianças de 0 a 3 anos do campo

A incompletude das ações como pesquisadora coloca-nos, portanto, diante da compreensão de que instrumentos e resultados são “ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, ferramenta para conhecer e também o resultado do estudo” (Rossetti-Ferreira et al., 2008, p.164). Ou seja, enquanto pesquisadoras ferramenteiras, estudamos e desenhamos os instrumentos de acordo com o tema, o contexto e as perguntas da pesquisa, num processo de investigação dialógico e dialético entre teoria e pesquisa, entre os referenciais e o material empírico.

O emaranhado de elementos que compõem as nuances do fazer etnográfico se correlaciona com a multidimensionalidade defendida pela *RedSig*, na compreensão dos complexos processos de desenvolvimento humano. A complexidade inerente ao processo de desenvolvimento humano e a constituição semiótica do sujeito configuram

---

<sup>6</sup> Segundo Rockwell (2009), a pesquisa etnográfica consiste num processo de documentação do não documentado, a partir do qual o caminho da pesquisa é construído no próprio andar da pesquisa. No nosso caso, dependente da interação com os sujeitos que compõem a rede de relações das crianças de 0 a 3 anos; das próprias crianças de 0 a 3 anos como sujeitos da pesquisa, que constroem a pesquisa e das nossas concepções (pesquisadores e sujeitos participantes) sobre o cuidado e a educação do bebê.

dois pressupostos básicos dessa perspectiva, que advém da compreensão do universo como uma imensa “rede de interações”.

A pesquisa etnográfica apresenta origem na Antropologia com extensos debates, bibliografias e posicionamentos sobre o trabalho dos antropólogos. A Antropologia contribui para os estudos da infância, em particular, ao enfatizar a cultura, a necessidade de pesquisar a diversidade, de estranhar o familiar e de compreender o outro nos seus próprios termos (Kramer, 2002). Para a autora, ao permitir debruçar sobre as crianças e suas infâncias como objetos de estudos, a pesquisa etnográfica fornece elementos estratégicos e metodológicos para a realização de estudos sobre as interações entre as crianças e os adultos, a prática pedagógica e o cotidiano escolar. Essa abordagem compreende a ciência em Psicologia, com um acúmulo sobre o tema relativo ao trabalho de campo, mas, ao mesmo tempo, desafia-a a compreender as crianças e suas infâncias como sujeitos em seus cotidianos, suas comunidades e suas redes de relações.

A palavra etnografia, para Rockwell (2009), refere-se tanto a uma forma de proceder à investigação de campo como ao produto final da investigação. Ou seja, não é apenas uma questão de método. Mais que uma ferramenta de coleta de dados, para a autora, a etnografia é um enfoque ou uma perspectiva que entrelaça método e teoria. Para tanto, a teoria, dentro da pesquisa etnográfica, tem como dever fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo.

De acordo com a *RedSig*, a criação de seus instrumentos e método por cada pesquisadora e pesquisador possibilitará diferentes ferramentas psicológicas – conceitos, formas de observar, registrar, analisar, argumentar, construir tabelas, entrevistar, formular novos conceitos – e, para tanto, uma configuração diferenciada do fazer e descrever etnográfico (Rossetti-Ferreira et al. 2008, p.165). Sendo assim, não há uma forma única de fazer etnografia (Rockwell, 2009); temas, contextos e perguntas diferentes denotam uma construção de uma forma específica do fazer etnográfico.

Compreendendo que a pesquisa etnográfica é “um exercício de encontro com o outro e, portanto, consigo mesmo” (Kramer, 2002), nosso olhar etnográfico é refinado pelas contribuições da *RedSig*, ao possibilitar “uma apreensão da situação investigada e uma interpretação de como os componentes apreendidos articulam-se e circunscrevem certas possibilidades de ação/emoção/cognição” (Rossetti-Ferreira et al., 2004, p. 31).

Rockweell (2009) defende a etnografia como a construção de conhecimento sobre realidades sociais que não foram documentadas; ou seja, a documentação de situações e eventos que ocorrem e são, por vezes, tidos como familiares, mas que não foram registrados, analisados e compreendidos profundamente em suas peculiaridades e significados.

Com a intenção de reconstruir as histórias sobre o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos de assentamento rural, o processo de documentar a realidade não documentada revela-se como uma abordagem semiótica de um trabalho de campo longo para descobrir “as estruturas conceituais que informam os atos dos nossos sujeitos, o ‘dito’ no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas porque são o que são, destacam-se contra outros determinantes do comportamento humano” (Geertz, 1978, p.38).

A descrição densa da pesquisa etnográfica, proposta por Geertz (1978), dialoga com o próprio posicionamento de natureza discursiva e o caráter semiótico da constituição humana, defendido pela *RedSig*. Este diálogo provocou-nos a focar, no processo de construção teórico-metodológica da pesquisa, na rede de relações das crianças de 0 a 3 anos do campo, nos processos de produção e transação dos significados e sentidos das práticas familiares, na coconstrução dos atos de cuidar e de educar de um bebê, nas significações das crianças e suas Famílias (Rossetti-Ferreira et al., 2004).

Ao possibilitar um cuidadoso mergulho crítico no trabalho de campo, a pesquisa etnográfica possibilita conhecer os atores presentes em seu cotidiano, entendendo que o objeto de estudo deve ser abordado sem que se exclua deste processo a totalidade maior que o determina e com a qual mantém certas formas de relacionamento (Ezpeleta & Rockwell, 1986). Na presente pesquisa, compreendemos como totalidade maior que compõe o cotidiano da criança de 0 a 3 anos elementos do dia a dia do campo, especificamente, assentado rural, assim como sua vinculação a movimentos sociais de luta pela terra.

Para apreender e compreender este cotidiano não se trata de descrevê-lo ou analisá-lo como situação “cuja explicação se esgote em si mesma” (Ezpeleta & Rockwell, 1986, p. 13). Ou seja, tratar da complexidade do campo requer a descrição das diversas ordens macro e microcontextuais, pessoais e relacionais, materiais e simbólicas que juntas compõem a trama do material empírico. Mais do que levantar e



identificar os diferentes elementos que compõem este cotidiano de crianças e Famílias, é necessário considerar “as interconexões e associações entre eles, suas relações de proximidade e subordinações, seus entrelaçamentos” (A. P. Silva, 2003).

Considerando que esta pesquisa propôs-se a investigar o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos, a partir da perspectiva da *RedSig*, tendo como pilares teóricos do desenvolvimento humano Vigotski e Wallon, compreendemos que, para entender a relação entre pessoa e meio, mais especificamente entre as crianças de 0 a 3 anos, suas Famílias e o meio rural, é necessário descrever os elementos tecidos pelo olhar da Psicologia do Desenvolvimento.

O caminho escolhido de apropriação da etnografia consistiu na descrição dos diferentes elementos que compõem o universo semiótico das crianças e suas Famílias do campo, e suas práticas familiares. A seguir, são explorados os aspectos que compõem a metodologia empregada e do método construído na pesquisa. Apresentaremos: o processo de construção das ferramentas, instrumentos e escolhas construídas e realizadas antes, durante e após o trabalho de campo; as condições de produção do *corpus* da pesquisa; os olhares de fundamentação para análise e discussão da pesquisa.

## **5.1 As pesquisadoras ferramenteiras e suas ferramentas**

Para responder às questões levantadas, o material que compõe esta pesquisa foi construído a partir de: aplicação de questionário ao conjunto de Famílias com crianças até 3 anos de idade no assentamento; observações permanentes com diário de campo de três crianças e suas Famílias, sendo uma criança de cada faixa etária (0 a 1 ano, 1 a 2 anos e 2 a 3 anos); entrevistas com as Famílias observadas. A escolha destes instrumentos pautou-se na necessidade de retratar a realidade de crianças de 0 a 3 anos numa perspectiva macro, a partir da configuração do cuidado e da educação das filhas e dos filhos desta idade da comunidade e, ao mesmo tempo, micro, na imersão na concretude das relações e dos dias de três crianças, suas Famílias e a comunidade.

Nesse sentido, cada instrumento é apreendido à luz dos olhares permitidos pela *RedSig* e pela pesquisa etnográfica, como momentos de encontro entre a pesquisadora, as crianças, suas Famílias e a comunidade. Tratamos das nuances, a seguir, de cada instrumento.

*O Questionário: a qualidade da análise estatística e dos dias das crianças*

O uso do *questionário* (Apêndice C) como instrumento desta pesquisa insere-se como uma possibilidade, através de sua característica quantitativa e também qualitativa, de obter informações adicionais às descrições etnográficas das Famílias da comunidade rural com filhas e filhos de 0 a 3 anos. Segundo Fonseca (2002), trata-se de uma característica proporcionada na obtenção de dados ou informações sobre as características ou opiniões de um determinado grupo de pessoas. O que nos interessa são descrições sobre a caracterização das Famílias, as pessoas que convivem e cuidam das crianças, as rotinas, os lugares e as atividades experienciadas, as brincadeiras construídas. Torna-se um procedimento útil, conforme Santos (1999), especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas.

Segundo Holstein e Gubrium (1997), assim como em entrevistas, os questionários também são formas de conversação, na medida em que pesquisadores e pesquisados, ao se relacionarem, descrevem as perguntas e as respostas quanti e/ou qualificáveis sobre um determinado tema.

A partir das experiências nas produções científicas e de ações sociais do grupo GIAAA/CINDEDI<sup>7</sup>, orientadas pela prof. Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, compreendemos que os aspectos quantitativos e qualitativos presentes no questionário, oferecem “suporte teórico à medida que, mais do que buscar ‘números’ e descrições, busca significados, sujeitos e suas histórias” (Lacerda-Silva, 2012, p.78). Nesse sentido, Rossetti-Ferreira afirma que o número é uma qualidade, ou seja, “quantidade” é uma característica da “qualidade”. Ao trazer o dado quantitativo, revelando-se certa qualidade da questão investigada (comunicação pessoal Rossetti-Ferreira, 2012; citada por Lacerda-Silva, 2012, p.78).

Lacerda-Silva (2012) afirma que, na compreensão dos dados quantitativos, a leitura qualitativa possibilita um maior entendimento e, acreditamos também num enriquecimento da compreensão do material empírico de forma integrada e concreta. Aportamos em Minayo (1998, citado por Lacerda-Silva, 2012, p. 78), defensora da ideia de que “as formas de análises quantitativa e qualitativa são inseparáveis e interdependentes. Elas podem e devem ser utilizadas como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade”.

---

<sup>7</sup> Grupo de Investigação sobre Adoção, Abrigamento e Acolhimento Familiar, vinculado ao Centro de Investigação em Desenvolvimento Humano e Educação Infantil – GIAAA/CINDEDI.

Dessa forma, compreendemos que o questionário é perpassado pela compreensão do número e das descrições como qualidades, os quais permitiram a compreensão da configuração do cotidiano de crianças pequenas, bem como suas semelhanças e diferenças.

A população-alvo do questionário foi Famílias com crianças de 0 a 3 anos de um assentamento rural localizado na região de Franca (SP). O levantamento dessa população foi realizado junto à liderança do MLST, Anita e a unidade básica de saúde do Programa de Saúde da Família – PSF, localizada no próprio assentamento. O levantamento mostrou que havia 21 crianças de 0 a 3 anos. Posteriormente, verificamos que, destas, quatro não mais residiam na comunidade e uma não foi encontrada em sua residência. Participaram da aplicação do questionário Famílias de 16 crianças. As agentes de saúde informaram a localização de moradia de cada criança.

#### *Observações permanentes e a escrita dos dias de crianças pequenas*

Na tentativa de descrever densamente o cotidiano, optamos ainda por realizar *observações do dia a dia* de três crianças de cada faixa etária (0 a 1 ano; 1 a 2 anos; 2 a 3 anos). A composição do registro dessas observações foi feita sob o formato de diário de campo. A imersão nas situações e nos eventos cotidianos das três crianças e suas Famílias implicou na realização de um trabalho de campo intenso ao estar em um local, participar, conversar com as pessoas, observar, conservar o máximo possível, essa experiência por escrito. Em contrapartida, o empreendimento etnográfico não se definiu somente pela imersão no contexto da pesquisa e pela manutenção de anotações em um diário de campo, mas sim pela realização de uma “descrição densa” (Geertz, 1978).

Segundo Ezpeleta e Rockwell (1986), a realização da descrição densa consiste num processo de reconstrução da realidade social na escrita, a qual se dá pelo duplo processo de observação e interpretação. O processo de tratamento e de análise desse material descritivo deve ser sistematizado a partir da elucidação dos elementos concretos, que compõem a descrição e suas articulações.

Reconstruir a realidade através da escrita implicou em considerar que “o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem” (Geertz, 1978, p.19). Em consonância com esta apreensão, Barbosa e Hess (2010), defendem que os acontecimentos descritos pela construção do pesquisador não podem ser considerados

fechados em si mesmos, enquanto realidades objetivas, pois apresentam sua própria temporalidade, e as significações que sustentam as práticas cotidianas são ligadas diretamente aos sujeitos que as significam.

A temporalidade das situações e os eventos observados permitiram “situar a diversidade cotidiana em uma configuração inteligível para explicar a formação social das práticas e dos saberes observados” (Rockwell, 2009, p.14). Situar essa diversidade implicou em considerar que apesar dos sujeitos serem pertencentes à mesma comunidade, são protagonistas e antagonistas de histórias locais pessoais e coletivas diferentes.

Nesse sentido, a escrita etnográfica realizada não se deu de forma neutra. Pesquisador(a) e pesquisados, ao se relacionarem, constituíram um processo bastante complexo de construção, no qual a pesquisadora apresentou um papel ativo como um sujeito da pesquisa (Rossetti-Ferreira et. al, 2008). Portanto, qualquer registro é relacional e é construído a partir da materialidade dos discursos, das práticas e significações presentes no dia a dia das pessoas.

Como uma ferramenta de registro, o diário de campo insere-se como um recurso processual capaz de auxiliar a realização da descrição das situações e eventos presenciados. Ele por si só não encerra o tema investigado, mas o integra. Em diálogo com a composição de crônicas diárias (Andrade, 2012), em um processo de rabiscar sobre as pessoas e as coisas cotidianas, a escrita de um diário de campo traz para o leitor a partilha de sua experiência pessoal “ao devolver-lhe os fatos que escolheu comentar e que o leitor conhece, sem maiores elaborações” (Poncione, 2002, p. 137). Diante disso, o cronista, ao narrar o mundo, narra a si mesmo, e sentimos, a partir disso, que nosso olhar compromissou-se em contar, narrando(-nos) as histórias que compõem o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo e suas Famílias.

A observação foi iniciada com Paulinha (10 meses), seguida de Maria (1 ano e 5 meses) e Joaquim (2 anos e 5 meses). A escrita do *diário de campo* foi realizada, em alguns momentos, uma vez por dia e, em outros, em mais de um período do dia, conforme a disponibilidade para se ausentar das situações. Houve a preocupação de observar e anotar a maior quantidade de acontecimentos possíveis, tendo como foco central a criança. Reconhecemos que não há uma observação que retrate a realidade em sua totalidade tal qual foi experienciada pela pesquisadora, pois, no processo de ser e

viver da pesquisa, consideramos que o objetivo das anotações não se tratava de realizar uma cópia exata e completa da realidade, como diz Wallon (1941).

Já que não há observações sem escolhas, as escolhas do que, como, onde anotar foram determinadas pelas relações entre pesquisador-pesquisado, a pergunta norteadora do trabalho, o tópico investigado e o estado pessoal da pesquisadora (Rossetti-Ferreira et al., 2008). Segundo Amorim (2013), o processo do registro das observações se constitui pelo próprio processo de compreensão do pesquisador de seu referencial e do modo como deve explicitá-lo. O pesquisador deve, conforme Matuarana e Varela (1995), citados por Amorim (2013), “agir de maneira a ver-se a si próprio, como um olho que olha o próprio olho” (p.18). Na construção da escrita, buscamos compreender e explicitar o próprio papel de pesquisadora enquanto um agente, evidenciando os limites, as possibilidades e implicações (Rossetti-Ferreira et. al, 2008).

Nos diários de campo construídos antes, durante e depois do trabalho, foram anotadas: as pessoas que convivem com as crianças; a quantidade de irmãos e suas relações; a rotina da criança de 0 a 3 anos do campo; as brincadeiras e brinquedos dessa criança e seus interlocutores; as particularidades no cuidado da criança pequena; e as concepções sobre o educar e cuidar da criança de 0 a 3 anos do campo. Além disso, as próprias impressões, angústias e perguntas da pesquisadora foram anotadas nas notas de rodapé. Estas inserem-se no espaço de escrita etnográfica como um recurso metodológico para visualizarmos o próprio processo de formação da pesquisadora e também da pessoa que ali se constituíram.

Nesse sentido, na composição do registro também utilizamos *notas de campo* como forma de auxiliar a construção do diário, configuradas como tópicos de lembrança em dias de intenso movimento. E, no momento posterior às observações, conforme Ezpeleta e Rockweell (1986), utilizamos ainda da *nota de memória*, realizada concomitante e/ou posteriormente à estada na comunidade rural, tendo como objetivo aprofundar e lapidar as anotações (des)organizadas realizadas no campo, com base nas notas de campo elencadas e não registradas em profundidade pelas impossibilidades dos dias de anotação.

#### *Entrevista: elaboração sobre o encontro etnográfico nos dias das crianças*

A partir dos escritos etnográficos sobre os dias de Paulinha, foi construído um roteiro de *entrevista* para apreender como as Famílias significavam o cotidiano da

criança de 0 a 3 anos no campo (Apêndice D), bem como conversar sobre temas que chamaram atenção e instigaram a partir da observação das especificidades do cotidiano.

L. Lima (2012) afirma que a entrevista é “uma interação humana e um importante momento de produção de sentidos pelos participantes sobre temas abordados. Daí decorre, a nosso ver, seu principal objetivo e qualidade: a investigação das significações” (p.80). Segundo A. P. Silva (2013), a partir dela, pode-se compreender o movimento de construção de sentidos e significados dos participantes; além das perspectivas e experiências dos entrevistados. Sendo possível, “ter acesso aos recortes que cada pessoa, baseada nas suas interações, faz de determinada situação” (Madlum, 2012, p.16).

Para A. P.Silva (2003), este encontro possibilitado pela entrevista não coloca a pesquisadora como fora da situação investigada, mas como produtora de conhecimento sobre ela. Na produção da narrativa dos participantes, a pesquisadora está implicada, “com suas intervenções, sorrisos, posturas, enfim, com a simples presença e com os discursos que essa presença evoca quando e no confronto com o participante. Discursos sobre a cor da pele, gênero, classe social, profissão (p. 79).

A *entrevista* também permite “processos de (re)significação, pelos participantes (entrevistadora e entrevistado), sobre si, sobre o outro, sobre o mundo”, nas palavras de L. Lima (2012, p. 80). Acrescento, ainda, sobre o encontro destes dois no âmbito da pesquisa e da vida.

Os tópicos trabalhados na entrevista foram a História da família antes e depois do nascimento de Paulinha, Maria e Joaquim. O Desenvolvimento, subdividido nos seguintes sub-tópicos: Relações (Olhar da Família sobre as relações da criança); Alimentação, Comunicação, Saúde, Higiene, Mobilidade, Cotidiano (Olhar da Família sobre as atividades diárias da criança); olhar sobre a criança, enquanto moradora do assentamento, uma criança do campo e as expectativas e os valores transmitidos na educação e no cuidado do bebê; olhar dela sobre ela mesma como cuidadora; relação com os movimentos sociais presentes na comunidade; olhar sobre as crianças de 0 a 3 anos, nas diferenças e nas semelhanças entre 0 a 1, 1 a 2 e 2 a 3 anos. E, por último, o olhar sobre a pesquisa, nos pontos positivos e negativos da convivência diária.

## **5.2. O trabalho de campo**

O primeiro contato com a comunidade assentada aconteceu em 2010, durante a construção do *corpus* de pesquisa de mestrado de Juliana Bezzon da Silva<sup>8</sup> (2012), sobre educação infantil do campo, desenvolvido na mesma comunidade. A comunidade rural assentada situa-se na microrregião de Franca, no interior do Estado de São Paulo. O município em que a comunidade está vinculada possui população em torno de 7.000 habitantes, sendo 5.000 na região urbana e 2.000 na região rural. A cidade possui aproximadamente 50 anos de emancipação política.

A comunidade assentada localiza-se a 80 km de Ribeirão Preto e 18 km de Franca. Como exigência federal, nas décadas de 40 e 50, a antiga fazenda fazia parte do sistema de reflorestamento da Companhia Mogiana Estrada de Ferro. Com a crise do sistema ferroviário, o governo do Estado de São Paulo comprou várias ferrovias em falência, dentre elas a Companhia Mogiana, e formou a FEPASA – Ferrovia Paulista S/A (Silva & Souza, 2008).

A formação do assentamento deu-se mediante o abandono da fazenda, em meio aos processos de federalização e privatização que tomou conta do cenário brasileiro no final da década de 90. A crise vivida no cenário brasileiro refletiu-se em Franca e região. A região, reconhecida pela produção de calçados, viu-se diante de uma crise do setor, o que ocasionou uma forte onda de desemprego.

A fazenda, naquele momento, era explorada ilegalmente por fazendeiros da região. Em 1º de janeiro de 1998, foi ocupada por trabalhadores da cidade de Franca e região, numa ação com 200 Famílias, coordenada pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Calçados e Vestuários de Franca e Região (Sindicato dos Sapateiros, como é conhecido).

O destino à reforma agrária ocorreu em setembro de 1998, após momentos de ocupação, desocupação e várias liminares de reintegração de posse. O sindicato articulou com seus membros formas de reverter a situação e, juntamente com o MST, iniciou o cadastramento das Famílias interessadas na luta pela reforma agrária (Silva & Souza, 2008).

---

<sup>8</sup> Silva, Juliana Bezzon da. **Crianças assentadas e educação infantil no/do campo**: contextos e significações. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.

Atualmente, é constituído por 159 Famílias e possui 2.979,07 hectares<sup>9</sup>. O assentamento organiza-se em agrovilas e cada Família assentada possui um lote. Há duas agrovilas que estão distantes entre si aproximadamente 4 km, e cada assentado possui uma área na agrovila e um lote. Cada lote possui em média 15 hectares.

A atividade econômica do assentamento relaciona-se em parte, com a do município a que pertence que, de forma geral, gira em torno da agropecuária. Destaca-se nesta região a produção de cana-de-açúcar, cafeicultura e as chamadas lavouras brancas (milho, arroz, soja). Especificamente no assentamento, conforme levantamento realizado por Silva e Souza (2008), sobressaem o gado de leite e a lavoura branca (alimentos como feijão, arroz, mandioca, entre outros). Também grande parte dos assentados possui “pequenos animais como suínos e aves, priorizando a subsistência da Família e a produção de excedentes para a comercialização, esses produtos obtidos nos lotes são bastante diversificados diferentemente da característica da produção do município” (p. 150).

No assentamento, estão presentes dois movimentos nacionais de luta pela terra, o MST<sup>10</sup> e o MLST<sup>11</sup>, organizados com forte influência do MST em uma agrovila e do MLST em outra.

Ao conhecer a comunidade através da pesquisa de J. Silva (2012), acompanhamos as entrevistas com as crianças, Famílias, monitora do ônibus e representantes dos movimentos sociais. Nestas aproximações, houve momentos de conversa com as lideranças dos movimentos sociais presentes neste assentamento sobre a possibilidade e a viabilidade do desenvolvimento de uma pesquisa com as crianças de 0 a 3 anos.

---

<sup>9</sup>Segundo dados obtidos no ITESP (Fundação Instituto Estadual de Terras do Estado de São Paulo).

<sup>10</sup> Fundado em 1984, em Cascavel no estado do Paraná, o MST organiza-se em torno de três objetivos principais: lutar pela terra; lutar por reforma agrária; lutar por uma sociedade mais justa e fraterna (MST, 2009). Mesmo tendo a luta pela terra como eixo principal de sua ação política, afirma buscar alcançar a transformação da sociedade a partir da transformação dos homens, mulheres e crianças. A ação política do MST evidencia a participação da família na organização do movimento, entendendo-a como produtora da sua história e legítima na luta pelos direitos fundamentais de todas as pessoas, de diferentes idades.

<sup>11</sup> O lançamento nacional do MLST data de agosto de 1997, a partir de uma articulação política nacional que buscava unificar “diversas experiências de acampamentos e assentamentos de reforma agrária com vários movimentos regionais de luta pela terra, que não estavam articulados com nenhuma organização de caráter nacional como, por exemplo, o MST” (MLST, 2010). Tem como princípio a democracia participativa e objetiva lutar pela conquista da Reforma Agrária no Brasil, a qual articule a ocupação de terra e busque a autonomia político, econômico, social, cultural e ambiental através da implantação da Empresa Agrícola Comunitária. No assentamento, o MLST forma-se a partir do desmembramento de parte do quadro de membros do MST.



Os registros diários foram construídos desde este primeiro contato, em meados de outubro de 2010, com a comunidade e com as lideranças a fim de apresentar os objetivos e propósitos da pesquisa. Assim, o processo etnográfico iniciou-se antes mesmo do início institucional da pesquisa (Spink, 2003), o que possibilitou tranquilidade e favoreceu possibilidades de uma relação de horizontalidade com os membros da comunidade. Sobre esta relação, abaixo destacamos um trecho do diário de campo sobre a conversa de apresentação da pesquisa às lideranças do MLST, Joana e Anita:

Joana me conta sobre os estudos e pesquisas que já aconteceram dentro do Assentamento. Diz que cada um que passou em sua vida “deixou um pouco de si e levou um pouco de nós”. Emociona-se como foi importante a presença desses pesquisadores e pontua que é a primeira vez que acontecerá um estudo em que o pesquisador estará na casa do assentado, vivendo o dia a dia do campo da Família. Anita complementa dizendo como será interessante minha presença na casa das Famílias. Ela resgata na memória, a todo o momento, as crianças de 0 a 3 anos das agrovilas e que seria muito importante eu conhecer suas Famílias. Joana pontua se eu quero que elas também me apresentem as Famílias do MLST, como a Paula irá me apresentar as do MST (Diário de campo, Conversa sobre o Termo de Consentimento com as lideranças do MST e MLST).

Realizadas as apresentações<sup>12</sup> aos dois movimentos de luta pela terra com representantes no assentamento Anita, do MLST e outra liderança do MST (Paula), respectivamente, dispuseram-se a apresentar-nos cada Família que tivesse crianças de 0 a 3 anos. No trecho a seguir, descrevemos o 1º dia de apresentação às Famílias junto a Anita.

Amanda, minha prima me levava ao assentamento. Entra na estrada de terra e diz “um dia depois de ter lavado o carro”. Rimos e seguimos em direção de algo que não sabemos. Eu nunca tinha ido ao assentamento vindo de Franca, mas disse-lhe “Eu acho que estou reconhecendo”. Sempre estou reconhecendo e andando pelo rumo. “Podíamos perguntar para alguém” eu digo. Amanda responde “Se tivesse alguém...”. O alguém apareceu e a Amanda pergunta “Onde é o assentamento?”. Eu dou risada dela e ela diz em seguida: “Não! Como chegamos na (sic) escola?”. “Ao final dessa estrada”, responde o Alguém. A Igreja aparece, a escola dá seu alô e a Amanda se surpreende. “Nossa eu achei que as casas eram todas juntinhas”. A surpresa acompanha-se da preocupação que já assombrou minhas Famílias em Uberlândia, em Franca, “Se você precisar de alguma coisa me liga” enfatiza Amanda. Tranquilito-a e despeço-me. Nós encontramos Anita, que estava conforme combinado em frente ao postinho. Pergunto mais uma vez a Anita se há algum problema ficar na sua casa. Ela,

---

<sup>12</sup> Atendendo as normatizações legais, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP. Os termos de consentimento utilizados estão no Apêndice B.

muito atenciosa, diz que não tem problema nenhum e que posso ficar quanto tempo eu precisar. Ela me ajuda a carregar a casa que eu carregava dentro da mochila e uma sacola com traveseiro e coberta. Nós vamos para o postinho. “Eu consegui uma lista com o nome de todas as crianças de 0 a 3 anos do assentamento” diz Anita. Fomos ao postinho pegar a lista e a agente comunitária diz “a enfermeira disse que é necessário à autorização da secretária de saúde do município”. Vamos até a escola e pedimos o telefone emprestado para ligar. Anita cumprimenta a secretária e pergunta se ela vê algum problema numa pesquisa que é tão importante para as Famílias do assentamento. Sem titubear a secretária diz que “não há problema algum, e se questionarem alguma coisa peça para ligar para ela”. (Diário de campo, 1º dia, Aplicação de questionário).

Nesse dia, inicio a permanência para aplicação dos questionários. Optamos por esta estratégia como uma tentativa de aproximação ao assentamento e as Famílias.

Anita, liderança do MLST, apresentou-nos as Famílias da agrovila I enquanto Paula, liderança do MST, as da agrovila II, a cidade de Restinga<sup>1314</sup> e a região<sup>15</sup>. Durante a apresentação, questionamos a possibilidade de resposta ao questionário (Apêndice C). Todas as Famílias visitadas aceitaram participar da aplicação do questionário. A junção entre apresentar-nos e realizar a aplicação do questionário foi uma sugestão de Anita, que se dispôs a hospedar a pesquisadora em sua casa. Estivemos durante duas semanas, permanecendo 3 dias em cada semana, para aplicação dos questionários a 14 Famílias com 16 crianças de 0 a 3 anos de idade que residiam no assentamento naquele momento. Os dias de aplicação foram seguidos de registro no diário de campo.

Após a aplicação do questionário, quatro Famílias dispuseram-se a participar das observações permanentes de cada faixa etária (0 a 1 ano; 1 a 2 anos; 2 a 3 anos). Por motivo de saúde da mãe da quarta criança, não foi possível incorporá-la à pesquisa. Nesse sentido, realizamos 29 observações diárias na Família de Paulinha, de 10 meses

---

<sup>13</sup> “Assim que chego Paula me pergunta: ‘Estamos indo pra cidade, você vai querer ir?’. Na hora digo que sim. O irmão de Paula irá levá-la para uma reunião com o prefeito da cidade” (...) (Diário de Campo Família Paulinha, 2º dia).

<sup>14</sup> “Nunca tinha ido a esta cidade e num dos muitos primeiros dias que já vivi aqui, cheguei. Quero fugir da compreensão cidade pequena pacata, mas é sossegada. Nada das terras consumindo como em minha infância meus primos de Franca descrevia. Construções históricas, bonitas, a Igreja na praça, a praça na Igreja, a prefeitura de frente. Achei interessante não ser um monumento estrutural histórico visto em outras cidades da região”. (Diário de Campo Família Paulinha, 2º dia, Nota de Rodapé 9).

<sup>15</sup> “Meu foco se perde em meio ao verde e aos retalhos que formam a colcha paulista do campo. Cultura de café, cana, hortas; casas, construções históricas se entrelaçam em nós (des)feitos de história... Rodolfo (irmão de Paula) opta por ir pela estrada de terra, onde se encontram fazendas com construções históricas, estação da antiga Ferrovia da Mogiana e diferentes jeitos e trejeitos de campos...” (Diário de Campo Família Paulinha, 2º dia, Nota de Rodapé 8).

de idade; 21 observações diárias na casa da Família de Maria, de 1 ano e 5 meses de idade; e 25 observações diárias da Família de Joaquim de 2 anos e 5 meses de idade.

Realizadas as observações permanentes, foram entrevistados Paula e Sebastião, sobre o dia a dia de Paulinha; Griselda, Eduardo e Cristina sobre o dia a dia de Maria; Sofia sobre a observação do dia a dia de Joaquim.

### 5.3. Os sujeitos da pesquisa

Os participantes da pesquisa são apresentados na concretude de elementos vividos em interação durante o trabalho de campo. As interações estabelecidas entre nós e eles revelaram as características que os constituem e que se tornaram figura durante a convivência. Estas características foram registradas por meio da escrita no que nos marcou e o que a nós foi possível registrar.

Dessa forma, os participantes constituíram-se como sujeitos da pesquisa ao se relacionarem e relacionarem conosco, possibilitando-nos contar as histórias de suas crianças, de suas vidas no campo e no mundo. Ao descreverem suas histórias e seus dias, possibilitaram a nós descrevê-los e reconstruí-los em nossos diários de campo. Por isso, destacamos trechos dos diários de campo que marcam características importantes de cada sujeito da pesquisa relacionado. Esta forma de apresentação também é inspirada por J. Silva (2012) que, no seu mestrado, caracteriza seus participantes por meio de trechos de suas entrevistas; e também por Carvalho (2011), que utilizou seus diários como base para realizar descrições dos sujeitos da sua pesquisa.

Primeiramente, são descritas as lideranças dos movimentos sociais que participaram da fase de apresentação às Famílias e aplicação dos questionários.

Quadro 3. Apresentação das lideranças dos Movimentos Sociais

LIDERANÇAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS				
Nome	Idade	Tempo na Comunidade	Representação	Trecho
Joana	40 anos	12 anos	MLST	“Joana me conta dos estudos e pesquisas que já aconteceram dentro do Assentamento. Diz que cada um que passou em sua vida “deixou um pouco de si e levou um pouco de nós”. Emociona-se como foi importante a presença desses

				pesquisadores. (...). Joana comenta que precisava escrever um livro sobre as histórias do Assentamento e pontuo que é importante falarmos sobre essas memórias. Memórias em movimento. Joana gosta desse possível nome de livro”. (Diário de Campo, dia 25 de maio de 2011, Conversa sobre o Termo de Consentimento com as lideranças dos movimentos sociais).
Anita	45 anos	12 anos	MLST	“Parecia que eu conhecia Anita e Leonor (nora de Anita) há muito tempo. Conversamos, rimos e nos divertimos no almoço. Depois que almoçamos Anita me conta a história do movimento e como a Marcha será organizada. Por mais que o cansaço teima em me desabar, continuo vidrada e pensando no que aquelas mulheres já passaram nesses 13 anos de história e luta...”. (Diário de campo, 1º dia de Aplicação do Questionário).
Paula	48 anos	14 anos	MST	“Quando chegamos à casa da Paula, ela está em reunião com o marido e um senhor do ITESP. Eles estavam contabilizando a produção de 2010/2011. Paula comenta comigo que está com mais um bebezinho em casa. Combinamos que sua filha irá me apresentar às Famílias, pois ela está muito apertada. Ela apresenta o projeto para o Senhor ITESP e diz que será uma oportunidade incrível para o assentamento”. (Diário de campo, 1º dia de Aplicação do Questionário).

Fonte: Diários de campo escritos durante a apresentação da pesquisa aos movimentos sociais (Março, 2011).

A apresentação das Famílias com crianças de 0 a 3 anos foi mediada por Anita e Paula, que apresentaram as Famílias pertencentes a cada movimento social.

Quadro 4. Apresentação das Famílias com crianças de até 3 anos

FAMILIAS COM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS				
Nome	Idade	Tempo na Comunidade	Filhos com idade entre 0 a 3 anos	Trecho

Karina	34	1 ano	Menina de 3 meses	<p>“Começo a me apresentar e a pesquisa. Karina pergunta que retorno ela e a bebê terão. Vazio em meus pensamentos. Digo a ela e não sei se foi a melhor resposta, que não há retorno direto, mas que a pesquisa é uma forma de dar visibilidade às crianças que vivem no campo, ao modo que se vive, e assim ter um parâmetro para se pensar em políticas públicas para a criança pequena e sua Família. Karina diz que é uma forma de poder falar sobre a falta de atenção para a criança. Conta que quando Tainá nasceu, eles pediram para esperar e pode ter faltado oxigênio. E com algumas semanas Tainá teve convulsão, precisa fazer uma tomografia e em Restinga não faz. Que é um absurdo, porque a criança precisa e vai ter que ir até Franca”. (Trecho de diário de campo, 1º dia de aplicação de questionário).</p>
Débora	26	5 anos	Dois meninos: 2 anos e 3 anos	<p>“Débora, com seus quatro filhos, tem em mente cada elemento que diferencia um ao outro. Uma coisa chama a atenção é a clareza em que fala sobre envolver as crianças com o campo para eles não irem para cidade quando crescer. “Ensina ele a amar mais o campo...”. (Trecho de diário de campo, 1º dia de aplicação de questionário)..</p>
Pamela	24	9 anos	Menino de 1 ano e 2 meses	<p>“(…) Quando chegamos à casa de Pamela, ela me reconhece da conversa que tivemos com a Betina e a Juliana o ano passado. Pergunto a Pamela se está tudo bem e ela diz que vai indo. Fico meio pesarosa e ela nos convida para entrar. Pamela, mãe de Betina 6 anos e Diego 1 ano e 2 meses, convida sua irmã para participar, porque quando está trabalhando o filho fica com ela. A irmã está grávida de 8 meses e Anita já diz que em breve irá também participar da pesquisa (…”. (Trecho de diário de campo, 1º dia de aplicação de questionário).</p>
Sofia	25	11 anos	Dois meninos: 1 ano e 5 meses; e 3 anos e 3 meses.	<p>“(…) Dentre as Famílias que visitei até esse momento, somente ela demonstrou interesse em participar e questionou sobre a minha permanência na casa. Sofia quer saber como seria, pois estava preocupada com a alimentação e tem dia que não tem carne para comer. “Às vezes tem porque ganha a cesta e facilita” diz Sofia. Vale ressaltar que Anita já havia conversado com ela antes sobre isso (…”. (Trecho de diário de campo, 1º dia de aplicação de questionário).</p>

Maiara	27	13 anos	Menina de 7 meses	“(…) Ela trabalha e brinca com Renata (bebê). Diz que ela quer por que quer ficar no chão, mas que o último macacãozinho ficou um luxo de marrom (risos). É dar o peito, é varrer a casa, é dar beijo. Maiara pergunta para Renata se acalmo e ela responde com a cabeça que sim (risos)”. (Trecho de diário de campo, 2º dia de aplicação de questionário).
Anamaria	17	15 anos	Menino de 23 dias	“(…) Tem uma precisão com as palavras, uma exatidão com os horários de Artur (bebê) e uma compreensão crítica sobre a educação do campo. Tivemos uma boa conversa...” (Trecho de diário de campo, 3º dia de aplicação de questionário).
Mariana	44	13 anos	Duas meninas: 2 anos e 8 dias.	“(…) Mariana me conta com detalhes sobre o dia a dia da sua pequena de 2 anos. Quando diz que é ela que trata as galinhas, me ovaciono por dentro (...)”. (Trecho de diário de campo, 3º dia de aplicação de questionário).
Teresa	26	7 anos	Menina de 2 anos e 8 meses.	“(…) Chego à casa de Teresa e seu marido me recebe desconfiado. Estão fazendo a entrega da associação e quer saber ao mesmo tempo quem eu sou, por que estou perguntando essas coisas e diz para a esposa tomar cuidado com as respostas. Muito cuidadoso... Teresa começa a conversar tranquilamente e conta passo a passo do dia de Valentina (bebê). Ela se prontifica a participar da segunda fase da pesquisa e conta da experiência de receber estudantes de outra universidade. Oferece um pedaço de queijo e como boa mineira aceita (risos). Durante a aplicação do questionário, Valentina participa dizendo sobre o que gosta de brincar e diz que quer queijo também. Que delícia, de dois anos...” (Trecho de diário de campo, 4º dia de aplicação de questionário).
Letícia	35	5 anos	Menina de 1 ano e 11 meses.	“(…) Impressiona-me a disposição de Letícia em incluir a filha nas atividades da casa. Fazer um doce, lavar a louça, brincar de boneca, a cada menção ao nome da filha, ela mesma se aproxima de mim para me mostrar do que brinca, que fralda usa e como gosta de brincar (...)” (Trecho de diário de campo, 4º dia de aplicação).
Helen	28	11 anos	Menino de 2 anos	“(…) Helen está desconfiada, pois pergunto pelo nome do pai da criança. Corrijo-me e tento explicá-la pela orientação que recebi no postinho. Ela se empolga durante as respostas sobre seu filho e se orgulha de

				todos de sua Família participar das brincadeiras”. (Trecho de diário de campo, 4º dia de aplicação de questionário).
Isabella	19	13 anos	Dois meninos: 2 anos e 3 anos.	“(…) Isabella não fica à vontade quando pergunto quem é o proprietário do lote. Eu fico desconfortável com seu desconforto e tento refazer a pergunta. Ela suspira aliviada e quando me diz sobre as brincadeiras de que seus filhos gostam, ela se empolga e eles também em volta (…)” (Trecho de diário de campo, 4º dia de aplicação de questionário).
Joaquina	20	3 anos	Menino de 2 anos	“(…) Joaquina está grávida de 5 meses e se emociona sobre dizer que seu filho brinca de babás dos filhotes dos cachorrinhos e gatos. Ao fundo, seu filho está debaixo da mesa de ferramentas do avô fazendo carinho nos bichinhos” (Trecho de diário de campo, 4º dia de aplicação de questionário)
Paula	48	14 anos	Menina de 10 meses	“(…) Paula se emociona ao dizer que contarei a história de Paulinha” (Trecho de diário de campo, 4º dia de aplicação).
Cristina	25	13 anos	Menina 1 ano e 4 meses	“(…) toda Família quer participar da aplicação do questionário, os irmãos e a avó ficam em volta de Cristina. Estão desconfiados. Lembro-me de todos os dias que Cristina me encontrava na casa de Paula e perguntava se eu não ia fazer a pesquisa sobre a Maria (bebê)” (Trecho de diário de campo, 5º dia de aplicação de questionário).

Fonte: Diários de campo durante a aplicação dos questionários (Agosto, 2011).

Para apresentação das Famílias participantes das observações de cada faixa etária, construímos analogicamente ao genetograma familiar, um desenho da rede de parceiros de interações, que compõem o universo relacional de cada criança (conforme figura abaixo); assim como um quadro com suas características.

As três crianças observadas apresentam rotinas diferentes dentro da própria configuração do assentamento: em duas agrovilas e lotes. Não intencionalmente, observo uma criança representante de cada espaço físico do assentamento: Paulinha na Agrovila II; Maria no lote; e Joaquim na Agrovila I.

Paulinha foi escolhida como representante da faixa etária de 0 a 1 ano. Sua Família<sup>16</sup> configura-se da seguinte forma: Paulinha é filha biológica de Luiza e Felipe, que também são pais de Manuela, com idade de 2 anos. Luiza ainda tem outra filha, Lara, filha de seu primeiro casamento. Desde os 10 dias de vida, Paulinha foi cuidada e educada por Paula e Carlos, seus padrinhos de batismo, sendo considerada parte desta Família. Paula e Carlos são casados e têm como filhos biológicos Anamaria, Henrique Sebastião; e filhos adotados Rafael e Artur. A filha de Paula, Anamaria, é casada com Tiago, os quais são considerados pais de Artur no meio familiar.

Os papéis retratados foram compartilhados durante o processo de convivência no trabalho de campo. Tais características relacionam-se às interações estabelecidas não só com a pesquisadora, mas também com Paulinha. O esquema a seguir deixa melhor evidente as relações de parentesco desta Família. Didaticamente, as cores e suas misturas delineiam as formas e expressões que sustentam as relações entre essas pessoas e Paulinha, tais como:

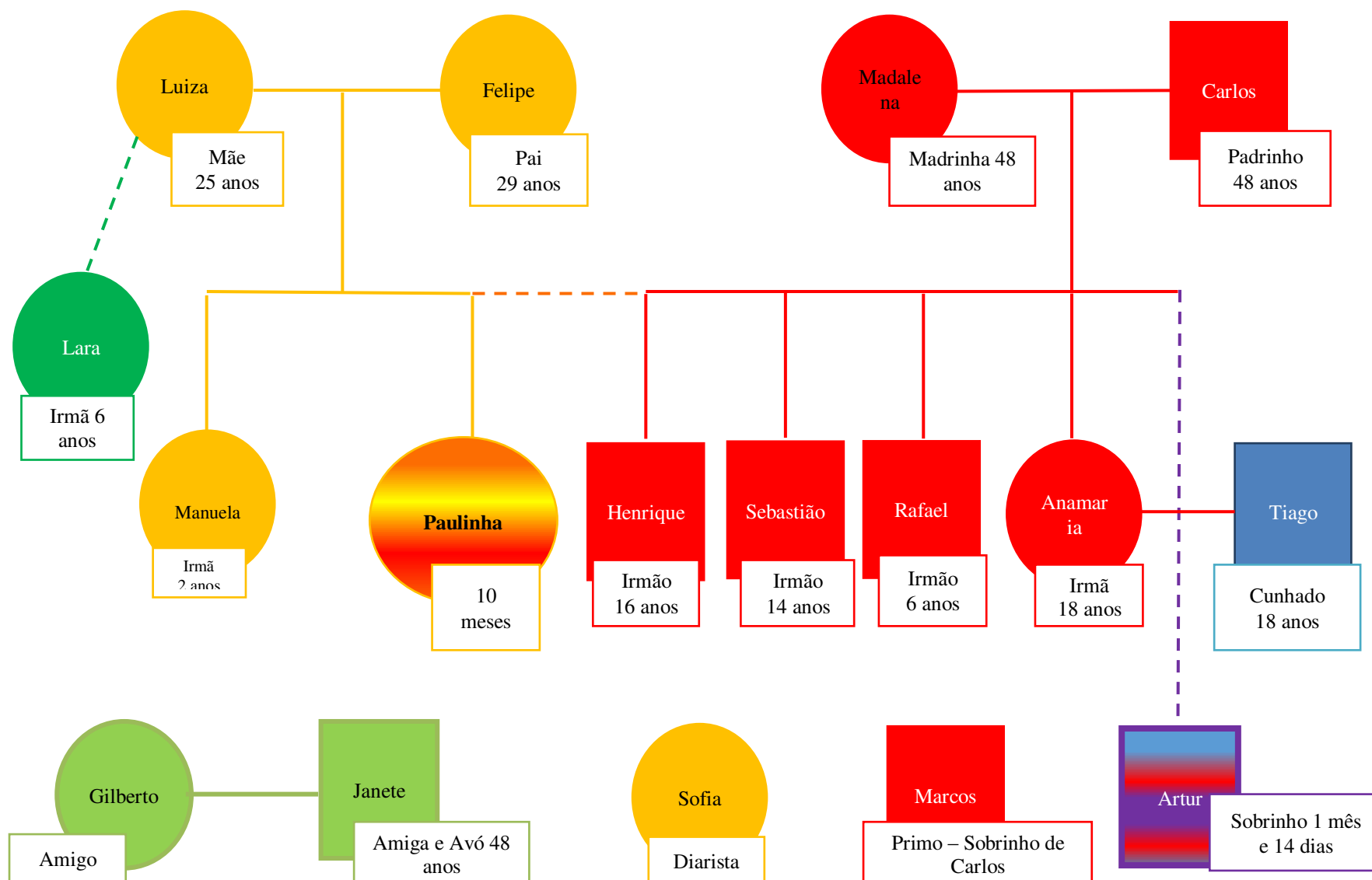
- Amarela retrata sua Família biológica;
- Vermelha a Família de seus padrinhos;
- Azul, a Família de Anamaria e Tiago;
- Laranja, como mistura entre as cores amarela e vermelha, o compartilhamento no cuidado e educação de Paulinha entre as Famílias de Luiza/Felipe e de Paula/Carlos;
- Lilás, como mistura entre as cores vermelha e azul, o compartilhamento entre as Famílias de Paula/Carlos e Anamaria/Tiago no cuidado e educação de Artur;
- E a cor verde, como mistura entre azul claro e amarelo, o compartilhamento entre Luiza e a Família do seu primeiro marido, no cuidado e educação de Lara, filha do seu primeiro casamento.

---

<sup>16</sup> Os nomes fictícios da Família de Maria e Joaquim foram escolhidos pelos próprios participantes. Já os da Família de Paulinha foram escolhidos pela pesquisadora, pois Paula, no momento da entrevista, disse que não se importava em ser o mesmo nome e que eu poderia escolher se achasse necessário, nomeando somente o seu filho de 14 anos como Sebastião, que estava presente neste momento. Em alusão à sintonia que ocorre entre os nomes verdadeiros de Paula e Paulinha, mantive seus nomes sincronizados, de forma a retratar a proximidade que há entre a madrinha e a afilhada. Esta apresenta na vida real nome composto e aqui será retratado como Paulinha. Na publicação realizada anteriormente a este texto dissertativo (Araújo & Silva, 2013), elas assumem o nome de Madalena e Bárbara.



Figura 1. O universo relacional de Paulinha



Quadro 5. Apresentação dos participantes pertencentes à Família de Paulinha (0 a 1 ano)

FAMÍLIA DE PAULINHA				
Nome	Idade	Tempo na Comunidade	Relação com Paulinha	Trecho
Paulinha	10 meses	Desde os 10 dias.	Afilhada de Paula	“(…) Lembro-me a primeira vez que a vi. Relutava contato, olhar... Só olhava e cantava resmungando com a madrinha Paula. Hoje estava no meu colo. (...). Durante o percurso até Restinga, eu me lembrava das respostas da Paula ao questionário, contando que a Paulinha adorava passear de carro”. (Diário de Campo da Família de Paulinha, 2º dia de permanência).
Paula	48 anos	14 anos	Madrinha de Paula	“Outra senhora sentada ao lado de Dona Aparecida pergunta se Paulinha é minha filha, por estar no meu colo. Digo que não, é da Paula. Ela fica a todo o momento questionando como é filha da Paula. Paula afirma “Você não está vendo que essa menina é minha cara? Olha o cabelo dela! Olha o rosto!”. (Diário de Campo da Família da Paulinha, 2º dia de permanência).
Carlos	48 anos	14 anos	Padrinho de Paulinha e marido de Paula	“Em meio à discussão do que fazer, Paulinha está andando de um lado pro outro. Quando ela vê Carlos, seu padrinho, ela vai correndo até ele no andador, passando por cima até do pé dele para chegar mais perto. Ele a pega no colo e ela deita em seu ombro”. (Diário de campo Família da Paulinha, 2º dia de permanência).
Anamaria	17 anos	14 anos	Irmã	“Anamaria chega e Paulinha corre eufórica em sua direção. Paula diz “A Paulinha fica olhando em direção da casa da Tata esperando que ela vem para cá. Anda um pouco com ela, Tata”. Anamaria a pega no colo e ela coloca a mão em seu rosto” (Diário de campo, Família da Paulinha, 2º dia de permanência).
Henrique	16 anos	14 anos	Irmão	“Henrique brinca de brigar com a Paulinha, ela faz com as mãozinhas pra ele pegá-la no colo. Ele faz que vai pegar e não pega, ela chora. Paula fala pra ele pegar. Ele fica no pega e não pega. Paulinha chora que chora. Paula grita com Henrique. Henrique diz que está custando a segurar seu corpo”. (Diário de Campo, Família da Paulinha, 4º dia de permanência).
Sebastião	14 anos	14 anos	Irmão	“Paula volta e grita perguntando se Sebastião já fez café. “Como eu posso ter dado de mamar pra Paulinha e fazer café ao mesmo tempo?” indigna-se Sebastião. Eu digo a ele que irei fazer. “Valeu Marcella” agradece Sebastião”. (Diário de campo Família da Paulinha, 25º dia de permanência).
Rafael	6	6 anos	Irmão	“Rafael perdeu o horário do ônibus. Ele e

	anos			Paulinha estão na sala. Rafael a aperta, beija, chama e ela faz caretas. Rafael a aperta tanto que ela começa a chorar” (Diário de Campo, Família da Paulinha, 6º dia de permanência).
Artur	1 mês e 14 dias	Desde o nascimento.	Irmão	“Anamaria me chama para ver como Artur já está tentando segurar a mamadeira. “Ele nem completou três meses” envaidece-se Anamaria. Ele tenta suspender o pescoço, como se estivesse querendo levantar. Ele apoia a mamadeira na barriga e chupa o bico insistentemente”. (Diário de Campo, Família da Paulinha, 24º dia de permanência).
Tiago	Não mencionado	Não mencionado	Marido de Anamaria	“Quando chego, abro a porta da sala, Anamaria e Tiago estão debruçados sobre o carrinho, babando em Artur. Assustam com a minha chegada e dão risada” (Diário de Campo, Família da Paulinha, 4º dia de permanência).
Luiza	24 anos	Não questionado	Mãe biológica de Paulinha	“(…) Luiza chega na hora com Paulinha no colo. Luiza chama a Manuela para dar um beijo nela. Pede para ela falar que ama a mãe. Ela agacha e abraça Manuela e Paulinha juntas. Luiza fala para Manuela que Paulinha está doente. Manuela “Doente, Paulinha, Paulinha, doente...”. Começa a beijá-la e abraça-la. As três ficam um momento abraçadas. Manuela aperta Paulinha e Luiza diz para parar, ela levanta e vai embora. Uma despedida”. (Diário de Campo, Família da Paulinha, 11º dia de permanência).
Felipe	Não mencionado	Não mencionado	Pai biológico de Paulinha e marido de Luiza	“(…) Felipe quer saber o que pesquiso e qual o foco da minha pesquisa. Felipe comenta que muitas pessoas falam de sua vida e da Luiza, mas ninguém sabe o que eles passam, como eles vivem e ninguém tem a ver com isso. Eu concordo com ele. Ele continua dizendo que ama suas filhas e que sempre está fazendo alguma coisa para colocar dinheiro em casa” (Diário de Campo, Família da Paulinha, 5º dia de permanência).
Manuela	2 anos	2 anos	Irmã biológica	“Paulinha está no andador e Manuela vai atrás. As duas estão próximas das caixas de tomate. Manuela sobe em cima do andador e pega os tomates, dá na mão de Paulinha e joga outros no chão do alpendre. Paulinha fica olhando o tomate, de um lado para outro, cheira e põe na boca” (Diário de Campo, Família da Paulinha, 15º dia de permanência).
Lara	6 anos	6 anos	Irmã biológica por parte de mãe	Vive com a avó materna e não teve a oportunidade de conhecer
Sofia	25 anos	11 anos	Diarista doméstica	“Ele está enjuadinho (Artur)” diz Sofia. “Será que está com cólica?” ela se pergunta. Ela dá

			da casa de Paula	mama pra ele, que não para de chorar. Sofia analisa por eliminação e resolve dar banho. Diz em seguida “banho, mama... só pode ser cólica então”. Eu digo para ela que pode estar estranhando a falta dos pais, da casa. Ela diz que é verdade. Sofia fica com ele no colo e ele adormece” (Diário de Campo, Família da Paulinha, 7º dia de permanência).
Gilberto	48 anos	Não questionado	Marido de Janete	“Gilberto brinca com a Paulinha em meio ao descarregamento. Ela está em pé no chão amparada pela mão da Janete. Ele brinca de perguntar “cadê a Paulinha?” e de repetir o que ela normalmente resmunga “... da, da...”. (Trecho do diário de Campo, Família Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 304-306).
Janete	48 anos	14 anos	Amiga e Vó de consideração de Paulinha	“Durante nossa empreitada, eu e Janete conversamos sobre a Paulinha, que adormecia levemente em seu colo no banco de trás. Janete me diz que a Paulinha só fica com a Paula. Todos os lugares que ela vai, está junto. Contame o tanto que o Sebastião tem jeito com a Paulinha, faz comida, troca, dá banho. Diz que a casa da Paula sempre é muito movimentada e que todo mundo participa da vida da Paulinha” (Trecho do diário de campo, Família de Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 280-285).
Marcos	Não questionado	14 anos	Sobrinho de Carlos	“Paulinha vê o Marcos e começa a esperneia, quer ir pro seu colo. Janete diz “não cumpadi vai colocar comida”. Ele “Só um pouco para ela não chorar. Janete diz pra ele que querem tirar a comida e ele pede pra Paulinha esperar um pouco. Ele coloca comida e senta na mesa a frente, junto com Marcos. Durante o almoço, Paulinha faz caras e bocas para Gilberto, ri, faz caretas. Ele do outro lado ri também, aí que ela faz festa. Paulinha faz caras e bocas para Marcos, ri, faz caretas. Ele do outro lado ri também, aí que ela faz festa. (Trecho do diário de campo, Família de Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 378-383).

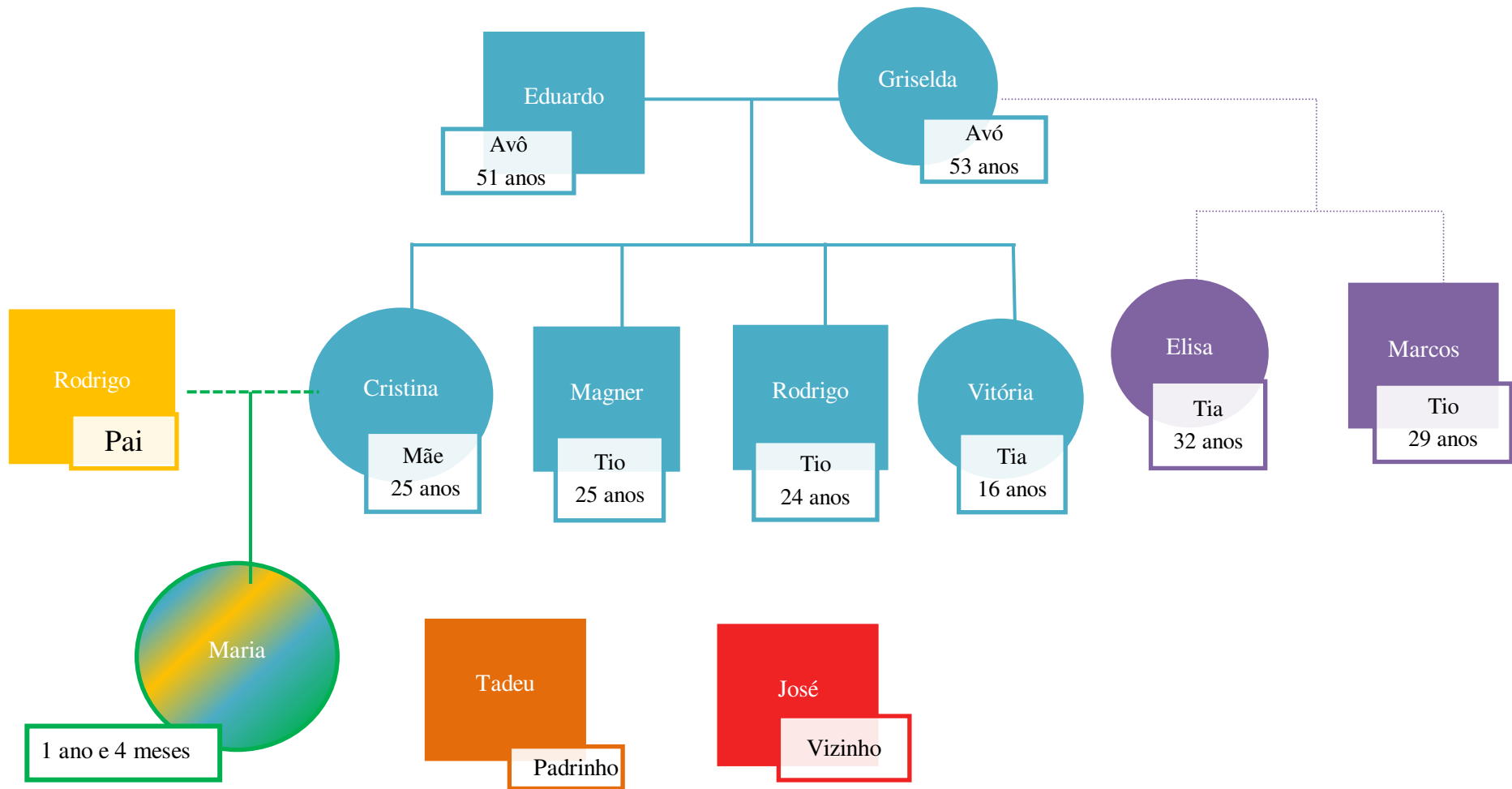
Fonte: Diários de campo durante as observações dos dias de Paulinha (Setembro e Outubro de 2011).

Maria foi escolhida para representar as crianças na faixa etária de 1 a 2 anos. Maria é filha de Cristina e Rodrigo. Desde seu nascimento, foi cuidada e educada por Griselda e Eduardo, seus avós maternos. Griselda e Eduardo são pais dos gêmeos Cristina e Magner, Rodrigo e Vitória. Griselda tem dois filhos do seu primeiro casamento, Elisa e Marcos.

A seguir são apresentadas as relações entre as pessoas que compõem a Família de Maria, por meio do desenho de seu universo relacional. Didaticamente, as cores e suas misturas delineiam as formas e expressões que sustentam as relações entre essas pessoas e Maria, tais como:

- Amarela retrata a Família de seu pai;
- Azul-claro retrata a Família de sua mãe;
- Verde, a mistura entre amarela e azul claro, retrata o compartilhamento no cuidado e educação de Maria, por Griselda/Eduardo com Cristina;
- Roxo retrata os filhos do primeiro casamento de Griselda;

Figura 2. O universo relacional de Maria



Durante o processo de convivência no trabalho de campo com a Família de Maria, não houve interação com Rodrigo, Elisa e Marcos, pois eles não moravam na residência da Família. No entanto, durante a entrevista com a Família foi retratada pelos avôs e a tia Vitória a relação desses dois tios com Maria. Por esse motivo, eles foram incluídos no conjunto Família.

Quadro 6. Apresentação dos participantes pertencentes à Família de Maria (1 a 2 anos)

FAMÍLIA DE MARIA				
Nome	Idade	Tempo na Comunidade	Relação com Maria	Trecho
Maria	1 ano e 4 meses	1 ano e 4 meses	-	“Você não quer andar?” pergunta o avô. Ela responde que sim, (...). O avô a pega no colo e a coloca em cima do pelo. Ela já pega na crina do cavalo instantaneamente. “Meu bem, segura aqui também” diz Seu Carlos. Eles vão pela estrada e Maria fica firminha, sem medo e avante. Escuto ao longe Griselda comentando com Vitória que Maria vai sozinha e no pelo. Seu Eduardo diz “Toca a égua, Meu Bem”. Maria solta beijinhos e “oh égua”. Seu Eduardo responde “Ela é muito ligeira”. (Diário de Campo, Família da Maria, 10º dia de permanência)
Griselda	53 anos	13 anos	Avó materna	“Griselda me pergunta o que foi. Eu digo que Maria está me chamando para brincar, mas eu não aguentaria ficar sentada no chão com ela. “Fia, não faz isso com ela não, hoje ela tá com dor. E aí está sujo para ela sentar. Vem tomar café vem. Você quer leite?” diz Griselda a Maria, que diz “leite”. “A vó vai pegar” complementa” (Diário de Campo, Família da Maria, 16º dia de permanência)
Eduardo	51 anos	14 anos	Avô materno	“Seu Eduardo chega e Vitória diz que Maria está demais. Ele responde “Não, Fia, ela está de menos”. Vitória responde “Pai, mas ela está fazendo arte”. Seu Eduardo a aconselha “Fia, eu não te disse que criança quando está fazendo arte, está desenvolvendo. Ela está descobrindo” (Diário de Campo, Família da Maria, 13º dia de permanência).
Cristina	25 anos	13 anos	Mãe	“Cristina a chama e pergunta se ela a ama. Ela diz que sim com a cabeça e ri. Cristina para de costurar a vaca e deita de conchinha com Maria”. (Diário de Campo, Família da Maria, 1º dia de permanência)

Rodrigo	24 anos	Vive na cidade de Restinga	Pai	“Rodrigo, pai de Maria, chega perto e quando Maria vê, ela solta o corpo em sua direção e diz “Opa!”. Os pais riem da espontaneidade dela”. (Diário de Campo, Família da Maria, 11º dia de permanência).
Vitória	16 anos	13 anos	Tia	“Levanta e passa pelas pernas de Vitória, que diz “Cuidado, que você vai cair de novo”. Ela entra e tenta sentar no vão do rack. “Olha lá, mãe, você tirou o espaço dela, mudando o rack de lugar”. Vitória tira a sacola e coloca Maria sentada (...). Depois despeja todos os brinquedos no chão e pega uma flauta. Tira a tampa do sopro e pede para Vitória para soprar o cano, que sopra e aponta para Maria. Essa ri e bate a mãozinha em Vitória para não parar de soprar. (Diário de Campo, Família da Maria, 8º dia de permanência).
Magner	25 anos	13 anos	Tio	“Nos intervalos da novela, Vitória e Magner vão deitar na cama. Vitória pega Maria e começa a fazer cosquinhas na cama. Magner também faz o mesmo pedindo pra ela dar um “Upa” no tio. Upa é quando ela dá um abraço bem forte. Ela dá o “Upa” e escorrega pra cama”. (Diário de Campo, Família da Maria, 1º dia de permanência).
Marcos	29 anos	1 mês	Tio	“Marcos fica brincando comigo e me implicando quando não estou perto de Maria observando” (Diário de campo, Família da Maria, 15º dia de permanência).
Elisa	32 anos	Não mora no assentamento	Tia por parte de mãe	Quando Maria nasceu, ela ajudou Griselda quando precisa se ausentar para trabalhar em feiras itinerantes.
José	Não perguntado	Não perguntado	Vizinho de lote e cunhado de Paula	“Seu Eduardo vai raspar o casco do cavalo. Maria vai até ele e fica observando. Rodrigo chega e brinca com ele, que responde dizendo “É minha assistente, Rodrigo. Olha aqui”. Rodrigo brinca com Maria. “Eu não acredito que você está ajudando seu avô” diz. Rodrigo, Griselda e Eduardo começam a conversar sobre moto” (Diário de Campo, Família da Maria, 18º dia).
Tadeu	Não perguntado	Não perguntado	Padrinho de Maria	“De repente, os cachorros começam a latir. Griselda pergunta quem poderá ser. Reconhece o padrinho de Maria, Tadeu. Ele vem de carroça em pé. Griselda pega Maria “Fia, vem andar de cavalo com o padrinho. Vem, fia!”. Griselda dá Maria para o padrinho, que a coloca sentada ao seu lado. Ele dá uma volta com ela e para a carroça perto da outra varanda do outro lado da casa. “Oh Maria fica abusando...” diz Sebastião. Griselda “Não Eduardo é bom que ela se aproxime dele, ontem não estava querendo”.



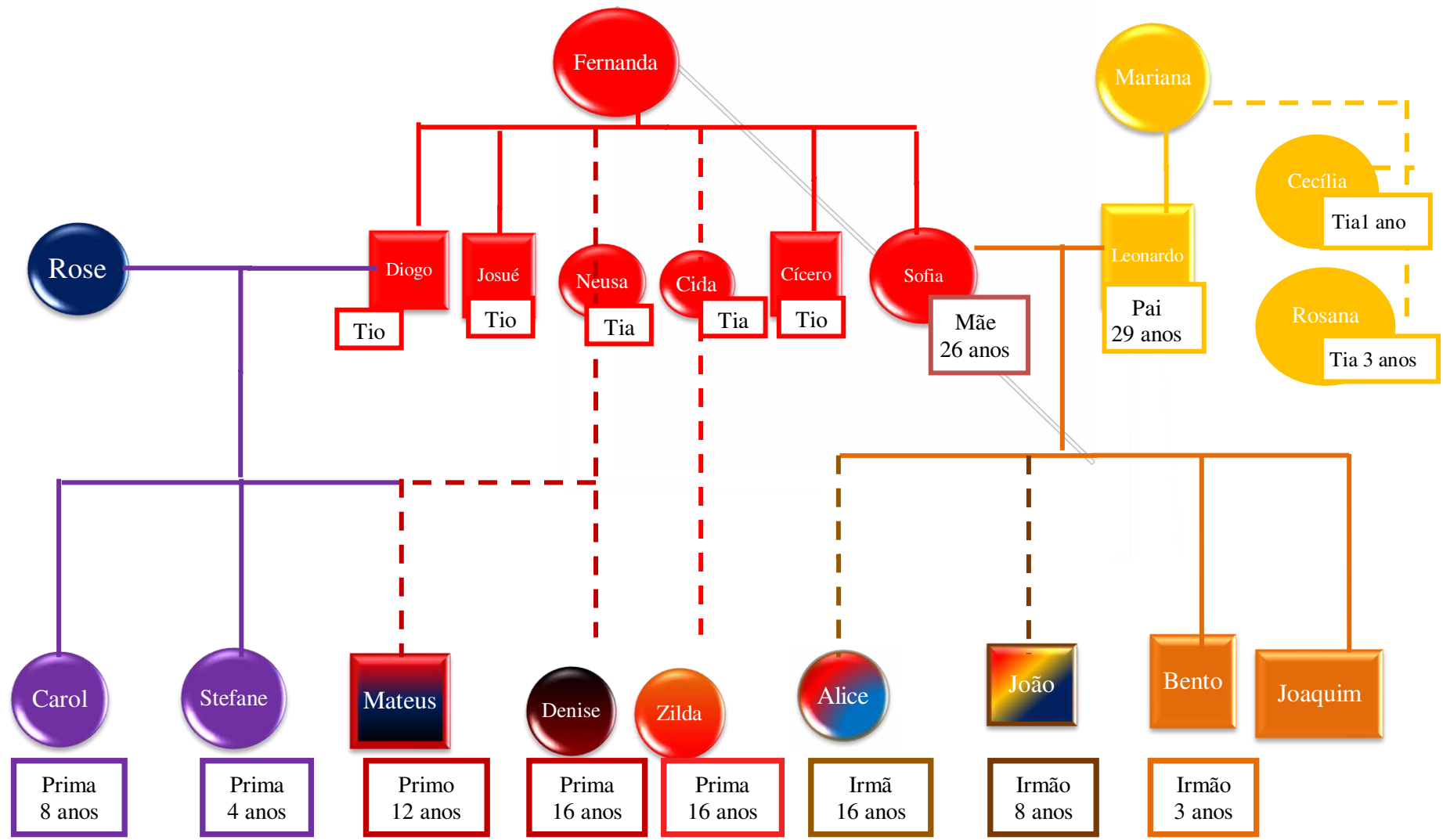
				(Diário de Campo, Família da Maria, 11º dia).
--	--	--	--	---

Fonte: Diários de campo dos dias de Maria (Dezembro de 2011 e Janeiro de 2012).

Joaquim foi escolhido para representar as crianças na faixa etária de 2 anos e 3 meses. Joaquim é filho de Sofia e Leonardo. A seguir, são apresentadas as relações entre as pessoas que compõem a Família de Joaquim, por meio do desenho do seu universo relacional. Didaticamente, as cores e suas misturas delineiam as formas e expressões que sustentam as relações entre essas pessoas e Maria, tais como:

- Amarela retrata a Família de seu pai e de suas meias irmãs maternas;
- Vermelha retrata a Família de sua mãe;
- Laranja, a mistura entre o vermelho e o amarelo retrata os filhos do casal, Joaquim e Bento;
- Azul claro retrata a filha do primeiro relacionamento de Sofia;
- Azul escuro retrata o filho do segundo relacionamento de Sofia;
- Marrom claro, a mistura entre o vermelho, o amarelo e o azul claro, retrata o compartilhamento de Leonardo no cuidado e na educação de Alice e de João;
- Marrom escuro, a mistura entre o vermelho, o amarelo e o azul escuro, retrata o compartilhamento de Leonardo no cuidado e na educação de João;
- Azul metálico retrata a Família de Rose, esposa de Jesus;
- Roxo, a mistura entre o azul metálico e o vermelho, retrata os filhos de Rose e Diogo;
- Vinho, a mistura entre o vermelho, o azul metálico e o preto, retrata o compartilhamento de Rose e de Diogo no cuidado e na educação de Nicolas, neto de Sônia;
- Vermelho e preto retratam a guarda definitiva da avó Sônia no cuidado e na educação de Denise; e, por último, vermelho e laranja retratam a guarda definitiva da avó Sônia no cuidado e na educação de Zilda.

Figura 3. O universo relacional de Joaquim



Quadro 7. Apresentação dos participantes pertencentes à Família de Joaquim (2 a 3 anos)

FAMÍLIA DE JOAQUIM				
Nome	Idade	Tempo na Comunidade	Relação com Joaquim	Trecho
Joaquim	2 anos e 4 meses	2 anos e 4 meses	-	“Ele me chama “Macela, Macela”. Eu fico pensando se devo ir ou não. Eu vou. Quando eu chego ao quarto, ele diz “Macela, posso fica cocê na sala?”. Como falar não? Eu digo que sim. Ele estende os braços para eu pegá-lo”. (Diário de Campo, Família do Joaquim, 13º dia de permanência)
Sofia	26 anos	11 anos	Mãe	“Sofia comenta sobre a vontade de ir pegar leite na sua sogra. Digo-lhe se quiser eu vou com ela e subimos de moto até o lote. O dia já está entardecendo e a moto sem farol apavora todo o caminho com suas engasgadas. Na subida do campinho, por pouco, nós não caímos, fomos deslizando e se cada uma não segurasse de um lado, seria um tombo regado a contato direto com várias pedras” (Diário de Campo, Família do Joaquim, 2º dia de permanência).
Leonardo	29 anos	11 anos	Pai	“Leonardo reclamou com Sofia que não era roupa de menino ir para escola. Sofia, em meio à montoeira de roupa, procura a calça do Batman. Ela não acha esta, pois, na verdade, a calça era do Homem-Aranha. Bento pede a do Batman, que não existe, e Sofia explica-lhe que a calça é do Homem-Aranha e ela confundiu. Sofia a acha e sua camiseta, coloca nele ambas e um moletom. Leonardo chega ao quarto e diz “Agora sim, não tinha jeito de ir com aquela roupa”. Bento diz “ó pai”. Leonardo o abraça e Bento dá um sorriso satisfeito” (Diário de Campo, Família do Joaquim, 13º dia de permanência).
Alice	10 anos	10 anos	Irmã	“Alice me pergunta se eu não irei brincar também de água. Dou risada e digo que já estou me refrescando o bastante”. (Diário de Campo, Família do Joaquim, 2º dia de permanência).
João	7 anos	7 anos	Irmão	“João ainda está pelo quintal brincando sozinho, pergunto-lhe por que não brincou com os irmãos. Ele me diz que

				seu pai iria ficar bravo. Digo-lhe que ele havia deixado também. “Por que você não me avisou antes?” pergunta rindo” (Diário de Campo, Família do Joaquim, 2º dia de permanência).
Bento	3 anos e 3 meses	3 anos e 3 meses	Irmão	“Vou para a cozinha conversar com Sofia e escuto Bento chorando. Pergunto-lhe o que aconteceu, ele me diz rindo que levou um tombo. Joaquim ri. Bento me conta que Joaquim está rindo dele porque ele levou um tombo, mas que ele também levou um tombo”. (Diário de Campo, Família de Joaquim, 20º dia de permanência).
Diogo	Não especificado	14 anos	Tio materno	“Rose puxa Joaquim que tenta fugir para detrás do sofá. Diogo tenta puxá-lo também e ele ri da situação”. (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 1º dia de permanência).
Rose	Não especificado	14 anos	Tia materna	“Cícero termina de fazer o bolo. Rose chega e brinca de lutinha com ele. Ela senta no sofá e conta a história do acidente” (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 14º dia de permanência).
Carol	8 anos	8 anos	Prima	“Alice diz para Carol que ela precisa trocar de roupa, se não o pai dela irá bater nela. Carol se assusta e se pergunta como irá fazer” (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 2º dia de permanência).
Stefane	4 anos	4 anos	Prima	“Stefane diz que não pode deixar Joaquim sozinho e faz o mesmo dizendo que também está com vontade, para o meu espanto. Joaquim também está comendo jabuticaba neste momento. Digo-lhes para irmos para casa e Stefane me diz que não podem parar agora”. (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 2º dia de permanência).
Mateus	12 anos	12 anos	Primo	“Alice e Mateus vão para o quintal. Eles resolvem passar o lixo juntado por Sofia outro dia para o outro lado do quintal, pois irão queimá-lo logo mais e se fizerem isso onde ele está, poderá queimar o pé de amora, o de limão e o de manga. Eles vão até a casa de Dona Fernanda buscar a carriola que Bento levou para lá outro dia. (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 13º dia de

				permanência).
Zilda	16 anos	Não especificado	Prima	“Consigo pegar Zilda no tempo, que é a pegadinha da próxima vez. Zilda conta em seguida e todos se escondem. Sofia tenta dizer para Joaquim ficar debaixo de alguma coisa, mas ele não escuta e não vai. Zilda me acha e vai correndo até o pique. Felizmente, eu consigo chegar antes dela” (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 3º dia de permanência).
Denise	14 anos	Não especificado	Prima	“Denise chega e elas (Sofia e Denise) conversam. Denise fica fazendo carinho nele (Joaquim) e pergunta se quer ir para a casa da vovó” (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 19º dia de permanência).
Marcos	Não especificado	Não especificado	Tio materno	“Nesse meio tempo, Teresa e Marcos (irmão de Sofia) passam para arrumar uma coisa no carro de Dona Fernanda. Eles me convidam para ir a sua casa e dizem para eu falar para Sofia me levar” (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 13º dia de permanência).
Cícero	Não especificado	Não especificado	Tio materno	“Ele pergunta para o tio sobre o machucado dele. Cícero mostra o machucado e ele pergunta se doeu. Cícero diz que queimou na moto. Joaquim diz que machucou também, que tinha bichinho no pé e que a mamãe tirou os bichinhos que estava no pé dele. Ele desce do sofá e mostra os pés para o Tio. Ele diz “vou com você, tio””. (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 4º dia de permanência).
Fernanda	Não especificado	Não especificado	Avó materna	“Fernanda diz para ele “Ou, pôr flor atrás da orelha é coisa de mulherzinha”. Ele diz pra ela “Tchau, vovó”. Sofia diz “Fala pra vovó que você é macho”. “Macho, vovó”, diz Joaquim”. (Trecho de Diário de campo, Família de Joaquim, 4º dia de permanência).
Mariana	44	Não especificado	Avó paterna	“Mariana diz para Sofia deixar-los brincar”. (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 5º dia de permanência).

Rosana	4 anos	4 anos	Tia paterna	“Joaquim brinca com Rosana na motoca dela. Rosana está andando de motoca embaixo da árvore e Joaquim se aproxima. Ela pede para Joaquim sair (...). Mas, Rosana muda de ideia e chama Joaquim para andar. Ele senta na motoca e ela empurra”. (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 5º dia de permanência).
Cecília	1 ano e 1 mês	1 ano e 1 mês	Tia paterna	“Joaquim percebe que Cecília está no andador debaixo da mesa. Joaquim vai atrás dela e ela tenta sair de perto dele. Ela vai para um lado, ele vai; ela vai para o outro e ele vai também. Sofia diz para ele ficar quieto”. (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 5º dia, linhas 557-568).

Fonte: Diários de campo dos dias de Joaquim (Agosto e Setembro de 2012).

#### 5.4. Orientações para a análise do *corpus* da pesquisa

Neste momento, de sentimento da pesquisa como um corpo composto de várias partes que a sustenta, em que uma parte não existe sem a outra, destacamos que a construção metodológica, até agora organizada, já configura um movimento de construção do corpus e análise, uma vez que já se trata de um exercício de interpretação que reconstrói simbólica e significativamente uma forma de apresentação do objeto de análise.

Segundo Vigotski (2007), somente a experiência do dia a dia não é o bastante para a análise científica, seria o mesmo que “todos os objetos fossem fenotípica e genotipicamente equivalentes (isto é, se os verdadeiros princípios de sua construção e operação fossem expressos por suas manifestações externas)” (p.66). Sendo assim, é necessário um exercício de interpretação como “uma possibilidade de reconstruir o fenômeno segundo suas marcas e influências, fenômeno esse que extrapola a percepção da experiência direta” (J. Silva, 2012, p. 32). Ao meu ver, este exercício já compõe o desafio etnográfico desde o seu início em minha experiência direta e na sistematização até aqui realizada, propiciando-me uma visão “panorâmica” e um primeiro delineamento das nuances do cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo.

Para além de um desenvolvimento fragmentado da pesquisa, a análise e a discussão dos dados realizaram-se desde o primeiro momento de escolha sobre a forma

e os possíveis modos de apresentar a pesquisa. Na esperada forma instituída de “Introdução, desenvolvimento e conclusão”, as diversas escolhas – dos autores para dialogar, das perguntas declaradas, dos procedimentos empreendidos, e de uma possível consideração final – são compostas também formas de análise da experiência vivida pela pesquisa.

Não sendo uma ferramenta de coleta de dados, a pesquisa etnográfica, ao imergir no encontro com os bebês do campo por eles mesmos, em seus espaços, suas relações, seus dias, sua comunidade, propiciou reconstruí-los; e a partir daí emergir, como um movimento de um corpo que sai de um fluido no qual estava mergulhado e continua encharcado, descrevendo a configuração dos cotidianos de crianças de uma comunidade rural.

A partir da apreensão possibilitada pela *RedSig* como pesquisadora das infâncias do campo, essa vivência inicial do material empírico auxilia a afunilar e precisar o foco: a rede das crianças de 0 a 3 anos do campo, em seus cenários na constituição de suas infâncias, com diversos personagens e tipos de relação, que encenam seus cuidados, suas atividades e suas brincadeiras em seus dias de crianças bem pequenas no campo. Entendemos, à luz das contribuições de Rosemberg e Artes (2012), que

a criança pequena está vivendo sua humanidade hoje, ao mesmo tempo em que constitui as bases para o futuro; esquecemo-nos que a curta duração da primeira infância, diante de uma esperança de vida ao nascer do brasileiro de 73,1 anos (IBGE, 2012), constitui, na verdade toda a vida de uma criança pequena (p.19).

Sendo assim, como se fosse um metodólogo, que quer capturar as nuances do tempo da pesquisa de campo e das situações que envolveram as escolhas do tema, dos recursos (com seus instrumentos e ferramentas) e dos sujeitos da pesquisa, compreendo que a *análise dos dados* se fundamenta em

apreender os vários elementos presentes em determinadas situações interativas, buscando analisar os vários significados e sentidos que se destacam na situação, para as várias pessoas participantes do processo, acompanhando ainda seus movimentos de transformação e procurando interpretar os processos pelos quais as significações emergem (Rossetti-Ferreira et al., 2004, p. 31)

O processo dialético de apreensão dos diversos elementos que compõem uma situação e a sua explicitação configuram um dos enfrentamentos da pesquisadora etnográfica. A descrição densa e a especificação do dia a dia de crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias são possíveis somente mediante a consideração de que “a análise

científica dos fatos se diferencia precisamente do registro dos mesmos porque implica a acumulação de conceitos, implica a inter-relação de conceitos e fatos, ressaltando os primeiros” (Vigotski, 2004, p. 239).

Compreendemos que esta descrição densa configura-se como um empreendimento intenso de ir e vir ao material, ao tratar os questionários, os diários de campo e as entrevistas como objetos produzidos socialmente num dado contexto histórico e que, em virtude desta peculiaridade, trazem marcas do tempo. Nesse sentido, não se trata de descrever como sinônimo de uma apresentação pura e simplesmente, mas sim de construir uma orientação de análise que vise a interpretação macro e micro analítica do fenômeno “cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo”.

Por isso, optamos em não categorizar as descrições dos dias das crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias, mas sim ressaltar a exigência de registrar histórias cotidianas. Contar histórias fez parte do processo desta pesquisa e é, assim, “também uma ação importante na vida cotidiana” (Spink, 2003) e acreditamos que também *sobre* a vida cotidiana do campo.

Em um processo de “contar histórias”, buscamos revelar as nuances do cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo e suas Famílias, exigindo a construção de um olhar e uma escrita sensível das narrativas dos dias de bebês e de suas primeiras infâncias, elucidando o mundo à sua volta a partir das relações deles com outros seres, objetos e fatos. Segundo Spink (2008),

Também não somos as únicas pessoas que buscam formas de narrar e contar o cotidiano. (...). Há fotógrafos, pessoas editando vídeo documentários, músicos e poetas, cada um buscando trabalhar com fragmentos diários, além de todas as pessoas que, nas conversas sobre os acontecimentos do dia a dia, mantêm viva a arte de contar histórias. (Spink, 2008, p.74).

Para compreender os questionários, utilizamos da análise quantitativa e qualitativa para qualificar as especificidades do cotidiano de 16 crianças de 0 a 3 anos de uma comunidade rural assentada. A utilização da análise quantitativa apresentou-se como uma forma de visualizar aspectos gerais e ao mesmo tempo específicos, que compõem a diversidade dos cotidianos em territórios rurais. Em alguns momentos, buscamos compreender esses dados em relação a alguns dados oficiais sobre a infância brasileira de 0 a 3 anos. Também procuramos dialogar com informações presentes em outras pesquisas do grupo SEITERRA e de outros trabalhos do CINDEDI, que



evidenciassem as peculiaridades das práticas cotidianas dos dias dos bebês e suas Famílias.

Tornou-se possível a descrição da história de cada criança observada, com um enredo, tema, história, cenas e seus personagens. Para tanto, trabalhamos com a noção de cenas específicas, que retratassem particularidades dos dias de cada criança. Esta totalidade denominamos de Redes de Paulinha, Maria e Joaquim, que foram compostas com trechos das entrevistas e dos diários de campo, ressaltando elementos das histórias das infâncias do campo, no campo e em diferentes espaços frequentados pela criança e sua Família. A particularidade do cotidiano do campo foi utilizada como critério de escolha dos trechos escolhidos; assim como os elementos que chamam mais atenção nas infâncias representadas pelas crianças: em suas redes de relações; no compartilhamento do cuidado e da educação da criança; na moradia em cada uma das agrovilas e no lote; na relação com a terra e com a natureza.

Durante a descrição da rede de cada criança, foi utilizado como recurso um quadro (Quadro 8) que buscou evidenciar: a cena, o cenário, os parceiros, os tipos de relação, interação com objetos e/ou ambiente natural, e os papéis desempenhados pela criança. A estrutura deste quadro apresenta-se da seguinte forma:

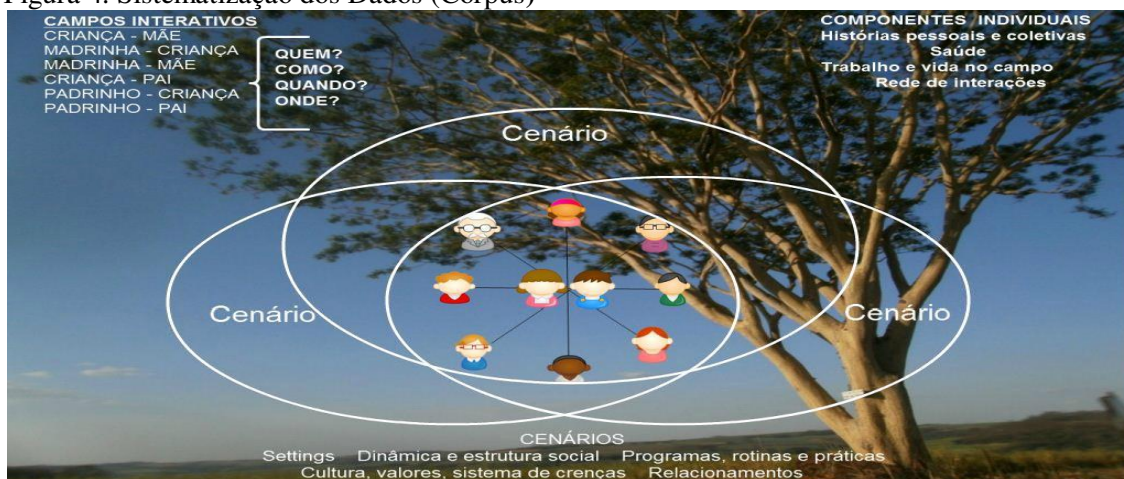
Quadro 8. Exemplo de estrutura de quadro de descrição da rede de cada criança

CENA 1				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
CENA 2				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS

A compreensão do conjunto do material aponta para algumas especificidades no cotidiano das crianças. Esperamos que o quadro contribua para visualizar a configuração da rede de cada criança, os diferentes elementos – interações, pessoas e contextos – e suas inter-relações envolvidas em seus processos de desenvolvimento diário.

Propomos que, ao final, seja possível compor um esquema<sup>17</sup> para compreender de que forma os elementos na matriz sócio-histórica se interagem. Esta proposta baseia-se nas elaborações de Rossetti-Ferreira, Vitória e Amorim (1995), na tentativa de compreender como se dava o processo de inserção de bebês em creche. Este é apresentado, analogicamente, por uma figura, representando os elementos em discussão presentes nas matrizes sócio-históricas da creche, das mães e das crianças:

Figura 4. Sistematização dos Dados (Corpus)

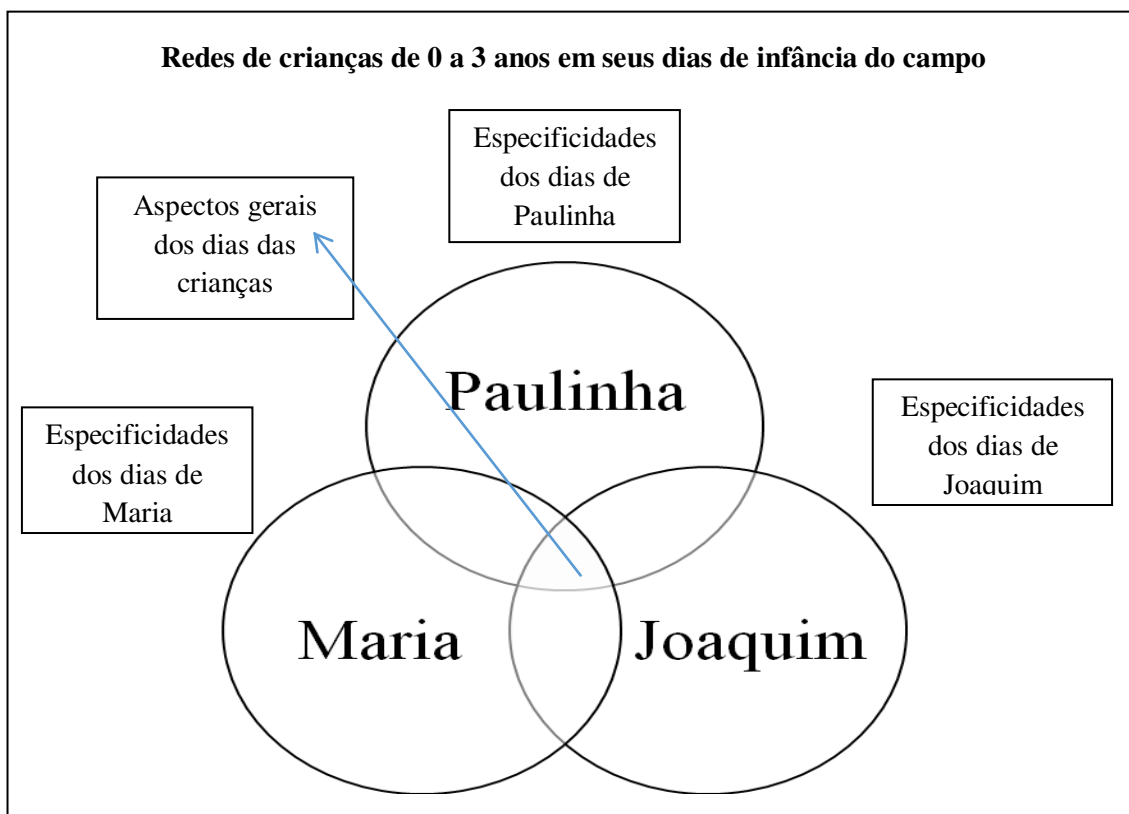


O entrelaçamento entre os campos interativos, os componentes individuais e os cenários em rede sustenta-se pelas práticas e significações apropriadas pelas pessoas em interação. Acreditamos que os campos interativos, conforme foram evidenciados por Amorim (1997), no estabelecimento das díades constituídas no contexto observado, não correspondem à rede de relações extensa e comunitária das crianças de 0 a 3 anos observadas. Por isso, a partir dos resultados do estudo cuidadoso de L. Lima (2012), na construção da matriz sócio-histórica das Famílias e dos profissionais de educação investigados, propusemos a construir um diagrama que elucidasse a diversidade do

<sup>17</sup> Ver Amorim, K. S. (1997). **Processos de (re) construção de relações, papéis e concepções a partir da inserção de bebês em creche**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.

cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo. Ele teve o objetivo de apresentar os elementos específicos dos dias de Paulinha, Maria e Joaquim; apresentando, ao mesmo tempo, os elementos comuns das infâncias destas crianças, nas generalidades que retratem os componentes universais do desenvolvimento no grupo etário de 0 a 3 anos.

Figura 5. Diagrama final como síntese da interpretação dos dados



O estudo sistemático das redes de Paulinha, Maria e Joaquim e a proposta de construção do diagrama foram sendo construídos a partir da imersão e emersão etnográfica, compreendendo estes dois momentos de forma não linear. Eles possibilitaram visualizar as nuances que aproximavam e distanciavam os dias de cada um. A sequência do texto foi sendo transformada nas leituras constantes do material. No processo de elaboração da *análise dos dados*, a *RedSig* compreende que construir a análise de uma pesquisa depende das perguntas e do momento em que ela é construída, a partir de quais determinados significados emergentes das redes foram priorizados. “Diferentes pessoas, campos de interação ou contextos assumem maior ou menor relevância, em um movimento de figura e fundo, no qual se alternam análises minuciosas como um olhar mais geral sobre o conjunto do material (Rossetti-Ferreira et al., 2004, p. 31).

## 6. CONFIGURAÇÃO DO COTIDIANO DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DE UMA COMUNIDADE RURAL ASSENTADA

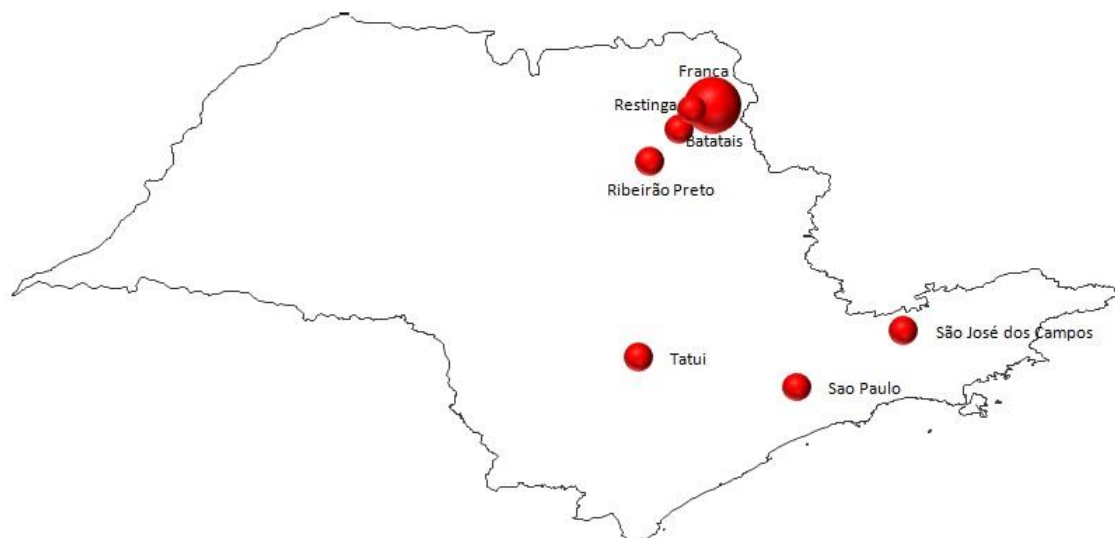
São apresentadas as semelhanças e diferenças do cotidiano de 16 crianças de 0 a 3 anos da comunidade rural investigada. Para isso, foram considerados os seguintes tópicos: (a) caracterização da amostra; (b) pessoas participantes dos dias da criança; (c) atividades, espaços e brincadeiras do dia a dia; (d) significações sobre o cuidado e a educação da criança do campo; (e) os dias das crianças.

### 6.1. Caracterização da amostra

Os questionários foram aplicados a 14 mulheres, cujas idades variavam entre 17 e 48 anos. Duas dessas mulheres possuíam dois filhos, cada uma delas na faixa etária de 0 a 3 anos, e se prontificaram a responder o questionário sobre as duas crianças. Diante disso, totalizam-se 16 crianças de 0 a 3 anos, representantes da comunidade rural assentada.

Somente 4 mulheres vieram de cidades fora do Estado de São Paulo, sendo provenientes das cidades de Francisco Sá, Itambacuri e São Sebastião do Paraíso, do Estado de Minas Gerais; e Toledo, do Estado do Paraná. As demais nasceram nas seguintes cidades, como pode ser visualizado no mapa, a seguir:

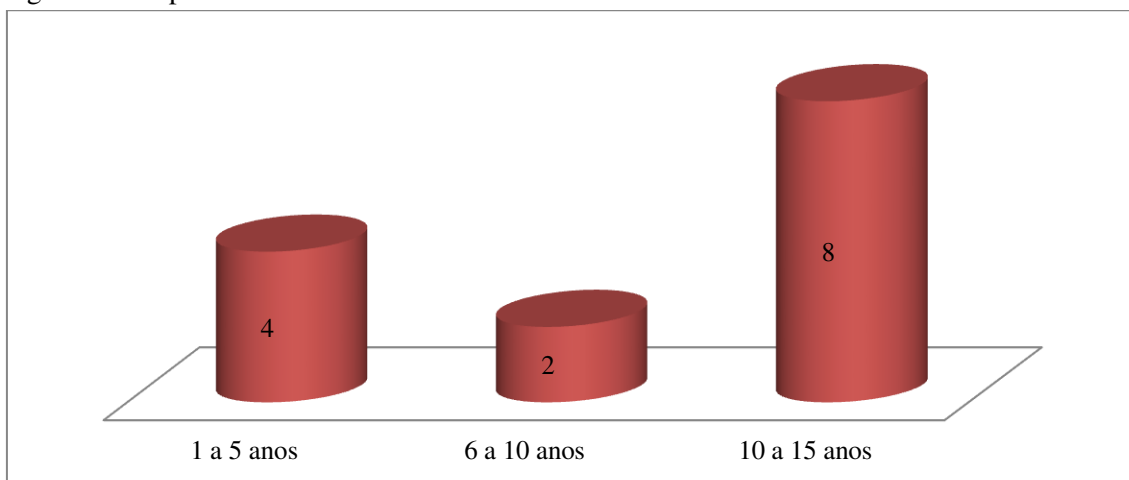
Figura 6. Localização da amostra



Esses dados mostram que a população migrou predominantemente dentro do próprio nordeste paulista, com quatro nascidas na cidade de Franca, e uma em cada uma das seguintes cidades: Batatais, Restinga e Ribeirão Preto.

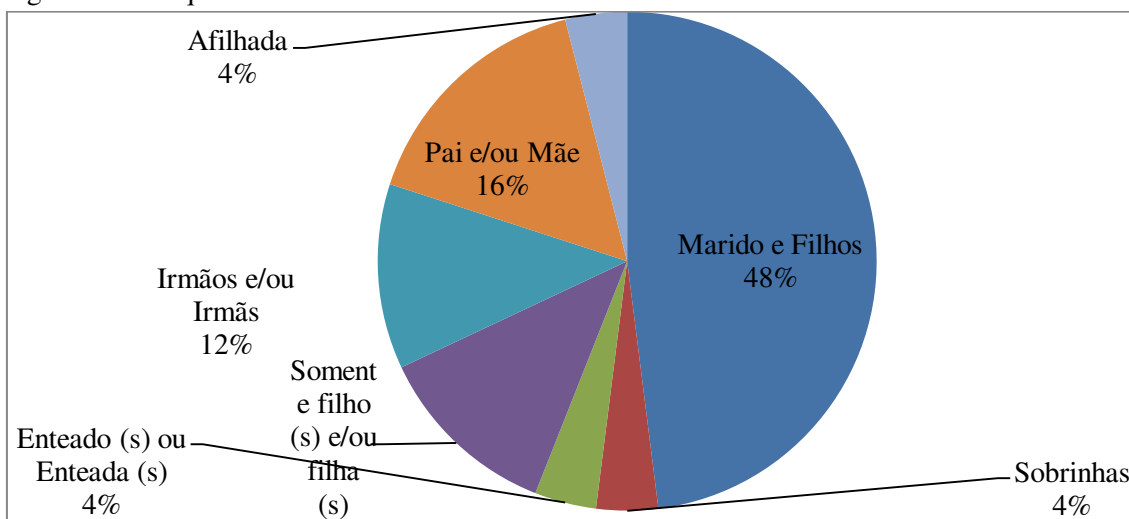
Sobre o tempo em que as mulheres e suas Famílias vivem no assentamento rural, distribuídas de acordo com faixas de 5 anos, encontrou-se a seguinte situação:

Figura 7. Tempo estimado de vida das Famílias no assentamento rural



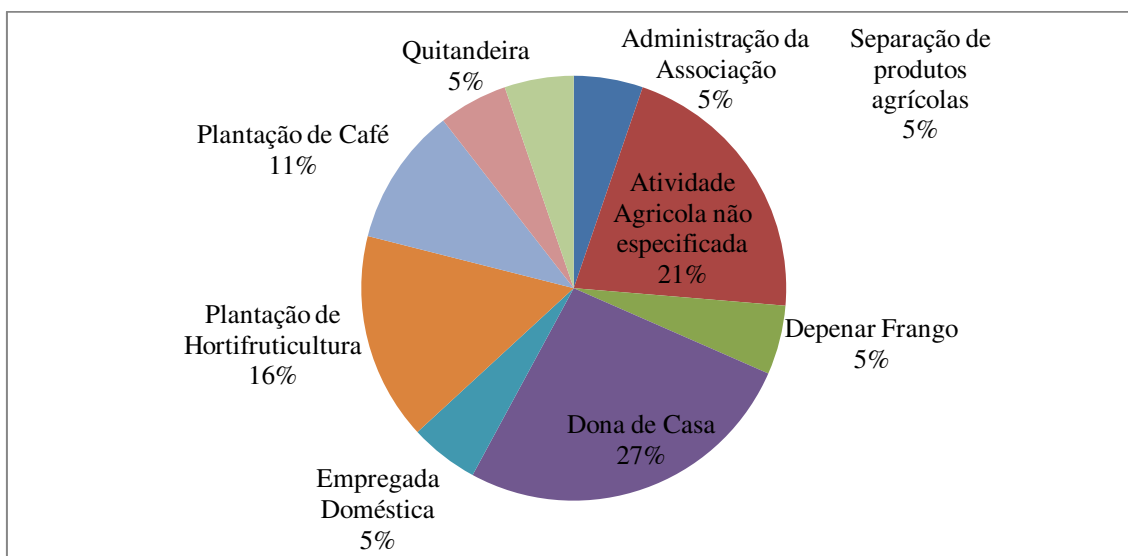
As pessoas que compartilham do mesmo domicílio com as mulheres entrevistadas podem ser visualizadas no gráfico, a seguir:

Figura 8. Com quem você mora?



Sobre a profissão das mulheres entrevistadas, as atividades descritas podem ser visualizadas no gráfico abaixo:

Figura 9. Profissão das mulheres



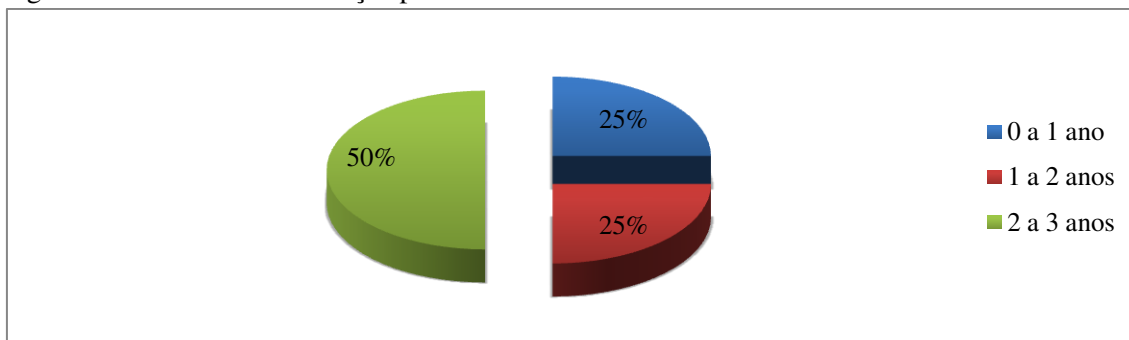
Sobre as 16 crianças de 0 a 3 anos, elas nasceram na cidade próxima ao assentamento. A média de filhos dessa amostra é de 3,19 por Família. Sobre o sexo das crianças de 0 a 3 anos, há 9 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. No quadro a seguir, podem ser visualizadas algumas informações sobre a criança:

Quadro 9. Distribuição das crianças em suas Famílias

	CRIANÇA	MÃE		Nº DE FILHOS	ORDEM DE NASCIMENTO	MÃE TRABALHA?	ONDE A CRIANÇA FICA DIARIAMENTE?
		IDADE DA MÃE					
1	Menina de 3 meses	Karina	34	2	2º filha	Sim	Própria casa
2	Menino de 2 anos	Débora	26	4	4º filho	Sim	Própria casa
3	Menino de 3 anos	Débora	26	4	3º filho	Sim	Própria casa
4	Menino de 1a e 2m	Pamela	24	2	2º filho	Sim	Casa da Tia
5	Menino de 1a e 5m	Sofia	25	4	4º filho	Sim	Própria casa
6	Menino de 3 anos	Sofia	25	4	3º filho	Sim	Própria casa
7	Menina de 7 meses	Maiara	27	4	4º filho	Sim	Trabalho
8	Menino de 22 dias	Anamaria	17	1	1º filho	Sim	Própria casa
9	Menina de 3 anos	Mariana	44	8	7ª filha	Sim	Própria casa
10	Menina de 2 anos	Teresa	26	2	2ª filha	Sim	Própria casa
11	Menina de 1a e 1m	Leticia	35	4	4ª filha	Sim	Própria casa
12	Menina de 2 anos	Helen	28	2	2ª filha	Sim	Própria casa
13	Menino de 2 anos	Isabella	19	2	2º filho	Sim	Casa da Avó
14	Menino de 2 anos	Joaquina	20	1	1º filho	Não	Própria casa
15	Menina de 10meses	Madalena	48	6	5ª filha	Sim	Própria casa
16	Menina de 1 a e 4m	Cristina	25	1	1ª filha	Sim	Casa da Avó

As crianças distribuem-se conforme a idade da seguinte forma:

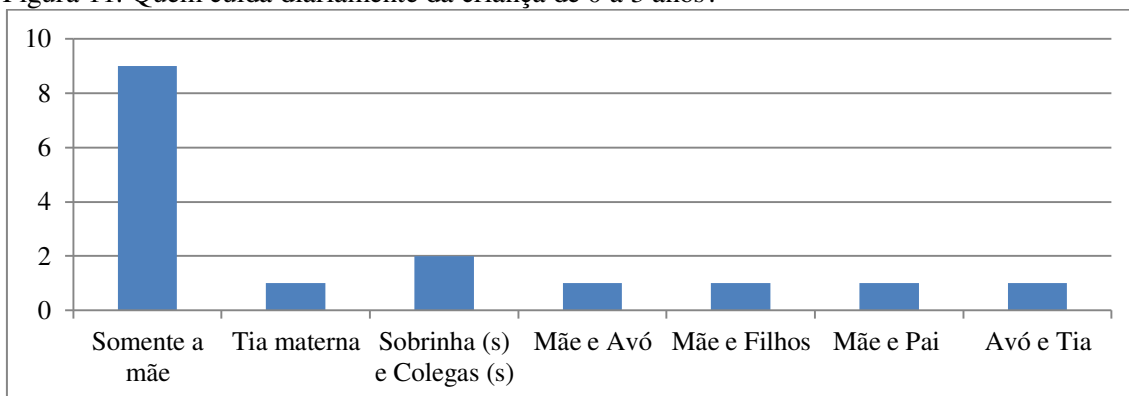
Figura 10. Percentual de crianças por faixa etária



## 6.2 Pessoas relacionadas como participantes dos dias das crianças

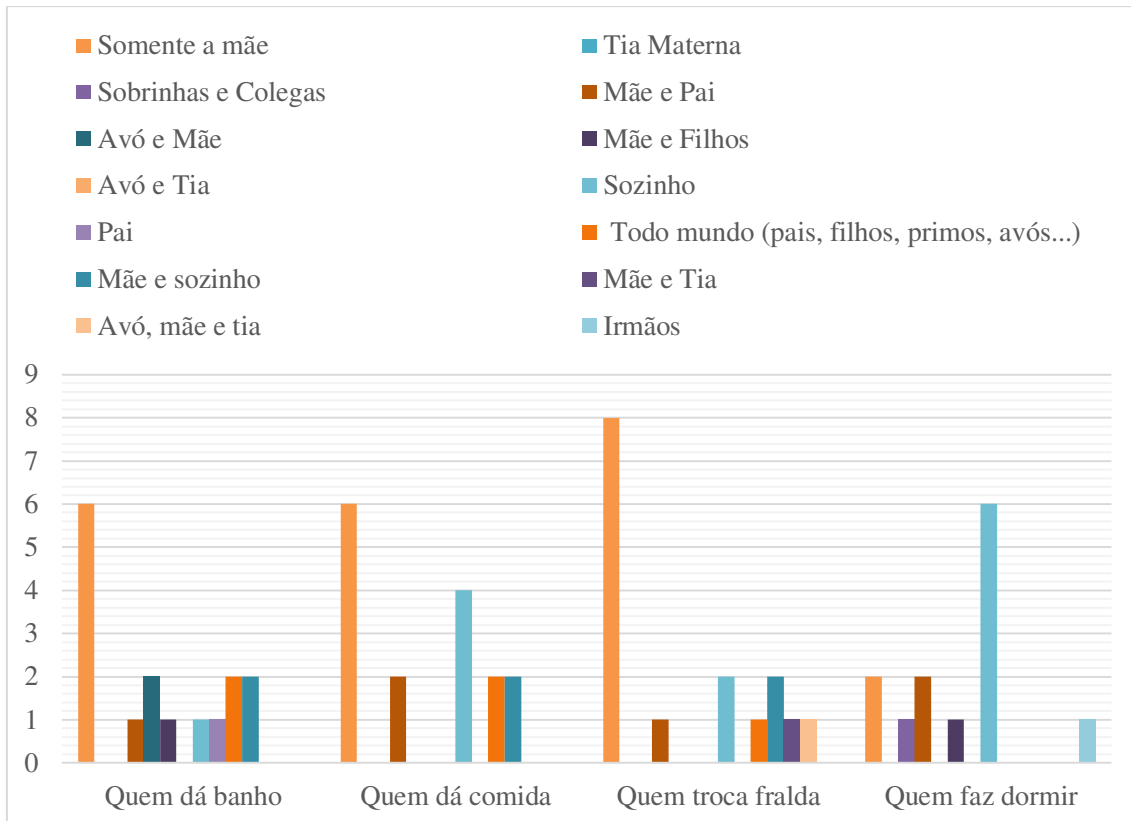
Questionadas sobre quem são as pessoas que cuidam da criança de 0 a 3 anos, as pessoas citadas foram:

Figura 11. Quem cuida diariamente da criança de 0 a 3 anos?



Entretanto, se visualizamos as pessoas que participam do momento do banho, da alimentação, da troca de fraldas e do sono, essa configuração modifica-se, conforme gráfico a seguir:

Figura 12. Pessoas participantes como cuidadoras das crianças, em momentos específicos do dia



Há uma prevalência no cuidado exercido pela mulher, no entanto, enquanto que na declaração de quem cuida 47% (N=9) das mulheres nomeiam-se como únicas cuidadoras; quando vamos para os responsáveis pelo banho, esse valor inverte-se para 62,5% (N=10) dos responsáveis: avós, irmãos, pais, tios e tias, até mesmo uma criança tomando banho sozinha e duas tendo seus banhos verificados pelas mães. Da mesma forma, em relação à alimentação, em que 62,5% são a própria criança (25%, n=4); o pai e a mãe juntos, sozinho com supervisão da mãe e todo mundo da casa (12,5%, n=2, cada). Talvez esse dado fale também do sentimento de responsabilidade maior que a mãe carrega e que, embora partilhe cuidados, mantém em termos de número de tarefas e de tempo dispendidos, maior dedicação à criança, o que a faz identificar-se como a principal responsável.

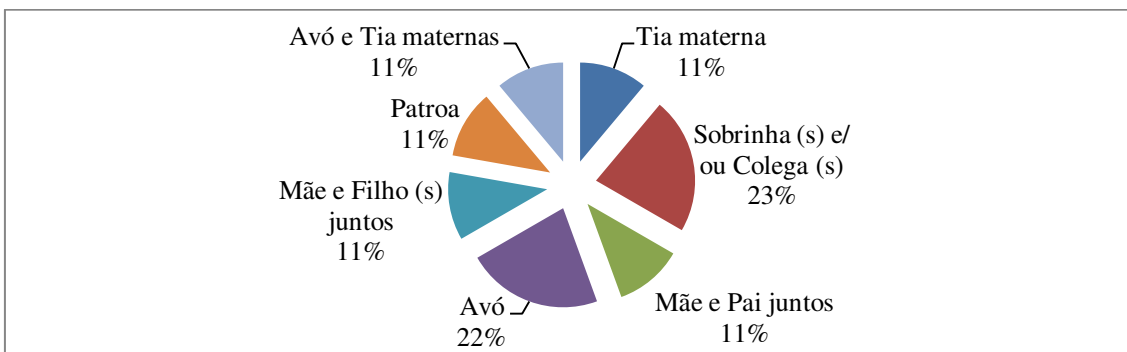
Das 16 crianças de 0 a 3 anos, 7 ficam exclusivamente com as mães, seja na casa, no lote ou na casa da patroa. 4 destas levam suas crianças para o seu trabalho, como como diarista doméstica, administradora de empresa, presidente de uma associação de produtores e agricultora.

Em relação às outras 9 crianças, contam com o apoio de outras pessoas em seu cuidado e em sua educação, sendo os cuidadores compartilhados entre as mães e os



membros familiares e amigos, durante a realização do seu trabalho doméstico e agrário no assentamento, conforme o gráfico a seguir:

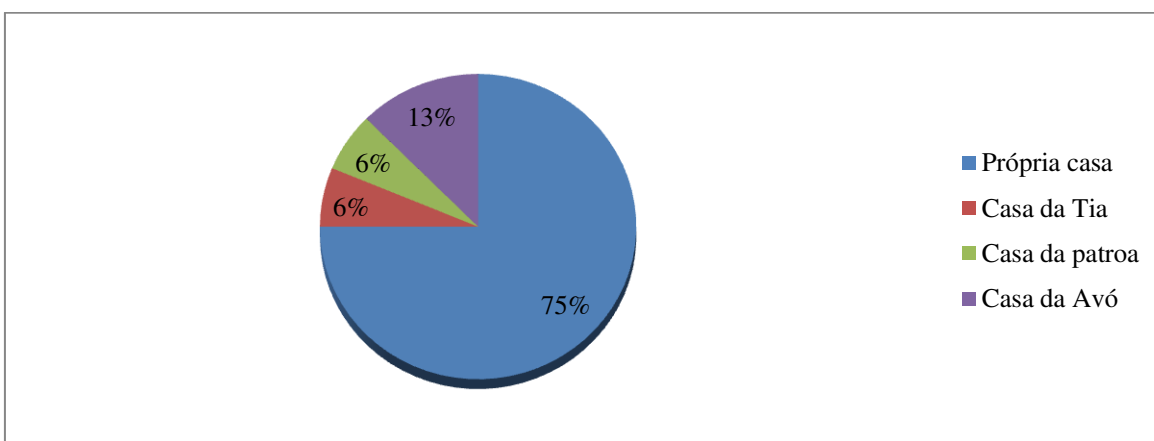
Figura 13. Com quem a criança fica quando a mãe está trabalhando?



Os dados cruzados sobre o cuidado da criança e o trabalho da mãe apontam, portanto, que 56% (N =9) das crianças têm seu cuidado e sua educação compartilhados com membros familiares ou amigos.

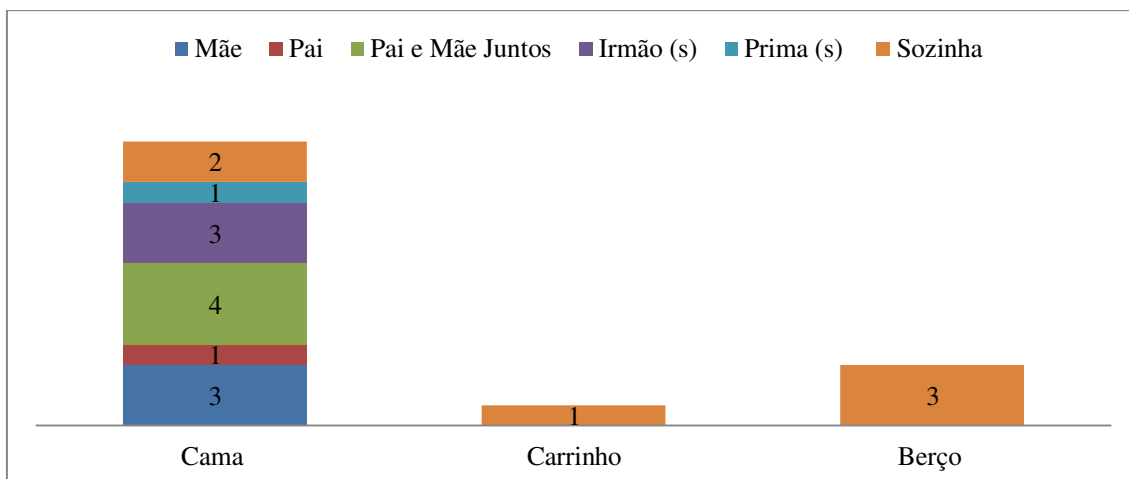
A distribuição de onde a criança fica diariamente pode ser visualizada na tabela 10 e no gráfico a seguir:

Figura 14. Onde a criança fica diariamente?



De acordo com as mulheres, os filhos e as filhas acordam, em média, entre 06h30min e dormem às 22 horas. Sobre com quem as crianças dormem, na maioria dos casos, há o compartilhamento da cama com outras pessoas da Família:

Figura 15. Com quem e onde as crianças dormem?

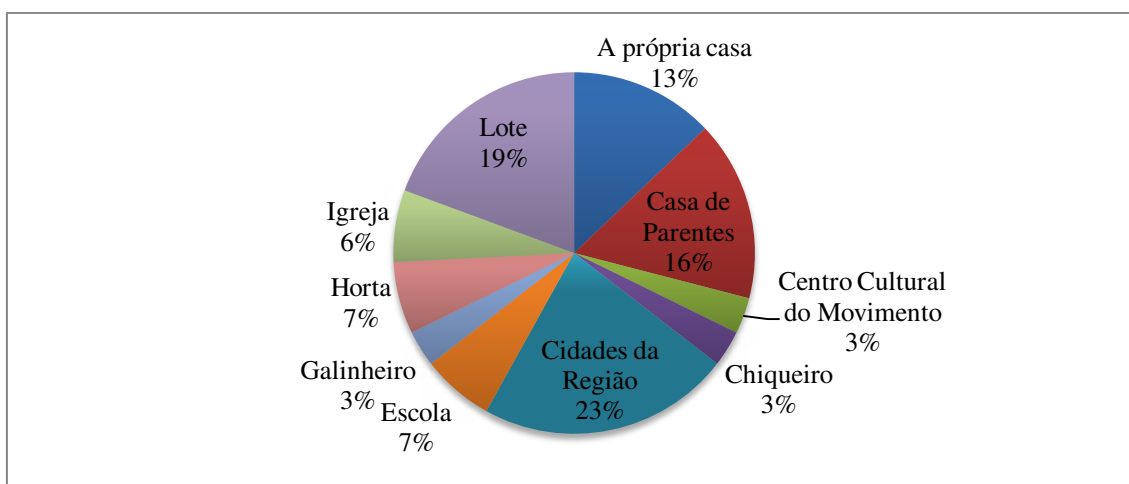


Sobre a relação dos participantes com outras crianças, 6 convivem com crianças da sua idade, que moram na comunidade. As dez crianças restantes convivem com crianças mais velhas entre a faixa etária de 1,5 ano a 6 anos.

### 6.3 Atividades, espaços e brincadeiras no dia a dia

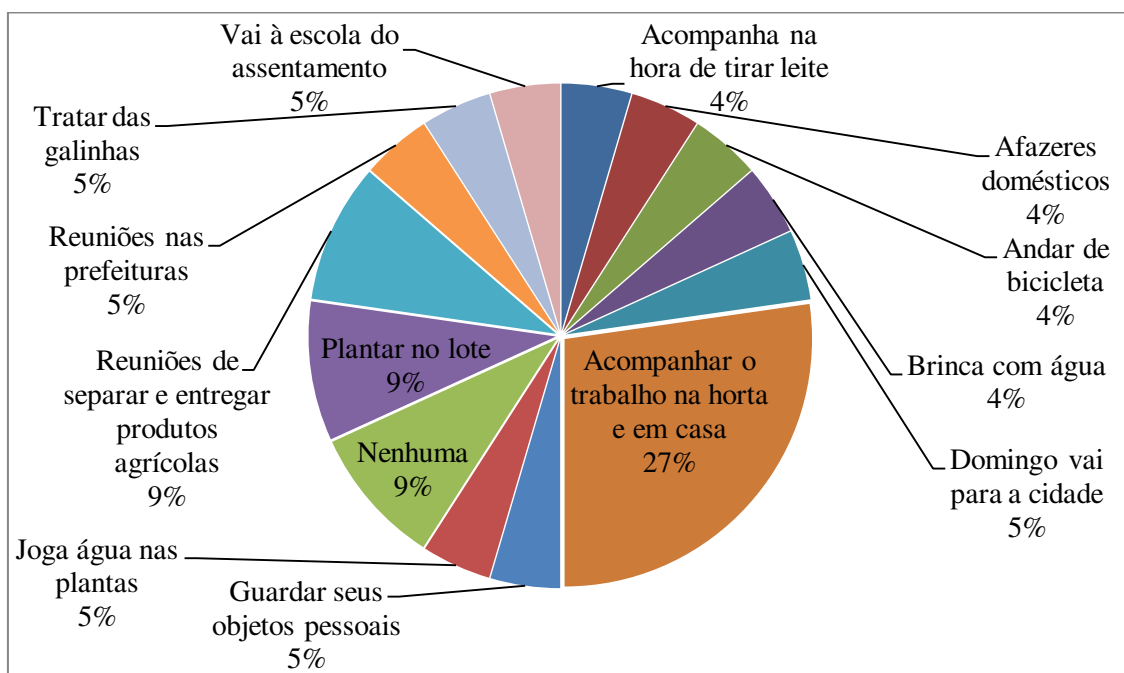
As crianças de 0 a 3 anos atuam concretamente de forma integrada às escolhas de espaços ocupados e atividades realizadas pelos seus familiares. Os espaços experienciados pelos familiares cruzam-se com os disponibilizados e escolhidos para e pelas crianças. Como parte da rotina familiar, as crianças experienciam, além do espaço da própria casa, o lote, a Igreja, a horta, o galinheiro, a escola do assentamento, as cidades da região, o chiqueiro, o centro cultural do movimento e casas de parentes.

Figura 16. Espaços experienciados pelas crianças



Na ocupação dos espaços citados acima, as crianças acompanham e/ou participam das atividades diárias de suas Famílias, em seu cotidiano. Na resposta acerca das atividades diárias, o questionário de somente duas crianças afirma não haver nenhuma atividade. Os demais afirmam que as crianças realizam atividades diversas, geralmente vinculadas ao acompanhamento da mãe e de membros da Família.

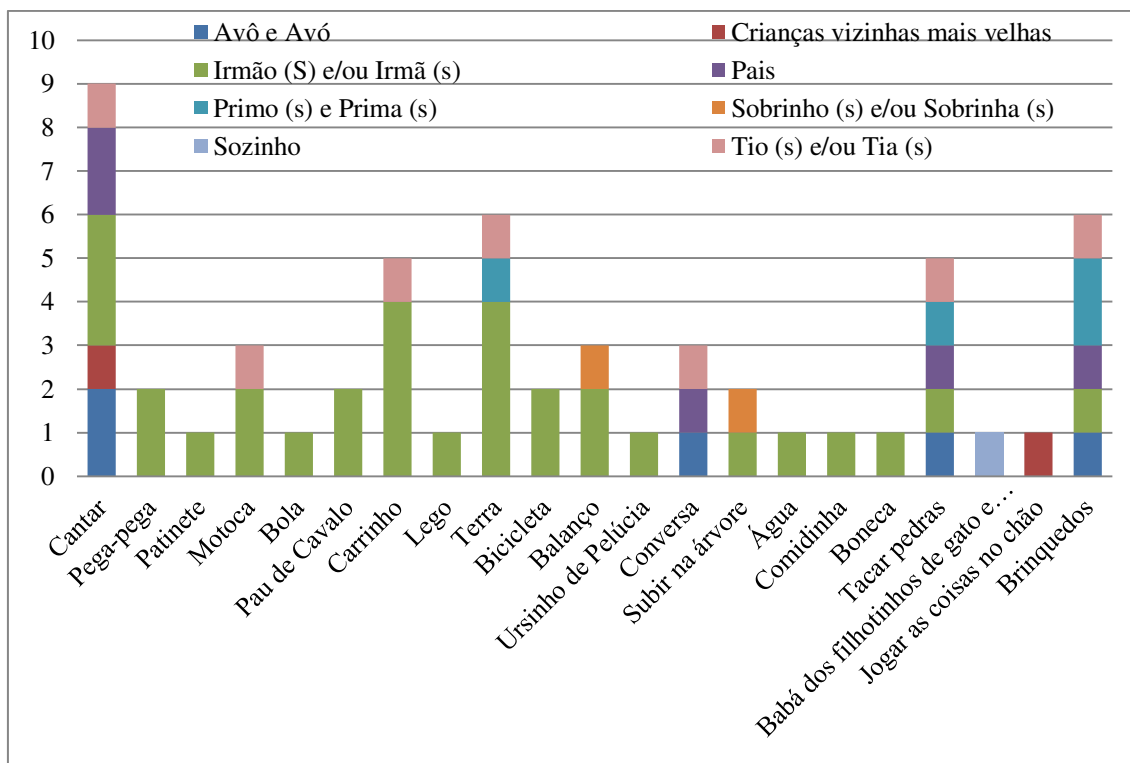
Figura 17. Que atividades as crianças participam em seu dia a dia?



A partir da visualização dos dois últimos gráficos sobre as atividades e os espaços possibilitados às crianças, percebe-se certa mobilidade dentro do espaço possibilitado na dinâmica familiar. Chama a atenção o fato de apenas 4% das mães responderem que a criança brinca, respectivamente. Nos outros casos, as atividades descritas acompanham as atividades realizadas também por adultos. Embora 27% dizem explicitamente, de modo genérico, que as crianças acompanham o trabalho na casa e na horta, também as demais respostas, na especificidade da atividade, indicam que elas ocorrem por meio desse mesmo acompanhamento.

Os espaços possibilitados às crianças são os cenários onde ocorrem suas brincadeiras. As mulheres responsáveis pelas crianças elencaram um rol de brincadeiras de seus filhos e de suas filhas de 0 a 3 anos.

Figura 18. Como, com quem e de quê as crianças brincam?



A partir do gráfico, é importante ressaltar como é grande a participação dos irmãos e/ou irmãs e diminuída a participação dos pais nas atividades de brincadeira. No entanto, o gráfico revela que os membros familiares estão diretamente relacionados a estes momentos de brincadeira, bem como os vizinhos da comunidade.

#### 6.4. Significações sobre o cuidado e a educação da criança

As atividades, os espaços e as brincadeiras possibilitadas às 16 crianças estão circunscritas a uma rede de interações e significados sobre o cuidado e a educação das crianças de 0 a 3 anos do campo. Nessas significações, são pontuadas semelhanças e diferenças entre o cuidado e a educação das crianças do campo e das crianças da cidade.

Das 14 mulheres entrevistadas, somente uma não discrimina a diferença entre cuidar e educar no campo ou na cidade:

A minha filha é ciumenta, mas tem que dar limite. Ela nasceu prematura, então, teve tudo o que ela queria, ela tinha. A criança tem que ser bem mandada. Eu não sinto diferença da criança da cidade com a criança do campo. (Mariana, mãe de menina de 2 anos).

As outras 13 mulheres apresentam significações do cuidado e da educação gerais para as crianças de 0 a 3 anos e outras específicas para as que moram no contexto do campo. Sobre as compreensões gerais, as responsáveis pelas crianças acreditam ser importante na educação e no cuidado da criança:

Respeito ao próximo. A educação é obrigação, tanto com as pessoas aqui de dentro quanto com as de fora. A gente vai longe com educação e respeito. (Teresa, mãe de menina de 2 anos e 8 meses).

Ele não deve fazer o que quer, fazer o que a gente quer. Eu acho muito feio menino que dá birra. É muito difícil ter filho. (Letícia, mãe de menina de 1 ano e 11 meses).

A criança tem que ser bem mandada. (Mariana, mãe de menina de 2 anos).

Educação é muito importante. Menino mal educado é feio demais. (Sofia, mãe de dois meninos de 1 ano e 5 meses, e 3 anos e 3 meses).

É crescer humilde, tem que estudar, ser compreensivo. Ajudar qualquer pessoa. Eu gosto de estudar, ele vai também. (Anamaria, mãe de menino de 23 dias).

Além disso, há as mães que consideram que a faixa etária de 0 a 3 anos é uma fase própria em que as crianças estão começando a entender o que é certo e o que é errado, assim como a sentir o que está em sua volta, como as compreensões a seguir:

Dá educação o que é certo e errado. Eu acho que eles já entendem (Débora, mãe de dois meninos um de 2 anos e outro de 3 anos).

Eu acho muito importante. É a fase em que tudo o que você ensinar a criança está começando a entender, a sentir... (Paula, madrinha de menina de 10 meses).

Ele não vê a gente fazendo coisa errada, não vê discussão. (Isabella, mãe de menino de 2 anos).

A relação e o foco na alimentação da criança são considerados elementos concretos para o seu bem estar, como pode ser visualizado, a seguir:

A criança ser bem cuidada, bem alimentada, ter atenção, carinho, saúde (...). (Karina, mãe de menina de 3 meses).

A importância é a alimentação, o bem estar da criança. (Joaquina, mãe de menino de 2 anos).

As significações sobre a importância do cuidado e da educação da criança de 0 a 3 anos do campo estão circunscritas às concepções do que estas mulheres compreendem sobre os comportamentos adequados para uma criança e o que ela precisa para seu bem estar. No entanto, tais significações estão atreladas a uma concepção de campo e o que ele proporciona no cuidado e na educação de seus filhos:

Eu acho melhor do que na cidade, é mais saudável, come verdura, fruta, a alimentação, não tem poluição. Meu filho que mora na cidade só come bolacha. (Karina, mãe de menina de 3 meses).

Roça tem mais saúde. Inalação mais de uma vez por dia. Se não está atacado. Assiste TV, fica no quintal. É livre. As crianças da cidade não ficavam na rua. (Sofia, mãe de dois meninos de 1 ano e 5 meses, e 3 anos e 3 meses).

Atenção. Cuida bem porque é sofrido aqui, é muita poeira. Crianças têm mais saúde no campo. Na cidade, as crianças ficam muito doentes. (Maiara, mãe de menina de 7 meses).

Quase não fica doente. (Letícia, mãe de menina de 1 ano e 11 meses).

A vida no campo é vista como uma possibilidade da criança desenvolver-se ao ter contato com a terra, com a natureza e com os animais, configurando um desenvolvimento mais saudável.

Ainda, segundo as participantes, a participação da Família no dia a dia do campo é planejada e organizada de forma a possibilitar à criança aprender a valorizar o campo como um contexto específico de desenvolvimento.

Procura voltar mais para o campo. Ensinar ele a amar mais o campo, cuidar dos lixos, dos animais... Se jogar tem que catar. Cultivar isso neles para que quando eles crescerem, não vão para a cidade. (Débora, mãe de dois meninos um de 2 anos e outro de 3 anos).

Valorizar o campo por estar aqui. (Débora, mãe de dois meninos um de 2 anos e outro de 3 anos).

Ele sabe respeitar uma plantinha. A criança pega gosto por isso aqui. Ele aprende a cuidar de uma planta. (Teresa, mãe de menina de 2 anos e 8 meses).

Brincar, porque na hora que brinca é que desenvolve. Não adianta prender, ter que ir pra terra. (Pamela, mãe de menino de 1 ano e 2 meses).

Para as participantes, tendo seu cuidado e sua educação atrelados a esses elementos específicos do campo, a criança poderá valorizá-lo, em detrimento da cidade, assim como reconhecer a luta de seus pais pela terra.

A criança do campo vai saber se virar aqui no campo. Eu quero que ele cresça sem menosprezar as crianças da cidade. Ele vai ter liberdade de participar das coisas. A educação [escolar] aqui não é ligada à formação do campo, consciência política, participação política. Eu prefiro que ele viva aqui, ele vai crescer com todo mundo, falando oi para todo mundo, andar a cavalo. (Anamaria, mãe de menino de 23 dias).

É a fase mais importante da criança aprender a gostar do campo, porque senão, cresce e vai para a cidade, e acaba que a gente brigou [pela terra] à toa. (Paula, madrinha de menina de 10 meses).

No cuidado, o campo requer cuidado com os bichos. Na educação, agora é fase dela aprender a brincar. A criança é menos fresca. Na roça, vai lidando com a terra, entendendo que é instrumento de trabalho. A criança é mais resistente. (Cristina, mãe de menina de 1 ano e 4 meses).

A liberdade proporcionada pela vida no campo também merece seus cuidados diante da tranquilidade que este apresenta.

Viso muito a segurança, questão de bichos, cobra, o que come. Ao mesmo tempo que aparenta ser um lugar tranquilo, tem seus perigos. (Helen, mãe de menino de 2 anos).

Tomar cuidado para não machucar, perigoso bicho por causa da roça. (Isabella, mãe de menino de 2 anos).

As significações sobre o cuidado e a educação da criança pequena do campo perpassam a organização do dia a dia de cada uma. Para tanto, serão apresentadas as nuances do cotidiano das 16 crianças, como forma de exemplificar como se dá o dia a dia dessas crianças.

### **6.5. Dias típicos e finais de semana das crianças**

Os dias de cada criança são organizados conjuntamente ao próprio dia das Famílias, em suas atividades e em seus espaços de atuação. Dentro da amostra investigada, há quatro crianças de 0 a 1 ano; quatro de 1 a 2 anos; e oito de 2 a 3 anos.

Das quatro crianças de 0 a 1 ano, três delas apresentam a casa como lugar privilegiado de permanência durante o dia. No caso de Anamaria, em virtude do nascimento de seu filho, ela trabalha em casa com trabalhos administrativos de uma associação dos assentados. A afilhada de 10 meses de Paula e a filha de 3 meses de Karina passam seu dia em casa. A filha de Maiara de 7 meses, por sua vez, a acompanha em seu trabalho como empregada doméstica, na casa de uma Família assentada.

As quatro crianças de 0 a 1 ano acordam entre 6 e 9 horas da manhã; e dormem entre 19h30min e 23 horas. A filha de Karina e a afilhada de Paula dormem acompanhadas de alguém na cama, respectivamente, irmão e a própria madrinha. A filha de Maiara e o filho de Anamaria dormem sozinhos: a menina na cama, no carrinho ou no berço.

A frequência de banho das crianças varia entre 2 a 3 por dia. As pessoas envolvidas são, respectivamente, a mãe, o pai, a mãe e o pai juntos e a madrinha. Somente a afilhada de Paula não tem definido o local de banho, pois depende do lugar que estão, dentre postos de gasolina e de saúde, restaurantes, prefeituras, etc. No restante, a banheira é colocada debaixo do chuveiro como local de banho. Em virtude de trabalhar fora, Karina dá banho somente no final do expediente de faxina como empregada doméstica. Maiara, Anamaria e Paula dão um banho de manhã e outro à tarde.

Sobre a alimentação, Karina e Paula afirmam que dão mamadeira de hora em hora. Maiara afirma dar a mamadeira às 06 horas 30 minutos, às 12 horas e às 20 horas e quando chega do trabalho. Anamaria diz que de 3 em 3 horas e que o marido participa



deste momento. Somente Karina e Anamaria dão no colo; enquanto Maiara prepara um espaço em que senta com sua filha em um colchão no chão. Paula busca encontrar algum lugar disponível em sua atividade.

A troca de fraldas é realizada de uma hora em uma hora, de acordo com Maiara e Paula. Karina afirma que troca cinco vezes por dia e Anamaria de duas em duas horas. A cama para todas as mães é um local possível de troca; no entanto, Maiara, Anamaria e Paula utilizam, além da cama, o carrinho, o trocador e o automóvel, respectivamente.

A fim de visualizarmos a materialidade das informações já apresentadas no cotidiano, o quadro permite demonstrar descrições das mães e madrinha sobre um dia típico e um dia de final de semana de cada criança. As descrições não esgotam as possibilidades de atividades, espaços e pessoas descritas como parte do cotidiano de cada criança de 0 a 3 anos, no entanto, possibilitam identificar os elementos presentes na significação do que seriam esses dias.

Quadro 10. Dias típicos e de final de semana de crianças de 0 a 1 ano

CRIANÇ A	DIA TÍPICO	DIA DE FINAL DE SEMANA
Menina de 3 meses	“Acorda, troco, dou mamá. Assisto TV, brinco com ela. Mama toda hora. Chora demais. Como com ela no colo, às vezes dando mamá. Dou para parar de chorar. Às vezes ela está dormindo. Mama quatro vezes quando está dormindo. A tarde assistimos TV. Às vezes ela fica quietinha. Assistimos mais TV. Mama a noite”. (Karina)	“Saímos vamos para casa da avó. Na casa da irmã, tem uma criança de 2 anos. Vô pega, brinca. Pai (da criança) morreu quando estava grávida de quatro meses. Foi parto normal. O irmão canta funk e ela pára de chorar. Um dia antes do pai morrer, ele escutou o coração dela”.
Menina de 7 meses	“Primeiro dá risada com o pai quando acorda. Depois eu troco ela, aí o pai pega porque senão ela dá birra. Come bolacha e vamos para o trabalho. Come pão. Fica o dia inteiro junto, no carrinho ou no colo de alguém. Chega em casa dá banho. Janta fica com os irmãos”. (Maiara)	“Sábado e Domingo fica mais com o pai e os irmãos”.
Menino de 22 dias	“Primeiro acorda a mãe, resmunga. Pai dá o leite. 9h toma banho e fica acordado até 10h30min. Depois fica no computador comigo. 14h acorda pra mamá. 15h30min dorme. 16h toma banho. Depois dorme. 18horas acorda. Vai para casa da minha mãe” (Anamaria)	“Vai para casa da avó, fica mais acordado”.

Menina de 10 meses	“Acorda cedo escova os dentes e toma café. Vai pro andador, brinca, toma banho. Almoça. Dorme. Dá birra. Dorme, acorda, mama, brinca”. (Paula)	“Vem os amigos pra cá. Aí ela se acha a estrela, porque só tem ela de criança”.
--------------------	--	---

Apesar de informações bem sintéticas, na conjunção com outras informações levantadas, pode-se verificar que se revelam, novamente, as mulheres como diretamente responsáveis pelo cuidado e pela educação das crianças, com a exceção da participação dos pais das filhas de Maiara e Anamaria.

Sobre as Famílias das quatro crianças de 1 a 2 anos, todas as mães trabalham e duas ficam fora de suas casas diariamente: o filho de Pamela fica na casa de sua tia materna, que também mora na agrovila em que sua Família mora; e a filha de Cristina fica na casa dos avôs maternos.

As quatro crianças de 1 a 2 anos tomam três banhos por dia, sendo especificado pelas mães um de manhã, outro à tarde e um à noite. Somente o filho de Sofia e a filha de Cristina utilizam a banheira para tomar banho. As pessoas envolvidas neste momento são a própria mãe, a tia materna e os filhos mais velhos.

O horário de alimentação das crianças é definido entre 11 e 13 horas; e 18 horas e 19 horas e 30 minutos. O local de alimentação das crianças é a sala. Somente a filha de Letícia almoça na cozinha. Das quatro crianças, o filho de Sofia recebe a alimentação de alguém da Família; as outras 3 comem sozinhas.

Sobre a troca de fraldas, o filho de Sofia e a filha de Letícia a utilizam somente no momento do sono. Pamela troca a fralda de seu filho duas vezes por dia e Cristina quatro vezes. Todas utilizam a própria cama para trocar as crianças e Pamela troca em seu próprio colo. As pessoas envolvidas, nesse momento, são as próprias mães, as tias e as avós.

A composição dos dias típicos e de final de semana das quatro crianças de 1 a 2 anos é descrita pelas mães apresentando momentos de brincadeira, sozinhos ou com os irmãos no quintal de casa, horários de sono e atividades como andar a cavalo. No final de semana, acrescentam-se a maior convivência entre os irmãos que durante a semana encontram-se na escola, a ida à Igreja e à represa no assentamento e, no caso de uma delas, a visita à casa do pai, na cidade.

Quadro 11. Dias típicos e de final de semana de criança de 1 a 2 anos

CRIANÇA	DIA TÍPICO	DIA DE FINAL DE SEMANA
Menino de 1 ano e 2 meses	“Primeiro dá risada, pula em cima de mim. Leva para casa da tia, escola, toma mamadeira. Dorme de tarde. Depois acorda e vai brincar. Não fica dentro de casa. Vai dormir na hora que a mãe chega”. (Pamela)	“Ficam em casa. Irmã adora ele. Pega e vai brincar. Tem ciúme dele, briga por causa dele”.
Menino de 1 ano e 5 meses	Primeiro mama, troca de roupa, vai pro quintal. Almoço. Mãe põe pra dormir. As sobrinhas deixam ele dormir a hora que quer. Acorda. Vai buscar os irmãos na escola. Une os quatro brinca, briga. Seis horas vem pra dentro de casa, aí começa o banho. Janta. Dorme”. (Sofia)	“Represa. Brinca a Família toda junta, pique-esconde, balanço, serviço”.
Menina de 1 ano e 11 meses	“Acorda cedo, já arranca a fralda e sai andando com ela. Na hora do almoço, fala que quer comidinha. Mais tarde fala que quer dormir”. (Letícia)	“Só quando vai à Igreja”.
Menina de 1 ano e 4 meses	“Primeiro mama e dorme de novo. Depois que ela acorda de novo e anda a cavalo com o vô. Brinca de motoca no quintal. 10 h danone. Aonde vai ela vai atrás. Brinca, dorme, assiste TV. Gosta de música e dançar. 15 horas bolacha, suco ou vitamina, come o dia inteiro. 17 horas come cenoura”. (Cristina)	“Casa do Pai”.

Em relação às crianças de 2 a 3 anos, somente o filho de Isabela não fica em sua casa diariamente, mas na casa da avó materna.

Sobre os horários de banho, os filhos de Débora, Teresa e Isabella tomam um banho por dia. Os filhos de Sofia, Helen, Gabriela e Mariana de dois a três banhos diários. Todos eles tomam banho no chuveiro e somente os filhos de Débora e a filha de Mariana tomam banho sozinhos.

O horário de alimentação das oito crianças acontece das 11 horas e 30 minutos ao meio dia, no almoço e, entre 18 horas e 30 minutos e 20 horas, no jantar. Pela manhã, as crianças tomam mamadeira. Três das crianças comem na sala e na cozinha (Filhos de Débora e Joaquina); um come na sala (Filho de Sofia); dois somente na cozinha (Filhos de Teresa e Isabella); e duas não especificaram o local (Mariana e Helen). Das oito crianças, somente o filho de Débora de 3 anos, a filha de Mariana e o filho de Joaquina comem sozinhos; o restante, a mãe ou outro familiar dá a alimentação.

Sobre a troca de fraldas, os filhos de Débora, a filha de Mariana e o filho de Sofia de 3 anos não usam fraldas, vão ao banheiro sozinhos. Os filhos de Teresa, Helen, Isabella e Joaquina usam de duas a cinco fraldas por dia.

A composição dos dias típicos e de final de semana das oito crianças de 2 a 3 anos é descrita pelas mães apresentando momentos de brincadeira sozinhos ou com os irmãos, no quintal de casa, brincadeira com terra, tratar das galinhas... No final de semana, acrescentam-se a maior convivência entre os irmãos, que durante a semana encontram-se na escola, a ida à cidade, à represa e à casa dos avôs.

Quadro 12. Dias típicos e de final de semana de criança de 2 a 3 anos

CRIANÇ A	DIA TÍPICO	DIA DE FINAL DE SEMANA
Menino de 2 anos	“Acorda e a primeira coisa que faz é jogar a caixa do lego no chão. Escova dente, às vezes sozinho. Leite está na mesa e escolhe se quer beber. Na volta do dia, brinca no terreiro, de pau, bicicleta, carrinho. Não dorme de dia. À tarde brinca de casa, no terreiro. Assiste Patati-Patatá, Sherek, sabe a fala de todos os bichos. Depois banho, janta, assiste o Chaves, brinca de lego e depois dorme”. (Débora)	“Às vezes vai para casa da mãe, casa de colega, vizinho. O que diferencia mesmo é que tá os quatro juntos. Eles brigam um pouco mais”.
Menino de 3 anos	“Primeiro grita da cama: "Mãe, cadê meu leite". Depois levanta. Primeiro bebe leite normalmente, gosta mais de toddy. Brinca de lego, carrinho. Não tem uma rotina. Não sendo perigoso, deixo brincar de tudo, brincar de terra. Tem dia que a gente só vê a batata dos olhos. É diferente das crianças da cidade por causa da terra e o jeito que é livre. Eles correm para onde eles quiser. Quando vai para a vó não fica mais do que dois dias. Pedem para ir embora”. (Débora)	“Brinca mais com os irmãos, juntos eles gostam de brincar de carriola. O Heitor segura. Invento de sentar no triciclo os dois, um vai de motorista. Pai fez um carrinho de rolimã. A Família toda senta e desce a descida lá de casa. Todo mundo que vai lá em casa desce. As vezes leva para pescar, para nadar, andar a cavalo. Todo mundo que passa lá eles sabem de quem é o carro ou a moto”.
Menino de 3 anos e 3 meses	“O Bento levanta e quer mamadeira. Ele fica atrás do pai ou de mim. Brinca com o balanço ou barro. O pai dele não gosta que brinca com o barro. A médica disse que é bom brincar com o barro. Almoçam. Dorme. Joaquim come terra. Bento não come terra, dá birra para brincar com terra. Dorme junto com os irmãos ou com as sobrinhas”. (Sofia)	“Represa às vezes”.

Menina de 3 anos	<p>“Primeiro vem me beijar ou beijar o pai. Mama, o dia amanheceu e vai tratar das galinhas. Vem para dentro, faz o pai levantar e beber café. Fala "Café tá cheirando". Brinca, toma banho. 11 horas toma banho. Se vê alguém tomando banho, toma de novo. Se brinca com a terra toma de novo”.</p> <p>(Mariana)</p>	<p>“Vem outros filhos, Dona Ivonilda. A casa fica cheira. Os irmãos brincam juntos”.</p>
Menina de 2 anos e 8 meses	<p>“Primeiro sai da cama e vai para minha cama. Brinca comigo e com o meu marido. Pai pede beijinho e ela agarra em mim. Mama e fica no colo. Vai no ponto levar meu menino para a escola. Fica dançando e assistindo TV durante a manhã. Trata das galinhas e gosta de escrever. Brinca o resto do dia e gosta muito de leite”.</p> <p>(Teresa)</p>	<p>“Alimentação muda no final de semana, faz uma galinha caipira. Minha filha anda muito de moto com a gente e vai na casa de todo mundo pegar a assinatura por causa da associação”.</p>
Menino de 2 anos	<p>“Primeiro passa a mão no travesseiro e vai para minha cama. Come, escova dente e aí solto ele no quintal (mexe, fuça, brinca). Almoço. Banho. Fica dentro de casa à tarde. Gosta de conversa, de assistir TV. Dorme à tarde. Assiste a novela e dorme. Solta no final da tarde. Toma banho com a irmã, assiste Chaves, depois janta e brinca e dorme”.</p> <p>(Helen)</p>	<p>“Fica mais com a irmã e com o primo. E aí acaba que fica mais tempo fora de casa. Vamos em Franca comer salgado, andar na rua, mais nas férias da irmã”.</p>
Menino de 2 anos	<p>“Acorda, pede para pôr o sapato. Café da manhã. Fica brincando na terra. Almoça. Dorme. Brincando, banho, dorme. Acorda. De vez em quando a gente passeia durante o dia”.</p> <p>(Isabella)</p>	<p>“Casa da avó”.</p>
Menino de 2 anos	<p>“Acorda os meninos, a vó e o vô. Café de vez em quando. Come, pão, bolacha. Mamadeira. Almoça. Mama. Janta. E depois mama antes de dormir”.</p> <p>(Joaquina)</p>	<p>“Não tem nada de diferente”.</p>

## 7. DIA A DIA DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DO CAMPO

A configuração dos dias das crianças de 0 a 3 anos foi melhor estabelecida pelo acompanhamento diário de Paulinha, Maria e Joaquim. Por ele, foi possível visualizar a rede de relações, as atividades intra e interfamiliares, os espaços experienciados e as práticas de cuidado e de educação de cada criança. Os ambientes são compostos por redes de relações extensas. Estas crianças integram-se dinamicamente às atividades diárias, sociais e produtivas de suas Famílias e comunidade. Por outro lado, são concebidas como sujeitos com necessidades e demandas específicas que devem ser preservadas ao longo da própria realização das tarefas e atividades familiares e comunitárias.

A inclusão de cada criança nas atividades diárias e a circulação pelos diversos lugares de seu grupo familiar provocam suas Famílias a se organizarem para recebê-las, incluindo outras pessoas, membros da Família ou não, como partícipes do cuidado e da educação de suas crianças.

A proposta é contar como isso se dá nos dias de cada criança, como redes que se formam pelos laços que estes sujeitos estabelecem em seu dia a dia.

### 7.1. A rede de Paulinha

Acredito que posso começar apresentando a casa, a Família e as várias pessoas que frequentam a casa da Paula. Paula tem 48 anos, mãe de 5 filhos, madrinha da Paulinha. Mora com seus filhos Henrique (16 anos), Sebastião (14 anos), Rafael (6 anos) e Artur (1 mês e 15 dias), a afilhada Paulinha (10 meses) e o marido Carlos. Nasceu em Restinga e vivem na comunidade há 14 anos, desde o acampamento. Há 22 anos trabalha como agricultora. (Trecho de Diário de Campo Família de Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 37-42).

Paulinha tem 10 meses e é filha de Luiza e Felipe. Luiza é filha da melhor amiga de Paula, Isabel, já falecida. Isabel também era liderança do MST e membro da associação juntamente com Paula e Janete. Com o falecimento de Isabel, Paula assume<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> A palavra “assume” em uma primeira leitura pode significar um compromisso, o que se reflete no dia a dia em uma relação de reciprocidade entre Paula e sua família, e as famílias de Luiza e Francisco, que convidam para participarem da vida destas pessoas, convidando-as para fazerem parte da sua vida, da mesma forma o contrário. Paula, Carlos, Luiza, Felipe, Francisco e Regina convivem diariamente, e Paula centraliza as necessidades e as demandas de cada família: para ajudarem na hora da pesagem dos produtos agrícolas para a merenda escolar e, ao final,

os cuidados de sua Família: sua filha Luiza, grávida de Paulinha, seu marido Felipe, e a pequena Manuela, que tinha aproximadamente 1 ano de vida. Também assume a Família do outro filho de Isabel: Francisco, a esposa Regina e o filho de aproximadamente 1 ano.

Paula e Carlos, pais de Anamaria, Henrique e Sebastião, viveram uma situação semelhante ao assumirem a responsabilidade de cuidar e educar Rafael, que vivia em outro estado e foi “resgatado”<sup>19</sup> por eles, sendo trazido para viver no assentamento quando era bem pequeno. Rafael torna-se, há seis anos, o filho caçula de Paula. Com a chegada de Rafael, a Família, ao inserir outro membro na dinâmica familiar, organiza-se para atender suas necessidades e seus cuidados:

**Paula:** Aí quando o Rafael era bebê, eu carregava o Rafael. Aí depois ele cresceu e foi para a escola. Então, ele ia junto com os irmãos, né? Então não tinha muito que parar, ficar em casa, não tinha muito tempo pra isso. E aí com a chegada da Paulinha a gente teve que se organizar. Se bem que ela vai para todo lugar comigo, né. (Entrevista com Paula, linhas 60-63).

Paula me conta, que quando Rafael era pequeno, ia para todos os lugares com ela. Com a chegada da idade escolar, Paula compartilha essa responsabilidade com os filhos mais velhos Henrique e Sebastião, que já estudavam na mesma escola. Tornam-se, neste momento, corresponsáveis por cuidar dos horários de Rafael, das tarefas da escola e por acompanhá-lo no ônibus e no cotidiano escolar.

Esta experiência de “carregar”<sup>20</sup> seus filhos na realização de suas atividades é revivida na chegada de Paulinha. A pequena Paulinha, desde os seus dez dias de vida,

---

distribuir entre eles frutas e verduras que sobraram; arrumar “bico” para os maridos na produção de carvão junto com Carlos e os filhos Henrique e Sebastião; emprestar um pacote de sabão em pó quando falta em casa; comprar iogurtes para as crianças, entre outros. Ao mesmo tempo, Luiza, principalmente, acompanha a rotina da família de Paula e ajuda-a, ao acompanhá-la em dias de doença em internação no hospital; nas contingências da adoção de Artur, no Fórum de Justiça; na limpeza necessária de sua casa; no cuidado de Paulinha. Há uma relação de confiança que Luiza pode confiar em Paula, como referência, sempre estando disponível para ajudá-la nas mazelas do dia a dia.

<sup>19</sup> Paula conta a história de como cada um dos seus filhos surgiu em sua vida. Especialmente, a história de Rafael a emociona e contagia pelos maus tratos que ele vivia com sua família biológica. Ela nomeia esta passagem como um resgate, em que ela não podia negar a entrada de Rafael para a sua família. Acredita, assim, que o destino (associado muita vez a Deus) colocou-o em seu caminho, assim como, as outras crianças.

<sup>20</sup> Paula era orientada várias vezes pelas pessoas à sua volta a “deixar” Paulinha em casa, para facilitar o deslocamento e agilizar a resolução das coisas para serem feitas na(s) cidade(s). Entretanto, ela sempre se negou a fazer isto. As três únicas vezes que Paula se ausentou das proximidades de Paulinha foram durante a viagem a São Paulo para uma reunião no Instituto

passa a fazer parte da Família de Paula e é “carregada” da mesma forma. Paulinha é reconhecida como parte da Família tanto pelos familiares como pelos vizinhos, amigos e colegas. Esta situação repete-se no cuidado e na educação de Artur, que é adotado legalmente por Paula e Carlos, durante a realização do trabalho de campo. Paula conta-nos a história de Paulinha:

**Paula:** Então, não tinha ééé muito, assim, uma rotina, porque todo mundo estudava. Eu tenho quatro filhos né? A Anamaria, já moça, estudava fora. O Sebastião, o Henrique, o Rafael estudavam em Restinga, então, assim, não tinha muito o que parar; você se organiza, cada um já cuidava do próprio imbigó. O Sebastião e mais o Henrique já cuidava do Rafael e eu sempre trabalhei né? (...). Paulinha é minha afilhada, ela veio para a minha casa com dez dias. A mãe dela deu depressão pós-parto, por causa da perda da mãe e eu acabei ficando com ela e a gente criou ela (sic) até hoje. Ela tem relação com a mãe, ela vê a mãe sempre todos os dias quase né? E a gente cria ela (sic) desde pequenininha. (Entrevista com Paula, linhas 45-48).

A casa da Família de Paula fica na agrovila II, na estrada do Centro Cultural do MST, onde se encontra a cooperativa de produção de pães, doces e roscas; e da máquina de arroz. Nessa estrada de terra, há um ponto de ônibus de transporte municipal do assentamento para a cidade. É uma estrada movimentada pelo número de pessoas que se deslocam tanto para pegar o ônibus como para ir em direção aos lotes de cada Família assentada. Isto torna a casa da Paula um ponto de encontro das pessoas da comunidade: dos assentados produtores associadas à Associação de organização e escoamento da produção; de preparação para as reuniões das Famílias da Agrovila II que normalmente acontecem no Centro Cultural do MST; de pedidos de socorro para enfrentar infortúnios<sup>21</sup> esporádicos no dia a dia do assentamento. Sendo assim, a moradia é base para a atuação e a ação deste coletivo.

---

Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, deixando planejado quais seriam as pessoas envolvidas no cuidado de Paulinha, o que deveria ser feito pela Associação na entrega daquele dia, e quem dormiria com ela até a hora que voltasse (conforme Cena 3, descrita em seguida); durante a ida ao centro de venda de produtos agrícolas da cidade de Franca; e durante sua internação hospitalar devido à alteração em sua taxa de glicose. Neste momento, com a necessidade de consultar um médico, na cidade de Franca, para tratar a pré-diabetes identificada, solicitou à pesquisadora que fosse contigo com a tarefa de “carregar” Paulinha. Isto aconteceu, quando eu já tinha encerrado a observação de campo e a pesquisadora se hospedava em sua casa para negociar a próxima observação dos dias de Maria.

<sup>21</sup> Situações como o vazamento de água da caixa d’água da agrovila I, presença de representantes do poder público das cidades da região, entre outros.



Anteriormente, Paula vivia no lote, em um barraco de lona<sup>22</sup>, devido a um desentendimento com Carlos, que permaneceu na casa da agrovila. O lote era parte da propriedade do pai dela junto com a área na agrovila II, organizado geograficamente no assentamento.

Na área da agrovila da Família de Paula, há duas casas: a sua casa e a casa de Anamaria logo no final da área do lado direito. Entre as duas casas há um pomar, com pés de manga, amora, jabuticaba e jambolão; e o chiqueiro. No fundo da casa, há pés de chuchu, embrenhados a várias cercas com arame farpado. Ao lado esquerdo da casa de Paula, durante a observação, foi construído o galinheiro, com a pretensão de criação de galinhas caipiras e para a produção de ovos; e os varais de arame farpado para pendurar roupas.

Paula é líder do MST na sua comunidade. Como liderança, Paula está presente em reuniões e discussões políticas. E é presidente de uma associação formada por mulheres que gerenciam a produção e a entrega de produtos de agricultores familiares, da mesma comunidade e de outras comunidades da região, ao Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE em municípios da região e ao Programa de Aquisição de Alimentos da CONAB – PAA. Paula conta que há uma diversidade de culturas produzidas pela sua Família:

**Paula:** A gente tem horta, tem bucha, a gente mexe com um monte de coisa no sítio. (...) Galinha, porco... Mandioca. De tudo um pouquinho.

**Marcella:** Uhum. E como é o escoamento dessa produção de vocês?

**Paula:** Conab, merenda escolar e a gente entrega algum, um pouco particular. Mandioca a gente entrega nos mercados. Bucha nós vende numa empresa. (...). Dessa forma... Tem empresa que compra as buchas, tem... Eu mando mandioca cascada para o mercado, entrego na merenda e entrego na CONAB. (Entrevista com Paula, linhas 31-42).

O cotidiano da Família de Paula apresenta rotinas diárias semanais, em virtude das atividades da matriarca<sup>23</sup> como liderança de um dos movimentos sociais presentes

---

<sup>22</sup> Quando estivemos com Paula para a apresentação desta pesquisa junto com J. Silva (2012), ela e os filhos estavam em seu barraco no lote. Paulinha também estava neste dia e era embalada pelas músicas cantadas por Paula. Paulinha estava com 3 meses de idade e já reagia às brincadeiras de Paula com expressões faciais, risos e balbucios.

<sup>23</sup> O uso da palavra “matriarca” se insere como uma forma de retratar a centralidade da família e da comunidade na pessoa de Paula, como chefe de família, liderança do MST e mãe/madrinha, mas também como aquela que organiza, distribui, planeja as tarefas domésticas e profissionais da família, incluindo a participação de seu marido. Esta centralidade é perceptível até mesmo

no assentamento e presidente da associação de mulheres. Estas rotinas compõem os dias da Família como um todo, tendo todos os membros envolvidos nas atividades. Pode ser demarcado a partir de situações cotidianas, conforme o quadro a seguir:

Quadro 13. Rotina Semanal Família de Paula

Segundas	Terças	Quartas	Quintas	Sextas	Sábados	Domingos
A Família de Paula se organiza na separação dos produtos agrícolas entre frutas, legumes e verduras	São realizadas as entregas de produtos da merenda escolar nas cozinhas-piloto e escolas de Orlândia e São José da Bela Vista.	Os familiares se envolvem na produção de carvão e Paula nos assuntos administrativos da Associação, quando não é necessário levar algum produto solicitado pelas prefeituras; ou realizar compras de produtos necessários na cidade ou no campo para o manejo da produção hortifrutigranjeira.		São entregues pelos produtos de responsabilidade de Paula os produtos do PAA, para serem levados para entidades da mesorregião de Franca.	A Família, geralmente, fica em casa, recebe a visita de parentes e amigos que moram na comunidade ou vai para a cidade mais próxima, na casa do pai de Paula.	

Paula diferencia os dias de final de semana pela presença de seus amigos e parentes, que os visitam com frequência. Tipicamente, durante a semana, a Família sai de casa para realizar os compromissos acima elencados. Quando a Família fica em casa, Paula descreve o dia típico de Paulinha da seguinte forma: Paulinha “*Acorda cedo, escova os dentes e toma café. Vai pro andador, brinca, toma banho. Almoça. Dorme. Dá birra. Dorme, acorda, mama, brincá*” (Conforme quadro 10), o que pode ser melhor especificado em conversa:

**Paula:** Paulinha acorda 6h30min, no máximo, no máximo 7 horas. É o, é o relógio biológico dela. Daí normalmente a porta tá fechada e alguém sempre tá assistindo televisão. Ela desce da cama, aí acabou o sossego. Aí você pode acordar, porque daí meia hora você tem que dar banho nela. Ela já sujou tudo, já fez cocô, já fez sujeira. Daí eu levanto, **dou banho na Paulinha**, troco e ela vai brincar. Se é um dia que a gente vai ficar em casa. Ela vai brincar, fica brincando por aqui. Aí quando é nove, dez horas

pela forma como registrei as situações cotidianas priorizando, em alguns momentos, a relação entre Paula e Paulinha. Além disso, a forma de organização da família é circunscrita por esta questão de gênero, em que a mãe, a filha, as sobrinhas e as companheiras do movimento estão envolvidas com o trabalho da associação de alimentos agrícolas; e o pai, os filhos, os sobrinhos, os companheiros do movimento estão envolvidos com o trabalho da produção de carvão. Estes se juntam àquelas na necessidade de carregar as caixas embaladas e realizar as entregas nas escolas e nas instituições da região. Na necessidade de negociação com as cozinhas-piloto sobre os produtos, os homens se remetem às mulheres para definirem os procedimentos cabíveis e os encaminhamentos necessários para as situações, como exemplo descrito na Cena 10.

**você tem que dar outro banho nela.** Daí normalmente eu dou banho e vou fazer almoço. E aí ela vai brincar de novo. Ela não dorme de manhã né? Daí a gente termina o almoço, **dá outro banho nela para ela almoça, quando dá tempo né?** Quando ela não fica muito brava. Oh quando não dá tempo, **você tem que dar almoço, senta ela na cadeira e dar almoço pra ela. Daí você dá outro banho, passa um pedaço e ela vai dormir, depois do almoço.** Aí ela dorme um hora, uma hora e pouquinho, acorda com gás de novo assim doido né! Brinca, brinca, brinca. **Daí você tem que dar uns dois banho até chega a hora de dormir de novo. Normalmente, ela vai dormir por volta das sete e meia, oito horas ela vai dormir.** Ela não embaía dormir muito tarde. **Daí tem que deitar lá com ela, todas as vezes que ela vai dormir,** tem que deitar com ela pra fazer ela dormir. Daí dorme, aí é só no outro dia cedo. (Entrevista com Paula, linhas 530-546).

A chegada de um bebê diante da rotina dos compromissos da Família provoca a reorganização do grupo familiar, em seus espaços e seus tempos; e de um outro olhar para as necessidades do contexto familiar. Paula compreende que houver mudanças somente nas atividades necessárias para cuidar do bebê e não em termos de relação:

**Marcella:** Uhum. O que você acha que mudou com a chegada dela na rotina da casa?

**Paula:** Ah bastante coisa né! Porque cê não tem **nenê de fralda**, você não tem éé que **fazer mamadeira.** Cê não tem que dar **papinha na hora certinha**, assim, **muita coisa mudou.** Você **tem que se organizar pra... Pra poder... Tá com ela.** Por exemplo, eu quando **eu ia para as reuniões e não tinha um bebê pra carregar né?** Então, muita coisa mudou.

**Marcella:** Uhum.

**Paula:** Bastante coisa.

**Marcella:** E o que você acha que mudou em termos de relação, né? Que um bebê se inseriu nessa rede de relações dos seus quatro filhos, seu marido, das pessoas que você tinha contato... O quê que mudou em termos de relação?

**Paula:** Humm...Teve uma mudança mais na... Familiar mesmo né?

**Marcella:** Uhum

**Paula:** A gente tem que **se adaptar aaa, um novo molde né? Teve que se moldar a uma nova forma, mas em relação aos meus filhos não.** (Entrevista com Paula, Linhas 50-75).

Atrelado às atividades diárias da Família, os membros viram a necessidade de correlacionar às demandas e as vontades de Paulinha. Paula enumera algumas práticas familiares diárias necessárias para cuidar e educar Paulinha: fazer mamadeira e papinha; horários de alimentação e necessidade de estar com ela. Estar com Paulinha implica, nesse sentido, em momentos para ela; assim como na necessidade de tê-la em suas atividades diárias, como as reuniões frequentes da associação e do movimento social. Esse olhar cuidadoso para as necessidades de Paulinha é refletido em sua concepção de que é necessário “...*se moldar a uma nova forma...*” para cuidar de um bebê. Também, na chegada de Rafael, ele era “carregado” em todas as atividades diárias de Paula e

cuidado pelos irmãos Sebastião e Anamaria. Paulinha também torna-se um novo elemento de preocupação e de cuidado da rede de relações da Família de Paula. Isto implica na organização familiar envolvendo tanto o Carlos e Paula, padrinhos de Paulinha, como também seus filhos e a filha deles.

Anamaria, Henrique e Sebastião, que vivenciaram momentos com uma criança pequena na chegada de Rafael há seis anos, com a chegada de Paulinha, assumem papéis de cuidadores e de irmãos e irmã. Esta compreensão é sustentada não só pelos familiares, mas também pelas outras pessoas que também assumem o papel de cuidadora de Paulinha.

Quadro 14. Cena 1 do dia a dia de Paulinha

CENA1				
Janete chega às 06h30min e pergunta se eu vou para Orlândia com ela. Digo que sim. Levanto e já me apronto. Janete diz que vai esperar um pouco, carregar a van com os produtos, para acordar a Paulinha. <b>Janete diz “Quem cuida de Paulinha é o Sebastião (irmão)”. Carlos chama o Sebastião para arrumar a Paulinha, fazer o mamá, arrumar a bolsa... Ele acorda, carregando o corpo e vai.</b> Todos os produtos dentro da van, outros tantos no carro do Marcos e a entrega de São José no meu carro. Janete me guiava em meios às estradas de terra que cortam o campo paulista. Paulinha ainda dorme. <b>Janete chama Sebastião e eles vão para o quarto levar o mamá a ela e trocá-la. Sebastião a pega no colo e dá o mamá. Enquanto isso, Janete confere a bolsa de Paulinha. Está tudo certo. “Sua nega você não vai dar trabalho hoje não né? Nem vai lembrar-se daquela mãe sua” diz Janete. Paulinha sai do quarto vestindo um agasalho de gorro e calça rosa, e segurando a mamadeira.</b> Janete entra na parte de trás do carro e eu seguro a Paulinha para ela se sentar. Ela a pega e a senta em seu colo e vamos seguir viagem. Durante nossa empreitada, eu e Janete conversamos sobre a <b>Paulinha, que adormecia levemente em seu colo no banco de trás.</b> Janete me diz “ <b>a Paulinha só fica com a Paula. Todos os lugares que ela vai, está junto</b> ”. <b>Conta-me ainda o tanto que o Sebastião tem jeito com a Paulinha, faz comida, troca, dá banho; e que “a casa da Paula sempre é muito movimentada e que todo mundo participa da vida da Paulinha”.</b> (Trecho do diário de Campo, Família Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 263-286).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Casa de Paula e carro	Janete, Sebastião, Carlos e Marcella	Cuidado	Neta de Janete, Irmã de Sebastião e filha de Carlos	Mamadeira e o carro

Em seu cuidado e na sua educação diária, Paulinha responde às impressões de Janete e Sebastião como pessoas próximas, e não estranha a ausência de Paula. Esta situação circunscreve-se como parte do cotidiano familiar de Paulinha, ao necessitar que

Sebastião acorde para realizar seus primeiros cuidados. Esta não o estranha, assim como Janete. Dentre os irmãos, Sebastião é o que está diretamente ligado aos cuidados diários de Paulinha, ao ajudar a mãe Paula na alimentação, no banho e no sono da bebê.

**Paula:** O Sebastião que faz a mamadeira da Paula Beatriz, Sebastião me ajuda troca, dá banho. Ela é bem ligada com o Sebastião.

**Marcella:** O Sebastião sempre está muito junto com ela?

**Paula:** É bem ligada! Porque o Henrique trabalha...

**Marcella:** Sebastião, que tipo de relação você tem com a Paula Beatriz?

**Sebastião:** Relação normal, boa. Relação de irmão. (Entrevista com Paula, linhas 213-218).

Em seus 14 anos de vida, Sebastião é enfatizado como um dos cuidadores principais de Paulinha. Anteriormente, os dias de Sebastião resumiam-se em ir para a escola da cidade no período da tarde, contribuir nos afazeres domésticos, participar das tarefas da produção de carvão e hortaliças da Família e ser o responsável quase diário pelas jantas na casa de Paula. Agora, seus dias iniciam-se com ele satisfazendo as primeiras necessidades do dia de Paulinha, para depois seguir com suas outras atividades.

A confluência da adolescência e em assumir a responsabilidade no cuidado e na educação de Paulinha implica, com a sua chegada, assumir o papel de irmão, mas também de cuidador. Está diretamente ligado às necessidades dela, desde a escolha da roupa, fazer e dar mamadeira, dar banho. Ele é reconhecido tanto pelas pessoas que estão à volta, “... *Quem cuida de Paulinha é o Sebastião...*”, como disse Janete, como também pela própria Paulinha. Para Sebastião, essa atribuição de papel é complexa e exige um cuidado redobrado:

**Marcella:** E como foi quando a Paulinha chegou aqui na sua Família?

**Sebastião:** Foi... Foi tenso! Porque a gente não estava acostumado com muleque mais, tudo grande já, aí foi meio difícil, foi osso! Só ela pequenininha, tem que **fazer as vontade dela toda hora, se ela acha que tem que ser na hora, não podia ser depois, ela não podia esperar, ela não é igual nós**. (Entrevista com Paula, Linhas 209-213).

Sebastião reconhece que a prioridade na rotina familiar é “*fazer as vontade dela toda hora*”, enfatizando que a noção de tempo de Paulinha é diferente da deles como mais velhos, “*ela acha que tem que ser na hora, não podia ser depois, ela não podia esperar, ela não é igual nós*”.

**Sebastião:** Por exemplo, antes você podia sair toda hora, agora você não pode porque tem ela. Você podia ficar com música até tarde, som alto, agora não pode porque tem ela agora. A comida se você fizesse hoje ou se não fizesse, tava bão demais. Mas, hoje não pode porque tem ela também. É... diferente!

**Marcella:** Uhum. E que importância tem a Paulinha pra você?

**Sebastião:** Xi! Grande hein! Grande mais grande mesmo. Da Família, normal.

**Marcella:** Se você a apresentasse para alguém como você apresentaria?

**Sebastião:** Minha irmã.

Sebastião prioriza, assim, as necessidades e as vontades de Paulinha, “*assim, gostava de sair, não sai mais pra ficar com ela*” (Linha 255), se dispondo a aprender “*...Dar banho, trocar, brincar, passar o tempo junto com ela*” (Linha 257) para garantir seus cuidados. Por outro lado, Paulinha também o reconhece como seu “*Tete*”, vocalizando quando ele se aproxima ou se distancia, cuidador ao se acalmar em seus braços durante a amamentação pela mamadeira; a troca de roupas para sair; um banho; ou na tentativa de fazê-la dormir quando Paula está ausente.

Não tão intensamente como Sebastião, Janete também insere-se como uma das pessoas de apoio e de confiança de Paula na rede de cuidados de Paulinha. Durante sua viagem, Paula incumbe a “*Cumadre*<sup>24</sup>”, também vice-presidente da Associação, de cuidar de Paulinha, enquanto ela estivesse viajando. Janete, que anteriormente nunca tinha ficado sozinha com Paulinha, reconhece Sebastião como um interlocutor e parceiro nesta tarefa, ao dizer “*Quem cuida de Paulinha é o Sebastião*”. Janete traz elementos da história da relação entre Paulinha e Paula, em seus medos e anseios, o que revela certa intimidade e pertencimento à rede de interações destas. A Paulinha é atribuída o papel de neta de Janete, pelo modo como aquela vocaliza e se direciona a esta. Ao mesmo tempo, também o papel de irmã de Sebastião e filha de Carlos pela sua inserção nesta dinâmica familiar. Paulinha reconhece essas pessoas como familiares e recorre a elas em momentos de raiva, de alegria, de passividade.

O ambiente de Paulinha é composto por uma rede de relações extensa, mas também pelos objetos físicos. Paulinha, ao interagir com a mamadeira e o carro, como dois objetos que fazem parte de seu dia a dia, parece demonstrar como são significativos na sua interação com o ambiente. Por meio da mamadeira, Paulinha alimenta-se e aproxima-se de seus parceiros de interação e de si mesma, ao sustentar o objeto em seus dedos, tonificando-os e, às vezes, relaxando-os quando Sebastião a auxilia. Há

---

<sup>24</sup> O termo “cumadre” e “cumpadi” são propagados diariamente pelas pessoas que frequentam a casa de Paula. Revelam relações de confiança e de segurança nesta parte da comunidade, em que as famílias confiam o apadrinhamento de seus filhos e suas filhas às pessoas que convivem diariamente, nas proximidades. Da mesma forma, Paula é também madrinha de uma das filhas de Janete. Isto reflete até mesmo nas áreas da agrovila próximas umas a outras. No caso de Paula, a que fica situada à frente de sua casa, é de uma irmã de Carlos, a do outro lado de outro irmão, Eduardo, avô de Maria, que tem um de seus filhos apadrinhados por Paula e Carlos.

momentos em que Paulinha a segura sozinha, com as duas mãos. Parece conhecer ainda como sugar o leite pelo bico da mamadeira e quando não tem mais leite para beber, entregando a mamadeira para quem estiver por perto. Ao manusear a mamadeira, sentindo-a em sua forma, ela reconhece seu conteúdo como familiar. Ao mesmo tempo em que mama, entra dentro do carro reconhecendo-o como um lugar seguro e que irá para algum lugar.

O carro, por ser um elemento recorrente em seu dia, é tratado com naturalidade por Paulinha, bem como por Janete que, grande parte das vezes, está presente nele com Paula, não sentindo falta desta em um primeiro momento. As pessoas à sua volta, ao observarem as ações e as reações de Paulinha, em relação ao carro, interpretam que ela o identifica através do seu som, de suas cores e de sua forma, indicando que por meio dele e nele, Paulinha assimila uma noção de tempo: o tempo da espera que possibilita sossegar, que segundo Paula *“Ela só dorme e sossega dentro do carro”*; tempo de estar próximo das pessoas; tempo de brincar (caretas e boneca); tempo de cuidar (boneca) e ser cuidada (troca de fraldas). Ao carro, é dada uma finalidade ou um sentido, de acordo com os interesses interpretados pelas pessoas que estão com Paulinha; predominantemente, sentido de que ela gosta de passear e só dorme no carro.

Nos tempos de vida no campo da Família de Paulinha e dos companheiros de trabalho, as atribuições inerentes à administração de uma Associação de escoamento da produção agrícola exigem um tempo excessivo e intenso de deslocamentos em carros e vans. Esta exigência perpassa os dias de Paulinha, que acompanha os adultos cuidadores de suas necessidades, e implica em uma intensa mobilidade. São tempos no carro diariamente, desde muito cedo e também com o dia amanhecendo. Em tempos de inverno, seco, é necessário preparar Paulinha para aguentar rotinas, às vezes exaustivas de deslocamento entre as cidades e os lotes dos produtores agrícolas. Paulinha sai agasalhada e acompanhada de uma bolsa com todos os elementos necessários para qualquer eventualidade, mais de uma mamadeira (pois nunca se sabe quanto tempo irão demorar), com toalhas, fraldas, shampoo, condicionador, sabonete, em caso de necessidade de algum banho no meio do caminho. Paulinha tem condições, a partir disso, de tranquilizar-se e adormecer no som do carro pela estrada, no colo conhecido de Janete; e reconhecer os outros elementos que compõem essas viagens, como os alimentos agrícolas que lotam o carro, em seus cheiros e cores; e isto, de certa forma, já faz parte de sua rotina.

Para enfrentar a secura e a poeira, que impregnam a pele e as vias respiratórias, Paula<sup>25</sup> sempre carrega consigo várias garrafinhas de água gelada, às vezes até congelada, para matar sua sede e, quando avistada por Paulinha, a dela também, que balbucia “dá, dá, dá...” instantaneamente. Os movimentos do carro, as costelas de vaca, as curvas, a terra e a poeira não provocam estranhamento em Paulinha. É um espaço familiar, que experimenta não somente como um espaço de descanso, do sono, mas também de brincadeira.

Quadro 15. Cena 2 do dia a dia de Paulinha

CENA 2				
<p>Durante o percurso até a cidade, Paula diz <b>“Aonde eu vou, ela está junto comigo” dizia Paula. Paulinha realmente estava vidrada, só olhava ao horizonte. O irmão da Paula, Rodolfo, olha-a e brinca no retrovisor a todo o momento.</b> Paulinha está com uma boneca na mão. A boneca está toda lambuzada de terra e com os cabelos arrepiados. Paulinha puxa seus cabelos e vira a boneca de um lado para outro. Rodolfo mostra a língua pra ela, que faz careta. <b>Paulinha segura a boneca no colo, balançando de um lado para outro, como se a estivesse “nanando, comenta Paula.</b> De repente, dormiu no meu colo. Paula comenta <b>“Ela só dorme e sossega dentro do carro”.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 52-60).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Carro	Paula, Rodolfo (irmão de Paula) e Marcella	Brincadeira e cuidado	Como grudada em Paula e como brincando de mamãe	Boneca e Carro

Paulinha manuseia a boneca balançando-a e puxando seus cabelos. Paulinha brinca com ela durante o percurso até adormecer. Ao mesmo tempo, interage com o Tio Rodolfo pelo retrovisor do carro, olhando para o espelho e fazendo caretas. Quando Paulinha está com a boneca no colo, ela a balança, sendo significado esse gesto como se estivesse com um bebê em seus braços. Esta dinâmica retrata Paulinha assumindo o papel de mãe da boneca, ao mesmo tempo em que é segurada como uma bebê. Paulinha

<sup>25</sup> Paula comenta algumas vezes que ela só aceita água gelada e da forma como ela só mata sua sede nesta temperatura.



expressa alegria na brincadeira de mãe-bebê e segura a boneca com delicadeza e cuidado para fazê-la dormir.

A escolha por compartilhar com Paulinha suas atividades diárias é sustentada por uma compreensão da participação das crianças nas atividades da comunidade e do próprio movimento social.

**Marcella:** E para você como é levar a Paulinha para todos os lugares?

**Paula:** Normal, já acostumei. **Quando ela não tá, as pessoas até perguntam.** Normal. Uma coisa normal.

**Marcella:** E **para ela** como é que é?

**Paula:** Ah! **É uma farra, é uma festa, é uma alegria. Cê falar ‘vamo?’ ela já tá dentro do carro, é a primeira a tá dentro do carro.**

**Marcella:** Uhum.

**Paula:** Cê falar **‘Vamo toma banho pra gente passear?’**. Ela já se poca (apronta) **toda, já vai toma banho.**

(Paulinha vai até a perna da Paula)

**Paulinha:** Hum

**Marcella:** E é difícil pra você levar ela para todos os lugares?

**Paula:** Hoje um pouco mais porque **ela tá andando, ela tá né descobrindo, tá mexendo tudo.** Mas, eu já me acostumei, as pessoas se acostumaram. **Quando eu chego numa prefeitura a secretária já conhece a Paulinha já, então, assim, tem vez que eles pega, já some com ela lá pra dentro, eu acabo fazendo o que eu tenho que fazer.** Não, não é difícil assim. **Ela é o centro.** (Entrevista com Paula, Linhas 475-490).

Paula demarca a naturalidade de levar consigo Paulinha para todos os lugares; e identifica que Paulinha compartilha desta forma ao também demonstrar que quer passear ao se dirigir com o andador para a porta do banheiro, depois do convite. Há, ainda, o reconhecimento das pessoas da rede de interações de Paula que Paulinha é integrante dessa rede e, por isto, sua ausência é sentida. É evidente a forma que Paula compartilha com estas pessoas, a partir da segurança de serem conhecidas, o cuidado de Paulinha. Isto propicia a realização de, em seus momentos de distração, outras funções nos seus espaços de trabalho. Paulinha, assim, reconhece as pessoas, o convite para passear e vivencia os diferentes papéis atribuídos e assumidos por Paula, como sua madrinha-mãe, mãe de seus irmãos, presidente de uma associação e liderança de um movimento social e de uma comunidade rural.

A preparação para garantir os cuidados de Paulinha, ao longo das atividades de Paula e sua Família, revela também improvisações nos espaços que compõem tais atividades. São trocas de fralda no carro, no corrimão da prefeitura, no banheiro, no posto de gasolina... Normalmente, Paulinha é suspensa por alguém, enquanto Paula realiza a troca. Há situações, às vezes, compostas por várias pessoas: Janete segura,

Paula limpa e eu fecho a fralda. Com o desenvolvimento de Paulinha, pensa-se também em estratégias para garantir a higiene e a não ocorrência de assaduras.

**Paula:** Olha antigamente né? Era eu achava muito tranquilo usá aquele lençinho e tal, porque era mais bebê. **Hoje não dá mais para usar lençinho não. Hoje se eu saio com ela e ela faz sujeira, você tem que achar um banheiro. Tem que lavar o bumbum, tem que trocar. A Paulinha ela tem, ela é muito sensível, principalmente, a pele do bumbum dela. Se você deixa ela sem trocar muito tempo quando você vê ela tá bem vermelho. Se você passar lençinho ela fica vermelha. Então, não dá mais. Hoje qualquer menina é muito complicado você não lavar e tal.** Mas, hoje tá tranquilo, porque por exemplo a gente sabe que ela faz sujeira de manhã, que ela faz cacá de manhã...Então, já espera ela fazer, já dá banho. Daí cê já sai. **Quando acontece de fazer de novo no meio do dia, que a gente sabe já saiu, aí você acaba trocando ela igual eu tô te falando, vai no banheiro, lava.**

**Marcella:** Que lugares costuma acontecer troca de fralda?

**Paula:** Normalmente, a gente procura um banheiro que tem condições de troca ela né! Pra poder trocar.

**Marcella:** Uhum.

**Paula:** **Antigamente, trocava no carro, trocava (risos). Hoje não dá para fazer isso mais, que ela já tá grandinha.** Hoje ela já tá entendendo que eu levo ela no banheiro, troca de boa. (Entrevista com Paula, linhas 439-462).

Na ausência de Paula, Janete é evidenciada como parceira no cuidado e na educação de Paulinha. Ela conta com a ajuda de Sebastião, Gilberto, Carlos e Marcos. Estes reconhecem, como parte do cuidado e da educação, a necessidade de brincar e descontrair Paulinha como uma forma de estar em contato com ela e integrá-la ao momento de execução do trabalho da associação; compreendendo-a como alguém que atrai e provoca atenções.

Quadro 16. Cena 3 do dia a dia de Paulinha

CENA 3
<p>Voltamos pra casa e a Kátia, nutricionista da prefeitura de Orlândia, liga para Paula e diz que o pedido está errado. Kátia diz que não havia pedido tangerina. Em meio à discussão entre Paula, Janete, Carlos e outros, do que fazer, <b>Paulinha está andando de um lado pro outro. Quando ela vê Carlos, seu padrinho, ela vai correndo até ele no andador, passando por cima até do pé dele para chegar mais perto. Ele a pega no colo e ela deita em seu ombro.</b> Até que cessam as discussões de como negociar com a nutricionista para aceitar as tangerinas, <b>Paulinha fica rondando Paula e Carlos com o andador.</b> Enquanto Sebastião está fazendo a janta. <b>Anamaria chega e Paulinha corre eufórica em sua direção. Paula diz “A Paulinha fica olhando em direção da casa da Tata esperando que ela vem para cá. Anda um pouco com ela Tata”.</b> Anamaria a pega no colo, que coloca a mão em seu rosto. Após a solução sobre a entrega dos produtos para a prefeitura, Janete e Paula combinam que eu, Janete e Paulinha vamos a Orlândia para garantir a entrega. Paula deverá ir para São Paulo, para resolver problemas junto ao INCRA. <b>A preocupação de todos durante a noite foi se Paulinha iria aguentar ficar sem Paula, porque elas nunca ficaram separadas. Onde a Paula está, a Paulinha está atrás. Janete diz que todos vão ajudar,</b></p>

**Sebastião, Carlos.** Tudo resolvido. Sebastião prepara Paulinha para dormir, faz o leite e deita na cama com ela. Ela adormece em meio aos latidos incessantes dos cachorros e o dia tem fim. Paula sai e Paulinha está distraída com Sebastião no quarto. (Trecho do diário de Campo, Família Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 239-259).

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Alpendre da casa de Paula	Carlos, Paula, Janete, Anamaria e Sebastião	Cuidado e brincadeira	Participante das decisões que envolvem o cotidiano da Família; grudada em Paula	Andador

O reconhecimento de Paulinha, como pertencente à rede de relações dos membros da associação coloca-a como sujeito específico que apresenta necessidades e demandas que devem ser preservadas ao longo da própria realização das tarefas e atividades familiares. Paula centraliza as decisões e as atitudes necessárias para garantir o cuidado e a educação de Paulinha. Ela é e se coloca como responsável por definir: a rotina; as atividades domésticas; a alimentação das crianças; os lugares aonde, com quem e como irão sair. São definições e orientações realizadas diariamente que compõem os diferentes papéis que esta mulher ocupa como mãe, militante, presidente da associação e também madrinha.

Essa relação entre Paulinha e as atividades diárias de Paula é retratada também na concepção do movimento social a que Paula se vincula, que a situa como parte do próprio movimento e das atividades que compõem a militância.

**Marcella:** E você, por estar à frente das discussões do movimento, como é que o movimento vê Paulinha?

**Paula: Um bebê do movimento.** Vê como um ser humano. (...). Vê como uma criança normal, uma criança do campo. Existem as preocupações do movimento, de como **essa criança é, vai ser, como os pais vão fazer com essa criança até ela crescer**, ir para a escola. Por isso que existe a discussão da ciranda, existe um monte de discussão que você acompanha e o movimento tem essa preocupação; o setor de educação tem essa preocupação com essas crianças no sentido de **como trabalhar do zero aos três anos**. O movimento tem essa preocupação quando se discute a criação da ciranda infantil né! De uma educação diferenciada, mas **é uma criança normal**, não é porque é uma criança do movimento que ela é uma criança diferente das outras da cidade lá não. (Entrevista com Paula, Linhas 746-762).

O modo como Paula organiza seu dia e, por conseguinte, o dia de Paulinha não restringe as atividades ao espaço doméstico. Ao mesmo tempo, em seu jogo dramático, como uma liderança de um movimento social, compreende seu papel de reconhecer alguns princípios do próprio movimento e a forma de lidar e estar com as crianças de até 3 anos, até mesmo em se tratando de Paulinha, “... *como um bebê do movimento...*”, que está presente diariamente em suas reuniões.

Compreendendo Paulinha como integrante do seu dia, de suas atividades, dos seus lugares, Paula também inclui outras pessoas como partícipes do cuidado e da educação de bebê. Assim, é o tratamento do dia a dia de Paulinha: ocupar diferentes espaços, estar com diferentes pessoas e ser reconhecida por elas como sujeito daquele ambiente e transformadora dele pela sua presença. Esta naturalidade é tida como também compreendida por Paulinha:

**Paula:** Paulinha é muito assim ela **defende o território dela**. Então, ela é muito **ciumenta**, então, **ela não gosta que ninguém chega perto do que é dela**. Ela é meio que ciumenta, ela hoje ela tem uma relação boa com a Manuela (irmã) que a gente já conseguiu contorná. O Artur ela tem muito ciúme do Artur né? Mas, é uma coisa normal que a gente tem concertano, que a gente vem concertano no dia a dia. (Entrevista com Paula e Sebastião, Linhas 292-296).

Anamaria, filha mais velha de Paula, também participou e ainda participa de seus cuidados, além da responsabilidade maior pelo cuidado de Artur, adotado legalmente por Paula e filho de uma prima dela.

Quadro 17. Cena 4 do dia a dia de Paulinha

CENA 4
<p><b>Paulinha vai para a casa de Anamaria</b> e volta somente no meio da tarde para almoçar. Anamaria vem com ela no colo. Vai até a cozinha e <b>pede para a mãe colocar comida para Paulinha. Anamaria senta com ela à mesa para dar comida. Anamaria termina de dar comida e volta para sua casa.</b> Ela me chama para ficar um pouco na casa dela e vou junto. Quando chegamos lá, Artur está chorando e Anamaria vai fazer a mamadeira para ele. <b>Ela coloca Paulinha no chão em meio a todos os brinquedos e vai para a cozinha. Têm bichos de pelúcia, brinquedos de montar. Paulinha os pega e coloca na boca. Paulinha começa a chorar quando Anamaria está dando a mamadeira a Artur.</b> Anamaria me chama para ver como Artur já está tentando segurar a mamadeira. “Ele nem completou três meses” envaidece-se Anamaria. Ele tenta suspender o pescoço, como se estivesse querendo levantar. Ele apoia a mamadeira na barriga e chupa o bico insistentemente. <b>Paulinha está revoltosa no chão, querendo que a Anamaria a pegue. Anamaria diz que não dá conta de dois bebês ao mesmo tempo e me pede para levar Paulinha para Paula. Eu a pego no colo e ela vai apontando o caminho. Eu chego e Paula me pergunta se a beliscamos, pois escutou seu choro de lá de dentro. Paula pega Paulinha no colo e a embala no sono de</b></p>

fim de tarde. (Trecho de Diário de Campo, Família Paulinha, 23º dia, linhas 1612-1627).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Casa de Anamaria	Artur, Anamaria, Paula e Marcella	Cuidado e brincadeira	Bebê esperta	Brinquedos

Com a chegada de Paulinha, Anamaria assume o papel de cuidadora. Em um dos momentos de conversa com Anamaria, ela nos conta que esteve no dia em que Paulinha iria sair do hospital e, desde então, passou a ser membro de sua casa. Anamaria ajudava sua mãe no cuidado de Paulinha, e a aproximação das duas é perceptível pela sintonia e pelo modo com que Paulinha a trata pelo apelido de “Tata”. Paulinha diariamente aponta em direção à casa de Anamaria e seu gesto é interpretado por Paula, como se ela estivesse querendo ir para a casa dela. A cena relatada refere-se exatamente há um dia em que Anamaria a leva para passar um tempo em sua casa, em virtude da mãe dizer que ela teria manifestado desejo de ir lá. Paulinha mostra-se feliz com a atitude. Mesmo compartilhando o cuidado com Paula, Anamaria dirige-se à mãe e à sua casa para satisfazer as necessidades de Paulinha, seja para dar banho ou para alimentá-la. Isto se deve à responsabilidade de Anamaria, amplificada pela atribuição do papel de mãe de Artur. Paula não interfere em seus cuidados e na educação dele, mesmo que legalmente ele seja adotado por ela. Artur torna-se, tanto em sua Família, como na Família do seu genro, o filho de Anamaria.

Paulinha é afetada pela chegada de Artur. Se antes era a única bebê da casa, com ele, “perde” o colo de sua “Tata”. Ela pede apontando para a casa de Anamaria para ir até ela, chama-a por seu apelido e se afeta pelos cuidados direcionados diretamente para Artur, revoltando-se no chão. Anamaria tenta distraí-la, colocando diferentes objetos, com cores e formas variadas, à sua disposição.

Quadro 18. Cena 5 do dia a dia de Paulinha

CENA 5
Anamaria chega com Artur. Ela vai começar a trabalhar em Franca e Artur ficará com a Paula, com a ajuda da Sofia. <b>Escuto Paula dizendo que Paulinha e Artur estão deitados um do lado do outro. Paula me diz que Paulinha parece a Felícia, de um desenho animado: na hora de fazer carinho bate nas criancinhas. Paulinha tenta encostar-se a Artur. Não tem muito controle da sua força, ela tenta passar a mão em seu rosto. Paula pega a mão dela e passa devagar no rosto dele. Paula pede para Sebastião fazer a mamadeira para</b>

**Paulinha e Artur.** Paula dá o mesmo leite que fazem para Paulinha para Artur: leite com chocolate e mingau. Ele gosta. Paula diz “Vou tirar as manias dele... Tem mania de ter que andar com o carrinho para dormir, de não sair da casa de Anamaria e Tiago...”. **Paula e Sofia se dividem entre Paulinha e Artur. Enquanto um chora, a outra vai atrás do outro bebê. Paulinha está no andador e toda hora vai em direção a quem estiver com Artur no colo. Quando Paula está com ele no colo, ela sai correndo. Quando está brincando, fazendo careta, ela faz careta do outro lado.** (Trecho de Diário de Campo, Família Paulinha, 8º dia, linhas 755-769).

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Quarto de Paula	Paula, Artur e Sofia	Cuidado	Bebê, com movimentos ainda descontrolados, ciumenta pela presença de Artur Como uma pessoa que quer atenção e se aproxima também de outro bebê	Andador

A presença de Artur mexe com Paulinha e também com a organização da casa. Anamaria, antes referência de cuidado para Paulinha, passa a ser dele. E Paula, antes exclusiva de Paulinha, vive momentos de um papel de avó e de mãe de Artur. Paulinha percebe a mobilização em torno do bebê e quer se aproximar. Seu descontrole físico é interpretado de forma que Paulinha quer bater em Artur, sendo o contato físico entre os dois bebês significado como ciúmes e, ao mesmo tempo, mostra uma necessidade de Paulinha em se aproximar e interagir com ele. No entanto, a falta de controle de seus movimentos são significados como agressivos e nada carinhosos. Esta agressão é até equiparada a um personagem de desenho animado, que também é interpretada como agressiva, mas, na verdade em seu amor pelos animais, exagera, apertando-os até esbugalhar os olhos; o desejo é de tê-los somente para si. O andador, neste momento, torna-se um recurso para agilizar sua aproximação a Artur e proporcionar-lhe também uma visão total do que acontece em sua volta (como quando ela tenta se aproximar de seus parceiros em volta da mesa e do carrinho dele). Isto acontece pela estratégia de “andar” em torno da mesa e do carrinho, e se inserir no momento de atenção de Artur, tentando insistentemente ir pelas brechas das pessoas presentes.

A circulação de crianças na Família de Paula é pensada por um cuidado realizado em rede, em que os parceiros de relação dela tornam-se também parceiros no cuidado dos bebês e sobrinho. Da mesma forma, há um encontro das diferentes formas de cuidado das crianças, na compreensão do que o outro (Anamaria) faz é **uma mania**,

como a necessidade de andar com o carrinho para o Artur dormir; a mamadeira feita com leite de vaca e achocolatado ao invés de leite em pó específico para a faixa etária; e o isolamento de Artur no espaço doméstico, ao invés de participativo de todas as atividades como acontece com Paulinha. Perpassam, nesse sentido, compreensões diferenciadas de cuidado e de educação de um bebê entre a dinâmica familiar de Paula e a de Anamaria, mãe e filha.

**Marcella:** Uhum. E qual a importância da criança de 0 a 1 ano dentro de uma Família?  
**Paula:** Ah! Olha eu achava assim que não tinha nenhuma diferença, mas eu vou te falar: é de uma importância extraordinária, **eu acho que se a gente pudesse era pra gente ter um bebê em casa sempre. Porque te mobiliza, traz uma alegria pra casa sabe! É uma coisa assim incrível de falar!** Não dá nem para traduzir o que é isso. Só vivendo mesmo, porque **a gente ficou um tempão sem bebê** (pausa). **A gente ficou muito tempo sem bebê, pra gente foi assim incrível essa chegada, essa mudança né!** É incrível, **é bem mobilizada a casa de uma outra forma** (Entrevista com Paula e Sebastião, linhas 839-846).

Paulinha insere-se em uma rede de interações já construída por Paula e seus familiares, que tinha por característica a receptividade às crianças pequenas, como Rafael e Artur, e outras pessoas que fazem parte da Família ampliada, como Daniel (13 anos), sobrinho de Paula, que ficou abrigado provisoriamente por questões judiciais de seu cunhado. Ele foi acolhido na casa de Paula, como tia próxima, até que a situação do pai fosse regularizada. Também foi acolhida Aline (14 anos), sobrinha de Paula, uma vez que não estava trabalhando e necessitava de apoio<sup>26</sup>.

A presença de uma criança pequena na casa de Paula é reconhecida pelas pessoas da comunidade e por seus familiares. Isso implica a organização de todos para que tanto os afazeres domésticos como os relativos à administração de uma associação de produtores sejam realizados, garantindo a subsistência familiar e coletiva. Nesse sentido, compreendem que a organização transforma-se com a “entrada” de um novo membro na rede, membro esse que é significado como uma alegria e suas necessidades como mobilizadoras para todos.

**Paula: Ela (Paulinha) tem contato com todo o tipo de pessoa. E uma relação normal de uma criança normal.** Uma criança feliz, uma criança que gosta de brincar, uma criança que gosta de fazer farra, uma criança mimada né? É uma relação normal. (Entrevista com Paula, Linhas 285-287).

---

<sup>26</sup> Durante a pesquisa, uma família procurou Paula, identificando-a como alguém que teria esta receptividade e desprendimento de estar com as crianças, filhos gêmeos que nasceriam há alguns meses; a opção da entrega dos filhos para a adoção foi justificada pela ausência de condições da família de cuidar e educar dos filhos.

Paulinha comunica-se através de seu corpo, demonstrando alegria em estar nos momentos de descontração e de trabalho da Família de Paula. Sua ação é limitada pelo espaço próximo do colo, do carrinho ou do andador, usado intensamente em seus dias. Por meio de movimentos desordenados, indica aos seus parceiros de interação sua vontade em se aproximar deles. A comunicação através de seus movimentos é interpretada e significada pelo outro, como forma de Paulinha expressar-se e afetar-se *com e pelo mundo*.

Segundo Henrique e Sebastião, e em outros momentos pela própria Paula, Paulinha adora uma moto, interpretando que esta adoração deve-se ao seu pai biológico, Felipe, ser apaixonado por moto e até fazer bicos como mecânico e customizador de motos. Quando Felipe está presente, ele chega a colocá-la no guidão da moto e, às vezes, sai para passear com Paulinha e Paula. No rosar do motor, nas idas e vindas na estrada de terra, na poeira que se levanta no toque das rodas, Paulinha fica vidrada por este algo que lhe chama a atenção.

Paulinha já realiza alguns movimentos bruscos quando está no andador, empinando-o e fazendo curvas rápidas. Atrelado a isto, a madrinha Paula defende que ela irá andar antes dos 12 meses de idade, pois todos os seus filhos andaram com esta idade e ela já tenta ficar em pé, deslocando-se desordenadamente entre os sofás.. Esta compreensão do momento certo de andar, a habilidade de Paulinha no andador de empinar e o fascínio de ver os meninos empinando as motos, provoca Paula a dar uma motoca para Paulinha.

Quadro 19. Cena 6 do dia a dia de Paulinha

CENA 6				
<b>Paula pede para Henrique montar a motoquinha da Paulinha. Quando ela vê as peças desmontadas, começa a tentar andar de bunda, pois não engatinha. Fica inquieta, dando a mão para alguém que queira levá-la até onde Henrique está. Estende os braços, tenta mexer as pernas. Quando a motoquinha está pronta, Henrique coloca Paulinha em cima. Mas, ainda seus pés não chegam aos pedais. Paulinha começa a andar pra trás. Vai de um lado para outro e todos ficam pajeando para ela não cair. Começa a virar o guidão da bicicleta e empurra a motoquinha pra trás. De repente, ela se vira e cai.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família Paulinha, 22º dia de permanência, linhas 1492-1499).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Calçada em	Henrique e	Brincadeira e	Como fundida a Henrique e	Motoca e caixa



frente à casa do pai de Paula na cidade	Paula	Cuidado	centro da atenção e alguém que já tem condições de andar em uma motoca	de papelão
---	-------	---------	--	------------

A significação das necessidades e das vontades de Paulinha é constituída pela madrinha/mãe e pelos irmãos, dialética e dialogicamente, em interação com ela. É importante ressaltar como Paulinha comunica-se pela sua emoção, ao reagir pela presença de outro elemento (seja ele pelas pessoas, pelas motos, pelo carro, pela van...).

Paulinha expressa-se por meio dos movimentos em resposta à sensibilidade corporal dos músculos e das vísceras, mas também do mundo externo; o que a orienta para dirigir sua atenção para elementos do cotidiano que a instigam a satisfazer suas necessidades básicas e também suas curiosidades. Paulinha identifica quando o foco da ação é ela mesma e isso provoca nela direcionar seus movimentos para traduzir suas emoções. Sua atenção é interpretada por Paula como parte do jogo de Paulinha de manter a atenção de todos nela:

**Paula:** Ela faz gato e sapato, porque tudo é pra ela, ela sabe. Ela sabe que tudo que faz é pra ela. **Ela sabe que, que tudo ela quiser é na hora que ela quiser.** Então, assim, ela faz meio que de gato e sapato esse pessoal né? Ela meio que domina a área aí. **Ela meio que domina tudo.** O pai dela que ela faz de bobo, que é o padrinho dela. Ela faz de bobo; o Sebastião. A única pessoa que assim **ela tem um pouquinho de medo, mas é muito pouquinho é comigo né?** Mas, é muito pouquinho também porque ela não tem medo de ninguém, **ela faz do jeito que... de gato e sapato.** (Entrevista com Paula e Sebastião, Linhas 136-142).

Paulinha observa Paula diariamente. Quando esta pega uma caixa grande de papelão dentro do carro, ela olha atentamente, parecendo estar curiosa para saber o que é e quer se aproximar. Na medida em que Henrique tira as peças, ela quer chegar perto para mexer também. Paulinha quer se movimentar, tenta sozinha mover-se para ir até Henrique e não consegue. Seus movimentos desordenados de “andar de bunda” não lhe permitem se deslocar. Paulinha não engatinha, parece não ter firmeza nas pernas, fica paralisada. Levanto a hipótese que isto se deve pela inserção do andador em seus dias, que ocupou o espaço do momento de colocar para engatinhar. Inerte, Paulinha fica inquieta e aponta com as mãos para alguém levá-la até lá. Seus gestos e seus movimentos em direção à situação demonstram que ela está curiosa e parece adivinhar que se trata de algo para ela mesma. Paulinha parece estar ligada e querendo imitar

Henrique no que ele está fazendo; sua diferenciação ocorre quando Henrique a coloca em cima da motoca rosa montada, mas infelizmente, os pés não alcançam o pedal. Diante disso, a compreensão de que já era o momento de Paulinha sair do andador e ir para a motoca é frustrada, mas rapidamente esquecida pelo divertimento de vê-la andando para trás. Ela parece não entender o porquê de todos rirem. Sua estratégia é se mover para trás, mas não há tônus muscular suficiente para se fixar ao chão. Seus movimentos são precoces para o que a motoca movimenta, mas ela não desiste. Fica chamando com as mãos, as pessoas em volta para ampará-la. Seu jeito de chamar é apontando os dedos. A propagação dos seus gestos parece estar ligada ao que eles despertam nas outras pessoas.

Tal momento de relação entre Henrique e Paulinha evidencia a tentativa de Paula do estreitamento da relação dos filhos, uma vez que Henrique não é considerado como um dos cuidadores principais de Paulinha. Está ligado mais às atividades de produção de carvão; durante a observação, começou também a trabalhar na cidade, ficando durante todo o dia fora de casa. Paula tenta inclui-lo. Henrique não tem uma disposição por ele próprio de estar com Paulinha, tenta chamar sua atenção beslicando-a, pegando sua mamadeira, até que acaba se irritando com isso; ela, por sua vez, direciona olhares como “(...) *um irmão mais velho*” (Entrevista com Paula e Sebastião, Linha 186). O reconhecimento contínuo por parte de Paula em relação às necessidades e às vontades de Paulinha revela a centralidade dela como cuidadora. Isto se revela também na forma de tratamento de Paulinha em relação a Paula, ela vocaliza “ma, ma, ma...”. Para os presentes, é uma tentativa de falar mãe. Paula se emociona. Não só ela, mas quem está junto delas também. Esta interpretação edifica-se no emaranhado de relações que Paula estabelece, nos sentidos e nos significados que perpassam estas relações.

**Paula:** Ah eu não sei como classificar essa relação que ela tem comigo. É uma relação de afeto, de carinho, de amor, de apego, né? É uma relação de mãe pra filha, eu acho, não sei, acho que é. É a mesma coisa de mãe pra filha.

**Marcella:** Que importância tem ela pra você?

**Paula:** De um filho. Mesmo de um filho. Mesmo dos meus filhos.

**Marcella:** E você pra ela que importância tem?

**Paula:** Quero acreditar que seja a mesma de uma mãe né?

(Entrevista com Paula e Sebastião, linhas 144-148).

Paulinha participa dos momentos de decisão coletiva advindos das demandas da administração de uma associação de mulheres produtoras de agricultora familiar. Ela se

agita, e interfere, de alguma forma, naquela dinâmica. Tal trabalho coloca as mulheres como chefes de Família na organização da produção familiar, não só como responsáveis pelos cuidados domésticos. Denota desta apreensão a participação de todos os membros – crianças, jovens, adultos e idosos – na organização familiar doméstica e também profissional de agricultores familiares.

A partilha de momentos decisivos por Paulinha permite-lhe experienciar o espaço físico e estabelecer relações com as pessoas que compõem a rede de relações da Família de Paula. Seus movimentos (des) ordenados são significados pelos seus parceiros de interação.

Quadro 20. Cena 7 do dia a dia de Paulinha

CENA 7				
<p>Pegamos a saída para a Anhanguera e vamos pela via marginal direita. Entramos em outra rodovia e chegamos ao pontilhão. Janete me explica que as terras são da União e estão abandonadas. Vamos até à casa da Priscila, filha da Janete. Ao lado direito, uma horta. A seca é tanta que as alfaces não aguentaram, as couves morreram. Quando chegamos à casa de Priscila, Janete diz que ela é muito organizada, limpa e ajeita muito bem sua casa. Sentei no sofá com a Paulinha no colo. Janete sentou no que estava à frente. <b>Paulinha olha Priscila bebendo água e começa “da, da, da...”</b>. <b>Priscila dá água a ela e diz que vai fazer um café. (...). Paulinha estica o braço em direção ao copo de café e Janete diz que pode dar um pouco a ela.</b> Eu coloco o copo em sua boca, me concentro para não lambuzá-la. Janete diz que vai aproveitar para trocá-la. Deita-a no sofá e ela começa a brincadeira. Quer pegar a fralda, o lenço. Janete vai jogar a fralda no lixo e pede para eu olhá-la para não virar. Fico atenta e ela começa a brincar com a minha mão que está em cima da sua barriga. Ela pega cada dedo e puxa um ou outro. Janete desse jeito troca Paulinha. Ela comenta comigo que por mais que tenha cuidado de seus 5 filhos, ela perdeu a prática. Quando está trocada, Paulinha começa a soltar o corpinho, quer andar. Janete diz que não vai colocá-la no chão. Priscila pega o regador para jogar água no chão pra baixar a poeira e diz “Ai eu adoro esse cheiro”. (Trecho do diário de Campo, Família Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 321-340).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Barraco de Eva, em um acampamento na cidade de Orlandia	Janete, Eva e Marcella	Cuidado	De quem solicita e demanda; bebê que exige experiência para ser trocada	Não há

Por Janete ser vice-presidente da associação, ela acompanha Paula e Paulinha nos compromissos da administração desse coletivo e também partilha na escolha das estratégias para cuidado e para educação da criança.

Nas visitas às prefeituras das cidades da região, Janete é uma das pessoas a quem Paula pede para olhar Paulinha, enquanto resolve alguma coisa. Janete, dentro do contexto familiar, é considerada como avó de Paulinha. Essa compreensão deve-se ao fato de Paula considerar que Paulinha vocaliza o nome de Janete como vovó. O reconhecimento de Janete como uma pessoa parte da Família permite-lhe participar da história de Paulinha, em virtude de também ter conhecido sua avó materna Isabel e ser também uma de suas melhores amigas. De toda forma, Paulinha reconhece em Janete uma pessoa conhecida e participante de seu dia a dia. Tanto que não a estranha como cuidadora e facilita a troca da fralda, a alimentação e a segurança propiciada pelo contato com ela. O reconhecimento é visível, também, na medida em que, nas ausências de Janete, Paulinha expressa-se com raiva. Essa expressão de raiva é significada por Janete como medo de Paulinha ser abandonada.

A disponibilidade de Janete em reconhecer as necessidades e as vontades de Paulinha possibilita-lhe viver a exploração sensório-motora de forma autônoma e independente, além de sentir os cuidados na troca da fralda e na limpeza de sua pele por Janete. Os movimentos de Paulinha são direcionados a Janete e por ela significados.

Assim como Janete, Sofia, como diarista na casa de Paula e amiga de Luiza, é uma das personagens na história de Paulinha. Em seus dias de trabalho, ajuda Paula em momentos de cuidados e de educação de Paulinha e Artur, como na hora do banho, de troca de fralda e de alimentação.

Quadro 21. Cena 8 do dia a dia de Paulinha

CENA 8				
<p><b>Paulinha foi para a lavanderia sozinha.</b> Paula estava sentada na mureta. Sofia estava indo até lá “<b>Paulinha do céu...</b>”. <b>Paulinha capotou com o andador. Paula sai correndo. Paulinha teve o seu primeiro corte nos lábios.</b> “<b>Num minuto que descuida, nunca descuida, quando pisca... Ai filha, eu não estou dando conta de você não, você está muito levada...</b>” diz Paula. Ela deita no ombro de Paula. Paula pede para Sofia ficar com Paulinha para ela fechar as notas da Associação. Sofia pergunta para Paula se pode sair com Paulinha e quando os meninos voltarem, trazerem-na. Ela diz que sim. Sofia me chama para ir à casa da Luiza. (Trecho do diário de Campo, Família Paulinha, 15º dia de permanência, linhas 1188-1196).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Saída para o quintal em frente	Paula e Sofia	Cuidado	Alguém que necessita de	Andador

à lavanderia.			constante vigilância	
---------------	--	--	-------------------------	--

Os movimentos desordenados de Paulinha apresentaram como elemento interventor a utilização do andador. Concebido no ambiente familiar como uma forma de propiciar os movimentos de marcha, o andador torna-se um meio de transporte protagonista, nos momentos em que Paulinha está em casa. Tal protagonismo é evidenciado pela possibilidade de andar por todo o alpendre e toda a casa. Observam-se rapidez e a agilidade dos movimentos de Paulinha. No entanto, a mobilidade se restringe aos lugares em que o andador apresenta espaço disponível para passagem.

Paulinha reage à queda com raiva e não quer se aproximar do andador novamente, naquele momento. Ela só se acalma no momento em que Paula pega-a no colo e constata que cortou o lábio, quando caiu no degrau em frente ao tanque de lavar a roupa. Em outro dia, quando foi colocada novamente no andador, Paulinha aponta para os limites do alpendre e volta, reconhecendo aparentemente que não se pode ir para a terra ou além do alpendre da casa.

Paula apresenta Sofia como uma parceira no cuidado e na educação de Paulinha quando está em casa. Paulinha a reconhece, e Sofia, melhor amiga de Luiza, trata-a com muito cuidado e dedicação, tentando incluir a mãe nos momentos diários de Paulinha e propiciando momento de brincadeira com seus filhos.

A mobilidade de Paulinha, em seus 10 meses de vida, é algo marcante em seus dias. Em uma de suas andanças, Paulinha esteve presente na reunião na prefeitura da cidade que o assentamento é vinculado, juntamente com representantes dos dois movimentos sociais, para a discussão da transferência do atendimento do posto de saúde no assentamento para a cidade.

Quadro 22. Cena 9 do dia a dia de Paulinha

Cena 9
Quando entramos no gabinete (...), Paula entrega Paulinha para Janete para iniciar a conversa. Ela continua tomando o achocolatado. Paula começa a problematizar a ocorrência da reunião e cada vez que ela se pronuncia, <b>Paulinha ensaia um movimento de sair do colo da Janete, rejeitando o resto do leite e querendo se aproximar de Paula. Paulinha esperneia e Janete não sabe o que fazer. De repente, Paulinha começa a chorar quando Paula altera a voz na discussão. Paula a pega no colo e continua defendendo seu ponto de vista junto com Paulinha fervorosa.</b> Ela chora muito e Janete a pega novamente. Ela continua chorando muito e, de repente, regurgita em Janete. É chocolate para todos os lados.

Janete entrega Paulinha para Paula e vai até a cantina da prefeitura pegar um pano para limpar o chão e a si mesma. Paula me pede para dar uma volta com ela. (Trecho do diário de Campo, Família Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 84-95).				
“A sensação que me deu foi de que o calor da discussão contagia Paulinha”. (Nota de rodapé 5, Família Paulinha, 2º dia de permanência).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
“(…) Uma sala pequena com 9 cadeiras, um computador com a proteção de tela com propaganda da cidade e o prefeito com a herança do outro nas costas (...)” (Trecho do Diário de Campo da Família de Paulinha, 2º dia de permanência).	Paula, Janete, Larissa, João, José (Prefeito), Secretária de Saúde e dois membros do MLST	Cuidado	Como participante da discussão e necessitada de atenção	Caixinha do achocolatado

Nesta cena, Paula, representando as Famílias da Agrovila II, juntamente com Janete, Larissa e João, defendiam a permanência do atendimento do posto de saúde no assentamento, sugerindo o deslocamento dos equipamentos para o Centro Cultural do MST. Paulo e Francisco, representantes do MLST, defendiam a ida da ambulância para buscar os pacientes e levar para a cidade.

Paula enfureceu-se durante a reunião e os tons emocionais de Paulinha e dela fundem-se. Paulinha estava ligada a Paula, que possuía um papel ativo na discussão, e queria estar próxima a esta, revoltando-se no colo de Janete. Sua necessidade de se aproximar de Paula acarreta em ânimos nervosos desta, que se diferencia enquanto alguém necessitada de atenção, naquele momento. Sua alta expressividade calorosa no momento da discussão favoreceu sua interação e sua mediação com seus interlocutores presentes e possibilitou a comunicação e a linguagem. Compreendemos o choro como uma dessas possibilidades, assim como suas expressões, seus gestos e suas posturas, negando os colos dos outros presentes e apontando para o corpo de Paula como o desejado. Esta compreensão de um sujeito que possui vontades e necessidades pode ser

percebida pelos desdobramentos das ações de Paula e de Janete, na tentativa de acalmar e atender o choro de Paulinha, como participante daquele momento.

Os significados compartilhados entre Paulinha e Paula, e seus interlocutores, são construídos, negociados, recriados na própria interação entre essas pessoas. Sua interação com a caixinha de achocolatado não se ateve somente a ingerir o leite, mas jogá-la em Janete, inclusive para chamar atenção, sugerindo não estar satisfeita em seu colo. Paulinha apontava a todo o momento em direção a Paula.

Além de reuniões na prefeitura, Paulinha também acompanha seus parceiros, como na atividade semanal de separação de produtos agrícolas para a merenda escolar.

Quadro 23. Cena 10 do dia a dia de Paulinha

CENA 10				
Quando chego à sua casa, o alpendre está preenchido por várias caixas de mamão, cenoura, brócolis, batata, laranja, limão... Pensei “hoje é dia de entrega!”. (Trechos de diário de campo, Família de Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 43-46). (...) Paulinha já vai para o andador. Quando começa a soltar o corpinho, já dizem “Vai anda, Paulinha”. Paulinha se entrelaça em meio aos sacos de batata e laranja, todo espaço é espaço para passar. <b>Ela vai até o saco de laranja e tenta se abaixar, chega a empinar o carrinho na tentativa de encostar a mão ou até mesmo pegar alguma laranja. Ela não consegue encostar a mão neste saco, que está muito baixo e vai até aos sacos de batata que estão empilhados.</b> Ela coloca um dedo no buraco do saco e fica deslizando-o de um lado para outro. Ela afunda o dedo, tentando enfiar outro e não consegue. Em seguida, sai correndo com seu andador, empurra a porta da cozinha. Entra na cozinha, volta, vai para o alpendre. Ela olha para todos os cantos procurando alguém. (...) Paulinha imbuca o andador em meio às pernas das pessoas que fazem a separação dos produtos. <b>Ela vai em direção aos caixotes onde estão espinafre, brócolis, couve-flor. Tenta encostar sua mão neles. Quando ela consegue pegar um pedaço da folha de espinafre e coloca na boca, mastiga-o como se já conhecesse. Vem até a mesa mostrando o que está na boca. Paula ri dela.</b> (Trechos de diário de campo, Família de Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 193-215).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Alpendre da casa de Paula	Paula, Sofia, Luiza, Felipe, Bento, Manuela, Paulo	Cuidado e Brincadeira	Exploradora dos alimentos, participante e curiosa	Caixas e sacos de produtos agrícolas e andador

Durante as entregas dos produtos agrícolas, eles são colocados no alpendre da casa de Paula. Trata-se de um momento de organização dos produtos para entrega nas escolas da região. Os produtores da associação entregam às segundas-feiras para a distribuição às terças-feiras nas cozinhas-piloto e escolas dos municípios da região. As

pessoas envolvidas, neste dia, na busca e na separação dos produtos são: Paula, Carlos, Luiza, Felipe, Sofia e as crianças Paulinha, Manuela, Bento e Joaquim.

Paulinha, na cena, movimenta-se pelo espaço do alpendre, experimentando os obstáculos e os limites da área. A movimentação lhe possibilita entrar em contato com os objetos que estão pelo caminho, como caixas de produtos agrícolas.

Paula a observa de longe e se diverte com os desafios enfrentados por Paulinha em sua caminhada pelo andador. Com os seus 10 meses, a bebê está no período de transição de começar a dar seus primeiros passos e brinca de se movimentar pelo espaço do alpendre, experimentando os produtos e se expressando através de seu movimento.

Sua aproximação com esses produtos é perceptível em sua escolha de pegar alguns para ingerir e outros não. O contato com diferentes tipos de produtos possibilita a Paulinha aproximar-se de diferentes cores e texturas.

Por mais que os adultos sejam os responsáveis pelo momento, Paulinha e as crianças têm contato com todos os produtos dispostos no alpendre e os experimentam como se os já conhecessem. Eles experienciam o espaço do alpendre experimentando o contato com os diferentes elementos que compõem o cenário. Considerando também que, neste momento, estão presentes crianças em diferentes idades e estágios de desenvolvimento, o que lhes permitem uma troca de sentidos e significados sobre a rotina da vida e do trabalho no campo.

Quadro 24. Cena 11 do dia a dia de Paulinha

CENA11				
Paulinha está junto de Manuela (2 anos), sua irmã, Bento (3 anos) e Joaquim (1 ano). Todos envolvidos com os produtos. <b>Sobem em cima das caixas, correm para um lado e para o outro no alpendre. Sofia, Luiza, Luciane chama Paula para tirar as crianças do meio dos produtos “Tia Paula, olha o fulado... Tia Paula, olha o ciclano...”</b> . A Tia e as mães, as mães e a Tia. Paula oferece iogurte e toda criança se junta em volta. (Trecho do diário de Campo, Família Paulinha, 2º dia de permanência, linhas 206-221).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
Alpendre da Casa de Paula	Paula, Cristina, Sofia, Luiza, Manuela, Bento e Paulo.	Brincadeira e Cuidado	Assume o cuidado de Paula como cuidadora principal	Caixas e a balança de pesagem



A centralidade de Paula como cuidadora e respeitada pelas mães tanto de Paulinha e Manuela, como de Bento e Joaquim, evidencia-a como uma referência no cuidado e na educação de crianças bem pequenas.

Paula chama atenção das crianças para distraírem-nas dos produtos e do trabalho de separação dos mesmos. As crianças reconhecem a intervenção dela; e, em contrapartida, compra a ideia de quererem iogurte naquele momento do dia. Por mais que as mães não estivessem satisfeitas com a presença das crianças, em meio aos produtos do assentamento, Paula acredita que Paulinha, Manuela, Bento e Joaquim, devam ter contato com tais produtos do assentamento para reconhecê-los como uma das especificidades do cotidiano do campo. Isto é evidente, pois Paula faz questão que eles se movimentem livremente e entrem em contato com os produtos, vangloriando-se quando eles comem folhas de couve. Diz que assim as crianças saberão que são produtos da terra, do trabalho de seus pais.

A apreensão do espaço físico do assentamento, enquanto um território por Paulinha e seus parceiros de relação, pode ser visualizada no reconhecimento que diariamente há elementos específicos da vivência do assentamento rural no dia a dia da bebê - como na participação da Família de Paula na separação e pesagem dos produtos agrícolas produzidos pela agricultura familiar e na participação das atividades do movimento social.

A rede de Paulinha é construída com particularidades e elementos gerais da infância de 0 a 1 ano. A necessidade do outro para dar forma e expressão às suas vontades e às necessidades é parte do dia a dia de Paulinha, que compartilha desses outros o modo de vida e de estar no campo. O quadro a seguir possibilita visualizar a materialidade da diversidade nas 14 cenas escolhidas para apresentação neste momento:

Quadro 25. Síntese das cenas dos dias de Paulinha

CE NA	CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
1	Casa de Paula e carro	Janete, Sebastião, Carlos e Marcella	Cuidado	Neta de Janete, Irmã de Sebastião e filha de Carlos	Mamadeira

2	Casa de Anamaria	Artur, Anamaria e Marcella	Cuidado e brincadeira	Bebê esperta	Brinquedos
3	Quarto de Paula	Paula, Artur e Sofia	Cuidado	Bebê com movimentos ainda descontrolados	Andador
4	Calçada em frente à casa do pai de Paula na cidade	Henrique e Paula	Brincadeira e Cuidado	Curiosa e ativa	Motoca
5	Alpendre da casa de Paula	Carlos, Paula, Janete, Anamaria e Sebastião	Cuidado e brincadeira	Participante das decisões que envolvem o cotidiano da Família; grudada em Paula	Andador
6	Barraco de Eva, em um acampamento na cidade de Orlândia	Janete, Eva e Marcella	Cuidado	De quem solicita e demanda; bebê que exige experiência para ser trocada	Não há
7	Saída para o quintal em frente à lavanderia.	Paula e Sofia	Cuidado	Alguém que necessita de constante vigilância	Andador
8	Gabinete do prefeito da cidade mais próxima	Paula, Janete, Larissa, João, José (Prefeito), Secretária de Saúde e dois membros do MLST	Cuidado	Como participante da discussão e necessitada de atenção	Caixinha do achocolatado
9	Alpendre da casa de Paula	Paula, Sofia, Luiza, Felipe, Bento, Manuela, Paulo.	Cuidado e Brincadeira	Exploradora dos alimentos, participante e curiosa	Caixas e sacos de produtos agrícolas e andador

10	Alpendre da Casa de Paula	Paula, Cristina, Sofia, Luiza, Manuela, Bento e Paulo.	Brincadeira e Cuidado	Assume o cuidado de Paula como cuidadora principal	Caixas e a balança de pesagem
11	Carro	Paula, Rodolfo (irmão de Paula) e Marcella	Brincadeira e cuidado	Como grudada em Paula e como brincando de mamãe	Boneca

Ao todo, nas cenas observadas, Paulinha interage com 18 adultos, 3 jovens e 4 crianças de diferentes idades e papéis. Os espaços em que circulou foram públicos e privados, sendo eles: casa do avô na cidade, prefeitura, acampamento... Os objetos foram desde produtos industrializados a elementos do meio natural.

Os rabiscos apresentados da rede de Paulinha possibilitam a apreensão que ela assume diferentes papéis e apresenta uma rede de interações extensa. Elucidar o processo de constituição destes papéis evidenciados pode contribuir para a compreensão do processo de desenvolvimento da criança de até 1 ano em assentamentos rurais que, na ordenação de seus movimentos, nas expressões de suas emoções, e na construção do conhecimento, revela-se enquanto pessoa completa biologicamente social, de forma integrada e contextualizada.

## 7.2. A rede de Maria

Maria tem 1 ano e 5 meses e é filha de Cristina (25 anos) e Rodrigo (25 anos). Desde que nasceu, é cuidada e educada pelos avôs maternos Griselda (54 anos) e Eduardo (51 anos) e pela tia materna Vitória (16 anos). Os avôs maternos Griselda e Eduardo moram no assentamento há 14 anos.

**Griselda:** Meu nome é Griselda, eu tenho 51 anos de idade, tenho seis filhos né! Tenho o Cleiton, a Elisa... (...) A Elisa tem 31 anos e o Cleiton 28 anos. O Magner e a Cris são gêmeos, tem 25 anos. O Caio, 23 anos e a Vitória, 16 anos<sup>27</sup>. E o meu marido é o Eduardo e tem 50 anos. E a gente vive aqui no assentamento já há 14 anos, 13, 13 para

<sup>27</sup> Durante as observações, Cristina mudou-se para a cidade de Restinga; Magner e Caio estavam morando em Ribeirão Preto; Elisa em Franca e Cleiton passou um tempo na casa da mãe e depois foi morar na Agrovila I.

14 anos um negócio assim e a gente demorou a ser assentada, porque a gente era dependente do irmão dele né Francisco! Então, depois que a gente ganhou aqui que a gente veio a construir e, e, e tentando a nossa vida aqui do campo né! (Entrevista com Griselda, Eduardo e Vitória, Família de Maria, linhas 9-17).

Cristina compartilha o cuidado e a educação de Maria com sua mãe, seu pai e sua irmã devido ao desenvolvimento de um quadro de depressão pós-parto. A avó Griselda, diante da impossibilidade com a filha Cristina, orienta a filha para o trabalho em feiras itinerantes e consegue autorização do Conselho Tutelar para ficar com a neta Maria, durante a realização das viagens de sua mãe. Após os primeiros três meses do nascimento de Maria, Cristina volta para casa e divide-se entre o trabalho na cidade durante a semana e morar no assentamento no final de semana, o que, às vezes, implica na realização dos dois ao mesmo tempo, compartilhando com sua Família os cuidados de sua filha Maria.

A fonte de renda é a produção de leite e derivados, quitandas e salgados, hortaliças e carvão. As pessoas envolvidas com o trabalho no lote e em casa são Eduardo, Griselda e Vitória. A organização da casa e do trabalho na terra é intercalada junto aos pedidos de quitandas e salgados. Entre outras coisas para complementar a renda, quando não há pedidos desses produtos, os membros da casa trabalham em feiras itinerantes na venda de bebidas, jogos de sorte e quitandas; realizam bicos de pedreiro no assentamento e na cidade; vendem tocos de árvore para a produção de carvão; vendem animais da propriedade ou cuidam do gado de vizinhos para garantir o leite de Maria.

A casa da Família de Griselda e Eduardo é no lote, o que permite a Maria experimentar todo o espaço a partir do desenvolvimento da marcha. Ela anda com as pernas tortinhas e, às vezes, aproxima-se de onde estão os animais, como galinhas, patos, cavalos e dos pés de manga carregados, na época do ano do mês de dezembro. Eles se mudaram há 2 anos mais ou menos, vivendo anteriormente na Agrovila II, próximo à casa de Paula.

A imensidão da terra divide-se em uma casa próxima à estrada, nem muito longe, nem muito perto como na Agrovila. Poucos carros, motos e tratores passam por aqui. A casa possui uma garagem do lado direito e, do outro lado, um alpendre. O alpendre tem uma mureta de fora a fora do lado esquerdo com dois tijolos empilhados. Do lado direito do alpendre, há uma mesa oval; em seguida, a porta da sala, um banco de madeira cumprido e, por último, a porta da cozinha e lavanderia. A cozinha é dividida em duas partes: uma da Família com um tanque, um fogão, uma prateleira, uma mesa e uma geladeira; a outra, no canto, é profissional, com forno, bancadas, geladeira e freezer.

Esse cômodo tem uma saída para o fogão de lenha, que fica fora da casa. Griselda e Cristina fazem roscas, doces, panetones, salgados e outras guloseimas para vender. Dentro da casa, há quatro quartos, um banheiro e a sala. (Trecho diário de campo, Família de Maria, linhas 29-41).

Do lado esquerdo da casa, há um milharal e pés de chuchu. Em frente a estes, um barraco com as ferramentas de trabalho de Eduardo. Na parte detrás da casa, um pomar de manga, carreiras de pés de limão e abacaxi. Em seguida, uma plantação de feijão. Na parte da frente do lote, há a horta recém-produzida por Eduardo. Em volta dela, há pés de coqueiros.

Antes da chegada de Maria, a casa movimentava-se em torno exclusivamente desses afazeres.

**Marcella:** Como era o dia a dia quando não tinha Maria?

**Vitória:** Normalmente, **a gente acordava mais cedo, fazia alguma coisa assim igual mexer com um carvão, ia, mexia com uns toquinhos, limpava um pouquinho e a horta também de vez em quando, quando faltava alguma coisa.** Eu ia para a escola dez e meia, já pegava o ônibus, voltava só cinco e meia, sete horas né! Porque até que eu chegava aqui. **Meu pai ficava aqui, em volta do dia ficava mexendo aqui, tratando, plantando.** (Entrevista com Griselda, Eduardo e Vitória, Família de Maria, linhas 57-65).

A inserção de Maria, nos dias de Griselda, é vista como uma possibilidade gostosa de estar com a neta.

**Griselda:** Mas, assim que a Cris entrou na depressão pós parto, ééé, **eu pedi que ela fosse trabalhar fora e eu comecei a tomar conta,** até peguei a, a, a, **o Conselho Tutelar me deu a autorização para ficar com a menina né para ela poder viajar.** Ela viajou três meses; **os três primeiros meses foi eu que tomei conta da menina direto pra ver se ela melhorava da depressão né,** para não ter perigo. Mas foi assim **uma coisa muito gostosa de, mudou né porque a gente que cuidava. É como ela fosse nossa filha mesmo,** dormia no meu quarto né, então, eu, o Eduardinho, **a gente punha ela no meu quarto, vinha pra sala, a Vitória ajudava a cuidar.** (Entrevista com Griselda, Eduardo e Vitória, Família de Maria, linhas 71-78).

Mesmo com a situação da filha Cristina e o receio do que na situação de depressão a filha poderia fazer com a neta, ela viu este momento de cuidar de Maria também como um cuidado dedicado a uma filha.

**Griselda:** E a Maria assim que nasceu, eu já, parece que a gente se vê mãe de novo né! E se sente assim uma coisa bem mãe duas vezes né! Que é mãe e avó. Eu acho assim que, além de ser mãe da filha, é avó! Então, a gente sente que é mãe da menina né! Então, é uma coisa assim (...) Que é uma coisa que o, o, o, o que a gente que nasce em casa, assim, quem fica com a gente, eu no meu pensamento eu sinto que é filha mesmo, pros outros é neto, mas fica muito longe né! Agora ela não, ela a gente criou desde do momento que saiu do hospital até agora praticamente quase dois anos. Então,

é quando a gente se sente que é mais mãe né! Então, você é mãe coruja, vó coruja. (Entrevista com Griselda, Eduardo e Vitória, Linhas 102-114)

Maria é a quarta neta de Griselda; e a terceira neta de Eduardo. No entanto, assume também papel de filha diante do seu cuidado e de sua educação terem sido possibilitados desde seu nascimento pelos avôs e pela Tia materna. A gravidez de Cristina surpreende a Família e provoca a negociação de outros papéis de avó e mãe, por parte de Griselda; de avô e pai, por parte de Eduardo; de tia e mãe, por parte de Vitória; e de tio por parte de Magner. Com sua chegada, a rotina desta Família se modifica.

**Eduardo:** Mudou porque assim eu achava tão diferente ela ser mãe sem casar né! Eu acho difícil porque a gente começou a achar que tava errado, mas depois eu fui, nunca maltratei ela sobre isso, fui indo, fui indo, fui aceitando e **hoje a menina faz parte da minha vida como que fosse, como se não tivesse nada de contrário, porque se vê onde eu tô, ela tá, onde eu posso levar, eu levo né!** Então, eu achei que foi muito bom, porque eu não ia, **eu não queria aceitar neto** (risos). **Eu já achei que mudou muito. E eu estando nesse fato de, da Maria ter vindo até no meu estilo mesmo, eu tive que me adaptar a ela e tamo aí.**

**Marcella:** E você, Vitória, enquanto tia, o que você acha que mudou nessa rotina?

**Vitória:** (emocionada) Tudo, porque é muito bom ter ela perto. (pausa). É até ruim quando ela vai embora né, porque a gente custuma né! **Ela é minha irmãzinha, porque eu não tenho mais outro. Eu gosto dos meu sobrinho tudo, mas ela é mais, assim, porque ela fica mais perto né!** Eu ensinei muita coisa, tudo que ensina pra ela, ela aprende, ela me obedece bastante. **E nós teve mais tempo de ficar com ela né!** É como minha mãe sempre fala **eu tenho, é tipo um favor que eu estou retribuindo pra minha irmã, porque ela cuidou de mim, então, eu acho que posso ajudar também.** (Entrevista com Griselda, Eduardo e Vitoria, linhas 117-133).

O cotidiano da Família de Maria está atrelado aos afazeres domésticos da casa, à produção de quitandas e salgados, aos cuidados diários dos animais e da horta pelo avô Eduardo. Os dias de Maria trazem consigo elementos do compartilhamento entre a Família de Griselda e a mãe Cristina. Os dias típicos de Maria são configurados a partir das atividades da Família e de diferentes olhares sobre seus cuidados como de Griselda, Eduardo e Vitória.

**Griselda:** Olha já aconteceu assim dela, **eu deixo a mamadeira na, perto do berço, na cama, às vezes ela acorda muito cedo mama e dorme de novo.** Aí mais tarde **quando ela acorda, ela já chama,** ela dá um jeito de chama pra gente tira ela do berço. Hoje não, porque a gente põe ela na cama, ela já sabe desce. Ali **se ela tem fome, ela pede papá ou mamá,** então, é o **que água, é o que ela tem vontade, ela pede.** Mas, ela gosta de **andar, ela levanta, ela anda...**

**Marcella:** Aí ela levanta mais ou menos que horas?

**Griselda:** Entre oito e meia, nove horas, não tem assim horário fixo. Às vezes dez horas. Às vezes se ela mama de novo, ela vai até dez horas. Aí ela anda e tem um balanço pra ela, ela pede pra por ela, ela fica ali. Às vezes ela até dorme de novo. Aí meio dia ela acorda pra almoço. **Tá sempre aí, vai pra lá, vem pra cá, mexe com uma coisa, brinca na terra, tem a motoquinha pra brincar, então, tem os bichinhos pra brincar, assiste televisão, deita no chão, ela num tem assim escolha pra dormir.** Ela pega até um lençol de qualquer coisa e deita no chão, se ela tiver sono vem mesmo, **aí ela dorme.** Mas, o dia que ela não quer, **às vezes ela dorme mais cedo, as vezes dorme meia noite, uma hora (...)**, conforme o barulho. Agora se ela ver que não tem barulho, apago as luzes, ela sabe que é a hora de dormir né! (Entrevista com Griselda, parte II, linhas 35 e 53).

Além da visão geral de Griselda dos dias de Maria, quando ela realiza bicos na cidade ou em feiras intinerantes, a rotina de Maria acompanha à rotina de Tia Vitória e do avô Eduardo. Os dois ficam diariamente com Maria, em virtude dos compromissos de Griselda e Cristina. Durante o dia, Vitória é quem mais cuida e educa Maria. Ela o faz desde o momento em que a sobrinha acorda até o que precisa se arrumar para ir à escola, na cidade. O ônibus chega para levá-la, por volta das 17h15min. As duas dormem e acordam juntas, brincam juntas o dia inteiro, assistem à televisão e, às vezes, dormem à tarde. Vitória, ainda, é responsável por algumas atividades domésticas, como o almoço, arrumar a casa e cuidar das roupas de Maria. Durante a realização das tarefas em casa, Vitória insere Maria em suas atividades, sugerindo brincadeiras com utensílios domésticos ou agrícolas, como ferramentas para brincar com terra. Se Griselda não volta no mesmo dia, Seu Eduardo também torna-se um dos cuidadores de Maria, intercalando suas demandas e necessidades de atenção com alguma tarefa realizada no lote. Em alguns momentos do dia de trabalho na terra, Eduardo brinca e orienta Vitória no cuidado e na educação de Maria, ficando às vezes com a pequena no período noturno, durante as ausências de Griselda.

Maria dormia no quarto dos avôs desde seu nascimento, o que revela uma sintonia e uma proximidade entre eles. Quando Maria começa a andar e não querer ficar mais no berço, ela passa a dormir numa cama de casal, do quarto ao lado, com sua Tia Vitória e sua mãe Cristina.

Quadro 26. Cena 1 do dia a dia de Maria

CENA 1
Na hora de dormir, por volta das 22h00, Maria chora quando a Avó Griselda vai despedir. <b>Cristina diz “Quer dormir com a vovó? Pode ir, só dá um beijo na mãe”. Ela a beija e Griselda a leva. Ela começa a chorar minutos depois. Griselda a traz de volta. Magner</b>

vem despedir e a leva pra dormir com ele. Minutos depois ela chora de novo. Cristina pára de costurar o puxa-saco que está fazendo em forma de vaca e deita de conchinha com Maria. Ela adormece e todos nós também. (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 1º dia, linhas 215-220).

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Quarto de Cristina e Vitória	Cristina, Vitória, Griselda e Magner	Cuidado	Afirmar e negar o papel da avó e do tio como cuidadores. Afirmar o papel de mãe de Cristina	Não há

Quando Cristina está em casa, Maria nega os cuidados e os direcionamentos impostos pelos outros adultos presentes em casa. Sendo assim, suas necessidades e suas vontades são priorizadas no contexto familiar. Se estão somente Griselda e Vitória, ela faz um jogo de atenção entre as duas, mas quando estão Griselda, Vitória, Eduardo, Cristina e Magner, ela prefere ficar com sua mãe. O manifestação do choro revela a vontade de ficar ali, mas ao mesmo tempo ter a avó por perto. Isto é interpretado por Cristina quando Maria olha em direção a Griselda, como se ela quisesse ir com a avó. Fundamentada na relação diária de Maria e Griselda, Cristina acredita que Maria prefere ficar com a avó a ficar com ela. Essa interpretação apresenta-se como o reconhecimento do espaço de Griselda como cuidadora da sua filha.

**Griselda:** Olha eu não sei, eu acho assim que pela minha idade **eu não espero que eu ia dar conta de cuidar da criança né!** Que eu não tenho (...) muita paciência, eu sou muito explosiva, qualquer coisinha eu já dou meus gritos, mas a gente pegou, eu peguei muito assim carinho, afeto por ela, pelo jeitinho dela cada dia que passa ela tem um carinho, um jeito de tratar você. Então, **se você, às vezes ela olha pra você e fala as coisas pra ela e fala não pra você, então, você fica olhando aquilo; como pode uma criança dessa, ela olha fala “tsc tsc tsc” pra você, com o dedinho e não.** (...) às vezes tem hora que eu, eu falo “gente, né possível que eu tô dando conta de, de, dela” de saber levar ela, dar conta. Então, as pessoas falam “você falava que não ia cuidar de neto e agora você tá cuidando”. Eu falo **“bom, prefiro cuidar dos meus netos do que cuidar de outro filho de outra pessoa né”.** Porque pelo menos minha neta eu sei como me levar, agora filho dos outros eu já não dou conta, eu não tenho paciência. **Eu já não tenho com ela. Mas então é uma coisa assim que eu acho que pelo menos um pouco de paciência eu acho que aprendi a ter,** porque até então era a Cris que cuidava dos outros meninos né! Porque eu trabalhava muito, mas hoje eu acho que tô como se diz, **como diz, a Vitória a gente tá cuidando dela, porque o que a Cris fez é**



**o que a gente pode tá fazendo pela menina agora né! Então...** (Entrevista com Griselda, Linhas 169-187)

A circulação de Maria dentro da dinâmica familiar da casa dos avôs se revela como uma possibilidade de cuidado e de educação de um bebê diferenciado pelo laço sanguíneo e de criação; e pelos limites de ação à presença dessa criança no dia a dia da Família. Além disso, como Cristina a ajudou a cuidar da casa e dos irmãos, cuidar de Maria apresenta-se como uma possibilidade de retribuir o que ela fez para a mãe, quando esta viajava a trabalho. Da mesma forma, Vitória remete, frequentemente, sua dedicação a Maria ao fato de Cristina ter cuidado dela quando era pequena, demonstrando uma gratidão com a irmã e uma responsabilidade com a sobrinha. Forma-se assim um ciclo de gratidão que permeia os cuidados com as crianças pequenas em auxílio à mãe.

A proximidade com a avó materna, Griselda, também é sentida na relação estabelecida entre Maria e seu avô Eduardo. A disposição do avô em estar junto com a neta é percebida por Maria, que atua como parceira e amiga dele.

Quadro 27. Cena 2 do dia a dia de Maria

CENA 2				
Seu Eduardo diz <b>“Meu bem, vem deitar com o vô vem”</b> . Maria pede para descer da cadeira. Ela pára a mão no caderno e na caneta. Senta ao lado do avô. Ele encosta-se a ela, colocando sua cabeça em seu ombro. <b>“Meu bem o que você vai desenhar? Vamos contar um, dois, três...”</b> . Maria vai fazer os riscos e cada risco olha para o avô com uma naturalidade e espontaneidade. Ele diz em seguida <b>“Vamos desenhar a Maria? Ela é feia ou bonita?”</b> . Ela responde <b>“Feia”</b> . <b>“Meu bem feia? Meu bem não é feia não!”</b> responde Seu Eduardo, que ri da resposta da neta. Maria continua riscando de um lado para outro e Seu Eduardo deitado em seu ombro. (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 12º dia, linhas 1412-1420)				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Alpendre da Casa de Griselda e Eduardo	Eduardo	Brincadeira	Atua como parceira do avô na brincadeira de desenhar e de descansar depois do almoço.	Cadeira, caderno e Caneta

O avô Eduardo dispõe-se a ter momentos de interação diários com Maria, seja brincando ou compartilhando tarefas de seu dia com ela. Maria, por outro lado, comporta-se orientada a se aproximar e a aceitar o convite do avô. A possibilidade de explorar a descida da cadeira, a caneta e o caderno, enquanto instrumentos, mostra-se como uma situação de curiosidade. É através dessa situação que Maria demonstra que está atenta às orientações do avô em seus pedidos. Primeiro, há uma noção de se expressar ao pedir para descer da cadeira, para que, em seguida, possa sentar ao lado do avô que a orienta a contar, na medida em que ela risca o papel. Parece atribuir sentidos não só aos rabiscos, mas também à forma que Seu Eduardo se dirige a ela como “Meu Bem”. Além disso, que já sabe diferenciar as palavras bonita e feia como duas palavras diferentes, e que estão relacionadas a ela, pela pergunta do avô. Para a surpresa de seu avô, ela se nomeia como feia, por ser a última palavra dita.

Sempre depois do almoço, Seu Eduardo senta-se no mesmo lugar, comportando-se da mesma maneira ao pegar o forro de couro ou de papelão, o que aparece primeiro diante de seus olhos, para descansar após a refeição. Maria já aguarda esse momento diariamente, o que lhe permite ter uma noção de tempo e também do espaço. Maria, diariamente, imita o avô deitando ao seu lado, representando que está dormindo como ele, depois de uma manhã intensa de trabalho. Através deste comportamento diário, Maria reconhece o espaço do alpendre como espaço de brincadeira e de dormir, ao imitar o avô em seus comportamentos e reações.

A possibilidade de entrar em contato com a cadeira, a caneta e o caderno permite-lhe ter a noção do peso, da cor, da textura e da função destes objetos. Cadeira para sentar-se e levantar; caneta para rabiscar e o caderno para ser rabiscado. Tornam-se, portanto, possibilidades de investigação para Maria, ampliadas pelo desenvolvimento de seus movimentos táteis finos, além da locomoção já presente desde os 12 meses de vida; ambos, no conjunto, contribuem para a sua inteligência das situações. Ela compreende que quando o avô chega é a hora do almoço e, normalmente, avisa Vitória dizendo “papá, papá...”.

Para Eduardo, sua disposição em relação à neta foi sendo formada, inicialmente, pelo susto da filha estar grávida e, em seguida, pelo encantamento com as peripécias de Maria. Isto o provoca a ter mais paciência para estar e conviver com a neta-filha.

**Eduardo:** O quê me faz mudar muito é que, em termos de relação, **ocê ver eu não tinha paciência, era muito despaciente. Eu já sou ainda, mas com ela eu tenho muita paciência e a vida ensina que a gente tem que viver pra aprender porque se eu não fosse avô hoje eu não tinha paciência com ela.** Você vê esse tempo todo, **uma ou duas vezes que eu briguei com ela que você tá aqui.** Eu acho que mudou muito, muito mesmo. **Até no próprio é, estilo de, de, de querer, aceitar ela como filha ou neta bem querida.** É isso. (Entrevista com Griselda, Eduardo e Vitória, Linhas 140-146).

Ao mesmo tempo, Eduardo compreende a necessidade de reaprender a cuidar de uma criança com paciência e segurança. Há, entretanto, um conflito com os pais de Maria, no cuidado e na educação da criança.

**Eduardo:** É um pouco difícil né, **porque praticamente mãe é a Cris, mas a gente quer o melhor né!** Então, às vezes eu não quero bater, eu não quero repreender, não quero que bate, então, a mãe às vezes fica brava comigo, porque eu falo: **“Isso não é assim que faz, eu não fiz isso com você”.** Mas, é uma tarefa que eu já fiz, quando eu fiz, eu fiz do meu jeito e não fiz bem feito até hoje, eu acho que ainda falto. (Entrevista com Eduardo e Vitória, Família de Maria, linhas 167-171).

O avô Eduardo compreende que há limites e possibilidades no cuidado de Maria, defendendo que devem ser possibilitadas às crianças momentos de brincadeira e artes, para que elas se desenvolvam; e é nessa disposição para estar com Maria que Seu Eduardo coloca-se como parceiro e amigo da neta. Algo conflitante para ele por não ser compartilhado pela filha Cristina, no cuidado e na educação de Maria. Ele tenta orientar a filha mais nova, Vitória, sobre o que a brincadeira propicia para o desenvolvimento para uma criança de 1 a 2 anos de idade.

Quadro 28. Cena 3 do dia a dia de Maria

CENA 3
<b>Maria chora quando vê Vitória pela porta da cozinha. Ela chora. Vitória a pega e leva para o quarto para fazê-la dormir. A tia conversa com ela. Silencia-se por um momento, mas em seguida Vitória vem do quarto. Seu Eduardo chega e Vitória diz que Maria está demais. Ele responde “Não filha ela está de menos”. Vitória responde “Pai, mas ela está fazendo arte”. Seu Eduardo a aconselha “Filha, eu não te disse que criança, quando está fazendo arte, está desenvolvendo. Ela está descobrindo”. Vitória replica “Mas, tem que colocar limite nela né pai”. Seu Eduardo complementa “Filha você tem que limitar, mas você quer ser igual a sua mãe?”. Vitória responde “Eu não”. Seu Eduardo continua</b>

**“Então, deixa ela descobrir o mundo, mas mostra o que não pode”.** Vitória sai. Eduardo chama Maria. **Ela vê o computador e faz cara de espanto. Diz não para o avô. Ele a chama para tirar a blusa de frio, porque está calor. Ela faz não com o dedinho. Ele chama. Ela dá um passo e volta. Ele a chama de novo. Ela vai. Ele tira a blusa. Depois fala para ela que está linda de vestidinho e pergunta se pode apertar. Maria dá uma voltinha e diz que não. Ele a abraça e ela retribui. Ele a senta no colo e ela escorrega para descer para o chão.** Seu Eduardo vai até o quarto, **pega umas sementes e diz para Maria que é sapo. “Segura pro vô, Meu Bem. Ela está com medo, mas segura” diz Seu Eduardo. Entrega para ele e vai para fora juntos.** Maria pega uma corda, a dobra e segura. Faz beijinhos e bate a corda no chão. (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 13º dia, linhas 1564-1580).

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Corredor entre o quarto e a cozinha	Vitória e Eduardo	Cuidado	Negar a vontade da Tia Vitória em fazê-la dormir quando ela não quer. Afirmar o cuidado do avô para a brincadeira, a investigação, a curiosidade	Computador, blusa de frio, sementes, corda

Seu Eduardo compreende que há uma diferença entre a forma de cuidar dele, da filha e de sua esposa Griselda. Ele acredita que a forma de cuidar de Griselda limita-se a conter Maria, por isso orienta a filha Vitória a permitir que Maria seja livre para decidir o que quer fazer. Neste momento, Vitória parece estar encenando o modo como a mãe atua, pelo controle e pela decisão do que é certo fazer. Por outro lado, Seu Eduardo compreende que a criança tem que fazer arte para se desenvolver e descobrir o mundo a sua volta. Vitória se angustia entre o ponto de vista de Eduardo de impor limites, tão defendida pela mãe Griselda.

Diante da situação conflituosa de Vitória, Seu Eduardo tenta distrair Maria, chamando-a para si. Ela se distrai e brinca de fazer de espanto ao olhar para meu computador e o seu teclado ao meu lado. Ela faz o gesto com o dedo, negando a possibilidade dela e de seu avô aproximarem-se deles. Ao dar sentido ao gesto, Maria reconhece o que pode e o que não pode ser feito, referenciando ainda ao que a Tia Vitória tinha acabado de discutir com seu avô. Maria, no jogo de aproximar-se e afastar-se do avô, mantém a atenção dele para si mesma, com graça ao ser observada, dando uma voltinha para mostrar como ela está e negando que não pode ser apertada.

Diariamente, Seu Eduardo insere-a em suas atividades, seja na separação de sementes de feijão, no tratamento das galinhas e dos cavalos, na plantação de alface na horta. Como um dos elementos de suas tarefas, Seu Eduardo busca umas sementes, dizendo para Maria que são um sapo. Outro elemento é a própria corda, que pela experiência social de Maria de vê-la com o avô diariamente no manejo dos cavalos, ela dobra-a e transmite os beijinhos necessários para tocar o cavalo. Em seguida, bate-a no chão, imitando como o avô faz, para os cachorros afastarem-se dela. As possibilidades de educação proporcionada pelo Seu Eduardo compreendem as necessidades e as vontades de Maria, como parte de sua rotina diária, sendo necessário propiciar-lhe situações de aprendizagem com diferentes recursos.

Seu Eduardo entende que Maria em relação necessita da atenção, paciência e dedicação de todos. Por isso, defende que Cristina, quando está presente, precisa participar de momentos como mãe de uma bebê.

Quadro 29. Cena 4 do dia a dia de Maria

CENA 4				
<p>Maria está na sala com o Seu Eduardo. <b>O avô chama Cristina para dizer que tem gente segurando os olhos para não dormir</b> (21 horas 12min). Seu Eduardo vai até Vitória e pergunta se Maria não quer dormir com o Vô. Ela resmunga. Vitória a pega no colo e a leva para o quarto. Deita-a na cama e diz que agora Maria vai dormir. “Vamos tirar a bota? Eu vou pegar esse sapinho aqui, essa florzinha aqui e se eu pegar tudo isso aqui” (côcegas) diz Vitória, brincando de pegar os bichos que tem no pijama de Maria. Maria ri e se espicha na cama. Maria coloca o pé no rosto de Vitória. “E esse pé com chulé aqui na minha cara?” pergunta Vitória. Maria dá risada. “Ai que chulé! Que chulé! É muito chulé” enfatiza a Tia. Maria não se aguenta de tanto rir. “Não filha, não pode dar risada de noite. Meu deus que ‘fedô’. Eu vou pegar esse sapinho aqui, eu vou pegar essa florzinha, esse eu vou pegar esse sa-pi-nho. Eu vou pegar todos esses que estão aqui. Hum que chulé!” complementa Vitória. Maria está com os olhos inchados de sono e continua dando risada. <b>Ela pega uma meia e abana.</b> “Ah não agora você está espalhando o chulé” fala Vitória. Maria não se aguenta e solta uma gargalhada. “Ai, ai, ai, louca varrida” brinca Vitória. Maria acerta a meia em Vitória, que começa a chorar de brincadeira. Maria pára e fica olhando. De repente, Vitória “Ahhhhh! Eu vou pegar esse coraçãozinho aqui”. Toda a tentativa de dormir é interrompida pelo fim do jornal e início da novela. <b>Vitória levanta e leva Maria pra sala.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 2 dia, linhas 310-332).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Sala da Casa	Seu Eduardo e Vitória	Cuidado e Brincadeira	Assume o cuidado e de Vitória como tia	Cama, meia, pijama

			e parceira de brincadeira	
--	--	--	---------------------------	--

Maria sente-se muito à vontade com a Tia Vitória, que a envolve na cena para fazê-la dormir. Vitória tenta distraí-la para permanecer na cama. Maria compartilha da brincadeira e responde às tentativas da Tia Vitória brincar de pegá-la e os sapinhos do seu pijama, assumindo o papel desta como parceira de brincadeira. A disposição de Vitória coloca-a como personagem constante nos dias de Maria, morando no assentamento. Mesmo na tentativa de Seu Eduardo inserir Cristina como primeira responsável do cuidado da neta, ele recorre em seguida à Vitória, por reconhecer que ela tem um papel importante em relação à Maria, que já não quer sair de perto da mãe, que está na sala costurando.

Por outro lado, Vitória tenta controlar a situação obrigando Maria a ir dormir naquele momento. Mas, diante da estratégia de distraí-la, acaba se envolvendo na brincadeira de pegar os bichos de seu pijama. Através disso, Maria vivencia o jogo dos bichos, quem são e onde eles estão. Além da ligação do chulé à meia, e para atingir Vitória, é preciso movimentar seu pé em direção a sua cabeça, onde está seu nariz, para sentir o cheiro dela. Brinca, nesse momento, com a expressão “fedô”. Maria age pelas ações e reações provocadas por Vitória, compreendendo que quando ela se abaixa e finge chorar, pode ser que alguma coisa deu errado. É através da brincadeira na cama, da meia e do pijama, que Maria negocia o tempo de dormir.

Além da Tia Vitória, o Tio Magner também é presente. Quando não está no assentamento ajudando a mãe Griselda vender as roscas, os pães e outros doces, ele viaja acompanhando feiras de exposição agropecuária para trabalhar em barracas de venda de bebidas alcoólicas. Durante suas viagens, liga diariamente para falar com Maria, que reconhece sua voz e até chama para falar com ele ao telefone. Diariamente, Maria ainda imita estar falando ao telefone de brinquedo com o Tio Magner.

Quadro 30. Cena 5 do dia a dia de Maria

CENA 5
O telefone toca e é o Tio Magner, irmão gêmeo de Cristina. Vitória a coloca no telefone com o tio e diz <b>“Ela aponta os dedinhos como se estivesse dançando ‘Ai se eu te pego’”</b> . <b>Maria sai andando apontando os dedinhos e Griselda canta “Pra frente, pra frente”</b> . Maria vai até a cozinha. Vitória vem atrás contando que Maria cantou ‘Ai se eu te pego’ e que Magner deu risada no telefone. (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 8º dia, linhas 1001-1006).

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Alpendre da casa de Griselda e Eduardo	Griselda, Vitória e Magner	Brincadeira	Assume o papel de Tio de Magner, reconhecendo sua voz; e imita a Tia Materna dançando.	Celular

Magner, além de trabalhar com bebidas, é cantor. Forma, junto com um de seus irmãos uma dupla sertaneja. A cantoria é vivida na Família de Maria através deles e também do avô Eduardo, antigo cantor e músico de “moda de viola”. Momentos de cantoria na casa são frequentes, acompanhados de dança e coreografia própria. Maria identifica e dança estas músicas também sozinha ou com os tios.

Além disso, Maria identifica as chamadas do telefone como sendo sempre as ligações do Tio Magner. Griselda e Vitória, diariamente, não atendem ao telefone, elas correm para dar o telefone para Maria atender. No começo, Maria não falava ou cantava as músicas que Tio Magner cantarolava ao telefone somente fazia os gestos da dança compartilhada na televisão ou pela Tia Vitória e a mãe Cristina. A imitação de danças de músicas sertanejas e de carnaval é realizada na íntegra por Maria, que é chamada para dançar em frente à televisão, quando estas músicas são tocadas.

Nessas situações, Maria identifica o telefone como objeto de ligação entre ela e o Tio Magner, sentindo em sua forma e expressão através dos sons que ele provoca em seu ouvido. Da mesma forma, é o instrumento que possibilita Magner acompanhar o seu desenvolvimento. Magner declara que se sente muito ligado a Maria, desde antes mesmo do seu nascimento. Há uma história interessante contada por ele, em que, no mesmo momento em que Cristina sentia as dores do parto e se encaminhava para o hospital, Magner, que não sabia do que acontecia, sentia dores insuportáveis. Griselda, que estava no assentamento junto dele, reforça a história dizendo que nunca havia visto o filho tão mal e se contorcendo. Diante do mal estar e espremido como se fosse em suas entranhas, Magner diz que proibiu a irmã gêmea Cristina de engravidar de novo, defendendo que não aguentaria outro momento como aquele. Este fato torna-se um elemento de sincronia entre Magner e Cristina, e mais ainda com Maria, considerando-a como filha também.

O pai de Maria, Rodrigo, e sua Família vivem na cidade mais próxima do assentamento e compartilha de momentos de cuidado de Maria com Cristina, o que ocasionou Maria viver um tempo na casa dos avôs paternos na zona urbana. Ele faz-se presente nos finais de semana, visitando-a no assentamento. Durante a observação, Cristina conseguiu um emprego na cidade e se mudou para a casa do namorado Rodrigo.

A chegada dos pais é sentida por Maria, que ao ouvir o som do carro na estrada já vai esperá-los no caminho da roça. Maria quer observar no alpendre quem pode ser e, ainda, receber quem poderá chegar. Quando avista seus pais, ela paralisa-se e estende os braços, esperando que seja pega por eles.

Rodrigo leva os irmãos e os sobrinhos para encontrarem minhoca e irem pescar no rio, nas proximidades do assentamento. Maria fica perto deles quando vão procurar minhocas no fundo do quintal. Há terra molhada atrás da cozinha da casa, nas proximidades da saída de esgoto. Os irmãos ajoelham-se na terra e cavam para achar as minhocas. Enquanto eles levantam os punhados de terra, Maria aproxima-se do pai.

Quadro 31. Cena 6 do dia a dia de Maria

CENA 6				
O pai, os tios, primos de Maria estão no fundo da casa pegando minhoca para irem para o rio. <b>Maria fica em volta observando-os. Ela chega perto do pai e ele passa a mão no seu rostinho. Ela fica toda marronzinha. Sai e vai até Vitória mostrando como está.</b> A blusa de frio que era branca, está marrom também. <b>“Menina, só dá pra ver o branco dos olhos” diz Vitória. Complementa “Deixa a tia te limpar aqui”. “Vira as mãozinhas aqui para eu ver” eu digo. “Não, Marcella, foi o pai dela que passou a mão no rosto dela”, comenta Cristina logo depois.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 11º dia, linhas 1293-1300).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Alpendre da casa de Griselda e Eduardo	Rodrigo, os irmãos e sobrinhos dele; Vitória e Marcella	Brincadeira	Assume papel de observadora	Terra

Maria está observando Rodrigo quando ele interage com os primos e os sobrinhos que visitavam a Família. Ela aproxima-se tentando ver o que eles tiram da



terra. O pai, com as mãos impregnadas de terra, passa as mãos no rosto de Maria. Ela não estranha e nem se esquivava. Somente vai até Tia Vitória para mostrar o que o pai fez.

A terra para a Tia materna significa sujeira, o que a provoca a limpar Maria e tirar-lhe a roupa suja. A pesquisadora, que a observou de longe por um tempo, deduz que Maria também participa da tarefa de recolher minhocas. Ela adora ir neste tido “minhocário” impregnar-se com a lama que se acumula através do mal posicionamento da cozinha.

No momento em que Cristina chega, Maria torna-se, portanto, responsável pela mãe e não das tias, que até minutos atrás decidiam o que ela poderia ou não fazer, onde, como e quando poderia ir para o terreiro.

O fato de Maria já andar, permiti-lhe movimentar-se e experimentar o espaço do lote quase em sua totalidade. A autonomia dela de ir e vir dentro do lote reflete uma mobilidade de ocupar diferentes espaços e participar das atividades diárias da Família.

Quadro 32. Cena 7 do dia a dia de Maria

CENA 7				
Depois que Vitória, Cristina, Seu Eduardo e Maria olharam todas as roupas [se estavam molhadas], foram todos sentar na varanda. Vitória me chama para comer manga e eu aceito. <b>Cristina vai buscar no pé de manga e Maria vai atrás. Ela se embrenha no mato e Vitória diz “Olha lá Marcella, ela entrando no mato”.</b> Enquanto a mãe pega algumas mangas, Maria vai a seu alcance e pega uma para si. Ela morde a manga, começa a chupar e faz careta. Vitória pergunta se está azeda. Maria oferece para Vitória que experimenta. Vitória faz careta e diz que está ruim, pega a manga e joga fora. Maria reclama e começa a apontar. Cristina pergunta se é pra pegar a manga. Maria afirma que sim. “Vou te lavar primeiro, depois te dou outra manga, filha”, diz Cristina. Vitória responde “É melhor dar outra manga, já que ela vai se sujar de novo, né?”. Cristina a limpa na cozinha e volta. Cristina diz que vai pegar outra manga pra Maria. “Não, Maria, pega essa aqui oh” diz Vitória, que morde a manga e começa a descascá-la com a boca para Maria. Essa continua a chupar a manga, no entanto, a deixa cair e vem a minha direção pedir outra. Cristina diz “Não filha, você vai jantar daqui a pouco”. <b>Maria continua resmungando. Cristina a limpa novamente e ela volta para o alpendre.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 3º. dia, linhas 465-481)				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL

Alpendre e pomar de frutas atrás da casa	Cristina e Vitória	Cuidado	Afirma a sugestão de Vitória em chupar manga, reconhece a fruta e o pé de manga. Imitação	Pé de Manga
--	--------------------	---------	--	-------------

Cristina dirige-se aos pés de manga e não chama Maria. Entretanto, ela reconhece o momento de comer manga e vai atrás por si mesma, para tentar pegar uma que está em seu alcance. Neste momento, ela reconhece o espaço, os lugares onde estão plantados os pés de manga e a própria fruta a ser degustada.

Neste momento, há um conflito entre Vitória e Cristina no cuidado de Maria. Quando esta está presente em casa, Maria direciona sua atenção e suas necessidades para a mãe. Os diferentes modos de cuidar de Vitória e Cristina são utilizados por Maria para se beneficiar. A mãe acredita que Maria deva estar limpa para se alimentar e não admite as cores de terra pelas suas mãos, seus braços e seus pés, advindos de seu caminhar na terra molhada e a pegada da manga. Por outro lado, a Tia já acredita, por experiência anterior, que é melhor deixar Maria se sujar para depois, limpá-la. Cristina torna-se indiferente ao comentário de Vitória, demonstrando expressivamente que irá fazer como prescreveu anteriormente dizendo, ainda, que não irá pegar outra naquele momento e também que já nas próximas horas ela irá jantar.

Para Maria, o que vale é poder pegar uma manga, tanto que se direciona novamente ao quintal e é repreendida pelo jeito que Maria escolhe a fruta e como quer chupá-la reflete a vivência de outros momentos como esse em Família. Ela sente a fruta azeda, deixando-a cair para demonstrar sua insatisfação. Sua destreza debaixo do pé de manga advém da experiência anterior, adquirida pela imitação e apropriação do espaço físico rural, como uma criança do campo.

**Marcella:** E como vocês veem Maria, como uma criança do campo? Tem diferença?

**Vitória:** Ah tem né! **Desenvolve mais rápido, a fala, os pensamentos, é coisa muito rápida por ela ter um ano e seis meses né! Ela tem um raciocínio muito rápido! Se fala “Maria, cadê o pé de mamão?”, ela já aponta. “Maria, cadê o pé de manga?”, ela vai, “Vai lá pegar uma manga”, ela pega.** Uma criança da cidade, ela pode saber a fruta, mas não sabe aonde é o pé. E ela já sabe, ela sabe onde é tudo, igual os galinheiro, você fala pra ela “Cadê onde tá as galinhas?”, ela “lá”, ela aponta tudo. Uma criança do campo ela é diferente por isso, ela aprende mais rápido. (Entrevista com Vitória e Eduardo, Linhas 84-91).

Nas possibilidades que o espaço do lote lhe permite, Maria é significada como reconhecendo facilmente os elementos que compõem este espaço. Pelos seus movimentos, identifica-os, usando da experimentação para comprovar o que sentiu.

Maria investiga e explora os espaços e as pessoas à sua volta, a partir do seu contato com o ambiente circundante. Ela explora os pés de manga, o contato com a terra e com os animais. Ela afeta-se e é afetada pela forma de organização do espaço físico, construído e natural.

Quadro 33. Cena 8 do dia a dia de Maria

CENA 8				
<p>Maria volta com um macacãozinho rosa e sem a chupeta. Vitória me chama para ir até a cozinha, porque ela vai começar a fazer o almoço. São 9 horas da manhã. <b>Maria está sentada no chão do alpendre. Aproximo-me e ela e me estende a mão. Eu pego em sua mão e pergunto aonde vamos; ela começa a andar direcionando o caminho. Passamos em volta do carro, em seguida atrás da casa e entramos mato adentro. Estamos no quintal, em meio aos pés de manga, limão e laranja. Ela pára embaixo de uma árvore e aponta. Pergunto o que é. Ela continua apontando. Eu pergunto “Vamos lá para eu colocar um chinelo?”. Ela responde “Tá!”.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 1º dia, linhas 55-63).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Quintal em volta da casa de Griselda e Eduardo'	Marcella	Brincadeira	Assume o papel de apresentar a casa e seu espaço e atender minha sugestão	Não há. Há interação com o ambiente.

Maria quer apresentar à pesquisadora e nova moradora da casa. Sua relação com o ambiente rural é marcada pelo reconhecimento do que está em volta da casa dos avôs.

Os passeios de Maria são compreendidos em sua vontade manifestada pelo gesto de estender a mão e direciona o caminho a percorrer. Através de seus movimentos, o trajeto possibilita a percepção do espaço físico. Seu gesto é direcionado a uma árvore, que a pesquisadora não reconhece e não compartilha do significado. A reação da pesquisadora provoca o fechamento da cena pelo fato de não estar com o calçado apropriado. Consequentemente, limitamos o momento da ação de Maria na apropriação do espaço ao fazer um convite para voltar. Pelo sentimento da situação, Maria aceita o convite de retornar a casa.

Quadro 34. Cena 9 do dia a dia de Maria

CENA 9				
<p>Vitória vai pegar salsinha e cebolinha perto da caixa d'água e Maria vai atrás. <b>Vitória diz “Fica aí, Maria, eu já volto”.</b> Ela olha para trás e me vê e sinaliza com a mão me chamando. Pega na minha mão e eu digo que tem muito barro para irmos. Maria continua me puxando. Vitória volta às pressas e diz “Maria, não é pra ir lá, tem muito barro, filha”. Maria vai até o alpendre e passa pelo portãozinho que tem sua altura. Ela vai e volta. Aponta o dedo e o balança, negando que poderá ir adiante. Retorna à cozinha e vai até onde Vitória está perto do fogão a lenha. Vitória diz para ela não ficar ali. Quando Maria me vê, abre e fecha a mãozinha me chamando para ir até ela. Ela chega perto do fogão e abana as mãos soprando. Pergunto se está quente. Ela afirma que sim balançando a cabeça. Vitória diz “Eh Maria você sabe que não pode vir aqui e chama a Marcella para você não levar rala né?”. Maria ri e pega na minha mão me chamando para andar pela parte de trás da casa. Quando Vitória nos vê “Maria, você acabou indo para o barro hein”. Damos a volta e vamos até a parte da frente. Chamo-a para voltar e vou à frente. Ela vai em seguida atrás de mim. Eu paro e ela para rindo. Eu vou e paro de novo. <b>Maria dá risada.</b> Entramos para a cozinha e Vitória pergunta se estávamos passeando. (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 6 ° dia, linhas 674-691).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Área de fora do fogão a lenha e entorno da casa de Griselda e Eduardo	Marcella e Vitória	Cuidado e Brincadeira	Afirmar e negar as orientações de Vitória. Orientar meus passos e afirmar minhas orientações	Com o fogão, com o barro.

A compreensão dos limites de ir e vir de Maria relaciona-se aos limites e tempo no campo. Tempos de chuva limitam tempos para ficar em casa. No entanto, Maria não compreende a terra e o barro como limites. Ela reconhece as orientações de proibição da Tia Vitória, orientando-me com o gesto de negação. Então, decide experimentar os espaços da casa e ir onde a Tia Vitória está. No entanto, há espaços limitados à presença de criança no ambiente familiar, como nas proximidades do fogão. Compartilhamos do passeio na intenção de presenciar até onde e como ela pode ir.

Vitória, neste momento, realiza duas funções dentro do espaço doméstico: a necessidade de fazer o almoço e de cuidar de Maria. Em virtude de experiência anterior, ela compreende que precisa deixar Maria em seu campo visual, sabendo quais são as

possibilidades dela quando está sozinha, como ir perto do fogão, ir atrás dela na estrada pegar salsinha, ir para a terra e perto do barro.

Maria apresenta possibilidades de realizar ações de contato com o espaço e com objetos a partir da mobilidade adquirida e de possível imitação. Isso a conduz a uma maior independência para ir e vir, permitindo-lhe a investigação e exploração do espaço e dos objetos que nele se encontram.

Quadro 35. Cena 10 do dia a dia de Maria

CENA 10				
<p>Griselda e Vitória estão ajeitando o final do almoço. <b>Maria me chama com as mãozinhas e aponta para o quintal, na saída do fogão à lenha. Ela vai à frente e apontando o caminho. Pega na minha mão e vamos dando uma volta na casa. Quando chegamos à cozinha novamente, Maria vai, por trás da cozinha, em frente à área do fogão de lenha; Pega carvão e traz até a cozinha. Coloca em cima da estante e volta. Pega de pouquinho em pouquinho. Depois, pega e coloca na porta da cozinha. Faz dois montinhos. Ela me chama e eu vou até onde estão os pedacinhos de carvão. Ela aponta para o chão. Eu abaixo e ela pega um pouco de carvão, apontando para mim. Ela coloca um pouco na minha mão. Eu seguro e ela continua pegando com a outra mão. Quando termina de pegar, chama-me e apara a mão, para eu colocar o que está na minha mão. Ela vai e coloca no montinho dentro da casa. Volta e pega mais carvão, coloca na minha mão, pega mais na sua e depois pede o que está na minha.</b> Assim, aconteceram umas três ou quatro vezes. <b>Griselda viu e começou a reclamar com Vitória, que disse que depois limpava. Maria continua a montar seus montinhos de carvão. Passado um tempo, Griselda vê o outro montinho na porta da cozinha e começa a gritar. Vitória brinca “Corre, Maria”. Maria corre para o colo de Vitória. Griselda varre todo o carvão e diz que criança não pode fazer o que quer não.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 8º dia, linhas 981-1000)</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Cozinha e em torno da casa de Griselda e Eduardo	Marcella, Vitória e Griselda	Brincadeira e Cuidado	Assume a realização de uma atividade na cozinha assim como a tia e a avó	Carvão

Maria experiencia o espaço físico do lote andando, sentando e apontando, potencializada pela aquisição da marcha. Com ela, a própria Maria pode medir as distâncias, variar as direções, estabelecer a continuidade dos passos, buscar e transportar um objeto de um lugar a outro, enquanto os familiares cumprem as tarefas domésticas.

Griselda, Vitória e Eduardo estão realizando suas atividades. Maria também arruma o que fazer, compartilhando e imitando a atitude de juntar carvão, realizada pelo avô diariamente, quando o traz da fornada para ser utilizado no fogão a lenha. Tal momento é significado de diferentes formas para os presentes: para Maria uma atividade, para mim e Vitória uma brincadeira e para Griselda como sujeira e uma negligência por deixar a criança fazer o que quer.

A partir dessa situação, Maria explora e discrimina os objetos que a rodeiam como uma oportunidade de movimentar-se. Ao carregar o carvão como um objeto que possui características próprias, separa dos que estão à sua volta e o diferencia do restante, enquanto a Tia Vitória e a Vó Griselda fazem o almoço.

Ao aprender agarrar e deslocar com forma os pedaços de carvão, Maria exercita-se na tentativa de encontrar os objetos em outro lugar, em uma outra posição. Isto possibilita se revela como uma possibilidade de objetivação da lembrança de uma experiência anterior, vivenciada pelo avô Eduardo, pela avó Griselda e pela tia Vitória, que juntavam os carvões, quando o gás acabou, para acender o fogão a lenha.

O ir e vir são circunscritos por Maria como uma possibilidade de exploração concreta do espaço físico pelo agarrar, segurar, manipular, apontar, sentar, andar, acompanhados pela fala e pelos gestos. Isto é significado pelos familiares como uma característica da infância que se constitui no campo, que não restringe os limites de espaço da criança, o contato com a natureza e com o que está em volta da casa.

Há pelos adultos uma compreensão diferenciada entre ser do campo e ser da cidade para as crianças e suas infâncias. Enquanto, no campo é possível Maria ir e vir, sem limite de espaço, na casa dos avós paternos, o espaço é pequeno, restrito e sem opções de distração. Tal análise realizada também é perpassada pelos modos de cuidar diferentes de Griselda, Eduardo e Vitória e os parentes de Rodrigo, pai de Maria. De acordo com os primeiros, Maria fica exposta, na cidade, a vícios e perigos. Enquanto no campo, por mais que há perigos iminentes de cobras e bichos, ainda assim sua vida é mais solta, com mais possibilidade de ação, de brincadeira e de aprendizagem. Eduardo, Vitória e Griselda defendem que o jeito solto garantem liberdade e conhecimento à criança:

**Eduardo:** Sem comparar, porque aqui ela tem espaço. Geralmente, as crianças da cidade, da idade dela, não pode nem descuidar o portão aberto; sai pra rua, então, ela é muito reprimida. E aqui ela vive na liberdade, de ficar por volta da casa. A

gente cuida, porque, às vezes, tem coisa que machuca, mas é como se diz, solta. **Então, ela anda mais, ela vê mais, ela presta atenção nas coisas, outro dia eu peguei ela arremedando um passarinho. Então, quer dizer é uma experiência nova. A rolinha sentou ali no pé de chuchu “Tututu” e ela também, lá “tututu”.**

**Marcella:** Então, o senhor percebe também uma diferença com relação à natureza?

**Eduardo:** Com a natureza.

**Vitória:** Ela aprende a respeitar. Igual esses dias o passarinho tava ali e eu falei “Maria, não pode ir ali, porque senão ele vai te bicar”. Aí ela pegou e não foi, ficou olhando, falando “ai gracinha, ai meu deuso, é bonito” sabe, mas ela não chegou lá perto. Então, aprende a respeita né! Porque aquilo ali não vai fazer mal pra ela e ela também não pode fazer mal pra ele. (Entrevista com Eduardo e Vitória, Linhas 103-116)

**Griselda:** Olha, eu acho assim no campo ela tem mais o lazer dela né! Do que ela gosta, que é andar a cavalo, é de carroça, é na moto, andar e ver os animal, ver as criação, vê as galinhas, isso pra mim é um dia dela no campo né! Agora na cidade, lá ela não tem opção nenhuma, porque é meio complicado, as vezes tem um priminho, uma priminha dela lá, então, aí brinca. Mas aqui parece que ela se sente melhor, porque aqui ela é mais, a casa é mais aberta, é muito longo o quintal né! Agora na cidade é mais fechado. (Entrevista com Griselda, Vitória e Eduardo, Linhas 67-73)

A relação direta com os seres vivos e as plantas é uma das características dos dias de Maria que, ao experimentar o espaço físico, entra em contato com os seres habitantes do espaço. O nome dado aos animais e o respeito com eles ajuda-a reconhecer a existência deles e suas necessidades. Além disso, Maria compreende os sons dos animais imitando-os diariamente, aproximando e observando seus movimentos. Seu Eduardo defende que ela deve ser cuidada livre, a fim de poder experimentar todo o espaço e todos os elementos que o lote pode lhe permitir. Há uma discriminação de que Maria, quando viveu algumas semanas na cidade, ficava presa e submetida ao espaço restrito da casa de seus avós paternos. E que a vida no assentamento lhe proporciona ficar livre e disponível para o espaço, para os animais e para as situações cotidianas que envolvem a lida e o trabalho na terra.

Da mesma forma, a possibilidade de ir e vir torna-se um perigo para Maria. Pois, nos momentos de distração de seus avós e tia, ela se embrenha em lugares não muito adequados, como embaixo da caixa d’água da cozinha, em cima da saída do cano da pia da cozinha. Lá é o lugar predileto de um dos patos do lote. E para aproximar-se dele, ela passa pelos lamaçais e fica de cócoras ao lado do pato, para desespero de Griselda, que a procura em todos os lugares quando se lembra de sua existência. Da mesma forma, pelo encantamento com os cavalos, Maria vai até à estrada em direção ao lote vizinho,

onde de vez em quando eles ficam. Por mais que não passe muito carro ou moto, ainda passam alguns e isto é preocupante para seus familiares.

Quadro 36. Cena 11 do dia a dia de Maria

CENA 11				
Seu Eduardo volta e chama Vitória e Maria para darem comida às galinhas. Eu vou até a varanda e fico de longe observando. <b>Seu Eduardo coloca Maria no pescoço e junto com Vitória, joga os farelos de milho para as galinhas, os galos, as patas e os patos. Maria fica abrindo e fechando a mãozinha pedindo que coloquem farelos para ela jogar também. Vitória coloca em sua mão, ela pega um e joga.</b> Ela quer participar do momento em sua totalidade, ri das reações e das corridas das galinhas. Quando Vitória coloca os milhos na sua mão, ela estende o braço. (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 2º dia, linhas 243-248).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Galinheiro	Eduardo e Vitória	Cuidado com as galinhas	Afirmar o trabalho de cuidar dos animais como parte do dia a dia da Família	Farelos de milho

Maria reproduz a situação que a agrada, de ter a mediação dos outros no contato com os animais. Essa atividade de exploração do ambiente rural possibilita a Maria se apropriar do espaço físico como um território em que há vida. Na participação da atividade de tratar das galinhas com o avô Eduardo e a Tia Vitória, Maria os percebe e os imita significando através do gesto de pedir para também jogar os farelos de milho. Nesse sentido, a imitação é, ao mesmo tempo, participação e desdobramento do ato de jogar comida para as galinhas. Sabe onde está a comida das galinhas, indo em alguns momentos sozinha para realizar tal feito. Ela coloca sua mão nos buracos da cerca de arames farpados e entrega um grão de milho direto na boca da galinha. O desespero da galinha em pegar o milho não lhe provoca estranhamento.

Seu Eduardo também compreende que é necessário partilhar este momento com Maria, chamando-a e todo o restante da Família para estar junto. Esta cena revela-se como uma possibilidade de distração para Maria, que até há alguns minutos gostaria de pegar os pirulitos que sua mãe Cristina estava fazendo. Seu Eduardo não aceita vê-la



chorando e sempre a chama para fazer alguma coisa quando isto acontece. O choro torna-se uma comunicação, pois ela quer fazer uma coisa que não lhe permitem fazer. Da mesma forma que o sorriso ao jogar alimento às galinhas demonstra como ela está satisfeita em fazê-lo.

A relação de proximidade com os animais também é estabelecida entre Maria e a égua. Ela emite sons para fazê-la cavalgar, assim também o faz com o boi.

Quadro 37. Cena 12 do dia a dia de Maria

CENA 12				
<p>Na volta, Seu Eduardo chega com a égua e o potrinho. Pergunto se é outra égua, ele diz que sim. <b>“Quer ver Marcella, ela vai vim correndo”</b>.. <b>“Meu bem olha que está aqui...”</b> ele complementa. Eu confirmo <b>“Maria, vem cá ver vem...”</b>. Ela responde <b>“Oi”</b>. Griselda acaba com a brincadeira de adivinhação <b>“Maria a égua está aqui vem andar”</b>. Maria vem para a varanda e fica olhando a égua. Seu Eduardo fica chamando-a e ela parada. <b>“Você não quer andar?”</b>, pergunta o avô. Ela responde que sim, mas não sai do lugar, fica olhando observando-os. O avô a pega no colo e coloca em cima do pelo. Ela já pega na crina do cavalo instantaneamente. <b>“Meu bem segura aqui também”</b>, diz Seu Eduardo. Eles vão pela estrada e Maria fica firminha, sem medo e avante. Escuto ao longe Griselda comentando com Vitória que <b>Maria vai sozinha e no pelo. Seu Eduardo diz “Toca a égua Meu Bem”. Maria solta beijinhos e “oh égua”. Seu Eduardo responde “Ela é muito ligeira”</b>. Vamos até o meio do caminho, pergunto se Seu Eduardo irá dar água para eles. Ele diz que vai prendê-los aqui para depois levar o lixo lá onde o lixeiro passa. (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 12º dia, linhas 1428-1442).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Lote	Marcella, Eduardo e Griselda	Brincadeira	Imitar o avô ao andar a cavalo	Não há. Há interação com o animal.

A postura de Maria de afirmar com a cabeça que quer andar e enrijecer os membros para encaixar a égua demonstra seu desejo. Quando está andando na égua, sabe que faz parte da ação soltar uns beijinhos e gritar “oh égua”. Tal ato tanto faz parte de seu repertório Maria anda sozinha, segurando na crina e sem sela, enquanto seu avô puxa-a. Suas andanças de égua são recorrentes desde os oito meses de vida.

As lembranças sobre seus primeiros movimentos estão atreladas à relação entre Maria e os cavalos:

**Marcella:** O senhor recorda de algum momento quando ela começou a andar? Sobre esses primeiros movimentos...

**Eduardo:** Recordo que eu cheguei a cavalo e **ela deu o bracinho e aí a mamãe falou “vai lá, vovó, vai lá, vovó”, pois ela saiu engatinhando pro lado da égua. Aí mais peguei ela no colo e ela fazia assim tum-tum-tum, tocava a égua. Isso eu me recordo.**

**Marcella:** Desde quantos meses o senhor já a levava pra andar a cavalo?

**Eduardo:** 8 meses.

**Vitória:** Quando ela aprendeu a sentar.

**Eduardo:** Sentou, eu já pegava ela no colo.

**Vitória:** Ela com 9 mês, a gente foi na exposição na Expoagro, **ela viu aqueles cavalinho, aqueles pônei e ela acostumava a andar aqui, ela tinha 9 mês, aí começou a dar trabalho para andar nesse pônei e nós teve que fazer ela andar né.** E o moço não queria por, porque ela é muito pequena. Falou que não ia dar conta, aí a colocou e **ela sentou sozinha, a única coisa que fez foi segurar as costinhas dela e ela começou a tocar.** O moço olhou e falou “gente como é que pode né, as crianças de hoje tá muito esperta”. Desde pequena ela anda de cavalo. (Entrevista com Vitória e Eduardo, Família de Maria, linhas 12-27).

A exploração mútua do seu corpo e do corpo do animal propicia a Maria dimensão dos elementos que compõem o ambiente rural e o significado deles; compartilha os sentidos e sensações de andar a cavalo. Assim situada graças à sensibilidade proprioceptiva, após o avô Eduardo dar comida para a égua e o potrinho. A compreensão da necessidade dos animais demonstra a sensibilidade e o respeito a esses, partilhados pelos familiares.

O objeto manuseado por Maria torna-se identificável pela interação com o avô Eduardo em suas atividades diárias. Assim como, a existência da água naquele local, onde são cuidados as éguas e os potrinhos; que ganham realidade suficiente para que Maria possa procurar o objetivo desaparecido. O jeito solto proposto por Griselda, Eduardo e Vitória permite-lhe adquirir algumas liberdades, como comer sozinha. Isto se deve a eles perceberem que Maria está mais independente e tem condições de manusear os talheres, o copo e o prato. Normalmente, ela alimentava-se com o prato entre as pernas, sentada em cima de algum cobertor no chão. No entanto, diante do reconhecimento da vontade de Maria sentar-se perto de mim e Vitória, seu avô Eduardo fica em dúvida, se ela conseguirá permanecer sentada com o prato no meio das pernas.

Quadro 38. Cena 13 do dia a dia de Maria

CENA 13
---------

Quando o almoço está pronto, ao meio dia, Maria percebe a movimentação na cozinha e chama o avô com a mãozinha. **“Vem vô” diz ela. Ele chega perto dela e ela complementa “papá”. O avô pega um prato e coloca comida pra neta. Maria me chama com a mãozinha. Pergunto a ela o que foi. Ela bate a mão no balanço e levanta o corpinho. “Você quer sair?” pergunto. Ela afirma que sim com a cabeça. Eu a pego e o Seu Eduardo está pegando um pano para ela sentar no chão e comer sozinha.** Ele olha para o banco e diz “será que ela fica aqui sentadinha?”. Pega-a e diz “Abre as pernas meu bem igual senta no cavalo, vamos... upa”. Coloca o prato em frente à Maria e dá a colherzinha pra ela. “Será que ela aguenta ficar aqui?” pergunta ele. **“Meu bem, vou te dar uma colherada depois te dou a colher tá?” complementa. Ela diz “tá!”. Vitória termina de colocar sua comida e vai pra sala. Eu passo por Maria também com o meu prato. Ela começa a chorar. Pergunto se ela quer ir pra sala. Diz que sim. Levo-a para a sala. Sento no sofá e Vitória diz “Fia vou te colocar aqui no chão, porque depois eu vou lavar aqui tá?”. Maria pega a colherzinha e vai colocando uma a uma, limpa a boca com a colher e depois tenta pegar com a mão. Vitória observa. Ela deixa a mão de lado e continua pegando com a colher. Maria come metade do prato (cabotiá, arroz e feijão amassados).** (Trecho de Diário de Campo, Família de Maria, 12º dia, linhas 1379-1400).

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Alpendre e Sala da casa de Griselda e Eduardo	Eduardo, Vitória e Marcella	Cuidado	Assume escolher onde quer comer e nega ficar sozinha para comer	Prato de comida e colher

A autonomia adquirida por Maria proporciona-lhe comer sozinha e manifestar suas vontades sobre onde quer comer. Maria faz o uso da colher como instrumento utilizado para comer e limpar a boca quando está alimentando. Ela quer estar próxima às pessoas que também estão comendo, por isso manifesta-se através do choro para indicar que não quer ficar sentada no banco, como queria anteriormente.

A rede de Maria é construída com particularidades e elementos universais da infância de 1 a 2 anos. A necessidade de investigar e explorar a realidade exterior possibilita-lhe entrar em contato com os elementos circunscritores da vida no campo e consigo mesma. A apreensão de Maria do espaço físico revela-se na familiaridade em relação às atividades de cuidar da horta, andar a cavalo, tratar das galinhas, fazer comida, colher frutas.

Maria afeta é afetada pela independência de ir e vir, pela exploração, manipulação e identificação dos objetos presentes em seu cotidiano, compartilhando dos sentidos e dos significados em suas relações com o meio. O quadro a seguir possibilita

visualizar a materialidade da diversidade nas 13 cenas escolhidas para apresentação neste momento:

Quadro 39. Síntese das cenas dos dias de Maria

CE NA	CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS
1	Quarto de Cristina e Vitória	Cristina, Vitória, Griselda e Magner	Cuidado	Afirmar e negar o papel da avó e do tio como cuidadores. Afirmar o papel de mãe de Cristina	Não há
2	Alpendre da Casa de Griselda e Eduardo	Eduardo	Brincadeira	Atua como parceira do avô na brincadeira de desenhar	Caderno e Caneta
3	Corredor entre o quarto e a cozinha	Vitória e Eduardo	Cuidado	Negar a vontade da Tia Vitória em fazê-la dormir quando ela não quer	Não há
4	Sala da Casa	Vitória	Cuidado e Brincadeira	Assume o cuidado e de Vitória como tia e parceira de brincadeira	Não há
5	Alpendre da casa de Griselda e Eduardo	Griselda, Vitória e Magner	Brincadeira	Assume o papel de Tio de Magner, reconhecendo sua voz; e imita a Tia Materna dançando.	Celular
6	Alpendre da casa de Griselda e Eduardo	Rodrigo, os irmãos e sobrinhos dele; Vitória e Marcella	Brincadeira	Observadora	Não há

7	Alpendre e pomar de frutas atrás da casa.	Cristina e Vitória	Cuidado	Afirma a sugestão de Vitória em chupar manga, reconhece a fruta e o pé de manga. Imitação	Há interação com a natureza.
8	Quintal em volta da casa de Griselda e Eduardo	Marcella	Brincadeira	Assume de apresentar a casa e seu espaço	Não há. Há interação com o ambiente
9	Área de fora do fogão a lenha e entorno da casa de Griselda e Eduardo	Marcella e Vitória	Cuidado e Brincadeira	Afirmar e negar as orientações de Vitória.	Com o fogão
10	Cozinha e entorno da casa de Griselda e Eduardo	Marcella, Vitória e Griselda	Brincadeira e Cuidado	Assume a realização de uma atividade na cozinha assim como a tia e a avó	Carvão
11	Galinheiro	Eduardo e Vitória	Cuidado com as galinhas	Afirmar o trabalho de cuidar dos animais como parte do dia a dia da Família	Farelos de milho
12	Lote	Eduardo e Griselda	Brincadeira	Imitar o avô ao andar a cavalo	Não há. Há interação com o animal
13	Alpendre e Sala da casa de Griselda e Eduardo	Eduardo, Vitória e Marcella	Cuidado	Assume escolher onde quer comer e nega ficar sozinha para comer	Prato de comida e colher

Ao todo, nas cenas observadas, Maria interage com 9 adultos e 1 jovem de diferentes idades e papéis. Os espaços em que circulou foram principalmente: casa, o quintal em volta da casa, o galinheiro, a horta e o pomar. Os objetos foram prato de comida, carvão, fogão, farelos de milho, com destaque também para a interação com animais.

### **7.3. A rede de Joaquim**

Joaquim tem 2 anos e 5 meses e é filho de Sofia e Leonardo. O casal e seus filhos moram na Agrovila I que, como se viu, estrutura-se em casas que eram ocupadas pelos moradores da antiga estação de ferro, presente na fazenda. Há doze casas nesta rua da Agrovila.

Sofia tem 26 anos e é casada com Leonardo, que tem 29 anos. Sofia é mãe de Alice (10 anos) e João (7 anos), de dois relacionamentos diferentes. Bento (4 anos) e Joaquim (2 anos e 4 meses) são filhos de Sofia e Leonardo. Sofia mora há 11 anos na região. Atualmente, eles moram numa casa na Agrovila I, cedida por um dos moradores. Até pouco tempo residiam em outra casa da Agrovila, da mãe de Sofia. No entanto, Dona Fernanda, que estava morando na cidade, voltou a morar no assentamento e eles tiveram que mudar de casa. A casa em que moram é fechada com madeiras, na frente e no lado esquerdo. Do lado direito há toras com demarcações, mas não há uma divisão com a casa do lado. É uma casa antiga, tendo em volta um cimento batido em descida. Há uma escada no final da casa que dá para a porta da cozinha. No final do terreno, há um barraco em toras de madeira, usado como lavanderia, com um tanquinho e um tanque. (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 1º dia, linhas 10-25).

Sofia, atualmente, não trabalha e Leonardo realiza pequenos trabalhos para Famílias assentadas e fazendeiros da região, como encher forno de carvão, limpar café, carpir lotes.

Na Agrovila I, há outra paisagem em relação à II. Na rua, há seis de cada lado. Entre estas, a casa da Sofia. Em cada casa uma Família e várias crianças que, juntas, dão vida a rua. (Trecho de diário de campo, Família de Joaquim, 2º dia, linhas 158-160).

Antes da chegada de Joaquim, a organização da casa girava em torno do cuidado e da educação de Bento, que tinha 1 ano de idade. Além dos filhos, duas sobrinhas adolescentes de Sofia moravam na casa, neste momento. Quando Joaquim nasceu, Bento ficou com muito ciúme e o pai não morava em casa. Sobre a relação dos filhos caçulas, Sofia acredita que os dois brigam muito:

**Sofia:** Eu acho que os dois brigam (risos). Os dois não se batem muito não. Assim, eu acho que também é porque o Bento era o caçula também. Aí chegou o Joaquim, aí eu também não acho que é tudo o Joaquim não. Eu não compro só pro Joaquim, eu não compro só pra ele. Eu compro geral. **Mas, o Bento sente mais ciúme do Joaquim.**

**Marcella:** E como era antes do Bento ir para escola?

**Sofia:** Ah! Os dois brincavam mais, porque os dois tavam mais perto junto. Os dois brincavam mais e os dois davam mais certo. **Agora o Joaquim, o Bento chega mais tarde, então, ele já chega ou ele brinca aqui, brinca com o Joaquim mesmo ou com os outros irmão dele** e ou ele vai dentro, vai pra dentro e vai assistir TV. **Mas, os dois não têm muito contato assim não, de fica brincando muito. Os dois mais briga do que brinca.** (Entrevista com Sofia, Família de Joaquim, linhas 254-269).

Com dois bebês em casa, Sofia organizava a casa nos horários em que os outros dois filhos estavam na escola. Com Bento e Joaquim, deixava-os brincar no quintal. Com a ida de Bento para a pré-escola, Joaquim passou a ficar sozinho em casa com a mãe. Ele torna-se neste momento prioridade para Sofia, que se dispõe mais a brincar e a atender suas necessidades e vontades em relação aos outros filhos.

A centralidade de Sofia como cuidadora principal de Joaquim é evidenciada pela própria organização do dia a dia de Joaquim, que se correlaciona às atividades domésticas de responsabilidade da mãe e às diárias em casas de outras famílias do assentamento, realizadas anteriormente aos meus momentos de observação. Quando a conheci, durante a observação dos dias de Paulinha, Joaquim acompanhava a mãe durante a realização da faxina na casa de Paula, assim como na casa de Anita (representante do MLST).

**Sofia:** Ele come um pão, ele bebe leite. **Aí depois nós fica, eu limpo casa, ele vai brincar, fica no quintal, ele vai brincar com os meninos mesmo. Depois, eu dou almoço pra eles,** quando o almoço sai a hora certa e (...) Aí quando o almoço sai cedo, 11 horas eu dou almoço pra eles. **Quando ele tá em casa, ele brinca. Tem vez que nós dorme depois do almoço também. E... Depois o Leonardo chega, ou ele fica aqui com nós ou ele vai lá pra, dá uma volta.** (...) Uai, até 3 horas o almoço está pronto. Mas, agora o Leonardo tá trabalhando então é 11 horas tem o horário de almoço. (...). **Depois do almoço ou ele vai brincar ou ele dorme. Assiste televisão... (...)** Eu deixo ele dormir até umas 4 e meia. **Depois das 4 e meia eu não deixo ele dormir mais não.** (...). **Ele acorda, os meninos já chegaram da escola, eles brincam, eu já ponho pra tomar banho.** (...). Até 6 horas eu já coloquei um deles pra tomar banho. (Entrevista com Sofia, Família de Joaquim, linhas 468-493).

O dia a dia é marcado pelo horário de entrada e saída de Alice, João e Bento da escola do assentamento, pelos horários de passagem do ônibus para a cidade e pela interação entre os vizinhos da Agrovila. Joaquim tem seus dias começando com os irmãos saindo para a escola entre 8 horas da manhã, podendo brincar em torno da casa e

com os vizinhos; e por volta das 16h30min ou ele vai buscar os irmãos na escola ou é acordado por eles quando chegam. Seus dias são encerrados juntamente com os seus irmãos e irmã, Alice, João, Bento e Joaquim, que são pelo entardecer e pela falta de iluminação na agrovila I. Sofia, como todas as outras mães da rua, gritam pelos seus filhos para entrarem para dentro de casa, devido aos perigos iminentes de brincar e de andar na escuridão e aos bichos do mato que circulam por aquela região do assentamento.

Sofia coloca-se não somente como mãe e dona de casa, mas também como parceira em momentos de brincadeira com Joaquim. A possibilidade de brincar com seus filhos é sustentada por brincadeiras de pique esconde, de adivinhação, de andar de moto, entre outras.

Quadro 40. Cena 1 do dia a dia de Joaquim

CENA 1				
Depois da janta, <b>Joaquim está sentado no colo de Sofia. Ele fala os nomes das frutas para Sofia repetir. Abacate, jabuticaba, melão, mamão... Quando eu falo limão, ele diz que limão não.</b> Fala todo enroladinho. Assim que termina o programa Carrossel, Sofia coloca todos para dormir. <b>Joaquim pergunta para o pai se pode dormir com ele: “Pode papai mimi cocê?”.</b> Leonardo diz que pode. <b>Sofia pergunta para ele se vai fazer xixi na cama “Xixi não mamãe, xixi não”.</b> Joaquim está quase dormindo no colo de Leonardo. (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 1º dia, linhas 145-151)				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Sala da casa de Sofia e Leonardo	Sofia	Brincadeira	Assume a escolha de onde quer dormir e imita a mãe na brincadeira das frutas	Não há.

Sofia compartilha do convite de Joaquim para brincadeira de lembrar os nomes das frutas. A impressão que me dá é que esta já é uma brincadeira conhecida por Joaquim. Acreditamos que ele, com o seu poder de ir e vir pelo quintal da casa e pela agrovila, fala o nome das frutas, discrimina as que ele conhece e ao mesmo tempo gosta.



Quando eu sugiro o limão, Joaquim nega e assume as frutas que fazem parte do rol da brincadeira entre ele e a mãe.

Em seguida, Joaquim negocia a possibilidade de ir dormir com os pais. Como já havia sido pontuado por Sofia durante a aplicação dos questionários, Joaquim transita na casa, dormindo cada dia com algum membro da família. Ele explicita, portanto, a sua vontade de estar com o pai Leonardo naquela noite. Sofia já havia discutido com o pai anteriormente, que não iria mais dormir com eles, por ter feito xixi na cama. Evidencia, nesse sentido, negando (ou omitindo) a colocação da mãe ao procurar o pai para negociar e, quando questionado pela surpresa deste se irá fazê-lo de novo, negocia ressaltando que isto não irá acontecer.

A autonomia adquirida por ele é reconhecida pelo respeito à sua decisão de com quem ele quer dormir. No entanto, em virtude do não controle, os pais Sofia e Leonardo evitavam, por um momento, dormir com Joaquim. Com o passar do tempo, Joaquim compreendia a necessidade de fazer xixi antes de dormir, assim como que o fato de fazer xixi era um empecilho de dormir com os pais. Ele já não usa fralda há algum tempo e, ao longo da observação, foi diminuindo a ocorrência de fazer xixi na cama, no momento de dormir.

O momento de estar à frente da televisão no momento de um programa infantil, é algo recorrente durante os dias de Joaquim. O encerramento das brincadeiras no quintal ou na rua da agrovila, é negociado por Sofia pela necessidade dele tomar banho antes da novela infantil. Sofia chega, em alguns momentos, a declarar-lhes que serão proibidos de assistir se todos os filhos e a filha não tiverem tomado banho.

Ser mãe de quatro filhos é significado por Sofia como um aumento do trabalho entre o cuidado da casa e o cuidado dos mesmos. Ao mesmo tempo, ela percebe contradições em ser mãe, ser mulher e ser esposa. Acredita que os filhos pesam no balanço de sua relação com Leonardo e que exigem dos dois criar condições de cuidar e educá-los:

**Sofia:** Ainda mais de um monte ainda. **Porque não é tudo o que você consegue resolver, porque às vezes um quer uma coisa, outro quer outra e você não tem... Eu mesmo não tenho condição de dá tudo o que eles querem... Ai é meio complicado, é bom ser mãe...** Assim oh! Deixa eu tentar te explicar... Ah! Eles traz muito assim, **um pouco de alegria pra dentro de casa também. Imagina um tamanho de uma casa dessa e ter só eu e o Leonardo... Eu acho que nós dois já não tava mais junto não. Às vezes, filho também atrapalha, que eu arrumei muito cedo meus filhos, mas assim eu não arrependo não, nenhum momento de ter eles, não**

**arrependo.** Assim, arrependo que eu num, que eu não tive estudo direito, mas eu acho que eu devia ter estudado, ter dado outra coisa melhor pra eles, mas aí eu não estudei. Mas tento fazer o que eu posso. (Entrevista com Sofia, Família de Joaquim).

A dinâmica do relacionamento de Sofia e de Leonardo é circunscrita a este assumir os cuidados como pai de Alice e João, além dos seus dois filhos biológicos Bento e Joaquim. São pautas dos dias do casal ouvir os pedidos e as vontades das quatro crianças, enfrentando momentos de negá-los pela escassez do período do mês, em que Leonardo pode não ter nenhum bico em vista ou as compras com os benefícios sociais (Bolsa Família e a pensão paterna de João) podem ter acabado.

Ao mesmo tempo, Sofia compreende que o nascimento de Alice exigiu dela a disponibilidade de ser mãe solteira e, com o passar do tempo, no relacionamento com o pai de João e depois com Leonardo, compreender a dor e a delícia de ser mãe, podendo às vezes alegrar, mas também atralhar planos que fez em algum momento da vida.

Dentro do ambiente familiar, Sofia conta com a ajuda de Alice e João. Eles se apresentam como parceiros no cuidado e na educação dos irmãos. Alice, como irmã mais velha, com 10 anos de idade, é responsável pelos três menores. Já João é sempre chamado a atenção para ser o modelo para Bento e Joaquim.

Quadro 41. Cena 2 do dia a dia de Joaquim

CENA 2				
<p>Sofia e Leonardo saem. Alice me diz que foram à Cristina. Eu vou até a cozinha tomar café e fico observando Alice e Joaquim de longe. <b>Alice me diz: “Marcella, o Joaquim machucou o pé, ele cortou perto da unha”. Alice diz que irá passar uma pomada para sarar. Joaquim pergunta “Sara?!”. Ela responde “É, para não inflamar”.</b> Sento-me na mureta da varanda e os dois sentam-se no chão perto da porta da cozinha. <b>“Olha aqui Marcella para você ver” diz Alice. Ela me mostra e há um cortezinho entre a unha dele do dedo do meio e a ponta do dedinho. Alice havia colocado dentro da sua bolsinha: as gases, a pomada e o algodão. “Precisamos fazer um curativo, Joaquim”-diz Alice. “Fique quieto para a irmã cuidar de você” ela complementa. “Tá”-responde Joaquim. Alice pega a pomada e passa no pé dele. Em seguida, pega as gases e coloca em volta do dedinho que está aparentemente machucado. Para prender as gases, ela pega um lápis que tem uma fita crepe enrolada e tira um pedaço dela. Prende o dedinho dele com gases e depois coloca a babucha (sapato de plástico) nele.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 7º dia, linhas 773-787).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL

Sala da casa de Sofia e Leonardo	Alice	Cuidado	Assume Alice como cuidadora e o papel de paciente	Gases, pomada e algodão
----------------------------------	-------	---------	---	-------------------------

Alice é responsável pelo cuidado e pela educação de Joaquim quando os pais precisam se ausentar. Joaquim reconhece o papel de Alice como sua cuidadora e compartilha da brincadeira de médica e paciente. A possibilidade prática da brincadeira é ampliada pela compreensão de Joaquim dos sentidos e significados atribuídos à intervenção da irmã como médica. Ao compreender que a irmã mais velha dispõe-se a fazer o curativo, Joaquim aguarda a finalização para seu machucado sarar.

Com o desenvolvimento da linguagem de Joaquim, aprimora-se a possibilidade dele externar e objetivar seus desejos e suas emoções, suas afirmações e suas negações, a partir da tomada de consciência corporal e modificação, repetição e ampliação de cada movimento de seus parceiros de interação. Ao mesmo tempo em que Joaquim afirma Alice como cuidadora, ele nega-a em relação a outras pessoas, como Sofia. A confluência entre os dois papéis de irmã e cuidadora de Joaquim provocam em Alice a intensificação de atitudes disciplinares aplicadas pelos pais e se coloca como autoritária frente à ausência deles para garantir a ordem. Deve-se considerar que Alice tem apenas 10 anos de idade e que a responsabilidade de cuidado de Joaquim não é pequena.

Quadro 42. Cena 3 do dia a dia de Joaquim

CENA 3
<p>Joaquim não percebe a saída da mãe. <b>Alice chega à sala e tira seu prato. Ele fica furioso e começa a gritar pela mãe. Pergunta-me cadê ela. Ele se senta no chão e pede o prato para Alice. Ele chora e ela dá um tapa da bunda dele, que se levanta para ir à cozinha atrás dela. Alice diz que vai bater nele. Ele responde que vai bater nela. Ela bate nele. Joaquim chora. Ela o carrega para o quarto e diz para ele que irá dormir. Deita com ele no canto da cama e ele começa a mexer nos bichos de pelúcia e chora muito. Ele me chama “Macela, Macela”.</b> Quando eu chego ao quarto, <b>ele diz “Macela, posso fica cocê na sala?”.</b> Como falar não? <b>Eu digo que sim. Ele estende os braços para eu pegá-lo. Alice faz uma cara que eu não sei bem definir o que quer dizer e eu levo Joaquim no colo.</b> Nós dois passamos pela cortina-porta e a esticamos até conseguirmos passar. Pergunto-lhe se irá ficar sentado do meu lado, ele diz que sim. Ele deita no meu colo e depois senta. Alice vem do quarto e se senta em outro sofá.</p> <p>(Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 14º dia, linhas 1334-1338)</p>

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Sala da casa de Sofia e Leonardo	Sofia, Alice, e Marcella	Cuidado autoritário	Nega o autoritarismo e as imposições de Alice.	Prato e bichos de pelúcia.

O enfrentamento de Joaquim e Alice denota a negação dele, ao objetivar que não quer ficar com ela sem a mãe. Ele manifesta sua vontade de sair e chama por mim para ajudá-lo. Joaquim manifesta, a partir do choro e do pedido verbal, o que não quer e com quem quer ficar.

O prato torna-se objeto de reivindicação de Joaquim e de provocação de Alice, ao mesmo tempo, em que mexer nos bichos de pelúcia revela-se como uma possibilidade de atingir a irmã, que frequentemente o alerta para não mexer em suas coisas. Joaquim contrai-se, grita e esperneia para demonstrar sua insatisfação. É através da manifestação de suas manifestações corpóreas que ele se posiciona negando o autoritarismo e as imposições de Alice, frequentes nas ausências dos pais Sofia e Leonardo.

Sua autonomia revela-se também nos momentos de brincadeira, onde a partir de sua independência de ir e vir, ao estabelecer as relações no espaço físico, Joaquim é capaz de perceber e fazer combinações na concretude do aqui e agora. Entre os irmãos, elas aparecem como possibilidade de exploração concreta do espaço físico, ao imaginar e fantasiar brinquedos e brincadeiras disponíveis com os elementos presentes no contexto.

Quadro 43. Cena 4 do dia a dia de Joaquim

CENA 4
Bento leva a carriola para o meio do quintal. Sofia grita com ele para parar de andar com a carriola, afirmando que se ele cair vai se machucar. Bento diz que está trabalhando juntando o lixo. Ela diz para ele “Ah! Trabalhando. Eu quero ver você trabalhar lá em casa, larga essa carriola agora”. Sofia se distrai torcendo e esfregando as roupas... <b>Enquanto isso, Bento e Joaquim estão em volta do lixo queimado e da carriola. O “lixo”, na verdade, são folhas secas que alguém rastelou no quintal. Bento diz para Joaquim ter cuidado para não se machucar e pegar as folhas e as</b>

pedras “As folhas tão atais de você Joaquim, ali ó, ali ó”. Joaquim pega as folhas e as coloca dentro da carriola. Em seguida, pega o que está amontoado perto deles. Bento pega a carriola e desce em direção ao final do córrego d’água que se forma na casa de Dona Fernanda, devido à água que vaza da torneira da entrada. Bento diz para sua mãe “Ó mãe vamo queima esse lixo mãe”. Joaquim está atrás dele. Sofia me diz que Bento briga muito com Joaquim, mas cuida muito dele. Nesse momento, Joaquim está mexendo com os pedaços de pau que Bento trouxe de sua casa. Ele prendeu suas mãos entre as frestas da madeira e Bento diz para ele ter cuidado para não se machucar. Bento tenta tirar a mão de Joaquim e diz para ele que pode brincar, mas não se machucar. (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 13º dia, linhas 1164-1181).

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Quintal da casa da avó materna	Bento e Sofia	Cuidado e Brincadeira	Assume junto com o irmão o papel de trabalhador	Carriola, galhos e folhas

Joaquim vive momento de partilha dos sentidos e dos significados sobre se machucar, ao mesmo tempo em que compactua com a brincadeira de limpar o lixo disperso no quintal da avó materna. Com a linguagem, Joaquim lembra-se de uma experiência anterior do quintal de sua casa e segue as orientações de Bento para brincar e não se machucar.

Mesmo com o ciúme de Joaquim em alguns momentos, Bento mostra-se também cuidadoso com irmão, durante as brincadeiras. Ele o orienta e o resguarda nas proximidades do lixo, a partir da compreensão de que ele é pequeno e precisa de cuidados. Demonstra ter consciência do eu e também corporal dos limites e das possibilidades do que Joaquim pode fazer conforme sua idade.

O espaço físico e a atividade são objetivados na imitação do irmão ao trabalhar juntando o lixo do quintal. Joaquim acompanha as atividades e falas sobre a situação de trabalhos dos mais velhos. Em um momento de reconhecimento espacial do quintal da casa da avó, Joaquim recolhe, pega, joga os objetos que estão no chão. Ao deslocar os objetos, imprimindo força, ele realiza uma experiência sensório-motora que lhe permite entrar em contato com as diferentes características dos objetos (peso, textura, cor, etc.) e

reconhecer os limites do que ele pode e o que não pode carregar, a partir da mediação de seu irmão mais velho Bento.

Em contrapartida, esta mobilidade de ir e vir acarreta a ocorrência de machucados que se tornam objetos de conversa com as pessoas de sua rede de interação. Joaquim torna-se também além de cuidado pelos tios e tias, irmãos e irmãs, cuidador ao demonstrar preocupação com os machucados alheios.

Quadro 44. Cena 5 do dia a dia de Joaquim

CENA 5				
<p>Voltamos para a sala e ele pede a mamadeira que estava em cima do sofá em que eu estou sentada. Eu entrego a mamadeira e ele senta-se no canto do sofá. O Tio Cícero, irmão de Sofia, aparece e diz “Deixa o tio limpar seu nariz; sua o nariz”. Joaquim está sentado na ponta do sofá. <b>Ele pergunta para o tio sobre o machucado dele. Cícero mostra o machucado e ele pergunta se doeu. Cícero diz que queimou na moto. Joaquim diz que machucou também, que tinha bichinho-de-pé e que a mamãe tirou os bichinhos que estavam no pé dele. Ele desce do sofá e mostra os pés para o Tio. Ele diz “vou com você, tio”.</b> Cícero está indo para sua casa. (...). Quando eu vou lá fora, eles estão no meio do caminho, Cícero está segurando em sua mão. <b>Sofia aparece e pergunta onde está o Joaquim.</b> Eu digo que foi na avó Fernanda. Sofia vai atrás e eu vou junto. Ela quer colocar a camiseta nele. <b>Sofia me diz que quando Joaquim escapole, ele vai ligeiro para a mãe dela. Encontramos Joaquim na porta da sala. Sofia coloca a camiseta nele e diz que vai fazer papá.</b> Sofia e eu retornamos para a casa dela e Joaquim vem junto. <b>Joaquim pega uma flor na casa ao lado e chama Sofia “Mãe, coloca aqui, mãe”.</b> A Dona Fernanda diz para ele “Pôs flor atrás da orelha é coisa de mulherzinha”. Ele diz pra ela “Tchau, vovó”. Sofia diz “Fala pra vovó que você é macho”. “Macho, vovó”, diz Joaquim. <b>Joaquim vai em direção às flores da casa da Betina (vizinha). Sofia diz que não é para mexer nas flores da casa de Betina, pois da outra vez ela ficou muito brava. “Você mamãe quebrou” diz Joaquim. Ela responde “Eu não, eu sou tirei o galho”. Joaquim “não, mamãe”.</b> (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 5º dia, linhas 474-496).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Sala da casa de Sofia e Leonardo	Cícero, Sofia e Fernanda	Cuidado	Assume a posição de autonomia de ir e vir e afirma o cuidado do Tio Cícero	Não há. Há interação com uma flor.

Joaquim identifica um machucado no Tio materno e quer compartilhar que também tem um machucado. Mostrar seu pé ao Tio Cícero revela-se como uma

possibilidade de contar sobre uma experiência anterior, em que sua mãe tirou bichos-de-pé dele.

A autonomia de Joaquim de ir e vir revela, em seu cotidiano, a mobilidade de movimentar-se na Agrovila, visitando as Famílias que ali moram. Seu movimento e sua autonomia de fazer o que quer é significado como parte do crescimento de Joaquim ao ser diferente de um bebê.

**Sofia:** Bebê pra mim... Ah! Eu acho que bebê pra mim é até 2 anos já tá de bom tamanho pra bebê.

**Marcella:** Você vê alguma diferença depois dos 2 anos? Depois que não é mais bebê...

**Sofia:** Ah! **Depois que já não é mais bebê, ele já começa a andar, já começa a falar, já começa a pedir as coisas, já começa a fazer arte.**

**Marcella:** Qual é uma diferença pra você, de quando nasce até 2 anos é bebê, e depois não é mais bebê?

**Sofia:**(risos) Não, **continua sendo bebê a criança pra mim. Mas, é assim oh! Já não é mais dependente da gente, porque menino de 2 ano já conversa, já fala, já pede, já pega o que eles quê, vai onde eles quê. Agora bebê não, você tem que fazer.**

**Marcella:** Você acha que tem diferença entre o bebê e a criança pequena?

**Sofia:** Não sei, tem diferença? Bebê espera pela gente né! Porque eles num sabe pedir, não sabe... Na hora que já é grande um pouquinho, já não tem, eles não sabem esperar. (Entrevista com Sofia, Família de Joaquim, Linhas 802-815).

As saídas de Joaquim já são familiares à Sofia. Esse fato mostra-se como um dos elementos de tranquilidade da vida de Joaquim no campo, em particular na forma como a Agrovila em que mora estrutura-se, com a proximidade das casas, as trocas e a possibilidade das crianças serem observadas em seus percursos pelos moradores.

**Sofia:** **Aqui todo mundo conhece todo mundo. Aqui nós já faz 12, já faz 13 anos que eu moro aqui.** Então, aqui todo mundo me conhece. Agora lá na cidade cheguei sem conhecer ninguém, só minha cunhada. Só que minha cunhada morava do outro lado do bairro. Ela morava num bairro e eu morava no outro. (Entrevista com Sofia, Família de Joaquim, Linhas 591-594).

Além da segurança propiciada por conhecer seus vizinhos e suas Famílias, a tranquilidade do ir e vir de Joaquim é sustentada pela liberdade proporcionada às crianças na Agrovila, concebida como elemento bastante diferenciador em relação às crianças que vivem na cidade.

**Sofia:** Menino de cidade eu acho que já não tem mais liberdade pra brincar pra fora de casa, porque eu mesmo morei quatro meses lá na Franca lá. Nem no quintal eu deixava meus filhos. E aqui é livre.

**Marcella:** E aí quando você voltou para o campo, para as crianças, para o Joaquim e para o Bento que são os menores, o quê que tem de diferente?

**Sofia:** Diferente que eles ficam mais livre né? Pra brincar, eles não ficam muito inseguro (...) Eu prefiro do que a cidade.

(Trecho da Entrevista com Sofia, Família de Joaquim, linhas 537-545).

Joaquim sai para passear pela rua da Agrovila, ele reconhece o nome do morador de cada vizinho ao passar na frente da casa. Ao mesmo tempo, o contato com o espaço físico da agrovila também apresenta-se como uma possibilidade de entrar em contato com a natureza, com as plantas e com os animais que vivem na agrovila.

Outro espaço possível para exploração física e simbólica é a casa da avó paterna Neide, que mora em área de lote. Neide tem 48 anos e é mãe de filhas, uma de 1 ano Cecília e outra de 3 anos Rosana. O encontro entre as duas meninas, Joaquim e Bento é regado por muitas brincadeiras e desentendimentos.

Quadro 45. Cena 6 do dia a dia de Joaquim

CENA 6				
<p>Na casa de Fernanda, <b>Joaquim brinca com Rosana na motoca dela. Rosana está andando de motoca embaixo da árvore e Joaquim se aproxima. Ela pede para Joaquim sair e Mariana pede para ela deixá-lo andar.</b> Sofia chama Joaquim e diz para ele deixá-la em paz. <b>Mas, Rosana muda de ideia e chama Joaquim para andar. Ele senta na motoca e ela empurra.</b> Bento se senta no balanço amarrado à árvore. Joaquim se levanta da motoca e vai até o balanço. Ele rodeia Bento que pede para sair de sua frente. Joaquim vai até Sofia, que está sentada na varanda conversando com Neide, e pede água. Assim que ele bebe água, <b>percebe que Cecília está no andador debaixo da mesa. Joaquim vai atrás dela e ela tenta sair de perto dele. Ela vai para um lado, ele vai; ela vai para o outro e ele vai também.</b> Sofia diz para ele ficar quieto. Neide diz para Sofia deixar eles brincarem. (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 5º dia, linhas 557-568).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Quintal da casa da avó paterna	Sofia, Bento, tias Rosana e Cecília, avó paterna Mariana	Brincadeira	Negocia com a Tia Rosana a brincadeira de motoca e com o irmão Bento o	Motoca e Balanço



			balanço	
--	--	--	---------	--

Rosana é da mesma turma de Bento, na escola, e ainda tia de Bento e Joaquim. Ela o chama insistentemente para brincar; no entanto, quem se sente convidado é Joaquim, que se recorda de sua própria motoca e quer andar. Rosana e Bento apresentam a possibilidade de realizar atividades que exigem mais força e mobilidade, como correr com a motoca e subir na árvore. Para realizar isso, Joaquim precisa do outro, e os outros que se apresentam são Bento e Rosana, que já realizam isso com facilidade.

A diversidade diante dos olhos de Joaquim mostra-se como uma oportunidade de brincar de várias coisas e também com outros parceiros, como as tias de 1 e 3 anos. A ação ao alcance das mãos permite às crianças irem ao pé de carambola e pegar uma fruta, subir na árvore, andar pela terra, balançar, aproximar-se de vaca e porco, entre outras coisas.

Com a possibilidade de ir e vir e o desenvolvimento da linguagem, Joaquim permite-se externar suas vontades, negociar, impor-se nas brincadeiras e querer fazer o mesmo que Bento faz.

Quadro 46. Cena 7 do dia a dia de Joaquim

CENA 7				
Quando Joaquim chega na casa da avó, ele entra e eu fico do lado de fora da casa, meio sem jeito de entrar. <b>É o suficiente para eu perder o paradeiro de Joaquim. Procuro-o e ninguém sabe onde ele está. Vou até o quintal, no chiqueiro e na rua. Eu vou para a casa de Sofia, que me diz que ele não está lá. Quando eu volto para a casa de Dona Fernanda, fico pensando que ele pode ter ido à casa de alguém da Agrovila. Mas, avisto-o deitado debaixo de uma árvore ao final do terreno de Dona Fernanda, observando as folhas e sentindo suas texturas, suas cores e seus cheiros;</b> Joaquim me transmite tranquilidade e eu me espanto com a minha surpresa, rindo dos limites e das possibilidades de espaço que Joaquim tem disponível. Eu vou até ele e corto o momento mágico que ele vive. Ele me diz “Oi, Macela! Onde cê tava?”. Respondo-lhe que não sabia. (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 25º dia, linhas 2000-2010).				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Rua da agrovila, de fora da casa	Sozinho	Relação com a natureza	Assume onde quer ir e o que quer fazer e atitude	Galho e Folhas

da materna	avó		curiosa diante das folhas e galhos	
---------------	-----	--	---------------------------------------	--

O ir e vir mostram-se como um recurso para contemplar e estar nos lugares que chamam a atenção de Joaquim. Ele escolhe sair, andar, deitar, observar tudo o que está à sua volta. A ampliação do seu espaço próximo permite-lhe ampliar também os elementos que ele tem contato. Como pesquisadoras, com o nosso olhar voltado somente para as casas e as pessoas, pensamos onde ele deveria estar e não onde ele poderia estar. Joaquim extrapola seu campo de significação e experencia o meio rural e os elementos que o compõem. A textura, a cor e a forma das folhas da árvore o convidam a se dispor, a olhar e a tocar.

A apropriação do espaço físico permite-lhe concebê-lo como território que afeta e é afetado por Joaquim, que ao andar, pegar, carregar, sentar, olhar os elementos que compõem este território, constrói-se, coloca-se como parte dele.

Quadro 47. Cena 8 do dia a dia de Joaquim

CENA 8
<p>Quando eu termino de escrever, Sofia e as crianças estão na rua. Joaquim está na motoca e Diego (2 anos) está empurrando-o. Sofia me diz que Joaquim gosta muito de Gordinho (apelido de Diego), mas que esse prefere Bento e briga muito com Joaquim. <b>Joaquim me chama para ir ver a Zilda: “Passeia, Iaia (Zilda)”. Ele quer vê-la. Vamos até a casa da Dona Fernanda, ver a Zilda. Durante o caminho até lá, Joaquim acha uma sacola no chão e diz para irmos pegar jabuticaba. Iaia lhe pergunta se ele vai pegar jabuticaba e ele diz que vai. Denise me pergunta se eu estou passeando, digo que sim e ela fala para eu voltar depois.</b> A criançada toda está na rua: Carol, Stefane, Joaquim, Bento, uma menina e Francisco. Uma delas, irmã de Francisco (da mesma idade que Joaquim), diz para irmos à casa do Walter. Ele, Walter mora no final da rua do lado esquerdo. A menina nos direciona até a casa e o grita, mas ninguém responde. As crianças vão de um lado para o outro, mas constatam que ele não está e dizem que vão voltar depois. <b>Na saída, Joaquim pega uma flor do jardim do Walter.</b> (...) Passamos em frente à outra casa e João sobe na janela para pedir para a dona para pegarem jabuticaba. A moça autoriza e pede para não fazerem barulho. João sobre no pé de jabuticaba enquanto <b>Joaquim e Stefane (4 anos) me pedem para pegar jabuticaba para eles. Eu pego algumas enquanto Joaquim pega umas do chão e come. Digo-lhe para não comer do chão e entrego um punhado em suas mãos. Ele abre as duas mãozinhas para segurá-las. Joaquim come as jabuticabas e diz que quer fazer cocô. Há um pedaço de prateleira encostado na árvore, formando um túnel, Joaquim se agacha, abaixa o short e começa a fazer cocô. Stefane diz que não pode deixar Joaquim sozinho e faz o mesmo, dizendo que também está com vontade. Stefane me diz para arrumar uma folha para ela se limpar.</b> Eu lhe digo que seria melhor irmos para</p>

**casa. Ela insiste e diz que não pode sair dali e deixar Joaquim que ainda não terminou. Eu pego uma folha e entrego a Stefane. Ela a pega e se limpa. Nisso, eu pego mais jabuticaba e entrego a Joaquim, dizendo que vamos para casa. “Tá” ele diz. Stefane pega na mão de Joaquim e vamos para casa.** (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 2º dia, linhas 178-213).

CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Rua e o quintal da vizinha de frente à casa de Sofia e Leonardo	João, Carol, Stefane, Bento, Rafael e Marcella	Brincadeira	Assume suas vontades e a escolha de onde quer ir	Não há

Joaquim, que já nomeia as frutas reconhecendo sua existência, explora o espaço da agrovila para saciar sua vontade de comer jabuticaba. Pega uma sacolinha de plástico por vontade própria e chama seus parceiros de interação para irem com ele colher jabuticaba.

O compartilhamento do momento com suas primas, seus irmãos e amigos da agrovila revela a convivência entre crianças de diferentes idades, que negociam os sentidos e os significados dos elementos disponíveis no espaço físico da Agrovila. Eles negociam em qual casa irão, partilham informações sobre quem são os moradores que permitem a entrada deles e quais são os pés de jabuticaba disponíveis. As autonomias adquiridas pelas crianças pela organização sócio-espacial e ambiental da Agrovila levam-nos, ao mesmo tempo, a experimentar novas construções nesse espaço concreto.

A exploração do espaço físico pelo andar possibilita a Joaquim a exploração de si mesmo, em suas vontades e suas necessidades. O reconhecimento disso revela a autonomia de decidir quando, como e com quem realizá-las. A vontade de fazer cocô não se mostra como um empecilho, ao contrário, pode ser realizado em algum canto, no lugar em que está. Compreensão realizada também por Stefane, que compartilha a experiência, o que nos faz pensar na vivência anterior da situação.

O desenvolvimento da fala e do pensamento propicia diálogos diversificados, como o cumprimento das pessoas quando amanhece, a resposta ao ser abordado, a colocação de perguntas, a nomeação de objetos...

Quadro 48. Cena 9 do dia a dia de Joaquim

CENA 11				
<p>A capacidade de reinventar e criar em cima do barro é algo impressionante. Hoje o dia foi de churrasco! <b>Joaquim e Bento estão perto da escada na saída da cozinha. A água que escoada lavagem de Sofia do quintal, na tentativa de diminuir a poeira, acaba aumentando a sede de brincadeira. Ele pega a terra e a amassa, ele vai até o rego d'água que está próximo e coloca suas mãos lá dentro. Ele olha atentamente a água entrando em contato com seus dedos e em seguida para mim. Surpreendentemente, pergunta-me se aceito um pedaço de carne. “É caine, Macela” diz Joaquim. Ele estende as mãos e me entrega. Eu pego o barro e vou com ele até a boca. “Hum, inhame, inhame” eu saboreio a carne que ele fez. Bento se levanta e vem me dizer que é “churraisco”. Joaquim pega mais um pedaço e também se aproxima da boca, mexe seus lábios e diz “dotoso!”. Eu dou risada e digo “Está muito gostosa essa carne”. Bento ri e experimenta. “Dotosa memo!” diz Bento. Joaquim já está com terra em todo corpo. Bento também. Sofia aproxima-se e diz “Ah não, que sujeira é essa! Já para o banho”.</b>            (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 18º dia, linhas 1744-1760).            (Nota de rodapé 46, Família de Joaquim, 18º dia).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Quintal da casa de Sofia e Leonardo.	Bento, Marcella e Sofia	Brincadeira	Churrasqueiro	Lata com terra e água.

Pegar, manusear, amassar e molhar a terra demonstram como possibilidades de brincar de ser churrasqueiro. A fantasia transborda na exploração concreta da terra, que coloca Joaquim e Bento em contato direto com o ambiente e com o espaço físico que os rodeiam, como, por exemplo, diferentes possibilidades para o barro como um pedaço de carne, um bolo, com sabor, cheiro e cor.

A manipulação da terra com a água permite-lhes o contato com a (de) formação, com a transformação da textura e da cor. Eles se distinguem da terra, em suas características naturais e se transformam pelo contato com a água. Ao investigar e explorar a realidade exterior, Joaquim apropria-se do espaço concreto e de si mesmo, ao ampliar suas atividades pelo faz-de-conta, pela imaginação e pela criatividade que o manuseio da terra pode lhes proporcionar.

Em contrapartida, Sofia simplifica a brincadeira com a terra como apenas um momento de sujeira e, por isso, Joaquim e Bento devem ir tomar banho. A magia

alcançada pela fantasia em torno da terra é sentida pela pele, pelo gosto e pelo tato com ela e termina com a intervenção da mãe.

A autonomia adquirida por Joaquim é evidenciada no momento de tomar banho e de se alimentar sozinho. Sofia lista diariamente uma fila para o banho, a qual é organizada pela ordem inversa do dia anterior, ou seja, o primeiro a tomar banho em um dia foi o último do dia anterior. Tal fila é legitimada pelos filhos, na tentativa de poderem aproveitar mais a atividade que estão realizando.

O banho e o banheiro tornam-se outro espaço de brincadeira, não só de higiene. As crianças ficam, normalmente, um longo tempo, esquecidas por Sofia que realiza outra tarefa da casa. A autonomia aparente de tomar banho sozinho proporciona brincar com os objetos que estão no banheiro e fazer dele um ambiente de diversão.

Quadro 49. Cena 10 do dia a dia de Joaquim

CENA 12				
<p>Sofia diz para Joaquim que vai ligar o chuveiro para ele tomar banho. <b>Ela liga o chuveiro. Passa algum tempo, Joaquim vai para o banheiro. Eu passo na frente e a porta está aberta, ele está correndo em roda debaixo do banheiro e conversando. Eu não entendo o que ele fala. Ele me vê e pede para pegar o shampoo. “Poo Macela” diz Joaquim. Eu pego o shampoo e ele tenta pegar o pote. Eu digo que vou colocar um pouco em sua mão para ele tomar banho. “Pode ser?” eu pergunto. Ele “Podi”.</b> Assim que coloco em sua mão, ele passa um pouco para a outra mão e coloca as duas mãos na cabeça. Ele massageia a cabeça, esfregando de um lado para outro. <b>Rose chega e vê a cena. “Sofia, precisa ver ele esfregando a cabeça com shampoo” diz Rose. Sofia “Você deu meu shampoo pra ele Marcella?”. Eu digo rindo que sim. Eu brinco que ele tem direito também. Ela responde rindo “O meu né”. Ele me pede “queme”(creme). Eu digo para ele pedir para a tia dele. Ele a chama e ela coloca um pouco em suas mãos. Joaquim sai do banho e me diz “Tomei banho, Macela”.</b> Sofia o vê peladinho, pega a toalha e o enrola. Ela o leva para o quarto e coloca uma cueca e a babucha. (Trecho de Diário de Campo, Família de Joaquim, 1º dia, linhas 89-104).</p>				
CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
Banheiro da casa de Sofia e Leonardo	Marcella e Rose	Cuidado	Assume tomar banho sozinho, seguindo os passos de como fazer.	Sabonete, bucha, shampoo e condicionador.

Lavar o cabelo, os pés, a babucha são passos identificados por Joaquim como necessários para o momento do banho. Há a necessidade do outro, portanto, para garantir o enxugar e o trocar dele, que compreende isso avisando que terminou de tomar banho.

A decisão de Joaquim tomar banho sozinho é acompanhada também pela autonomia de comer sozinho e de usar também o banheiro. A falta de um tônus muscular definido limita-o para pegar o pote de creme ou o vasilhame do shampoo; assim como para encher a colher com comida, quando se está comendo. No primeiro caso, ele conta com a ajuda das pessoas próximas para pegá-los na prateleira, que limita sua ação pela altura, além do peso e do tamanho dos potes. Da mesma forma, quando ele come, utiliza a própria mão para conseguir encher a colher. Esta autonomia adquirida possibilita-lhe o desenvolvimento de um conhecimento prático. Joaquim é o filho que não rejeita nenhum tipo de alimento. Ele come frutas, verduras e legumes, doces, salgados e amargos..

A rede de Joaquim é construída com particularidades e elementos universais da infância de 2 a 3 anos. A necessidade de investigar e explorar a realidade exterior possibilita-lhe entrar em contato com os elementos circunscritores da vida na Agrovila e consigo mesmo. A vida na agrovila propicia o contato com pessoas de diferentes idades, com sua própria organização na proximidade e interdependência das casas e com os elementos do meio rural, como as árvores frutíferas, os animais e a própria terra.

Joaquim afeta e é afetado pela independência de ir e vir, pela exploração, manipulação e identificação dos objetos presentes em seu cotidiano; compartilhando os sentidos e os significados em suas relações com o meio. O quadro, a seguir, possibilita visualizar a materialidade da diversidade nas 11 cenas escolhidas para apresentação, para este momento:

Quadro 50. Síntese das cenas dos dias de Joaquim

CENA	CENÁRIO	PARCEIROS	TIPOS DE RELAÇÃO	PAPÉIS	INTERAÇÃO COM OBJETOS E/OU AMBIENTE NATURAL
1	Sala da casa de Sofia e	Sofia	Brincadeira	Assume a escolha de	Não Há.

	Leonardo			onde quer dormir e imita a mãe na brincadeira das frutas	
2	Sala da casa de Sofia e Leonardo	Alice	Cuidado	Assume Alice como cuidadora e o papel de paciente	Gases, pomada e algodão
3	Sala da casa de Sofia e Leonardo	Sofia, João, Bento e Marcella	Cuidado autoritário	Nega o autoritarismo e as imposições de Alice	Prato e bichos de pelúcia
4	Quintal da casa da avó materna	Bento e Sofia	Cuidado e Brincadeira	Assume junto com o irmão o papel de trabalhador	Carriola, galhos e folhas
5	Sala da casa de Sofia e Leonardo	Cícero, Sofia e Fernanda	Cuidado	Assume a posição de autonomia de ir e vir e afirma o cuidado do Tio Cícero	Não há. Há interação com uma flor.
6	Quintal da casa da avó paterna	Sofia, Bentos, avó paterna	Brincadeira	Negocia com a Tia Rosana a brincadeira de motoca e com o irmão Bento o balanço	Motoca e Balanço
7	Rua da agrovila, de fora da casa da avó materna	Sozinho	Relação com a natureza	Assume onde quer ir e o que quer fazer e atitude curiosa diante das folhas e galhos	Galho e Folhas
8	Rua e o quintal da vizinha de frente à casa de Sofia e Leonardo	João, Carol, Stefane, Bento, Francisco e Marcella	Brincadeira	Assume suas vontades e a escolha de onde quer ir	Não há.

9	Quintal da casa de Sofia e Leonardo	Bento, Marcella e Sofia	Brincadeira	Churrasqueiro	Lata com terra e água.
10	Banheiro da casa de Sofia e Leonardo	Marcella e Rose	Cuidado	Assume tomar banho sozinho, seguindo os passos de que e como fazer.	Sabonete, bucha, xampu e condicionador.
11	Sala da casa de Sofia e Leonardo	Sofia	Cuidado	Assume de comer sozinho	Colher e prato.

Ao todo, nas cenas observadas, Joaquim interage com 5 adultos, 1 jovem e 8 crianças de diferentes idades e papéis. Os espaços em que circulou foram principalmente: o quintal de sua casa, o lote de sua avó paterna Mariana, a rua e as casas dos vizinhos da agrovila. Os objetos foram colher, prato, shampoo, condicionador, lata, mangueira, bichos de pelúcia, gases, carriola, com destaque também para a interação com os elementos do ambiente natural.



## 8. RABISCANDO SOBRE COTIDIANOS DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DO CAMPO E SUAS FAMÍLIAS

“(...) Por que se mantém nos ramos  
até que as folhas caíam?  
E onde ficam penduradas  
suas calças amarelas?  
O outono não parece esperar  
que alguma coisa aconteça?  
Talvez o tremer de uma folha  
ou a marcha do universo?  
Há um ímã sob a terra,  
um ímã irmão do Outono?  
Quando se enuncia sob a terra  
a designação da rosa?”  
**Pablo Neruda**

O olhar geral enraizado nos nós formados entre as contribuições da *RedSig* e da pesquisa etnográfica, levaram a chamar esse momento como “Rabiscando sobre cotidianos...”, por entender, tal como posto por Carlos Drummond de Andrade (2012), como um ofício que exige do autor que o empreende tornar o leitor cúmplice do seu olhar sobre o cotidiano, que viveu e registrou.

Com base em Vasconcelos e Rossetti-Ferreira (2004), o olhar como observadora foi constituído, misturando-se e distinguindo-se dos sujeitos da pesquisa ao viverem seus cotidianos, na medida em que, pelas nossas expectativas, observamos estes cotidianos, em nossas capacidades orgânicas de olhar, observar, pensar, lembrar, registrar, conhecendo-os através da *percepção* de características desse mundo das crianças de 0 a 3 anos do campo, captadas pelos nossos órgãos sensoriais. Mas, ao mesmo tempo, este fenômeno de conhecer, a partir das contribuições de Maturana (1997b), citado por Vasconcelos e Rossetti-Ferreira (2004), concretizar-se também como dependente das minhas características pessoais e acadêmicas – enquanto mulheres, brasileiras, mineira, paulista, uberlandense, sertanezina azeitunista, psicólogas, pesquisadoras, orientadora, orientanda, cindedianas e seiterrianas.

E, a partir da multiplicidade destas características, buscamos escarafunchar a totalidade do cotidiano. É isto que nos revela e toca-nos neste momento: apresentar o nosso olhar para o todo, pelo próprio compromisso com as crianças de 0 a 3 anos e suas Famílias, e pela sensibilidade de partilhar suas vidas conosco. Ressaltamos, que, pelas nossas próprias limitações acadêmicas, não se trata de esgotar, abordar e analisar o conceito “cotidiano”, mas sim no sentimento do que esta totalidade representa e como é

composta nos dias de crianças de 0 a 3 anos, através de um empreendimento etnográfico de uma descrição densa e intensa sobre dias de vida no campo, tanto das crianças e suas Famílias, como da própria pesquisadora. Em contra partida, compreendemos que neste todo houveram elementos que nos chamaram mais atenção, como a realidade retrabalhada do cotidiano do campo, a própria criança de 0 a 3 anos, o campo como ambiente e as significações e práticas familiares, que provocaram ressonâncias em nosso olhar.

Dentro da realidade da comunidade investigada, salta aos nossos olhos os números obtidos na configuração dos dias das 16 crianças de 0 a 3 anos da comunidade, com olhar aprofundado para três delas. A comunidade se situa e faz parte de um contexto macro. Existem hoje 1,95 milhões de crianças na faixa etária de 0 a 3 anos, conforme dados apresentados por Rosemberg e Artes (2012), que têm como situação de domicílio a zona rural, correspondendo a 17,87% da população brasileira de 0 a 3 anos de idade, recenseadas pelo *Censo Demográfico* em 2010. Segundo as autoras, os dados sociodemográficos sobre a distribuição de renda, em cada faixa etária, indicam a situação das condições de vida das crianças. Entre as 1,95 milhões de crianças de 0 a 3 anos, residindo em área rural, 71% viviam em Famílias cujo rendimento domiciliar *per capita* situa-se no primeiro quartil de rendimentos, o que representa um montante de até R\$ 192,31 mensais por morador:

Tabela 7. Distribuição da população por faixa etária, situação do domicílio e quartis de renda (%). Brasil, 2010

Quartis (em R\$)					
	1°	2°	3°	4°	Total
0 a 3					
Urbano	32,8	30,4	21,0	15,9	100,0
Rural	71,0	20,2	6,4	2,4	100,0

Fonte: Rosemberg e Artes (2012)

Para as autoras, os dados apresentados sobre as faixas etárias 0 a 3, 4 a 6, 7 a 14, e 15 em diante, nas áreas urbanas e rurais, revelam índices de pobreza contínuos altos e mais intensos entre crianças do que entre adultos. E concluem que:

a dívida brasileira para com as crianças não decorre apenas da desigual distribuição de rendimentos pelos segmentos sociais, mas também da desigualdade distribuição dos benefícios das políticas sociais (Rosemberg & Artes, 2012, p. 18).

Essa não é uma realidade somente brasileira. Segundo o relatório de 2005 “Uma Geração sobre ameaça”, do Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, segundo o relatório de 2005 “Uma Geração sobre ameaça”, da UNICEF, de acordo com Sarmiento (In Delgado & Müller 2006), as crianças são as principais vítimas da pobreza, podendo-se dizer que “uma em cada duas crianças no mundo é pobre e um em cada dois pobres é uma criança” (p.18).

Paula, Maria e Joaquim inserem-se em um contingente nacional de 2,8 milhões de crianças de 0 a 6 anos, que fazem parte de programas sociais, como o “Brasil Carinhoso”, que tem por objetivo declarado a superação da extrema pobreza na primeira infância (Brasil, 2012). Sendo que suas Famílias já fazem parte do “Bolsa Família”, que tem por objetivo a transferência direta de renda que beneficia Famílias em situação de pobreza e extrema pobreza em todo o país (Brasil, 2004).

Mesmo com algumas tentativas de diminuir este abismo social entre as crianças de 0 a 3 anos e as outras crianças, ainda, há um silêncio sobre os lugares, os espaços, as atividades, os cuidados, as vontades dos bebês e suas Famílias.

Rosemberg (2013) declara que há um preconceito social contra o bebê, não como filho, mas contra o bebê cidadão. Isto a faz questionar: “Em São Paulo, por exemplo, em um dia, quantos bebês você encontra em seus espaços de circulação, nos espaços públicos?”. Esta questão revela uma concepção majoritariamente dominante, que vincula, prioritária ou exclusivamente, os bebês aos espaços domésticos, à esfera do privado (Laviola, 2010, p.14) e contribui para que, na sociedade brasileira, prevaleça uma concepção de bebê considerado imaturo, frágil e dependente (M. Lima, 2004; Galvão, 2008; Laviola, 2010).

Na articulação desse questionamento com os interesses que moveram esta pesquisa, poder-se-ia perguntar sobre os espaços disponíveis para os bebês do campo e levantar hipóteses sobre o quanto, também nesse exercício, não obscurecemos as diversidades que compõem as possibilidades de ser criança, em área rural. O silenciamento político e acadêmico em relação às crianças de áreas rurais produzem-se a partir da hegemonia construída pela urbanização e em torno dos padrões de urbanidade. Relatório recente da UNICEF (2012), por exemplo, ao explicitar a gravidade das

condições de vida de crianças em cidades médias e grandes no mundo, constrói seus argumentos tratando o campo como espaço e modo de vida residuais, ou como marcado por um processo inevitável de extinção. Constrói o relatório por meio de um discurso polarizado, a partir do centro de forças garantido pelas cidades, que em nada contribui para tirar as crianças de área rural do esquecimento, produzido historicamente. Ao contrário, reforça processos de invisibilidade desses sujeitos que vivem hoje, nesses ambientes, seus momentos e processos de vida. A palavra “rural” é citada 90 vezes, em todo relatório, em gráficos, tabelas e imagens, sucumbida e engolida pelo tido **mundo urbano**<sup>28</sup>.

A concretude dos dias das crianças de 0 a 6 anos do campo, conhecidas pela nossa pesquisa, ressalta, na inteireza do cotidiano, os diferentes elementos que compõem um dia de bebê, em um assentamento rural. Mais especificamente, um assentamento rural localizado na região sudeste, no Estado de São Paulo. Quando realizamos o cruzamento destas informações e verificamos a quantidade de pessoas por Família com crianças de 0 a 3 anos, em membros, filhos e filhas por Família, visualizamos a seguinte tabela:

Tabela 8. Relação entre pessoas por domicílio, filhos por mulher e crianças de 0 a 3 anos

---

<sup>28</sup> Conferir o gráfico “Um mundo Urbano”, que apresenta os países e territórios cuja população urbana ultrapassa cem mil habitantes. São círculos coloridos enraizados numa compreensão que sobrepõe o urbano em relação ao rural. (UNICEF, 2012, p. 8). Disponível em: [http://www.unicef.pt/18/Relatorio\\_SituacaoInfancia2012.pdf](http://www.unicef.pt/18/Relatorio_SituacaoInfancia2012.pdf)

	FEDERAÇÃO, REGIÃO, ESTADO, CIDADE E COMUNIDADE SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO												
	BRASIL			SUDESTE			SÃO PAULO			CIDADE			COMUNIDADE RURAL INVESTIGADA
	Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural	Total	
Média de pessoas por domicílio	3,3	3,7	3,3	3,2	3,4	3,2	3,2	3,4	3,2	3,63	3,51	3,13	5,64
Média de filhos por mulher	1,83	2,59	1,90	1,69	2,33	1,70			1,67			2,14	3,19
Crianças de 0 a 3 anos	8.898.571	1.954.294	10.938.867	3.804.405	302.522	4.106.927	2.033.532	87.473	2.128.004	431	106	537	16

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

Os diferentes níveis de apreensão da conjunção dos elementos em situação de domicílio, faixa etária, taxa de fecundidade, componentes das Famílias, revelam sujeitos e histórias que não são contabilizadas. Pela própria configuração do Brasil, em extensão e composição de uma diversidade de povos do campo e da floresta, as famílias residentes em áreas rurais revelam-se em famílias extensas, com maior número de membros por família e taxa de nascimento por mulher.

Quando comparamos a média de pessoas por domicílio do país e da região sudeste, com aquela da amostra, encontramos um número bem maior no caso da amostra. O mesmo vale para a média de filhos por mulher. As mães Paula, Griselda e Sofia tiveram, respectivamente, 6, 6 e 4 filhos. Especialmente, em se tratando das Famílias de Paulinha, Maria e Joaquim, há por família 8, 8 e 6 membros, respectivamente, entre somente pais, mães e filhos. Este número estende-se quando ampliamos o olhar para a rede de relações familiares próximas, como retratamos nas cenas escolhidas de cada criança.

Paulinha, Maria e Joaquim inserem-se, ao mesmo tempo, às crianças de 0 a 3 anos completos, que dentro da região Sudeste, correspondem a 52% no estado de São Paulo, 24% no estado de Minas Gerais, 19% no estado do Rio de Janeiro e 5% no estado do Espírito Santo (IBGE, 2012).

O resultado dessa comparação pode indicar duas possíveis interpretações, não necessariamente excludentes: a condição empobrecida daquelas Famílias, que leva à dividirem com muitos membros a casa; a solidariedade presente na comunidade, que leva a acolher diferentes gerações da Família no mesmo domicílio. O resultado desse processo, para aquilo que nos interessou, foi verificar a extensa quantidade de pessoas, adultos e crianças, com as quais interagem as crianças de 0 a 3 anos. Isso revelou um movimento bastante diferente, praticamente oposto àquele propalado no senso comum acerca de um possível isolamento das crianças, que vivem em centros urbanos. No caso das crianças do assentamento, verificamos a convivência com diversas pessoas, que se organizam em uma dinâmica não só composta pela unidade familiar e por laços consanguíneos, mas também por laços de criação. Efeito semelhante, em outras populações não rurais, foi constatado por Szymanski (2001) e Fonseca (2005).

Assim, as crianças de 0 a 3 anos desta comunidade convivem com crianças de suas idades, mais velhas e, ainda com adultos familiares e/ou não. A composição destas redes de relações de cada criança pode ser visualizada a seguir:

Quadro 51. Rede de relações de cada criança de acordo com local de moradia e geração de parceiros

Criança Idade	Mãe	Local de moradia no assentamento	Parceiros de interação cotidiana			
			Adultos	Jovens	Crianças	TOTAL
Menina de 3 meses	Karina	Agrovila	2	0	1	3
Menino de 2 anos	Débora	Lote	1	1	3	5
Menino de 3 anos	Débora	Lote	1	1	3	5
Menino de 1 ano e 2 meses	Pamela	Agrovila	3	0	1	4
Menino de 1 ano e 5 meses	Sofia	Agrovila	8	4	2	14
Menino de 3 anos	Sofia	Agrovila	8	4	2	14
Menina de 7 meses	Maiara	Lote	1	0	3	4
Menino de 22 dias	Anamaria	Agrovila	8	4	4	16
Menina de 3 anos	Mariana	Lote	2	5	2	9
Menina de 2 anos	Teresa	Lote	2	0	3	5
Menina de 1 ano e 11 meses	Leticia	Agrovila	2	2	1	5
Menina de 2 anos	Helen	Agrovila	5	1	1	7
Menino de 2 anos	Isabella	Lote	2	0	3	5
Menino de 2 anos	Joaquina	Agrovila	3	0	1	4
Menina de 10 meses	Paula	Agrovila	8	4	4	16
Menina de 1 ano e 4 meses	Cristina	Lote	10	1	3	14
TOTAL			49	18	28	95

Fonte: Resultados dos 16 questionários aplicados na comunidade rural investigada

São 49 adultos, 18 jovens e 28 crianças, que no processo de desenvolvimento dessas 16 crianças de 0 a 3 anos, além de serem interlocutores, parceiros de interação, tornam-se recursos, meios das vidas individuais (Wallon, in Werebe & Nadel, 1986). São diferentes os papéis exercidos pelos adultos (pais, mães, tios, avôs, avós,

madrinhas, padrinhos, irmãos e irmãs, mães e avós postiços). Outros papéis também são desempenhados pelos adultos, outras crianças e jovens: agricultores, estudantes, vizinhos, diaristas, carvoeiros, militantes, cooperados, associados, entre outros. Seus diferentes papéis os qualificam como pertencentes a diferentes grupos sociais e, na relação com as crianças, possibilitam contrapapéis a partir desses outros categoriais (Idem, 1986). Carvalho, Pedrosa e Rossetti-Ferreira (2012) falam que “há mais gente lá fora” do mundo da Família. Partindo de uma abordagem que evidencia as interações humanas como constitutivas do desenvolvimento humano, as autoras historicizam “o mundo lá fora” pela vida de Waripa, da aldeia Parakanã, cuja convivência com o mundo “lá fora” é de um mundo “sempre foi cheio de pessoas conhecidas, um mundo social diversificado e seguro” (p.155). Como o é para Paulinha, Maria e Joaquim, representando as 16 crianças.

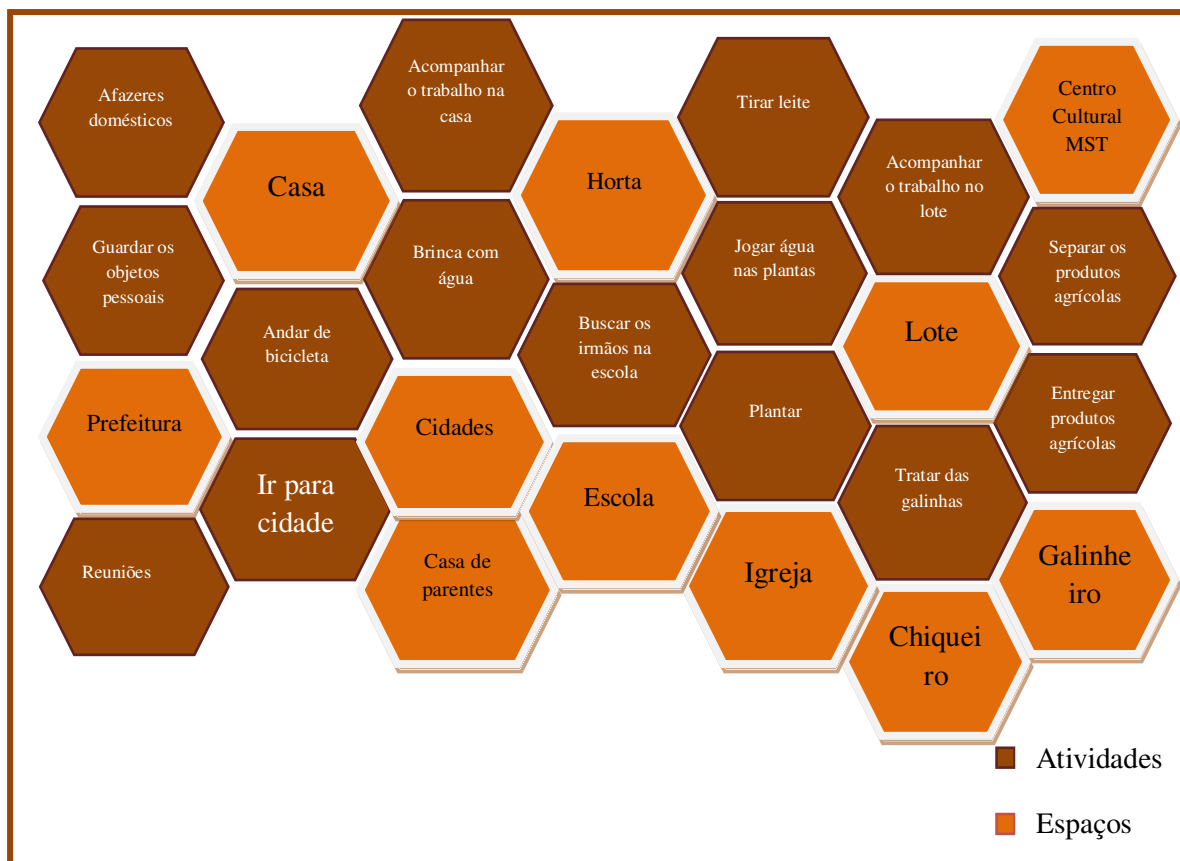
A vida em comunidade, no caso investigado, é facilitada pela distribuição socioespacial do assentamento e pelos encontros e vida social que promove a organização por Agrovilas. Para as crianças, constituem-se em locais de brincadeira e de troca com outras crianças. A interação é ainda potencializada pela história do assentamento, que já tem gerações nascidas e criadas naquele espaço. Joaquim, por exemplo, em seus 2 anos e 5 meses anda por toda a agrovila, vai em todas as casas dos moradores e os chama pelo nome, pela relação de segurança estabelecida e pelos anos de convivência entre as Famílias.

As relações constituem-se em emaranhados: Paula, Sofia e Griselda não são vizinhas, mas possuem relações de parentesco. Griselda é cunhada de Paula e seu marido foi vizinho desta, na época do acampamento. Os filhos das duas são criados com muita proximidade. Sofia foi diarista de Paula e é cliente das quitandas de Griselda.

A figura abaixo, construída com a intersecção das figuras 17 e 18, demonstra a amplitude de espaços e atividades das crianças até 3 anos no assentamento, o que caracteriza uma vida social bastante intensa.

Figura 18. Rede de espaços e atividades das crianças de 0 a 3 anos





Fonte: 16 questionários aplicados na pesquisa

A figura 18 foi construída pela interligação entre as atividades e os espaços onde são produzidos. Esta rede evidencia que, ao ser colocada pelo seu nascimento em uma matriz social geradora de significados (Oliveira, 1988), a cada criança de 0 a 3 anos também foi imbuído constituir-se no ambiente em que estes significados foram e serão atribuídos, assumidos, negados e recriados na própria interação entre a criança e seus outros, mas também na interação entre a criança e o ambiente. E, neste processo de confronto do ambiente, das pessoas, das relações e suas significações ali constituídas, dos papéis assumidos e/ou atribuídos nestas diferentes atividades, que a criança se desenvolve ao dominar os hábitos e as formas de comportamento de uma determinada cultura.

A concepção frágil e dependente do bebê não foi fortemente verificada na pesquisa. Pelo contrário, mesmo apreendendo uma preocupação grande em relação aos cuidados que a faixa etária exige, em especial quando são ainda menores, havia, ainda, uma disposição de incluir as crianças nas atividades e nos experienciados pelas famílias.

A circulação e as possibilidades de exploração de espaços diferenciados ocorrem pelas características socioambientais espaço rural, assim também pela história da

comunidade e pela vinculação dos membros da Família à associação de agricultores. A dinâmica da produção, vinculada à ausência de um espaço institucional para as crianças até 3 anos no assentamento, gera um situação em que os dias das crianças ficam bastante dependentes da dinâmica de produção e organização das Famílias, principalmente, das mulheres. O próprio conceito e os limites do que seja o doméstico ressignificam-se, uma vez que os quintais, a plantação e os lotes compõem também um espaço de segurança para a criança circular.

Integrando as descrições dos dias típicos e de final de semana das crianças (conforme quadro 10), há diferentes espaços próximos ou distantes para cada idade e gênero:

Quadro 52. Espaços dos dias típicos e de final de semana

Idade	0 a 1 ano	1 a 2 anos	2 a 3 anos
FEMININO	Na casa da avó e da tia na cidade (3 meses)	Quintal da área da agrovila (1 ano e 11 meses)	Galinheiro (3 anos, 2 anos e 8 meses)
	Horta (7 meses)	Igreja (1 ano e 11 meses)	Entorno da casa do lote (3 anos)
		Lote (1 ano e 4 meses)	Associação (2 anos e 8 meses)
	Casa (10 meses)	Entorno da casa no lote (1 ano e 4 meses)	Lote (2 anos e 8 meses)
Casa do Pai na cidade (1 ano e 4 meses)			
Masculino	Casa (22 dias).	Casa da Tia na agrovila (1 ano e 2 meses).	Casa de vizinhos da comunidade (2 anos)
		Escola do Assentamento (1 ano e 5 meses)	Casa da avó na cidade (3 anos; 2 anos)
	Casa da avó no assentamento (22 dias)	Quintal (1 ano e 2 meses; 1 ano e 5 meses)	Casa (2 anos)
		Represa (1 ano e 5 meses)	Cidade (2 anos)
			Entorno da casa da agrovila (3 anos e 3 meses; 2 anos)

	Escritório da associação (22 dias)		Entorno da casa no lote (2 anos; 3 anos)
		Rua da agrovila (1 ano e 2 meses; 1 ano e 5 meses)	Entorno da casa do Lote (2 anos)
			Represa (3 anos e 3 meses)

Fonte: Resultados dos 16 questionários aplicados na comunidade rural investigada

As crianças, em grande parte, são carregadas com suas mães. Um bebê de 7 meses é levado à horta sem eu carrinho; Artur, recém-nascido de 22 dias, acompanha sua mãe no escritório de seu trabalho, localizado em um espaço da própria área da agrovila; Paulinha, em seus 10 meses de vida, circula em todos os espaços de atuação e ação da madrinha-mãe Paula, nas atividades de agricultora, de presidente de Associação de mulheres e de liderança de um movimento social.

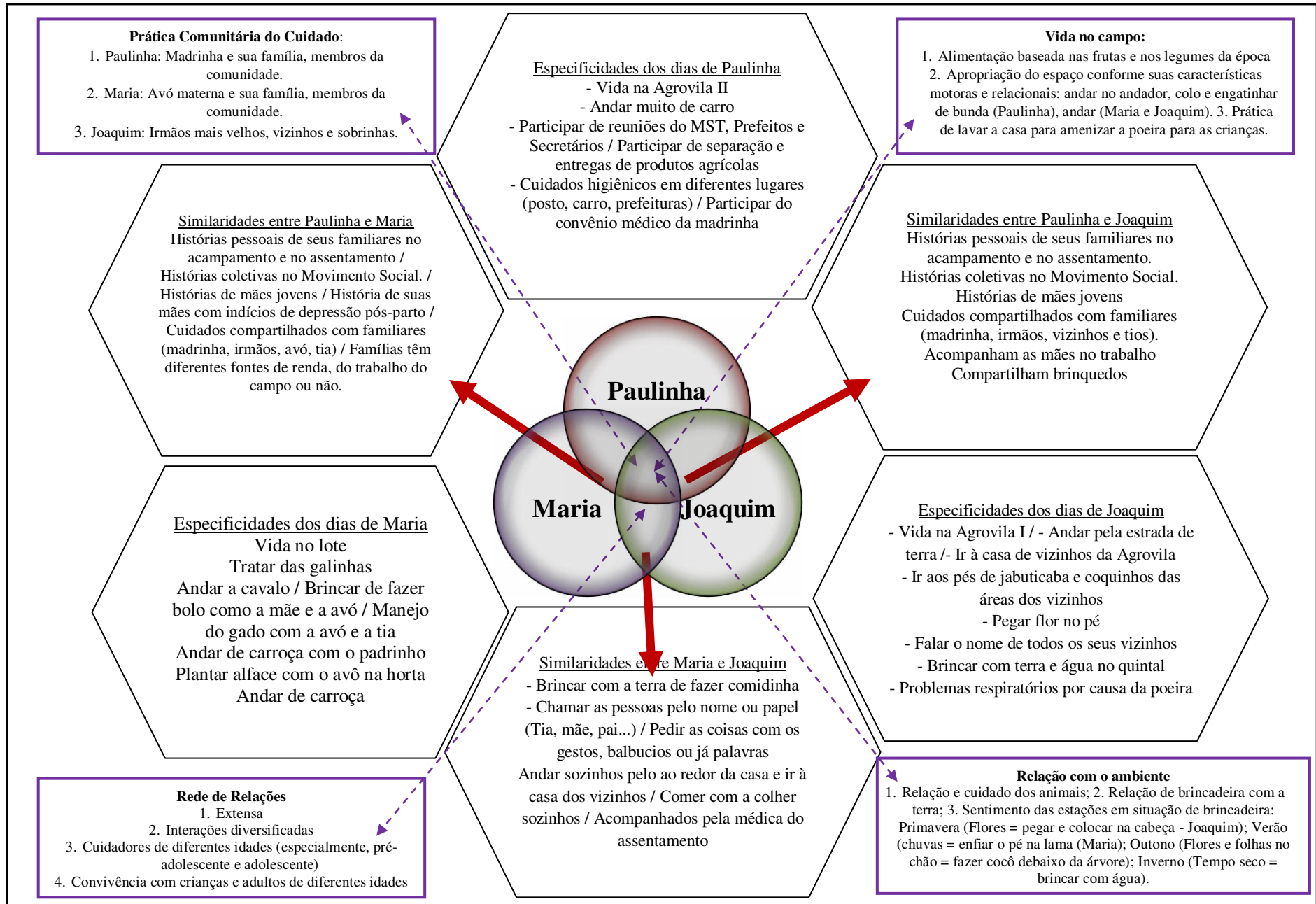
Imersos em rede de relações extensas, em um contexto de ausência de políticas públicas para as crianças de 0 a 3 anos, Paulinha, Maria e Joaquim têm seus cuidados e sua educação organizados diariamente conforme as concepções e as expectativas de seus responsáveis, familiares ou não. Há um diálogo entre o que eles necessitam em seus cuidados diários e as atividades domésticas e de trabalho. Nesta negociação, a decisão do que, como, com quem, onde fazer é geralmente é tomada pelas mulheres consideradas por elas mesmas as responsáveis principais pelo cuidado das crianças e da casa.

Nos três casos investigados mais de perto, evidencia-se uma verdadeira mobilização de todos os membros da Família e conhecidos como forma de conciliar as atividades da Família e as necessidades das crianças. Irmãos assumem responsabilidades, avós assumem-se como mães, os pais também colaboram. Entretanto, Paula, Sofia e Griselda, centralizam as decisões e as atitudes necessárias para garantir o cuidado e a educação destas crianças. Elas são e colocam-se como responsáveis por definir: a rotina; as atividades domésticas; a alimentação das crianças; os lugares onde vão, com quem e como irão sair. São definições e orientações realizadas diariamente que compõem os diferentes papéis que estas mulheres ocupam como mães, militantes, quitandeiras, diaristas, carvoeiras e também madrinhas e avós.

Os diferentes sujeitos e as mulheres organizam o cotidiano das crianças fundamentados em suas próprias experiências, adquiridas com base em outras relações

de cuidado ou não. Na conjunção dessas experiências, as práticas e as significações produzem a organização diária de Paula, Maria e Joaquim com similaridades e distanciamentos. A figura a seguir tenta sintetizar esse processo:

Figura 19. Diagrama de singularidades e intersecções entre Paulinha, Maria e Joaquim



As redes de Paulinha, Maria e Joaquim são compostas por diferentes elementos do cotidiano do campo, mas também permeadas pelos processos de desenvolvimentos típicos da faixa etária e de segmento nessa faixa (0 a 1 ano; 1 a 2 anos e 2 a 3 anos). Paulinha, por exemplo, vive sua cotidianidade pelas proximidades às relações de sua madrinha Paula. Essas relações permitem-lhe e possibilita-lhe, seja estando em seu colo, no andador ou no chão engatinhando de bunda. Isto se deve pela interdependência de seu organismo-meio, pois seus movimentos são restritos ao espaço próximo, pela falta de controle do tônus muscular e aí “é inevitável a mediação do meio social na relação dela com o meio físico” (Carvalho, Pedrosa & Rossetti-Ferreira, 2012, p. 71). Já Maria e Joaquim, com o desenvolvimento da marcha e da linguagem, vivem o campo de outra forma. Andam na área na agrovila e no lote, e atribuem sentido, através do refinamento de seus gestos, vocalizando e falando mais e mais palavras a cada dia. Mesmo sendo semelhantes, neste aspecto, ainda há diferenças marcantes entre os dois, no que diz respeito à explicitação dos sentidos, já que Joaquim explicita-se pela fala verbal aprimorada. As características peculiares de cada idade provocam relações particulares com o ambiente e, portanto, o meio não é o mesmo para eles... (Idem, 2012).

As próprias descrições das redes de Paulinha, Maria e Joaquim diferenciam-se analiticamente. Enquanto as de Paulinha voltam-se à sua rede de relações e de que forma elas organizam-se, em diferentes espaços e atividades. Maria e Joaquim passam seus dias voltados ao entorno de suas casas e as pessoas que as frequentam.

Segundo Vigotski (2006), o bebê, quando nasce, tem seu comportamento imerso ao social, deve recorrer às outras pessoas para satisfazer suas necessidades e conseguir algo. Isto é evidente pela própria compreensão de que Paulinha centraliza as atenções em sua volta, ao atuar em seu espaço próximo, no colo das pessoas que dela cuidam. É claro que isto se transforma durante os 25 dias de observação. Faltando um mês praticamente para completar 1 ano de vida, já não se passam ilesos que os processos de desenvolvimento, como firmar-se em pé e ensaiar alguns passos; o chamamento de Paula, Sebastião, Janete, e de Anamaria; o pedido de água; entre outros... Manifestando-se dia a dia. Na crise do primeiro ano de vida (Vigotski, 2006), Paulinha está imersa em compreensões do momento ideal de andar, também sendo comparada aos de seus irmãos e irmãs (Henrique, Sebastião, Rafael e Anamaria); nas interpretações do que ela vocaliza e já é considerado fala; e nos efeitos de suas vontades, ao reagir a colos (in)

desejáveis, comidas (des) conhecidas, brinquedos (des) gostosos, chamadas de atenção de Paula...

Por outro lado, Maria e Joaquim andam livremente em buscas de suas curiosidades, nos quintais de sua casa e nas extremidades do lote. A própria relação com o meio exterior (Vigotski, 2006) diferencia-se em Maria em relação à Paulinha em seus comportamentos e atividades na situação concreta. Enquanto a segunda, representando a faixa etária de 0 a 1 ano, está impregnada diretamente pelas pessoas à sua volta e ao espaço próximo, aquela tem suas ações voltadas para o concreto, para o que é manifesto no papel que desempenham as próprias coisas, os objetos concretos dentro da situação do aqui e agora.

Os olhares de Maria voltam-se aos barulhos do cavalo que se aproxima da casa, esquecendo e surpreendendo-se com o som, indo até ele. Maria surpreende-se, gesticulando e expressando por meio da fala sons de susto ao ouvir barulhos e ver objetos que lhe chamam atenção. Como afirma Vigotski (2006), é como se “cada objeto emanase um afecto de atracción o repulsión que es el motivo que estimula al niño” (p.342). Por isto, ela se volta em seus dias às atividades que seus avôs, tios e pais estão atuando e agindo, querendo imitá-los em seus gestos e palavras.

Da mesma forma, Joaquim atenta-se para o que está em sua casa, em volta dela e na vizinhança. Reconhecendo as pessoas e a propriedade de suas casas, assim como quais delas têm pés de jabuticaba, de coquinho e de flores carregados. Além disso, a fala mais consolidada em Joaquim evidencia outros elementos importantes da percepção das pessoas e do ambiente. Ele começa a tomar consciência - não de forma separada como nos adultos, mas sim integralmente - de perceber e elaborar, com ajuda da memória e do pensamento. Por exemplo, em uma situação na qual chegamos da cidade e ele reconhece o carro de longe, dizendo aos pais que era a Marcella que estava chegando.

Ele vem e me diz alguma coisa. Ele fala sobre o meu carro. Eu, Sofia e Leonardo questionamo-lo se ele está dizendo que meu carro está guardado. Ele diz que não. Ele fala de novo que guarda alguma coisa. Não entendemos. Aí ele me diz “Vem cá, Macela, vem cá”. Ele pega em minha mão e me leva até a casa. Escuto ao longe Leonardo se perguntando com Sofia o que será que Joaquim quer lhe mostrar. Joaquim continua falando ao longo do caminho. (...). Entramos na cozinha e Luan abre a geladeira. A surpresa: Luan aponta para a minha garrafinha de água e diz “Guardei Macela, tá gelada, é sua!”. (...) Eu lhe pergunto se posso beber a água da garrafa. Ele diz “Pode, é sua”. (...) Conto para Sofia e Leonardo o que aconteceu. Eles ficam tão abismados como eu. Leonardo pergunta para Sofia quem guardou a garrafa da

Marcella. Joaquim diz “Guardei”. Sofia ri e diz “Eu achei ela em cima do sofá, lavei e guardei”. Joaquim sai correndo pela rua e volta falando “Guardei”. (Trechos dos dias Joaquim, 15º dia, linhas 1450-1468)

Quando a pesquisadora desce do carro, ele a chama para dizer que sua garrafinha de água havia ficado dentro da geladeira, ela não compreende a informação com exatidão, até mesmo pela indefinição das pronúncias dos fonemas, mas desenvolvido dentro do sentido em que ele expressava. Ele, progressivamente, aumentava a quantidade de seu léxico, como na brincadeira com a mãe Sofia de repetir nomes de frutas, mesmo com dificuldades de dominar novas palavras. Neste exercício proposto, ele dominava, aos poucos, os sons que se expressavam à sua volta.

O surgimento da fala em Maria e em Joaquim até nos provocava, em alguns momentos, a interpretar os sentidos de seus contatos com a terra, com a vizinhança e com os animais, pelas próprias diferenças de atuação em suas relações e no ambiente. Isto pode ser compreendido pelos diferentes aspectos que compõem o registro das situações concretas com a expressão da fala (Vigotski, 2006); pelos próprios aspectos fônicos da linguagem de Maria e de Joaquim; pela própria forma que sua linguagem é sentida pelas pessoas que falam em torno deles, interpretando-os de forma congruente ou diferente ao que eles expressavam; pela própria diferenciação semântica dos sentidos possíveis de suas vocalizações e palavras faladas; e pelos próprios tipos de relação das unidades sonoras semânticas próprias do idioma português-brasileiro, sendo assimilado por Maria e Joaquim em sua configuração, na medida em que são apresentadas para eles.

Isto também é circunscrito pelas diferenças de organização espacial: Paulinha vive na Agrovila II, Maria no lote e Joaquim na Agrovila I. Nas áreas da Agrovila I e II, por exemplo, há um grande fluxo de pessoas, carros, ônibus, caminhões pela centralidade que assume ao conter também a escola, o posto de saúde, as centrais das associações e cooperativas. Também as casas dos assentados são mais próximas, proporcionando o contato e a convivência diária entre as Famílias e seus membros.

Assim, os dias começam diferentes em cada uma desses lugares, são compostos por pessoas e animais diferentes, e até mesmo a própria terra parece comportar-se diferentemente pelo exercício particular dos moradores de cada lugar, com mais ou menos árvores, vegetações, água, cuidado com a terra... Na relação de recíproca

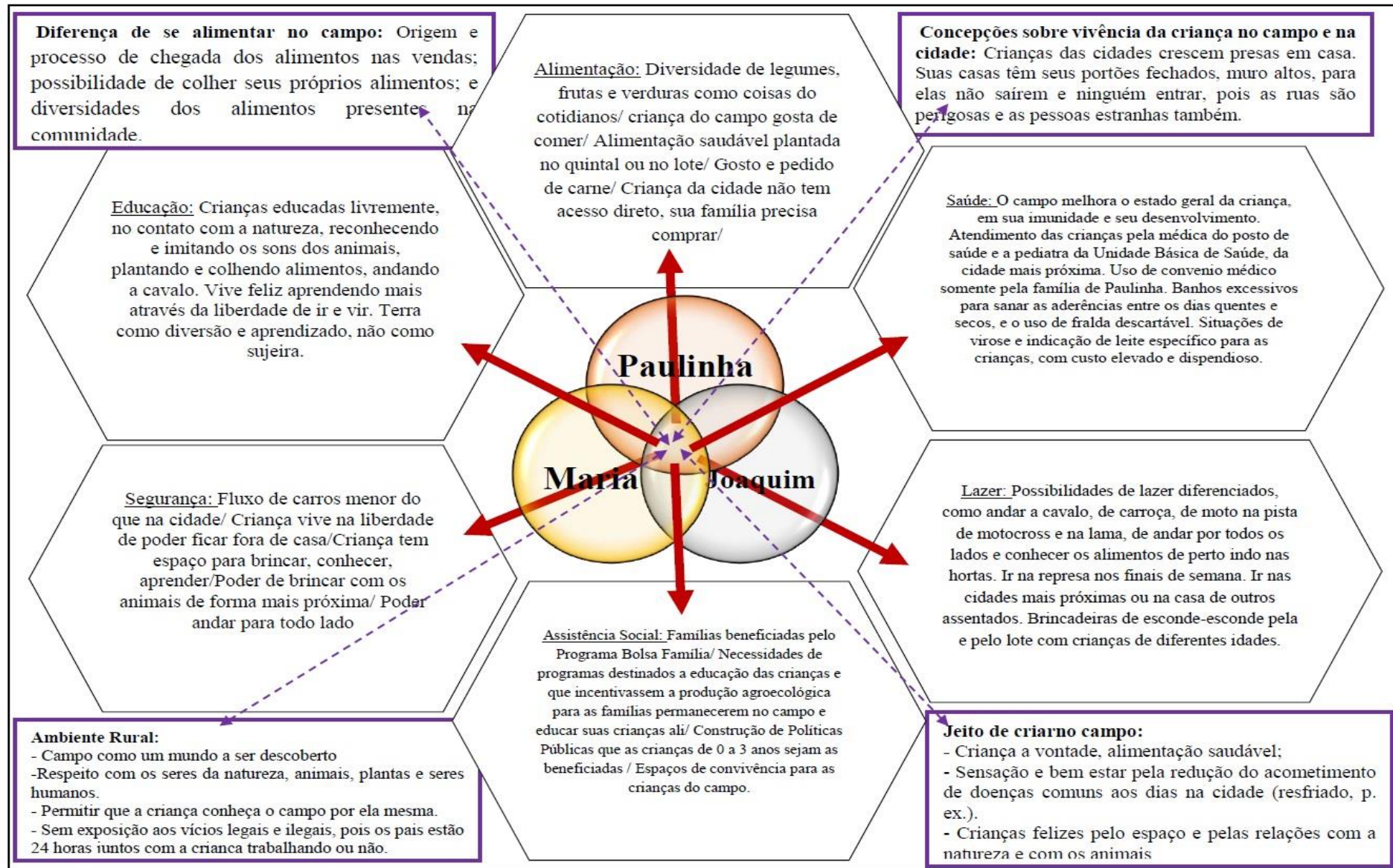


constituição que se estabelece entre as crianças de 0 a 3 anos e o ambiente rural originam-se situações sempre novas e únicas.

A escolha do que plantar, como plantar, a sabedoria do processo de cuidar do que plantou e para onde vender, é vivenciada de diferentes formas por cada um dos assentados. Isso também perpassa o dia a dia da Família. A escolha do que plantar levará os sujeitos a se organizarem de uma forma também no cuidado e na educação de cada membro da Família. A correria, a pausa, os saberes e as práticas entrelaçam-se em cada enredo, com personagens diferentes, construindo histórias específicas. A complexidade e pluralidade do campo e da cidade são compreendidas e vivenciadas diferentemente de Família para Família. Serão, então, cotidianos e não cotidianos? (Trecho de diário de campo, Família de Maria, linhas 3043-3053).

A figura a seguir foi construída para visualizar como as Famílias partilham *as* ou distanciam-se *das* compreensões sobre a alimentação, a saúde, a educação, o lazer, a segurança e a assistência social.

Figura 20. Diagrama de singularidades e intersecções entre as Famílias de Paulinha, de Maria e de Joaquim sobre as nuances do cotidiano do campo, em relação ao da cidade



As compreensões familiares sobre a alimentação de suas crianças de 0 a 3 anos sustentam-se nas significações sobre a relação com o ambiente rural. Em contrapartida, há uma compreensão predominante de que no campo é melhor, pois lá os alimentos saudáveis estão presentes no quintal ou no lote, como parte de seus cotidianos, não precisando pagar para adquiri-los. Entretanto, há elementos presentes, cotidianamente, na alimentação destas crianças que não são produzidos no campo. Salgados, frituras, refrigerantes e achocolatados prontos são inclusive ingeridos em horários incertos de alimentação, em particular por Paulinha, devido à frequente e intensa mobilidade da Família. Já nos dias de Maria e Joaquim, em dias de recebimento do benefício do Bolsa Família e nos finais de semana, ingestão de bolachas, iogurtes, salgadinhos e refrigerante tornam-se frequentes. Em momentos de maior escassez, Griselda e Sofia adaptam com mais frequência o que há no lote ou na área da agrovila, como o maxixe e o coquinho, o arroz e o feijão. Pela solidariedade entre os vizinhos e outros assentados, ocorrem doações ou trocas de alimentos plantados em seus lotes.

Em se tratando da saúde, Paulinha, Maria e Joaquim são acompanhados pela médica do Posto de Saúde no assentamento, que está presente uma vez por semana. Suas Famílias recorrem, em situações mais preocupantes, à Unidade Básica de Saúde - UBS da cidade mais próxima, onde há um pediatra entre às segundas e às quintas-feiras. Situações graves provocam estas Famílias a recorrerem à rede de saúde da cidade de médio porte mais próxima. Nessas situações, contratemplos agravam-se diante da pouca disponibilidade de transporte público, em especial, nos finais de semana. Além da alimentação e da saúde, há um terceiro elemento que evidencia a necessidade de recorrer à cidade: o lazer.

É interessante notarmos que as Famílias, no geral, enunciam somente o encantamento da vida no campo, em detrimento à vida na cidade, construído por dicotomias liberdade x prisão, segurança x violência, espaços amplos x espaços restritos, felicidade x infelicidade, relação com a natureza x ausência de contato com natureza e animais. Os sujeitos recorrerem ao discurso do excesso, das maravilhas que é viver no campo.

Nesse sentido, o discurso das Famílias situa-se em posição oposta ao discurso predominante encontrado na revisão bibliográfica, que tende a olhar o campo à busca do que falta. Contrariamente a essas posições, as continuidades e descontinuidades, as

complementaridades entre campo e cidade, revelam-se, ao final da pesquisa, com muito mais força do que qualquer antagonismo.

Em um primeiro momento, registrado nos dias de Paulinha, nossa interpretação das relações entre o campo e a cidade foi de concebê-los como isolados, um não necessitando do outro:

“(…) Preciso ir ao banco, vamos para cidade. Preciso de um médico, vamos para cidade. Se eu tiver convênio, vamos para Franca. Preciso de uma oficina, vou para cidade. Se... Eu tiver um carro né! Preciso de vida, vou para o campo” (Nota de Rodapé 45, 4º dia, Família de Paulinha).

É a partir da materialidade que a sobrevivência familiar é posta e circunscrita, na complexa interdependência entre o campo e a cidade (Wanderley, 2001); a cidade, como um centro administrativo, proporciona aos seus moradores dos ambientes rural e urbano acesso a diferentes serviços públicos (como prefeituras, postos de saúde, UBS, escolas, conselhos tutelares, etc.) e privados (supermercados, sacolões, padarias, farmácias, bancos, hospitais particulares, lojas de sementes e estruturas para horta entre outros). Entretanto, a manutenção dessa continuidade revela-se como um desafio... “(...) imagem de campo que vive no campo, uma imagem do campo que se entrelaça com a cidade, cidade-campo, campo de cidade.” (Trechos de Diários de Campo Família de Paulinha, 4º dia, Linhas 595-598). Dessa forma, não podemos compreender as iniciativas de cada Família, em relação à cidade e ao campo, de forma isolada. O próprio mundo rural da comunidade investigada liga-se e sustenta-se integrado à cidade e à região a qual pertence.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação aos dias das crianças de 0 a 3 anos em assentamento rural, de seus familiares e de sua comunidade, revelou-nos uma variedade de arranjos, combinações e modos de cuidado e de educação. Foram descritos múltiplos cenários de desenvolvimento, espaços compostos por diversos elementos do/no campo, atividades relacionadas às características dos espaços com diferentes recursos de interação e ação das pessoas que os compõem. Toda essa diversidade sustenta-se em diferentes concepções sobre a criança de 0 a 3 anos do campo.

O processo de construção do *corpus* da pesquisa, os referenciais teóricos e o encontro com a realidade das crianças provocam-nos a repensar a questão do cotidiano de crianças de 0 a 3 anos do campo, numa perspectiva crítica do entendimento do campo como falta.

A diferença de abordagem está na importância de se considerar os bebês do campo como sujeitos singulares, que estão imersos em redes de relações e significações, constitutivas de um ambiente marcado pelas formas de garantir a sobrevivência da Família. Num cenário com disponibilidade ou não da água, de comida, de estrutura física e material para lidar na/com a terra, verificamos que os sujeitos buscam conjugar as práticas cotidianas de protagonismo da criança de 0 a 3 anos do campo, numa disposição em relação a essa criança e em um contexto composto de atividades e espaços para as crianças pequenas, fortemente integrados aos espaços e às atividades dos adultos.

A rede de solidariedade criada entre os membros de diferentes gerações da Família, para o cuidado da criança pequena, mostrou-se forte. Fica a indagação se essas redes criam-se apenas pela necessidade, dada à ausência de políticas públicas para a criança do campo. O material permite dizer que não é apenas isso. As relações afetivas, carinhosas, de manifesta retribuição de favores e de compadrio marcam processos psicossociais que, embora assentados nas condições e necessidades concretas das Famílias, não se restringem ou reduzem-se a elas.

De toda a forma, a ausência de política pública para a infância até 3 anos, no campo, cumpre um papel importante nos modos como a Família organiza-se e no acesso aos direitos das crianças. As Famílias também demonstram sede de serem assistidas na saúde, no lazer, na assistência social para crianças de 0 a 3 anos. Sobre a educação,

pesquisas complementares poderiam dizer se é desejo das Famílias e mulheres que suas crianças fossem atendidas em creche.

Por fim, propor-se a compreender o cotidiano da criança **do** campo implica considerar os elementos materiais e simbólicos que estruturam e organizam as condições para o desenvolvimento destas crianças e suas Famílias, e como estes sujeitos sustentam e significam simultaneamente essas condições. Nesse exercício, haveria que fazer dialogar as questões que são gerais a partir do estudo das especificidades das vivências das crianças, em diferentes espaços rurais: quilombo e comunidade ribeirinha, por exemplo.

Compreender o cotidiano da criança do campo, numa perspectiva etnográfica, pode também ajudar-nos a entender as microtransformações das crianças no tempo. Foi-nos possível acompanhar as aproximações à apropriação do rural pela criança e, conseqüentemente, o entendimento **do** campo enquanto um território dos e para os bebês.

“(…) Posso perguntar a meu livro se é verdade que o escrevi? (…)”.

**Pablo Neruda**

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS<sup>29</sup>

- Abels, M.; Keller, H.; Mohite, P.; Mankodi, H.; Shastri, J.; Bhargava, S.; Jasrai, S.; Lakhani, A. (2005). Early Socialization Contexts and Social Experiences of Infants in Rural and Urban Gujarat, India. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Vol 36(6), 717-738.
- Abraham, L. (2007). **Examination of maternal language strategies during book sharing with infants and toddlers from low income and rural environments.** Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, Vol 68(3-B).
- Abraham, L. M.; Crais, E. & Vernon-Feagans, L. (2013). Early maternal language use during book sharing in families from low-income environments. The Family Life Project Phase 1 Key Investigators. *American Journal of Speech-Language Pathology*, Vol 22(1), Feb 1, 2013, 71-83.
- Albuquerque, S. S. de. (2009). **Para além do "Isto" ou "Aquilo": Os sentidos da educação das crianças pequenas a partir das lógicas de seus contextos familiares.** Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Almeida, I. G. de (2009). **Que posições ocupam os irmãos na rede de relações de crianças em situação de abrigo?** [Dissertação de mestrado]. Pós graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Almeida, V. H. de. (2008). **Sala de descanso em empresas de telemarketing e qualidade de vida.** [Dissertação de Mestrado]. Pós Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Almroth, S.; Arts, M.; Quang, N. D.; Hoa, P. T. T.; Williams, C. (2008). Exclusive breastfeeding in Vietnam: An attainable goal. *Acta Paediatrica*, Vol 97(8), Aug 2008, p.1066-1069.
- Amin, T.; Hablas, H.; Al Qader, A. A. (2011). Determinants of initiation and exclusivity of breastfeeding in Al Hassa, Saudi Arabia. *Breastfeeding Medicine*, Vol 6(2), Apr 2011, pp. 59-68.
- Amorim, K. S. (2013). Linguagem, comunicação e significação em bebês. Livre Docência, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP, 2013.

---

<sup>29</sup> De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Amorim, K.S. (2002). **Materialização de discursos e práticas histórico-sociais, em situações de frequência e de adoecimento de bebês em creche.** (2002). [Tese de Doutorado] Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Amorim, K. S. (1997). **Processo de (re)construção de relações, papéis e concepções a partir da inserção de bebês na creche.** Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.
- Anjos, A. M., Amorim, K. S., Franchi e Vasconcelos, C. R., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2004). Estudo de processos interativos de bebês. *Estudos de Psicologia*, 9(3), p. 513-522.
- Amorim, K. S.; Vitória, T.; Rossetti-Ferreira, M. C. (2000). Rede de significações: perspectiva para a análise de inserção de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, 109: 115-144.
- Amorim, K. S.; Costa, C. A.; Rodrigues, L. A.; Moura, G.G ; Ferreira, L.D.P.M. (2012). O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos. *Temas em Psicologia*, v. 20, p. 309-326.
- Andrade, C. D. de. (2012). **Fala, Amendoeira.** São Paulo: Companhia das Letras.
- Ariès, P. (1978) **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Zabar Editores.
- Araújo, M. O.; Silva, A. P. S. da. (2013). Crianças de 0 a 3 anos: um estudo etnográfico sobre o dia a dia de ser criança e viver a infância no espaço rural. IN: Silva, I. De O. e; Martins, A.; Silva, A. P. S. da. **Infâncias do Campo.** Coleção Educação do Campo. São Paulo: Editora Autêntica, 2013.
- Araujo, T. V. **Gestores educacionais e educação infantil do campo.** (2012.) [Projeto de Mestrado] Programa de Pós Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP Ribeirão Preto, SP.
- Assis, A. M.O.; Prado, M. da S.; Freitas, M. do C. S.; Silva, R. de C. R.; Ramos, L. B.; Machado, A. D. (1994). Prática do aleitamento materno em comunidades rurais do semi-árido baiano. *Revista de Saúde Pública*, 28(5), 380-384. Retrieved July 09, 2012.
- Barbosa, M. C. (2013) **Os saberes dos bebês.** In: Primeiríssima Infância. Revista EI, Ed. 5. Abril de 2013. São Paulo: Segmento.
- Barbosa, J. G.; e Hess, R. (2010). **O diário de pesquisa:** o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: LiberLivro.



- Bailey, B. A.; Cole, L. K. J. (2009) Rurality and birth outcomes: Findings from southern Appalachia and the potential role of pregnancy smoking. *The Journal of Rural Health*, Vol 25(2), 141-149.
- Baldwin, L.; Grossman, D. C.; Murowchick, E.; Larson, E. H.; Hollow, W. B.; Sugarman, J. R.; Freeman, W. L.; Hart, L. G. (2009). Trends in perinatal and infant health disparities rural American Indians and Alaska Natives and rural Whites. *American Journal of Public Health*, Vol 99(4), 638-646.
- Ball, K. A. (2012) **Rural low-income mothers' perspectives on children's feeding practices**. [Dissertation Abstracts Internacional Section B: Humanities and Social Sciences]. Vol 73(3-A).
- Barbosa, M. C. S.; Silva, A. P. S.; Pasuch, J.; Leal, F. de L. A. Leal; Silva, I. O. e; Freitas, M. N. M.; Albuquerque, S. S. de (Org.). **Oferta e demanda de Educação Infantil no campo**. 1 ed. Porto Alegre: EVANGRAF, Ministério da Educação, UFRGS, v. 1.
- Barnett, M. A. (2008a) Mother and grandmother parenting in low-income three-generation rural households. The family life project key investigators. *Journal of Marriage and Family*, Vol 70(5), 1241-1257.
- Barnett, M. A. (2007b) **Economically disadvantaged rural multigenerational families raising infants**. [Dissertation Abstracts Internacional: Section B: The Sciences and Engineering] Vol 68(3-B).
- Bezerra, D. R. dos S. **Construção da identidade docente: no processo de apropriação das políticas públicas educacionais educativas para das escolas do campo**. (2013). [Projeto de Doutorado]. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP Ribeirão Preto, SP.
- Blair, C.; Granger, D. A.; Kivlighan, K. T.; Mills-Koonce, R.; Willoughby, M.; Greenberg, M. T.; Hibel, L. C.; Fortunato, C. K. (2008). Maternal and child contributions to cortisol response to emotional arousal in young children from low-income, rural communities Family Life Project Investigators US. *Developmental Psychology*, Vol 44(4), 1095-1109.
- Bonfim, J. A. O. (2006a). **Interações de crianças de 1-2 anos e arranjos espaciais em creches**. [Tese de doutorado] Curso de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Bonfim, J. A. O. (2002b) **Arranjos espaciais e ocupação do espaço por crianças de 1-2 e 3-4 anos em creches**. [Dissertação de Mestrado não publicada] Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.

- Bornstein, M. H.; Putnick, D. L.; Suwalsky, J. T. D.; Venuti, P.; de Falco, S.; de Galperin, C. Z.; Gini, M.; Tichovolsky, M. H. (2012). Emotional relationships in mothers and infants: Culture-common and community-specific characteristics of dyads from rural and metropolitan settings in Argentina, Italy, and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Vol. 43(2), 171-197.
- Bornstein, M. H.; Giusti, Z.; Leach, D. B.; Venuti, P. (2005). Maternal reports of adaptive behaviours in young children: Urban-rural and gender comparisons in Italy and United States. *Infant and Child Development*, Vol 14(4), 403-424.
- Brasil. (2012) **Ação Brasil Carinhoso**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Brasília. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/brasilsemmiseria/brasil-carinhoso>
- Brasil. (2009) Resolução CNE/CEB n.º 5, de 17 de dezembro de 2009, D. O. U. de 18/12/2009, Seção 1, Pág. 18. 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
- Brasil. (2004) **Lei n. 10.836, de 9 de janeiro de 2004**. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 12 de janeiro de 2004.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22 (6), p.723-742.
- Burchinal, M.; Vernon-Feagans, L.; Cox, M. (2008) Cumulative social risk, parenting, and infant development in rural low-income communities. Key Family Life Project Investigators. *Parenting: Science and Practice*, Vol 8(1), 41-69.
- Bussab, V. S. R.; Pedrosa, M. I.; Carvalho, A. M.A. (2007) Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. *Psicologia USP*, v.18 (2), pp. 99-133.
- Buss-Simão, M. (2009) Antropologia da criança: Uma revisão da literatura de um campo em construção. *Teias*, v. 10, n. 20.
- Campos-De-Carvalho, M. I. (1998) Comportamentos de crianças pequenas em creches e arranjo espacial. *Temas em Psicologia*, v.6, n.2, 125-133.
- Carvalho, A. M. A. (2005a). Em busca da natureza do vínculo: uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais. In J.C. Petrini & V.R. Cavalcanti (Orgs.), *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar* (pp. 183-194). Petrópolis: Vozes.
- Carvalho, A.M.A. (1988b) Algumas reflexões sobre o uso da categoria “interação social”. In: Reunião Anual de Psicologia, SBP: Ribeirão Preto. 18. 1988. p. 511-515.

- Carvalho, A. M. A.; Rubiano, M. R. B. (2004) Vínculo e compartilhamento na brincadeira de crianças. In: Rossetti-Ferreira, M.C.; Amorim, K. S.; Silva, A. P. S.; Carvalho, A. M. A. **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, A. M. A.; Pedrosa, M. I.; Rossetti-Ferreira, M. C. (2012) **Aprendendo com a criança de 0 a 6 anos**. Paraná: Editora Cortez.
- Carvalho, R. S. de. (2011) **Participação infantil**: reflexões a partir da escuta de crianças de assentamento rural e de periferia urbana. [Dissertação de Mestrado] Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Carvalho, R. S. (2012) **Participação política e infância**: aproximações a partir da escuta de crianças de um movimento de luta pela terra. [Projeto de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP.
- Castleman, B. M. (2007) **The utility of the transactional model in exploring the interaction between postpartum-depressed mother and infant dyads in Mexican American families**. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, Vol 68(5-B).
- Costa, L. H. F. M. (2005) Estágio Sensório Motor e Projetivo. In: Almeida, L. R. de; Mahoney, A. A. **Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 31-50.
- Cruz, S. H. V (2008) . Apresentação. In: \_\_\_\_ (org.) **A criança fala**. São Paulo: Cortez.
- [Darahem, G. C.](#); [Silva, A. P. S. da](#); [Costa, N. R.do A.](#) Da teoria do apego à Rede de Significações: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira e a psicologia do desenvolvimento brasileira. *Temas em psicologia*. Vol.17, n.1, 191-207.
- De Hilari, C.; Condori, I.; Dearden, K. A. (2009) When is deliberate killing of young children justified? Indigenous interpretations of infanticide in Bolivia. *Social Science & Medicine*, Vol 68(2), 352-361.
- De Marco, A.; Vernon-Feagans, L. (2013) Rural neighborhood context, child care quality, and relationship to early language development. *Early Education and Development*, Vol 24(6), Aug 2013, 792-812.
- De Souza, M. I. (2010) **Homem como professor de creche**: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. [Dissertação de mestrado] Curso de Pós Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.

- Delgado, A.C.C. & Müller, F. (2006) Infâncias, Tempos e Espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmiento. *Curriculo sem Fronteiras*, 6(1), p.15-24.
- Ezpeleta, J.; Rockwell, E. (1986) **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez.
- Fernandes, G. C. M.; Boehs, A. E. (2013) Mudanças das rotinas familiares na transição inesperada por desastre natural. *Esc. Anna Nery*, Vol.17, no.1, 160-167.
- Ferreira, M. V. (2000) **Separações mãe-bebê: Diversos sentidos na construção de uma relação**. [Dissertação de Mestrado] Curso de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. FFCLRP-USP.
- Filho, W. T. (2012) **Crianças de assentamento rural: significações sobre a infância e a vida no campo**. Relatório Iniciação Científica. FFCLRP-USP, Ribeirão Preto.
- Firestone, M. M. (1978) Socialization and interaction in a Newfoundland outport. *Urban Life*, Vol 7(1), 91-110.
- Flower, K. B.; Willoughby, M.; Cadigan, R. J.; Perrin, E. M.; Randolph, G. (2008) Understanding breastfeeding initiation and continuation in rural communities: A combined qualitative/quantitative approach. Family Life Project Investigative Team. *Maternal and Child Health Journal*, Vol 12(3), 402-414.
- Fonseca, C. (2005) Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e Sociedade*, v. 14, n. 2, 50-59.
- Fonseca, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- Furtado, R. (2001) **Avaliação de ambientes educacionais coletivos para pré-escolares**. [Dissertação de Mestrado] Curso de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Gallo, B. C. (2010) **Qualidade na educação infantil pública: concepções das famílias usuárias**. [Dissertação de mestrado] Curso de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Galvão, B. R. (2008) **A criança pequena, seu cuidado e educação em discursos de homens-pais**. [Dissertação de Mestrado] Pós Graduação em Psicologia Social. PUC-SP, São Paulo, SP.
- Galvão, Izabel. (1995). **Henri Wallon, uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes.
- Geertz, C. (1978) Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_ **A interpretativa das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, Capítulo 1.

- Gibson, M. A. (2008) Does investment in the sexes differ when fathers are absent? Sex-biased infant survival and child growth in rural Ethiopia. *Human Nature*, Vol 19(3), 263-276.
- Goblet-Vanormelingen, V. (1993) La maison du mbombo : rite therapeutique pour les enfants a hauts risques dans le Zaire rural. *Social Science and Medicine*. Vol 37 (2), 241-252.
- Gojman, S.; Millán, S.; Carlson, E.; Sánchez, G.; Rodarte, A.; González, P.; Hernández, G. (2012) Intergenerational relations of attachment: A research synthesis of urban/rural Mexican samples. *Attachment & Human Development*, Vol 14(6), 553-566.
- Goodman, W. B. (2013) **Work and family relationships for fathers in diverse samples:** An ecological perspective. [Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering], Vol 73(12-B(E)).
- Goodman, W. B.; Crouter, A. C.; Lanza, S. T.; Cox, M. J. (2008) Paternal work characteristics and father-infant interactions in low-income, rural families. Family Life Project Key Investigators *Journal of Marriage and Family*, Vol 70(3), 640-653.
- Guimarães, D. (2008). **Entre gestos e palavras:** pistas para a educação das crianças de 0 a 3 anos. Em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/13586/13586>. PDF.
- Gustafsson, H. C.; Cox, M. J.; Blair, C. (2012) Maternal parenting as a mediator of the relationship between intimate partner violence and effortful control The Family Life Project Key Investigators. *Journal of Family Psychology*, Vol 26(1), 115-123.
- Hibel, L. C. (2013) **Inter-parental conflict and early childhood adrenocortical activity: A biosocial family systems** [Dissertation]Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, Vol 73(12-B(E)).
- Hibel, L. C.; Granger, D. A.; Blair, C.; Cox, M. J. (2011) Maternal sensitivity buffers the adrenocortical implications of intimate partner violence exposure during early childhood. Family Life Project Key Investigators. *Development and Psychopathology*, Vol 23(2), 689-701.
- Hibel, L. C.; Granger, D. A.; Blair, C.; Cox, M. J. (2009) Intimate partner violence moderates the association between mother-infant adrenocortical activity across an emotional challenge. *Journal of Family Psychology*, Vol 23(5), 615-625.
- Holstein, J.M.; Gubrium, J.F. (1997) Active Interviewing. In: SILVERMAN, D. Qualitative Research: theory, method and practice. London: Sage Publications.

- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012) **Resultados Gerais da Amostra Censo Demográfico 2010**. Brasília.
- Kramer, S. (2002) Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 116, 41-59.
- Kramer, S. (1982) **A Política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Jabur, M. A. (2008) **Retratando uma creche**: um encontro de olhares e dizeres revelando sentidos para uma Educação Infantil de qualidade. [Dissertação de mestrado] Curso de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Jensen, L. E. W. (1997) **Social support and its relationships to parenting outcomes for adolescent mothers in a rural area**. [Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering] Vol 58(3-B).
- Knoche, L. L.; Sheridan, S. M.; Clarke, B. L.; Edwards, C. P.; Marvin, C. A.; Cline, K. D.; Kupzyk, K. A. (2012) Getting ready: Results of a randomized trial of a relationship focused intervention on the parent-infant relationship in rural early head start. *Infant Mental Health Journal*, Vol 33(5), 439-458.
- Keller, H.; Abels, M.; Lamm, B.; Yovsi, R. D.; Voelker, S.; Lakhani, A. (2005) Ecocultural Effects on Early Infant Care: A Study in Cameroon, India, and Germany. *Ethos*, Vol 33(4), 512-541.
- Kohls, M. (1956) Culture patterns and adjustment ways of immigrants from Atlas mountains. *M'gamot*, Vol 7, 345-376.
- Lacerda-Silva, F. (2009). **Como ocorre a reintegração familiar?** Investigando esse processo em uma amostra de crianças acolhidas. [Dissertação de Mestrado] Curso de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Lamm, B.; Keller, H.; Yovsi, R. D.; Chaudhary, N. (1988) Grandmaternal and maternal ethnotheories about early child care. *Journal of Family Psychology*, Vol 22(1), Feb 80-88.
- Lasky, R. E.; Klein, R. E.; Yarbrough, C.; Sellars, M.; Kagan, J. (1983) Social interactions of Guatemalan infants: The importance of different caregivers *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Vol 14(1), 17-28.
- Laviola, E. C. (2010) **O bebê, sua educação e cuidado em discursos de mães de camadas médias**. São Paulo. [Tese de doutorado] Pós Graduação em Psicologia Social). PUC-SP, São Paulo, SP.

- LeFevre, M.; Kruse, J.; Zweig, S. (1987) Selection of infant feeding method: A population-based study in a rural area. *The Journal of Family Practice*, Vol 24(5), 487-491.
- Li, J. (2004) Gender inequality, family planning, and maternal and child care in a rural Chinese county. *Social Science & Medicine*, Vol 59(4), 695-708.
- Lunney, K. M. (2008) **Preventing mother to child transmission of HIV through breastfeeding**: Exclusive breastfeeding, mastitis, viral load and early cessation. [Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering] Vol 68(8-B).
- Lima, L. P. (2012) **A relação entre a Educação Infantil e as famílias do campo**. [Tese de doutorado] Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto.
- Lima, M. de F. M. (2004) **A demanda e escolha das mães por educação infantil: um novo tema para o estudo da educação infantil**. [Tese de Doutorado] Pós graduação em Psicologia Social. PUC-SP, São Paulo, SP.
- Madhavan, S. (2001) Female cooperation and conflict in rural Mali: Effects on infant and child survival. *Journal of Comparative Family Studies*, Vol 32(1), 75-98.
- Madlum, L. V. (2012) **Famílias moradoras em assentamento rural: sentidos de creche e escolhas dessa modalidade de educação para seus filhos de 0 a 3 anos de idade**. Originalmente apresentado como relatório de Iniciação Científica à FAPESP. Ribeirão Preto: FFCLRP-USP.
- Maridaki-Kassotaki, K. (2000) Understanding fatherhood in Greece: father's involvement in child care. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol.16, no.3, p.213-219.
- Marques, E. S. et al. (2009) Práticas e percepções acerca do aleitamento materno: consensos e dissensos no cotidiano de cuidado numa Unidade de Saúde da Família. *Physis*, Vol.19, no.2, 439-455.
- Martinez, M. (1986) The satellite clinic: Providing access to intervention in rural Texas. *Zero to Three*, Vol 6(5), 15-16.
- Martins, I. S. et al. (2007) Pobreza, desnutrição e obesidade: inter-relação de estados nutricionais de indivíduos de uma mesma Família. *Ciência. saúde coletiva*, Vol.12, no.6, 1553-1565.

- Medhin, G.; Hanlon, C.; Dewey, M.; Alem, A.; Tesfaye, F.; Lakew, Z.; Worku, B.; Aray, M.; Abdulahi, A.; Tomlinson, M.; Hughes, M.; Patel, V.; Prince, M. (2010) The effect of maternal common mental disorders on infant undernutrition in Butajira, Ethiopia: The P-MaMiE study. *BMC Psychiatry*, Vol 10.
- Meneghini, R. (2000) **Relação entre áreas espaciais e interação de crianças pequenas em creche.** [Dissertação de Mestrado] Curso de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFLCRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Moreira, L. V. de C.; and Biasoli-Alves, Z. M. M. (2008) Práticas educativas: a participação da mãe e da criança na determinação das atividades da rotina diária. *Revista brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, Vol.18, no.1, p.53-65.
- MLST. (2010) **As Empresas Agrícolas Comunitárias**, MLST: Brasília.
- MST. (2009) **Nossos objetivos.** Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/7703>>.
- Morris, P. A. (1999) **Toddler development in low-income families: The role of family structure.** [Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering] Vol 59(7-B).
- Müller, F. (2010). Um estudo etnográfico sobre a família a partir do ponto de vista das crianças. *Currículo sem Fronteiras*, v. 10, pp. 246-264.
- Müller, F; Hassen, M. N. A. (2009). A Infância pesquisada. *Psicologia USP*, v. 20, p. 465-480.
- Neruda, P. (2008) **Livro das perguntas.** São Paulo: Cosac Naify.
- Neves, A. S. (2009) **Família no singular, histórias no plural:** a violência física de pais e mães contra filhos. Uberlândia: EDUFU.
- Oliveira, Z. M. R. (1988) **Jogo de Papéis:** uma perspectiva para análise do desenvolvimento humano. [Tese de doutorado] Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Oliveira, Z. M. R. (1993) O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. *Cadernos de Pesquisa*, n.87, p. 62-70.
- Pancsofar, N.; Vernon- Feagans, L.; Odom, E. C. (2013) Work characteristics and fathers' vocabulary to infants in African American families. The Family Life Project Investigators. *Journal of Applied Developmental Psychology*, Vol 34(2), 73-81.
- Pancsofar, N.; Vernon-Feagans, L. (2010) Father's early contributions to children's language development in families from low-income rural communities. The



Family Life Project Investigators. *Early Childhood Research Quarterly*, Vol 25(4), 450-463.

Pedraza, I. A. B.; García, V. V.; Martelo, E. Z.; Bueno, L. E. G. (2008) Infancia y flexibilidad laboral en la agricultura de exportación mexicana. *Revista latino-americana Ciencia Social Niñez Juventude*, Vol. 6, n.1, 191-215.

Pino, A. (2005) **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski. São Paulo: Cortez.

Poncione, C. (2002) C. D.A.: cronista do Correio da Manhã. *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, V. 8.

Rabinovich, E. P. (1998) Modos de morar no Brasil e contexto de desenvolvimento. *Temas em psicologia*, Vol.6, no.2, 105-115.

Rabinovich, E. P. (1999) Estudo comparativo dos modos de dormir e de mamar de crianças brasileiras em contextos sócio familiares urbano e rural. *Interfaces*; Vol 2(1), 41-49.

Rabinovich, E. P. & Bastos, A. C. de S. (2007) Famílias e projetos sociais: analisando essa relação no caso de um quilombo em São Paulo. *Psicologia em estudo*, Vol.12, no.1, p.3-11.

Reimão, R. et al. (1999) Sleep characteristics in children in the isolated rural African-Brazilian descendant community of Furnas do Dionísio, State of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Arquivos em Neuro-Psiquiatria*, Vol.57, no.3A, 556-560.

Rezende, P. C. M de; Ferreira, L. D. P. de M. & Araujo, M. O. (2010). As Infâncias e suas crianças: Jogando conversa (séria) fora. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 3(2), p. 149-159.

Ribeiro, J. M.; Siqueira, S. A. V. de; Pinto, L. F. da S. (2010) Avaliação da atenção à saúde da criança (0-5 anos) no PSF de Teresópolis (RJ) segundo a percepção dos usuários. *Ciênc. saúde coletiva*, Vol.15, no.2, 517-527.

Rocha, E. A. C. (2008) Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: Cruz, S. H. V. (org.) **A criança fala**. São Paulo: Cortez.

Rockwell, E. (2009) **La experiência etnográfica: histórica y cultura em los procesos educativos**. Buenos Aires: Paidós.

Romanelli, G. (2002). Autoridade e poder na família. Em M. C. B Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate*. (pp. 73-88). São Paulo: EDUC/Cortez.

- Rosa, L. A. (2013). **Participação Política:** sentidos e significações atribuídos por membros do setor de educação de um assentamento rural. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Rosemberg, F. (2013a) Entrevista com Rodrigo Simon sobre o livro “Oferta e demanda de Educação Infantil do Campo. São Paulo: TV Univesp, jan. 2013
- Rosemberg, F. (2008b). Crianças e adolescentes na sociedade brasileira e a Constituição de 1988. In: Oliven, R. G.; Ridente, M.; Marçal, G. (Orgs.). **A constituição de 1988 na vida brasileira.** São Paulo, Aderaldo & Rotlshild Anpoçs.
- Rosemberg, F. (1999c) Expansão da educação infantil e processos de exclusão. *Cadernos de Pesquisa*, n. 107, junho 1999, p. 7-40.
- Rosemberg, F & Artes, A. O rural e o urbano na oferta de educação para crianças de até 6 anos. In: Barbosa, M. C. S.; Silva, A. P. S.; Pasuch, J.; Leal, F. de L. A. Leal; Silva, I. O. e; Freitas, M. N. M.; Albuquerque, S. S. de (Org.). **Oferta e demanda de Educação Infantil no campo.** 1 ed. Porto Alegre: EVANGRAF, Ministério da Educação, UFRGS, 2012, v. 1, p. 1-36.
- Rossetti-Ferreira, M. C. (1984). O apego e as reações da criança à separação da mãe. *Cadernos de Pesquisa*, 48, p.3-19.
- Rossetti-Ferreira, M. C. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 4, n.2. p.35-40.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. de S., & Oliveira, Z. de M. R. de. (2009). Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Psicologia USP*, 20(3), p. 437-464.
- Rossetti-Ferreira, M. C.; Amorim, K. S.; Silva, A. P. S. (2000). Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(2), 281-293.
- Rossetti-Ferreira, M. C.; Amorim, K. S.; Soares-Silva. A. P.; Oliveira, Z.M. R. (2008) Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. *Cadernos de Pesquisa*. V. 38 n. 133, São Paulo.
- Rossetti-Ferreira, M. C.; Amorim, K.S.; Silva, A. P. S.; Carvalho, A. M. A. (Orgs.) (2004) **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano.** Porto Alegre, RS: Artmed.
- Sachetti, V. A. R. (2007) **Um estudo das crenças maternas sobre cuidados com crianças em dois contextos culturais do estado de Santa Catarina.** Programa

de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC.

Santos, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

Sarmiento, M. J. (2007) Visibilidade social e estudo da infância. In: Sarmiento, M. J.; Vasconcelos, V. M. R. de (Orgs.) **Infância (in) visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin.

Sarmiento, M. J. (2006). **Imagens Sociais e (In)Visibilidade da Infância**. Relatório da Disciplina. Braga: Universidade do Minho.

Seed, M. St. J. (1999) **Maternal expressed emotion as a predictor of emotional and behavioral problems in low birth weight children**. [Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering] Vol 59(8-B).

Sichieri, R. et al. (1993) Estado nutricional de crianças e relações de trabalho da Família em uma comunidade rural do Paraná, Brasil. *Cadernos em Saúde Pública*, vol.9, suppl.1, S28-S35

Silva, Ana Paula S. **(Des) continuidades no envolvimento com o crime: construção de identidade narrativa de ex-infratores**. São Paulo: IBCCRIM, 2003.

Silva, Ana Paula S. (2008) **Texto para discussão e apresentação**. *XIII Encontro Científico do CINDEDI*. CINDEDI/FFCLRP-USP: Ribeirão Preto.

Silva, Ana Paula S. (2013) **SEITERRA: Concepções e referências conceituais e teóricas**. *XVIII Encontro Científico do CINDEDI*. CINDEDI/FFCLRP-USP: Ribeirão Preto.

Silva, A.P.S.; Souza, T. N.; Silva, A. C. O.; Silva, F. L.; Silva, J. B.; Lima, L.P.; Carvalho, R. S.; Araújo, T. V. (2012) Produção acadêmica nacional sobre Educação Infantil das crianças residentes em área rural. In: Barbosa, M. C. S.; Silva, A. P. S.; Pasuch, J.; Leal, F. de L. A. Leal; Silva, I. O. e; Freitas, M. N. M.; Albuquerque, S. S. de (Org.). **Oferta e demanda de Educação Infantil no campo**. 1 ed. Porto Alegre: EVANGRAF, Ministério da Educação, UFRGS, v. 1, 291-331.

Silva, A. P. S. da; Pantoni, R. V. (2009). Apresentação da série Educação de crianças em creches. In: Brasil (Org.) **Educação de crianças em creches**. Ano XIX, nº 15. Secretaria de Educação a Distância, MEC. ISSN 1982 – 0283.

Silva, A. C. O. (2012). Infância em assentamento e acampamento rural. [Projeto de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.

- Silva, J. B. da. (2012). **Crianças assentadas e educação infantil no/do campo:** contextos e significações. (Dissertação de mestrado). Programa de Pós Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Silva, S. C. L. e; Filho, M. B.; Miglioli, T. C. (2008). Prevalência e fatores de risco de anemia em mães e filhos no Estado de Pernambuco. *Revista brasileira de epidemiologia*, Jun 2008, vol.11, no.2,266-277.
- Silva, R. L. P. da; Souza, J. G. de. (2008) A consolidação do ser social nos assentamentos - Da construção coletiva à individualização. *Revista Formação*, n.15, v. 1, 147-158.
- Sinha, T. C. (1977) Psychoanalysis and the family in India. *Samiksa*, Vol 31(4), 95-105.
- Spence, S. A.; Black, S. R.; Adams, J. P.; Crowther, M. R. (2001). **Grandparents and grandparenting in a rural southern state:** A study of demographic characteristics, roles, and relationships. *Journal of Family Issues*, Vol 22(4), 523-534.
- Souza, T. N. (2008) **Qualidade na educação infantil:** uma perspectiva ecológica na análise de indicadores em documentos brasileiros e estrangeiros. [Tese de Doutorado] Curso de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Souza, T. N. (2003) **Análise da adequabilidade da Infant/Toddler environment rating scale para avaliar ambientes de creches em Ribeirão Preto.** [Dissertação de Mestrado] Curso de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, SP.
- Spink, P. K. (2008). O Pesquisador Conversador no Cotidiano. *Psicologia e Sociedade*, v. 20, p. 70-77.
- Spink, P. K. (2003) Pesquisa de Campo em Psicologia Social: Uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*, v. 15, n.2, 18-24.
- Spiro, A. M. (2005) Najar or Bhut-Evil Eye or Ghost Affliction: Gujarati Views about Illness Causation. *Anthropology & Medicine*, Vol 12(1), 61-73.
- Szymanski, H. (2001) A relação Família Escola: Desafios e Perspectias. Brasília: Editora Plano.
- Szymanski, H. (2002) A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexica. Brasília: Editora Plano.

- Tan, K. L. (2009) Bed sharing among mother-infant pairs in Klang district, Peninsular Malaysia and its relationship to breast-feeding. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, Vol 30(5), 420-425.
- Triana, A. N.; Ávila, L.; Malagón, A. (2010) Patrones de crianza y cuidado de niños y niñas en Boyacá. *Revista latino-americana Ciencia Social Niñez Juventude*. Vol. 8, n 2, 933-945.
- UNICEF. (2012) **Situação Mundial da Infância 2012**: Crianças em um Mundo Urbano. ONU: Nova York.
- Valsiner, J. (2004). Prefácio. In: Rossetti-Ferreira, M. C.; Amorim, K.S.; Silva, A. P. S.; Carvalho, A. M. A. (Orgs.) (2004) **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Vasconcelos, V. M. R. (2008). Infância e Psicologia: marcos teóricos da compreensão do desenvolvimento da criança pequena. In: Sarmiento, M.; Gouvea, M. C. S. **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 62-81.
- Vasconcelos, C. R. F. e & Rossetti-Ferreira, M. C. Crianças pequenas brincando em creche: a possibilidade de múltiplos pontos de vista. In: Rossetti-Ferreira, M. C.; Amorim, K.S.; Silva, A. P. S.; Carvalho, A. M. A. (Orgs.) (2004) **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Vernon-Feagans, L.; Pancsofar, N.; Willoughby, M.; Odom, E.; Quade, A. & Cox, M. (2008) Predictors of maternal language to infants during a picture book task in the home: Family SES, child characteristics and the parenting environment. *Journal of Applied Developmental Psychology*, Vol 29(3), 213-226.
- Vigotski, L. S. (2007). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fonte.
- Vigotski, L. S. (2006) **Obras escogidas**. Psicología Infantil. v. 4. A. Machado Libros: Madrid.
- Vigotski, L. S. (2004) **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes.
- Voegtline, K. M. & Stifter, C. A. (2010) Late-preterm birth, maternal symptomatology, and infant negativity. The Family Life Project Investigators. *Infant Behavior & Development*, Vol 33(4), 545-554.
- Wallon, H. (1959) Les milieux, les groupes et la psychogenèse de l'enfant. *Enfance*, Paris, (3-4), 287-296.
- Wallon, H. (1941). A evolução psicológica da criança. Rio de Janeiro: Andes.

- Wallon, H. (2008) *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Petrópolis: Vozes.
- Wanderley, M. de N. B. (2001) **A ruralidade no Brasil moderno**. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. Norma Giarracca CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.
- Werebe, M. J. G., & Nabel-Brulfert, J. (1986). **Henri Wallon**. São Paulo: Ática.
- Williams, R. (2011). O campo e a cidade : na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras.
- Wilhelm, F. Ax. **Comportamentos de mães de meio rural em relação a cuidados com seus filhos como características da organização familiar**. (2005) [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós Graduação em Psicologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, CFCH-UFSC, Florianópolis.
- Woodson, R. H.; da Costa-Woodson, E. M. (1984) Social organization, physical environment, and infant-caretaker interaction. *Developmental Psychology*, Vol 20(3), 473-476.
- Zurayk, H.; Tawil, M.; Gangarosa, E. (1982). Effect of urban versus rural residence and of maternal education on infant health in South Lebanon. *Journal of Epidemiology and Community Health*, Vol 36(3), 192-196.

## 11. APÊNDICES

### Apêndice A Lista de trabalhos obtidos na revisão bibliográfica

Tabela 9. Artigo obtido no cruzamento entre bebê, Família e rural

ARTIGO EM PERIÓDICO CIENTÍFICO	
1	Maridaki-Kassotaki, K. (2000) Understanding fatherhood in Greece: father's involvement in child care. <i>Psicologia: Teoria e Pesquisa</i> 16(3), 213-219.

Tabela 10. Lista de trabalhos obtidos no cruzamento entre criança, Família e rural

TESES DE DOUTORADO	
1	Sachetti, V. A. R. (2007) <b>Um estudo das crenças maternas sobre cuidados com crianças em dois contextos culturais do estado de Santa Catarina.</b> Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
DISSERTAÇÕES DE MESTRADO	
2	Wilhelm, F. A. (2007) <b>Comportamentos de mães de meio rural em relação a cuidados com seus filhos como características da organização familiar.</b> Dissertação de Mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
ARTIGOS EM PERIÓDICOS	
3	Rabinovich, E. P. (1998) Modos de morar no Brasil e contexto de desenvolvimento. <i>Temas em psicologia</i> , 1998, 6 (2), 105-115.
4	Moreira, L. de Campos & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2008) Práticas educativas: a participação da mãe e da criança na determinação das atividades da rotina diária. <i>Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano</i> , 18 (1), 53-65.
5	Marinho, S. P.; Martins, I. S.; Oliveira, D.C. de & Araujo, E. A. C. de (2007). Obesidade e baixa estatura: estado nutricional de indivíduos da mesma Família. <i>Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano</i> , 17(1), 156-164.
6	Rabinovich, E. P. & Bastos, A. C. de S. (2007) Famílias e projetos sociais: analisando essa relação no caso de um quilombo em São Paulo. <i>Psicologia em estudo</i> , 12(1), 3-11.
7	Silva, S. C. L. e ; Batista Filho, M. & Miglioli, T. C. (2008) Prevalência e fatores de risco de anemia em mães e filhos no Estado de Pernambuco. <i>Revista brasileira de epidemiologia</i> , 11(2), 266-277.
8	Sichieri, R.; Moura, A.S.; Godoy, J.L.; Niero, N. & Matsumoto, F. N. (1993) Estado nutricional de crianças e relações de trabalho da Família em uma comunidade rural do Paraná, Brasil. <i>Cadernos em Saúde Pública</i> , 9(1), S28-S35.
9	Reimão, R. Souza, J. C. R. P.; Gaudioso, C. E. V.; Guerra, H. da C.; Alves, A. das C.; Oliveira, J. C. F.; Gnobie, N. C. A. & Silvério, D. C. G. (1999) Sleep characteristics in children in the isolated rural African-Brazilian descendant community of Furnas do Dionísio, State of Mato Grosso do Sul, Brazil. <i>Arquivos em Neuro-Psiquiatria</i> , 57 (3A), 556-560.
10	Ribeiro, J. M.; Siqueira, S. A. V. de & Pinto, L. F. da S. (2010) Avaliação da atenção à saúde da criança (0-5 anos) no PSF de Teresópolis (RJ) segundo a percepção dos usuários. <i>Ciência saúde coletiva</i> , 15(2), 517-527.

Tabela 11. Lista de trabalhos obtidos entre crianças, Famílias e rural

ARTIGOS EM PERIÓDICOS	
1	Rabinovich, E. P. (1999) Estudo comparativo dos modos de dormir e de mamar de crianças brasileiras em contextos socio-familiares urbano e rural. <i>Interfaces</i> , 2(1), 41-

	49.
2	Martins, I. S.; Marinho, S. P; Oliveira, D. C. de & Araujo, E. A. C. de (2007) Pobreza, desnutrição e obesidade: inter-relação de estados nutricionais de indivíduos de uma mesma Família. <i>Ciência saúde coletiva</i> , 12(6), 1553-1565.
3	Assis, A. M. O.; Prado, M. da S.; Freitas, M. do C. S.; Silva, R. de C. R.; Ramos, L. B. & Machado, A. D. (1994). Prática do aleitamento materno em comunidades rurais do semi-árido baiano. <i>Revista Saúde Pública</i> , 28(5), 380-384.
4	Felisbino-Mendes, M. S.; Campos, M. D. & Lana, F. C. F. (2010) Avaliação do estado nutricional de crianças menores de 10 anos no município de Ferros, Minas Gerais. <i>Revista Escola de Enfermagem USP</i> , 44(2), 257-265.
5	Marques, E. S.; Cotta, R. M. M.; Franceschini, S. do C. C.; Botelho, M. I. V.; Araújo, R. M. A. & Junqueira, T. da S. (2009) Práticas e percepções acerca do aleitamento materno: consensos e dissensos no cotidiano de cuidado numa Unidade de Saúde da Família. <i>Physis</i> , 19(2), 439-455.
6	Fernandes, G. C. M. & Boehs, A. E. (2013) Mudanças das rotinas familiares na transição inesperada por desastre natural. <i>Escola Anna Nery</i> , 17(1), 160-167.
7	Triana, A. N.; Ávila, L. & Malagón, A. (2010) <u>Patrones de crianza y cuidado de niños y niñas en Boyacá</u> . <i>Revista latino-americana Ciencia Social Niñez Juventude</i> . 8(2), 933-945.
8	Pedraza, I. A.; García, V. G.; Martelo, E. Z. & Bueno, L. E. G. <u>Infancia y flexibilidad laboral en la agricultura de exportación mexicana</u> . <i>Revista latino-americana Ciencia Social Niñez Juventude</i> , Jan 2008, vol. 6, n.1, p.191-215.

Tabela 12. Lista de trabalhos obtidos pelo cruzamento das palavras *newborn* e *newborns*

## ARTIGO EM PERIÓDICO CIENTIFICO

1	Bailey, B. A. & Cole, L. K. J. (2009) <u>Rurality and birth outcomes: Findings from southern Appalachia and the potential role of pregnancy smoking</u> . <i>The Journal of Rural Health</i> , 25(2), 141-149.
2	Ellis, K. K.; Chang, C.; Bhandari, S.; Ball, K.; Geden, E.; Everett, K. D. & Bullock, L. (2008). Rural mothers experiencing the stress of intimate partner violence or not: Their newborn health concerns. <i>Journal of Midwifery &amp; Women's Health</i> , 53(6), 556-562.
3	Klingberg-Allvin, M.; Berggren, V.; Binh, N.; Bijay, B. & Johansson, A. (2012) Married men's first time experiences of early childbearing and their role in sexual and reproductive decision making: A qualitative study from rural Vietnam. <i>Culture, Health &amp; Sexuality</i> , 14(4), 449-461.
4	Baqui, A. H.; Arifeen, S. E.; Darmstadt, G. L.; Ahmed, S.; Seraji, H. R. & Winch, P. J.; Williams, E. K.; Santosham, M. & Black, R. E. (2008). Differentials in neonatal mortality in two adjacent rural areas of Bangladesh: Lessons for neonatal health interventions. Bangladesh Projahnmo Study Group Global Public Health: <i>An International Journal for Research, Policy and Practice</i> , 3(4), 366-382.

Tabela 13. Lista de trabalhos obtidos pelo cruzamento da *baby* e *babies*

## DISSERTAÇÃO

1	Castleman, B. M. (2007). <i>The utility of the transactional model in exploring the interaction between postpartum-depressed mother and infant dyads in Mexican American families</i> . Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 68(5-B).
2	Seed, M. St. J. (1999). <i>Maternal expressed emotion as a predictor of emotional and</i>



	<i>behavioral problems in low birth weight children</i> . Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 59(8-B).
3	Lunney, K. M. (2008). <i>Preventing mother to child transmission of HIV through breastfeeding: Exclusive breastfeeding, mastitis, viral load and early cessation</i> . Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 68(8-B).
4	Jensen, L. E. W. (1997). <i>Social support and its relationships to parenting outcomes for adolescent mothers in a rural area</i> . Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 58(3-B).
<b>ARTIGO EM PERIÓDICO CIENTIFICO</b>	
5	Kannai, R. <i>Tsunami</i> . Patient Education and Counseling, 78(2), 141-142.
6	Spence, S. A.; Black, S. R.; Adams, J. P. & Crowther, M. R. (2001). Grandparents and grandparenting in a rural southern state: A study of demographic characteristics, roles, and relationships. <i>Journal of Family Issues</i> , 22(4), 523-534.
7	Mace, R. When to have another baby: A dynamic model of reproductive decision-making and evidence from Gabbra pastoralists. <i>Ethology &amp; Sociobiology</i> , 17(4), 263-274.
8	Kohls, M. (1956). Culture patterns and adjustment ways of immigrants from Atlas mountains. <i>M'gamot</i> , 7, 345-376.
9	Amin, T.; Hablas, H. & Al Qader, A. A. (2011). Determinants of initiation and exclusivity of breastfeeding in Al Hassa, Saudi Arabia. <i>Breastfeeding Medicine</i> , 6(2), 59-68.
10	Martinez, M. (1986). The satellite clinic: Providing access to intervention in rural Texas. <i>Zero to Three</i> , 6(5), 15-16.
11	Zurayk, H.; Tawil, M. & Gangarosa, E. (1982). Effect of urban versus rural residence and of maternal education on infant health in South Lebanon. <i>Journal of Epidemiology and Community Health</i> , 36(3), 192-196.
12	De Marco, A. & Vernon-Feagans, L. (2013). Rural neighborhood context, child care quality, and relationship to early language development. <i>Early Education and Development</i> , 24(6), 792-812.
13	Vernon-Feagans, L.; Pancsofar, N.; Willoughby, M.; Odom, E.; Quade, A. & Cox, M. (2008). Predictors of maternal language to infants during a picture book task in the home: Family SES, child characteristics and the parenting environment. <i>Journal of Applied Developmental Psychology</i> , 29(3), 213-226.
14	Firestone, M. M. (1978). Socialization and interaction in a Newfoundland outport. <i>Urban Life</i> , 7(1), 91-110.
15	Sinha, T. C. (1977). Psychoanalysis and the family in India. <i>Samiksa</i> , 31(4), 95-105.

Tabela 14. Lista de trabalhos obtidos pelo cruzamento da palavra *toddler e toddlers*

<b>DISSERTAÇÃO</b>	
1	Morris, P. A. (1999). <i>Toddler development in low-income families: The role of family structure</i> . Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 59(7-B).
2	Hibel, L. C. (2013). <i>Inter-parental conflict and early childhood adrenocortical activity: A biosocial family systems</i> Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 73(12-B (E)).
3	Abraham, L. (2007). <i>Examination of maternal language strategies during book sharing with infants and toddlers from low income and rural environments</i> . Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 68(3-B).
<b>ARTIGO EM PERIÓDICO CIENTIFICO</b>	

4	Gustafsson, H. C.; Cox, M. J. & Blair, C. (2012). Maternal parenting as a mediator of the relationship between intimate partner violence and effortful control The Family Life Project Key Investigators. <i>Journal of Family Psychology</i> , 26(1), 115-123.
5	Pancsofar, N. & Vernon-Feagans, L. (2010). Father's early contributions to children's language development in families from low-income rural communities. The Family Life Project Investigators. <i>Early Childhood Research Quarterly</i> , 25(4), 450-463.
6	Blair, C.; Granger, D. A.; Kivlighan, K. T.; Mills-Koonce, R.; Willoughby, M.; Greenberg, M. T.; Hibel, L. C. & Fortunato, C. K. (2008). Maternal and child contributions to cortisol response to emotional arousal in young children from low-income, rural communities Family Life Project Investigators US. <i>Developmental Psychology</i> , 44(4), 1095-1109.
7	Knoche, L. L.; Sheridan, S. M.; Clarke, B. L.; Edwards, C. P.; Marvin, C. A.; Cline, K. D. & Kupzyk, K. A. (2012). Getting ready: Results of a randomized trial of a relationship focused intervention on the parent-infant relationship in rural early head start. <i>Infant Mental Health Journal</i> , 33(5), 439-458.
8	Cole, P. M.; Tan, P. Z.; Hall, S. E.; Zhang, Y.; Crnic, K. A.; Blair, C. B. & Li, R. (2011). Developmental changes in anger expression and attention focus: Learning to wait. <i>Developmental Psychology</i> , 47(4), 1078-1089.
9	Hibel, L. C.; Granger, D. A.; Blair, C. & Cox, M. J. (2011). Maternal sensitivity buffers the adrenocortical implications of intimate partner violence exposure during early childhood. Family Life Project Key Investigators. <i>Development and Psychopathology</i> , 23(2), 689-701.
1 0	Hall, W. & Irvine, V.. (2009) E-communication among mothers of infants and toddlers in a community-based cohort: A content analysis. <i>Journal of Advanced Nursing</i> , 65(1), 175-183.
1 1	Culp, R. E.; Culp, A. M.; Dengler, B. & Maisano, P. C. (1999) First-time young mothers living in rural communities using corporal punishment with their toddlers <i>Journal of Community Psychology</i> , 27(4), 503-509.
1 2	Folio, R. & Richey, D. (1991) Public television and video technology for rural families with special needs young children: The ETIPS model. <i>Topics in Early Childhood Special Education</i> , 10(4), 45-55.

Tabela 15. Lista de trabalhos obtidos pelo cruzamento da palavra *infant* e *infants*

DISSERTAÇÃO	
1	Goodman, W. B. (2013). <i>Work and family relationships for fathers in diverse samples: An ecological perspective</i> . Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 73(12-B (E)).
2	Barnett, M. A. (2007). <i>Economically disadvantaged rural multigenerational families raising infants</i> . Dissertation Abstracts Internacional: Section B: The Sciences and Engineering, 68(3-B).
3	Ball, K. A. (2012). <i>Rural low-income mothers' perspectives on children's feeding practices</i> . Dissertation Abstracts Internacional Section B: Humanities and Social Sciences, 73(3-A).
ARTIGO EM PERIÓDICO CIENTIFICO	
4	Lasky, R. E.; Klein, R. E.; Yarbrough, C.; Sellars, M. & Kagan, J. (1983). Social interactions of Guatemalan infants: The importance of different caregivers <i>Journal of Cross-Cultural Psychology</i> , 14(1), 17-28.
5	Singh, A.; Singh, A. & Mahapatra, B. (2013) The consequences of unintended pregnancy for maternal and child health in rural India: Evidence from prospective data. <i>Maternal and Child Health Journal</i> , 17(3), 493-500.
6	Pancsofar, N.; Vernon-Feagans, L. & Odom, E. C. (2013). Work characteristics and

	fathers' vocabulary to infants in African American families. The Family Life Project Investigators. <i>Journal of Applied Developmental Psychology</i> , 34(2), 73-81.
7	Woodson, R. H. & da Costa-Woodson, E. M. (1984). Social organization, physical environment, and infant-caretaker interaction. <i>Developmental Psychology</i> , 20(3), 473-476.
8	Fink, A. E. (1985) Nutrition, lactation and fertility in two Mexican rural communities. <i>Social Science &amp; Medicine</i> , 20(12), 1295-1305.
9	LeFevre, M.; Kruse, J. & Zweig, S. (1987). Selection of infant feeding method: A population-based study in a rural area. <i>The Journal of Family Practice</i> , 24(5), 487-491.
10	Madhavan, S. (2001). Female cooperation and conflict in rural Mali: Effects on infant and child survival. <i>Journal of Comparative Family Studies</i> , 32(1), 75-98.
11	Macassa, G.; Ghilagaber, G.; Bernhardt, E.; Diderichsen, F. & Burström, B. (2003) Inequalities in child mortality in Mozambique: Differentials by parental socio-economic position <i>Social Science &amp; Medicine</i> , 57(12), Dec 2003, 2255-2264.
12	Shah, M. (2003). Son preference and its consequences (a review). <i>Gender &amp; Behaviour</i> , 3, 269-280.
13	Spiro, A. M. (2005). Najar or Bhut-Evil Eye or Ghost Affliction: Gujarati Views about Illness Causation. <i>Anthropology &amp; Medicine</i> , 12(1), 61-73.
14	Kagaayi, J.; Dreyfuss, M. L.; Kigozi, G.; Chen, M. Z.; Wabwire-Mangen, F.; Serwadda, D.; Wawer, M. J.; Sewankambo, N. K.; Nalugoda, F.; Kiwanuka, N.; Kiddugavu, M. & Gray, R. H. (2005). Maternal Self-Medication and Provision of Nevirapine to Newborns by Women in Rakai, Uganda. <i>JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes</i> , 39(1), 121-124.
15	Abels, M.; Keller, H.; Mohite, P.; Mankodi, H.; Shastri, J.; Bhargava, S.; Jasrai, S & Lakhani, A. (2005). Early Socialization Contexts and Social Experiences of Infants in Rural and Urban Gujarat, India. <i>Journal of Cross-Cultural Psychology</i> , 36(6), 717-738.
16	Bornstein, M. H.; Giusti, Z.; Leach, D. B. & Venuti, P. (2005). Maternal reports of adaptive behaviours in young children: Urban-rural and gender comparisons in Italy and United States. <i>Infant and Child Development</i> , 14(4), 403-424.
17	Keller, H.; Abels, M.; Lamm, B.; Yovsi, R. D.; Voelker, S. & Lakhani, A. (2005). Ecocultural Effects on Early Infant Care: A Study in Cameroon, India, and Germany. <i>Ethos</i> , 33(4), 512-541.
18	Burchinal, M.; Vernon-Feagans, L. & Cox, M. (2008). Cumulative social risk, parenting, and infant development in rural low-income communities. Key Family Life Project Investigators. <i>Parenting: Science and Practice</i> , 8(1), 41-69.
19	Lamm, B.; Keller, H.; Yovsi, R. D. & Chaudhary, N. (1988). Grandmaternal and maternal ethnotheories about early child care. <i>Journal of Family Psychology</i> , 22(1), 80-88.
20	Flower, K. B.; Willoughby, M.; Cadigan, R. J.; Perrin, E. M. & Randolph, G. (2008). Understanding breastfeeding initiation and continuation in rural communities: A combined qualitative/quantitative approach. Family Life Project Investigative Team. <i>Maternal and Child Health Journal</i> , 12(3), 402-414.
21	Bornstein, M. H.; Putnick, Diane L.; Heslington, M.; Gini, M.; Suwalsky, J. T. D.; Venuti, P.; de Falco, S.; Giusti, Z. & Zingman de Galperin, C. (2008). Mother-child emotional availability in ecological perspective: Three countries, two regions, two genders. <i>Developmental Psychology</i> , 44(3), 666-680.
22	Goodman, W. B.; Crouter, A. C.; Lanza, S. T. & Cox, M. J. (2008). Paternal work characteristics and father-infant interactions in low-income, rural families. Family Life Project Key Investigators <i>Journal of Marriage and Family</i> , 70(3), 640-653.
23	Almroth, S.; Arts, M.; Quang, N. D.; Hoa, P. T. T. & Williams, C. (2008). Exclusive breastfeeding in Vietnam: An attainable goal. <i>Acta Paediatrica</i> , 97(8), 1066-1069.

24	Gibson, M. A. (2008). Does investment in the sexes differ when fathers are absent? Sex-biased infant survival and child growth in rural Ethiopia. <i>Human Nature</i> , 19(3), 263-276.
25	Barnett, M. A. (2008a) Mother and grandmother parenting in low-income three-generation rural households. The family life project key investigators. <i>Journal of Marriage and Family</i> , 70(5), 1241-1257.
26	De Hilari, C.; Condori, I. & Dearden, K. A. (2009). When is deliberate killing of young children justified? Indigenous interpretations of infanticide in Bolivia. <i>Social Science &amp; Medicine</i> , 68(2), 352-361.
27	Kushnick, G. Parental supply and offspring demand amongst Karo Batak mothers and children. <i>Journal of Biosocial Science</i> , 41(2), 183-193.
28	Baldwin, L.; Grossman, D. C.; Murowchick, E.; Larson, E. H.; Hollow, W. B.; Sugarman, J. R.; Freeman, W. L. & Hart, L. G. (2009). Trends in perinatal and infant health disparities rural American Indians and Alaska Natives and rural Whites. <i>American Journal of Public Health</i> , 99(4), 638-646.
29	Tan, K. L. (2009). Bed sharing among mother-infant pairs in Klang district, Peninsular Malaysia and its relationship to breast-feeding. <i>Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics</i> , 30(5), 420-425.
30	Hibel, L. C.; Granger, D. A.; Blair, C. & Cox, M. J. (2009). Intimate partner violence moderates the association between mother-infant adrenocortical activity across an emotional challenge. <i>Journal of Family Psychology</i> , 23(5), 615-625.
31	Medhin, G.; Hanlon, C.; Dewey, M.; Alem, A.; Tesfaye, F.; Lakew, Z.; Worku, B.; Aray, M.; Abdulahi, A.; Tomlinson, M.; Hughes, M.; Patel, V. & Prince, M. (2010) The effect of maternal common mental disorders on infant undernutrition in Butajira, Ethiopia: The P-MaMiE study. <i>BMC Psychiatry</i> , 10.
32	Voegtline, K. M. & Stifter, C. A. (2010) Late-preterm birth, maternal symptomatology, and infant negativity. <i>Infant Behavior &amp; Development</i> , 33(4), 545-554.
33	El-Gilany, A.; Shady, E. & Helal, R. (2011) Exclusive breastfeeding in Al-Hassa, Saudi Arabia. <i>Breastfeeding Medicine</i> , 6(4), 209-213.
34	Idris, S. H.; Popoola-Zakariyya, B.; Sambo, M. N.; Sufyan, M. B. & Abubakar, A. (2012). Nutritional status and pattern of infant feeding practices among children under five in a rural community of northwestern Nigeria. <i>International Quarterly of Community Health Education</i> , 33(1), 83-94.
35	Bornstein, M. H.; Putnick, D. L.; Suwalsky, J.T. D.; Venuti, P.; de Falco, S.; de Galperin, C. Z.; Gini, M. & Tichovolsky, M. H. (2012). Emotional relationships in mothers and infants: Culture-common and community-specific characteristics of dyads from rural and metropolitan settings in Argentina, Italy, and the United States. <i>Journal of Cross-Cultural Psychology</i> , 43(2), 171-197.
36	Gojman, S.; Millán, S.; Carlson, E.; Sánchez, G.; Rodarte, A.; González, P. & Hernández, G. (2012) Intergenerational relations of attachment: A research synthesis of urban/rural Mexican samples. <i>Attachment &amp; Human Development</i> , 14(6), 553-566.
37	Abraham, L. M.; Crais, E. & Vernon-Feagans, L. (2013). Early maternal language use during book sharing in families from low-income environments. <i>American Journal of Speech-Language Pathology</i> , 22(1), 71-83.
38	Koc, I.; Camurdan, A. D.; Beyazova, U.; Ilhan, M. N.; Sahin, F. (2008) Toilet training in Turkey: The factors that affect timing and duration in different sociocultural groups. <i>Child: Care, Health and Development</i> , 34 (4), 475-481.
39	Hossain, Z.; Roopnarine, J. L.; Masud, J.; Muhamed, A. A.; Baharudin, R.; Abdullah, R. & Juhari, R.. (2005) Mothers' and fathers' childcare involvement with young children in rural families in Malaysia. <i>International Journal of Psychology</i> , 40(6), 385-394.

40	Li, Jianghong. (2004) Gender inequality, family planning, and maternal and child care in a rural Chinese county. <i>Social Science &amp; Medicine</i> , 59(4), 695-708.
41	Berezkei, Tamas & Dunbar, R. I. M. (2002) Helping-at-the-nest and sex-biased parental investment in a Hungarian Gypsy population. <i>Current Anthropology</i> , 43(5), 804-809.
42	Ogunba, O. & Adeyefa, L. (2002) Factors influencing mothers' choice of complementary foods in Ilesa area of Osun State, Nigeria. <i>Early Child Development and Care</i> , 172(4), 385-390.
43	Zhang, Qi; Yi, Guoyan & Xu, J. (1998) Research on factors affecting infant temperament. <i>Chinese Mental Health Journal</i> , 12 (4), 218-219.
44	Goblet-Vanormelingen, V. (1993) La maison du mbombo : rite therapeutique pour les enfants a hauts risques dans le Zaire rural. <i>Social Science and Medicine</i> . 37 (2), 241-252.

## APENDICE B Carta de apresentação da pesquisa as lideranças da comunidade rural

Senhor Representante do Movimento Social,

Meu nome é Marcella Oliveira Araújo e por meio deste documento solicito autorização para a realização do projeto de mestrado intitulado *O cotidiano de crianças de 0 a 3 anos de uma comunidade rural: significações e práticas familiares*, a ser desenvolvido por mim sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Soares Silva pesquisadora do CINDEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. O referido projeto tem como objetivo compreender como é o cotidiano de crianças de 0 a 3 anos, de uma comunidade rural Para isso, pretendo aplicar um questionário às Famílias com filhos de 0 a 3 anos, bem como acompanhar, no período de quatro semanas, em cada Família, a rotina da casa das crianças de 0 e 3 anos de idade. Neste tempo, irei registrar minhas observações em um diário de campo. Além disso, realizar entrevistas individuais com os pais, que serão gravadas em fita cassete e/ou aparelho digital.

Resalto que a participação de todos na pesquisa é voluntária e não trará danos ou qualquer tipo de custos ou benefícios financeiros aos participantes. Garanto esclarecer, antes e ao longo da pesquisa, qualquer dúvida sobre o estudo, cabendo aos participantes o direito de interromper em qualquer momento da pesquisa sua participação, sem que essa decisão traga quaisquer consequências. Todos os dados coletados serão utilizados para fins acadêmicos e científicos, sendo respeitado o direito de todos os envolvidos e também da comunidade ao anonimato. Dessa forma, dados de identificação do município, das instituições e das pessoas envolvidas não serão divulgados.

Desde já agradeço a atenção e coloco-me à disposição para esclarecimentos que se fizerem necessários. Qualquer dúvida, esclarecimento ou informação referente à pesquisa, eu e minha professora orientadora (Ana Paula Soares Silva) estaremos à disposição, pelo telefone (16) 3602-3659 ou pelo endereço: Av. dos Bandeirantes, 3900 – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Bloco 3 - Ribeirão Preto, SP.

Cordialmente,  
Marcella Oliveira Araújo  
Mestranda da FFCLRP-USP

### Autorização do representante do movimento social

Eu \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, na condição de representante do movimento social \_\_\_\_\_, autorizo a realização neste assentamento do projeto de pesquisa intitulado *O cotidiano da criança de 0 a 3 anos de uma comunidade rural: significações e práticas familiares*, a ser desenvolvido por Marcella Oliveira Araújo, sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Soares da Silva da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.

Fui informado(a) que esse projeto tem como objetivo compreender o cotidiano da criança de 0 a 3 anos de uma comunidade rural. Fui esclarecido(a) de que a pesquisa se utilizará da análise de dados obtidos durante visitas ao assentamento, aplicação dos questionários, permanência de quatro semanas na casa de cada uma das três Famílias, que serão oportunamente escolhidas para participação na pesquisa. Fui informado(a) de que a pesquisa utilizar-se-á da análise de entrevistas com as Famílias individuais, que serão gravadas em fita cassete e/ou aparelho digital. Fui esclarecido(a) de que a participação na pesquisa não traz riscos aos participantes e que irão ser respeitadas as normas éticas quanto à identificação nominal desse assentamento e de seus moradores, garantindo-se o anonimato.

A participação das Famílias será feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro ou despesa para o assentamento, sendo possível, a qualquer momento, interromper a participação sem que essa decisão traga quaisquer consequências. Todas as minhas questões quanto à pesquisa foram respondidas, colocamos à disposição da pesquisadora para esclarecer quaisquer dúvidas que eu tiver, em qualquer momento da pesquisa. Estou ciente de que esse tipo de pesquisa pode contribuir para o planejamento de ações que visem a dar visibilidade para o cotidiano das crianças pequenas do campo e suas Famílias. Por isso, autorizo a divulgação dos dados obtidos, para fins acadêmicos e científicos, desde que seja resguardada a identidade dos participantes. Caso tenha interesse em conhecer o resultado do estudo, poderei entrar em contato com as pesquisadoras para ter acesso ao material relacionado ao mesmo. Sendo que, uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará comigo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Representante do Movimento: \_\_\_\_\_ . Pesquisadora: \_\_\_\_\_.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Av. Bandeirantes, 3900, Bloco 3 – sala 1 – CINDEDI, Ribeirão Preto - SP Tels.: (16) 3602-4549

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (aplicação do questionário – Família)

Eu, \_\_\_\_\_,  
 RG \_\_\_\_\_, aceito participar da aplicação do questionário, parte do estudo *O cotidiano de crianças de 0 a 3 anos de uma comunidade rural: significações e práticas familiares*, a ser desenvolvido por Marcella Oliveira Araújo, sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Soares da Silva, pesquisadora do CINDEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Fui informado(a) que esse projeto tem como objetivo compreender o cotidiano da criança de 0 a 3 anos de uma comunidade rural. Para isso, pretende-se aplicar questionários com às Famílias que tenham crianças de 0 a 3 anos; e acompanhar, no período de quatro semanas, diariamente, a rotina da casa das crianças de 0 e 3 anos de idade. Neste tempo, a pesquisadora irá registrar suas observações em um diário de campo e fará entrevistas individuais com os pais, que serão gravadas em fita cassete e/ou aparelho digital.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa utilizar-se-á da análise de dados obtidos durante visitas ao assentamento. Estas visitas terão como objetivo a aproximação ao cotidiano da criança de 0 a 3 anos pela pesquisadora.

Foi explicado que a participação na pesquisa não traz riscos aos participantes e que irão ser respeitadas as normas éticas quanto à identificação nominal desse assentamento e de seus moradores, garantindo-se o anonimato. Para isso, escolheremos nomes fictícios na identificação dos dados para resguardar a identidade das Famílias participantes.

Além disso, os dados do questionário serão utilizados exclusivamente para fins de divulgação científica, não havendo a utilização das informações em prejuízo das pessoas ou da comunidade.

Entendo que a participação na pesquisa é livre, não-remunerada e voluntária.

Autorizo, ainda, que os registros do questionário permaneçam num banco de dados do nosso centro de pesquisa, para a realização de pesquisas futuras, obedecendo aos mesmos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos.

Caso tenha interesse em conhecer o resultado do estudo, terei acesso ao material relacionado ao mesmo. Sendo que, uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará comigo.

Qualquer dúvida, esclarecimento ou informação referente à pesquisa, à pesquisadora e à orientadora (Ana Paula Soares da Silva) estarão à disposição, pelo telefone (16) 3602-3659 ou pelo endereço: Av. Bandeirantes, 3900 – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto da USP - Bloco 3 - Ribeirão Preto, SP.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Participante: \_\_\_\_\_.

Pesquisadora: \_\_\_\_\_.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP

Av. Bandeirantes, 3900, Bloco 3 – sala 1 – CINDEDI - Tel.(s): (16) 3602-4549 / (16) 8832-5119

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (membros da Família)**

A minha Família está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa intitulado *O cotidiano da criança de 0 a 3 anos de uma comunidade rural: significações e práticas familiares*, a ser desenvolvido por Marcella Oliveira Araújo, sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Soares da Silva, pesquisadora do CINDEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.

Fui informado (a) que esse projeto tem como objetivo compreender o cotidiano da criança de 0 a 3 anos de uma comunidade rural. Para isso, pretende-se acompanhar, no período de quatro semanas, diariamente, a rotina da casa das crianças de 0 e 3 anos de idade. Neste tempo, a pesquisadora irá registrar suas observações em um diário de campo e fará entrevistas individuais com os pais, que serão gravadas em fita cassete e/ou aparelho digital.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa utilizar-se-á da análise de dados obtidos durante visitas à comunidade rural e a permanência da pesquisadora na casa de cada Família escolhida. Estas visitas terão como objetivo a aproximação ao cotidiano da criança de 0 a 3 anos pela pesquisadora.

Compreendo que eu e meus familiares poderemos aceitar o convite para participar da pesquisa voluntariamente e sem quaisquer problemas por parte de seus representantes ou superiores. O ato de participar da presente pesquisa é livre, não remunerado e não trará riscos a mim e aos meus familiares. Caso a permanência da pesquisa gere algum incômodo ou desconforto, podemos retirar nosso consentimento a qualquer momento da pesquisa.

Para preservar nossa identidade, escolheremos junto com a pesquisadora nomes fictícios para nos resguardar e a nossa comunidade.

Além disso, as anotações no diário de campo serão utilizadas exclusivamente para fins de divulgação científica, não havendo a utilização das informações em prejuízo das pessoas ou da comunidade. Por isso, autorizamos que os registros permaneçam num banco de dados do nosso centro de pesquisa, para a realização de pesquisas futuras, obedecendo aos mesmos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos. Caso tenha interesse em conhecer o resultado do estudo, terei acesso ao material relacionado ao mesmo. E uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará comigo. Qualquer dúvida, esclarecimento ou informação referente à pesquisa, à pesquisadora e à sua orientadora (Ana Paula Soares Silva) estarão à nossa disposição, pelo telefone (16) 3602-3659 ou pelo endereço: Av. Bandeirantes, 3900 - Bloco 3 - Ribeirão Preto, SP. Em vista disso, eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, autorizo a participação da minha Família e a permanência da pesquisadora por um período de quatro semanas em minha residência.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Participante: \_\_\_\_\_.

Pesquisadora: \_\_\_\_\_.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP

Av. Bandeirantes, 3900, Bloco 3 – sala 1 – CINDEDI - Tel.(s): (16) 3602-4549 / (16) 8832-5119



**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais e/ou responsáveis pela criança de 0 a 3 anos)**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, aceito participar do projeto de pesquisa intitulado *O cotidiano da criança de 0 a 3 anos de uma comunidade rural: significações e práticas familiares*, a ser desenvolvido por Marcella Oliveira Araújo, sob orientação da Profa. Dra. Ana Paula Soares da Silva, pesquisadora do CINDEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto.

O presente projeto tem como objetivo compreender como é o cotidiano das crianças de 0 a 3 anos de uma comunidade rural. Para isso, a pesquisadora entrevistará os pais, cujas entrevistas serão gravadas em fita K7 e/ou aparelho digital.

Fui esclarecido(a) que não sofrerei nenhum tipo de risco, tendo minha identidade mantida em anonimato com a escolha de nomes fictícios para mim e meu filho(a).

Tenho liberdade para retirar a autorização em qualquer momento da pesquisa.

Fui informado(a) sobre os procedimentos da pesquisa e sobre a livre, voluntária e não-remunerada participação, sem quaisquer problemas com seus representantes ou superiores.

Os dados serão utilizados exclusivamente para apresentações com finalidade acadêmica e criação de material didático para atividades de formação. Não haverá utilização das informações em prejuízo das pessoas ou da comunidade.

Entendo que a pesquisadora está à disposição para esclarecer a qualquer momento, dúvidas com relação aos procedimentos e/ou condutas adotadas durante a pesquisa.

Autorizo, ainda, que as entrevistas e suas transcrições do estudo permaneçam num banco de dados do centro de pesquisa, para a realização de pesquisas futuras, obedecendo aos mesmos critérios de preservação de identidade dos participantes e respeitando os aspectos éticos.

Caso tenha interesse em conhecer o resultado do estudo, terei acesso ao material relacionado ao mesmo. Sendo que, uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará comigo.

Qualquer dúvida, esclarecimento ou informação referente à pesquisa, eu e minha professora orientadora (Ana Paula Soares da Silva) estaremos à disposição, pelo telefone (16) 3602-3659 ou pelo endereço: Av. Bandeirantes, 3900 – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto – USP - Bloco 3 - Ribeirão Preto, SP.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Participante: \_\_\_\_\_Pesquisadora: \_\_\_\_\_.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Ribeirão Preto - SP

Tel.(s): (16) 3602-4549 / (16) 8126-3112

APENDICE C

**Questionário (pais/responsáveis pelas crianças de 0 a 3 anos)**

1. Data do preenchimento do questionário: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

1.1. Sexo: Masc. ( ) Fem. ( )

1.2. Idade: \_\_\_\_\_

1.3. Com quem você mora? \_\_\_\_\_

1.4. Onde você nasceu? \_\_\_\_\_

1.5. Há quanto tempo vive na região? \_\_\_\_\_

1.6. Tem filhos/as: Sim ( ) Não ( ) Quantos? \_\_\_\_\_

1.6.1. Masculino ( ) Idade(s) \_\_\_\_\_

1.6.2. Feminino ( ) Idade(s) \_\_\_\_\_

1.7. Onde a(s) criança(s) pequena(s) nasceu(ram)? \_\_\_\_\_

2. Profissão: \_\_\_\_\_

2.1. Função ou Cargo Atual que exerce \_\_\_\_\_

2.2. Quanto tempo você trabalha na sua função atual? \_\_\_\_\_

3. Quem cuida da criança de 0 a 3 anos? Onde ela fica diariamente? \_\_\_\_\_

4. Como, com quem e de quê a criança brinca? \_\_\_\_\_

4.1. Ela convive com crianças da sua idade: Sim ( ) Não ( ) Elas moram aqui na comunidade rural? \_\_\_\_\_

5. A que horas a criança toma banho? Onde? Quem dá banho nela? \_\_\_\_\_

5.1. A que horas ela come? Onde e quem dá a comida? \_\_\_\_\_

5.2. A que horas e quantas vezes normalmente troca a fralda? \_\_\_\_\_

5.2.1. Onde e quem a troca? \_\_\_\_\_

5.3. A que horas ela acorda e dorme? \_\_\_\_\_

5.3.1. Onde e com quem dorme? \_\_\_\_\_

5.4. O que a faz chorar? \_\_\_\_\_

5.5. Ela dá birra? Em que momentos? \_\_\_\_\_

6. De que atividades a criança participa? \_\_\_\_\_

6.1. Que espaços ela costuma experimentar? \_\_\_\_\_

7. Qual a importância do cuidar e educar da criança de 0 a 3 anos do campo? \_\_\_\_\_

8. Conte-me sobre um dia da criança, desde o momento em que acorda até a hora que vai dormir no dia de semana

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. Para finalizar, conte-me sobre como é um dia da criança no final de semana.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## APENDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevistada: Madalena, 38 anos, agricultora. Madrinha de Paulinha, 10 meses.

Marcella: Primeiramente gostaria de agradecer você ter aceitado participar da pesquisa.

**HISTÓRIA:** Eu gostaria que você descrevesse um pouco sua Família, falasse um pouco sobre você, seu marido, seus filhos. O que você puder falar em termos de idade, profissão, religião, se vocês tiverem... Ana, para começarmos essa conversa, gostaria que você me contasse a história da Paulinha. Antes da chegada da Paulinha como era a organização, o cotidiano de vocês? Conta-me como era. E depois que ela chegou... (Como foi quando a Paulinha veio morar com vocês?) Como ficou a organização da Família? Mudou alguma coisa? O que mudou em termos de relação? Paulinha? O que foi ampliando?

### DESENVOLVIMENTO

a. **RELAÇÕES** (olhar dela sobre as relações da Paulinha)

- Sua casa é frequentada por várias pessoas. Quem são as pessoas com que Paulinha mantém contato? Que tipo de contato (brincadeira, olhar, tomar conta)?
- Em suas ausências, como a Família se organiza? Como a Paulinha fica nessas situações? E você? Quem são os cuidadores principais da Paulinha? Como é relação da Paulinha com eles? Como você sente que Paulinha relaciona-se com eles?
- Que tipo de relação Paulinha tem com você? Que importância tem você para Paulinha? Qual a importância tem Paulinha para você?
- Que tipo de relação Paulinha tem com o Carlos? Que importância tem o Carlos para Paulinha? Qual importância tem Paulinha para o Carlos?
- Que tipo de relação Paulinha tem com Anamaria? Que importância tem Anamaria para Paulinha? Qual importância tem Paulinha para Anamaria?
- Que tipo de relação Paulinha tem com Henrique? Que importância tem o Henrique para a Paulinha? Qual importância tem a Paulinha para Henrique?
- Que tipo de relação Paulinha tem com o Sebastião? Que importância tem o Sebastião para Paulinha? Qual importância tem Paulinha para Sebastião? E Sebastião está sempre junto com Paulinha? E no cotidiano, qual a importância ele tem? No dia a dia, na organização do dia a dia? Dá-me um exemplo...
- Que tipo de relação Paulinha tem com Rafael? Que importância tem Rafael para Paulinha? Qual importância tem Paulinha para Rafael?
- Como Paulinha participa da relação de vocês? Da casa, fora da casa?
- Paulinha convive com crianças de várias idades. Artur de quatro meses, Joaquim de um ano, Rafael de seis anos, Manuela de dois anos. São crianças de várias idades. Como você vê isso?
- Que tipo de relação Paulinha tem com Luiza? Que importância tem Luiza para Paulinha? Qual importância tem a Paulinha para Luiza?

(olhar dela sobre as atividades da Paulinha)

- a) **ALIMENTAÇÃO** Vocês moram no campo, muda alguma coisa na alimentação? O que ela come? Quem dá a comida?
- b) **COMUNICAÇÃO** Gostaria que você me falasse sobre as mudanças e destacasse como você vê esse período de 0 a 1 ano no que diz respeito à fala. Como Paulinha pede as coisas?
- c) **SAÚDE:** E sobre a saúde da Paulinha, como é a saúde dela? E quando ela precisa ir ao médico como se organiza? Um aspecto da saúde dela foi o nascimento dos dentes né? Como foi o nascimento dos dentes na, para Paulinha? E você já foi mordida?
- d) **HIGIENE** Como você vê esse momento de trocar fralda? Em que lugares isso acontece? Como é dar banho e como é vistopor Paulinha? Quem são as pessoas que participam desse momento?
- e) **MOBILIDADE:** Gostaria que você me contasse sobre os primeiros movimentos dela.

- f) Mobilidade da Paulinha: pra você como é que é levar ela para todos os lugares? E para você? Como é? É difícil não é? Como você compartilha isso... Essa responsabilidade?
- g) COTIDIANO: Conta-me sobre um dia da Paulinha desde do momento em que ela acorda... Como é um dia típico da Paulinha? Conta-me sobre um dia diferente. Que é fora do normal? Você sabe de algum dia? Conta-me o final de semana, conta sobre o cotidiano da Paulinha no final de semana.

(Olhar dela sobre Paulinha) Até agora a gente estava falando da Paulinha, o que é a Paulinha morando aqui no campo? Como você vê a Paulinha? De quem ela gosta mais? De que ela gosta mais? O que ela gosta de fazer? Onde ela gosta de ficar?

- Como você vê Paulinha como criança do campo? Tem diferença? Não tem? No Banho? Alimentação? Isso é para todas as idades? O que é igual? Saúde? Segurança? Educação? Cuidado? Relações? Relações com as pessoas? Relação com a terra? Relação com a natureza? Relação com a cidade?
- Pensando sobre o cuidado e a educação, o que você gostaria de transmitir para Paulinha ou se tem alguma coisa que você não gostaria de fazer? Expectativas com Paulinha e como ela... Pra Paulinha o que você gostaria de transmitir pra ela? O que você não gostaria?

(Olhar dela sobre o Artur) Gostaria que você me contasse a história de Artur. Quem é ele? Como vocês se organizam no cuidado e educação dele? Quem são seus cuidadores principais?

(Olhar dela sobre ela mesma) Como é pra você ser cuidadora? Gostaria que você falasse-me um pouquinho sobre a questão de você ter dois bebês em casa. Como você vê o fato de acolher Paulinha, o Artur e o Rafael? Por que você fez isso?

RELAÇÃO COM O MOVIMENTO: Vocês são do campo, que é um campo vinculado a um movimento social. Como é uma criança pequeninha num movimento social? Tem diferença? O que você acha que muda? Quero saber sobre o que muda no cotidiano da criança do campo no movimento? O que muda na relação com as pessoas? O que muda na mobilidade das pessoas?

- Como o movimento vê Paulinha? Como o movimento vê as crianças pequenas?

CRIANÇAS PEQUENAS DO CAMPO: Para você que tem dois bebês em casa, o que é um bebê para você? Antes do movimento social, da criança do campo. Bebê é até que idade? Qual a diferença depois? Por que bebê é até aqui e depois não é mais bebê? Você acha que tem diferença entre o bebê e uma criança pequena? Você acha que tem alguma diferença em termos de comunicação? (Relação, jeito de brincar, alimentação, mobilidade...)

- Como você acha que os bebês do campo gostariam de ser cuidados e educados? De que eles precisam ou de que eles necessitam? Qual a melhor maneira de educá-los?
- Qual a importância da criança pequena de 0 a 1 ano ficar com a Família? Você acha que teria alguma coisa que diferenciaria para o bebê em termos de tipo de cuidado, por exemplo, se não fica com a Família, qual outra possibilidade? Por quê?
- Você colocaria ou não na creche? Em qual idade você colocaria? Em termos de educação, o estado teria alguma responsabilidade em relação aos bebês? Que tipo? Qual é o papel do estado? Qual é o papel da Família? Qual o papel do movimento social? Ou o bebê é uma responsabilidade mais da Família? E o que é específico da faixa etária de 1 a 2 anos? E de 2 anos a 3 anos?

PESQUISA: O que você achou do tema que estou pesquisando? Desde a primeira vez que a vi aos poucos, Paulinha foi se acostumando com a minha presença. Como você compreende a minha relação com Paulinha enquanto pesquisadora? Qual a importância para você da realização de uma pesquisa como essa, em que o pesquisador se insere na situação investigada? E qual a dificuldade? Para terminar, eu gostaria que você pensasse em nomes fictícios para identificar você e seus familiares.